

**MARCELO LESSA DOS ANJOS**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AS DROGAS:  
Análise do discurso retórico de professores do  
ensino fundamental II**

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Doutora Claudia Rabello de Castro**

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Instituto de Educação**

**Lisboa  
2015**

**MARCELO LESSA DOS ANJOS**

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE AS DROGAS:  
Análise do discurso retórico de professores do  
ensino fundamental II**

Dissertação defendida em provas públicas na  
Universidade Lusófona de Humanidades e  
Tecnologias, perante o Júri nomeado pelo  
Despacho de Nomeação nº 151/2016, de 14 de  
março de 2016, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Neves Gonçalves

Arguente:

Prof. Doutor José Viegas Brás

Orientadora:

Prof.<sup>a</sup> Doutora Claudia Rabello de Castro

Coorientador:

Prof. Doutor Óscar Conceição de Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**  
**Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração**  
**Instituto de Educação**

**Lisboa**

**2015**

Educação não transforma o mundo.  
Educação muda pessoas.  
Pessoas transformam o mundo.

Paulo Freire (1996)

## **DEDICATÓRIA**

Por todo o canto que estive,  
Deparei-me com dificuldades e alegrias,  
Com as dificuldades aprendi a reconhecer minhas forças e fraquezas,  
Com as alegrias aprendi que era capaz de realizar grandes feitos e perceber que vale a pena continuar seguindo em frente.  
Muitos estiveram ao meu lado, outros mais distantes, mas o que importa, é que fizeram parte da minha trajetória.

À minha família, em especial à minha esposa Veruska Campello Costa dos Anjos e minhas filhas Caroline Campello Costa dos Anjos e Giovanna Campello Costa dos Anjos, meus amores, compreensivas, dedicadas e incentivadoras deste trabalho.

A meus pais, Paulo Pereira dos Anjos e Ilma Esteves Lessa dos Anjos e à minha avó Isaura Esteves Lessa, sinônimos de fé, perseverança e amor ao próximo, sempre me deram o apoio necessário nessa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

O trabalho realizado para esta dissertação de Mestrado só foi possível, graças à valiosa contribuição de várias pessoas, às quais não posso deixar de manifestar o meu agradecimento e reconhecimento. O caminho percorrido foi longo, árduo, exigiu muito, mas tenho plena consciência que tudo valeu à pena.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Doutora Claudia Rabello de Castro, pela dedicação, paciência e disponibilidade que me proporcionou, chegando ao ponto de abrir as portas de sua casa para que nossos encontros ocorressem de uma forma despojada, sossegada, altamente reflexiva.

Ao meu Coorientador Professor Doutor Óscar Conceição de Sousa, pelas suas preciosas orientações, disponibilidade e carinho.

À Professora Regina Madalém, pela revisão desta pesquisa. Foi uma aliada fundamental nessa fase da pesquisa.

À Diretora acadêmica do Colégio Paraíso, Professora Jeishar Alessandra Sarlo Baptista, por ter disponibilizado toda documentação institucional e todo o espaço físico necessário ao bom andamento da pesquisa.

À Coordenadora do ensino fundamental II e aos professores que participaram de forma direta e honesta das entrevistas, fica o meu muito obrigado.

## RESUMO

Este trabalho faz uma reflexão sobre a atuação da escola na prevenção do consumo de drogas, problema que vem se agravando em âmbito mundial nas últimas décadas, principalmente entre os adolescentes. Pretende identificar as representações sociais sobre as drogas de um grupo de professores de uma escola particular, situada em São Gonçalo, região considerada de risco pela intensa presença do tráfico de drogas. As escolas tem sido apontadas como pouco eficazes para lidar com esse problema. Por ser tabu, o debate aberto sobre as drogas dentro da escola não acontece. Com base numa abordagem qualitativa, buscou-se os aspectos psicossociais que regulam as práticas cotidianas da escola relativas ao consumo de drogas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, individuais e em grupo, coletadas através da técnica da confrontação retórica. Esta técnica caracteriza-se por contrapor-se intencionalmente aos sujeitos de pesquisa, utilizando as controvérsias disponíveis no campo de pesquisa. Esse procedimento possibilitou o acesso não só ao conteúdo das representações, mas à organização cognitiva dos professores. Utilizou-se a técnica de análise do Modelo da Estratégia Argumentativa – MEA, que reconstrói o discurso em seus aspectos implícitos, de modo a permitir uma análise da dinâmica das representações sociais, como são utilizadas para justificar e orientar as práticas cotidianas dos sujeitos sobre o tema. A análise apresentou um uso exacerbado de presunções baseadas em relações usuais, indicando pouco conhecimento e pouca autonomia dos professores para lidar e expressar opiniões sobre drogas, bem como de propor soluções fundadas em suas experiências pessoais e profissionais. Considera-se que a identificação das representações sociais de professores pode contribuir para um melhor planejamento da intervenção da escola na prevenção do uso de drogas pelos alunos, na medida em que estão cotidianamente em contato com os alunos e são uma importante referência para esses jovens.

**Palavras-chave:** representações sociais; consumo de drogas; professores do ensino fundamental; análise do discurso.

## **ABSTRACT**

This work intends to reflect on the school's role in drug abuse prevention. This problem has worsened globally in recent decades, especially among teenagers. Aims to identify the social representations about drugs from a group of teachers from a private school, located in a region considered risky by the intense presence of drug traffic. Schools have been identified as ineffective in dealing with this problem. The schools does not open debate about drugs because it is a taboo. Based on a qualitative approach, this research looking for the psychosocial aspects that regulate everyday school practices relating to drug use. Semi-structured individual and group interviews were carried out by the rhetoric confrontation technique. This technique is characterized by countering intentionally to research subjects, using the controversies available in the search field. This procedure allowed access not only to the content of the representations, but the cognitive organization of teachers. We used the Argumentative Strategy Model technique - ASM, which reconstructs the speech in its implicit aspects in order to allow an analysis of the dynamics of social representations, that are used to justify and guide the daily practices. The analysis showed an exaggerated use of assumptions based on the usual relations, indicating little knowledge and little autonomy of teachers to cope and express opinions about drugs, and to propose solutions based on their personal and professional experiences. It is considered that the identification of social representations of teachers can contribute to a better school intervention planning in the prevention of drug use by students, insofar as they are daily contact with the students and are an important reference for these young people.

Keywords: social representations; drug use; elementary school teachers; discourse analysis.

## ÍNDICE GERAL

|                                                                                  |     |
|----------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Introdução.....                                                                  | 10  |
| Capítulo 1. Breve histórico sobre o consumo de drogas no mundo.....              | 17  |
| 1.1. Aspectos históricos e culturais do álcool.....                              | 21  |
| 1.2. Aspectos históricos e culturais da nicotina.....                            | 22  |
| 1.3. Aspectos históricos e culturais da maconha .....                            | 22  |
| 1.4. Aspectos históricos e culturais da cocaína.....                             | 23  |
| 1.5. Aspectos históricos e culturais do ecstasy.....                             | 23  |
| Capítulo 2. As drogas na adolescência e seus efeitos na aprendizagem.....        | 25  |
| Capítulo 3. As drogas na sociedade e a dificuldade de prevenção do consumo ..... | 33  |
| Capítulo 4. As Representações Sociais como um suporte teórico .....              | 46  |
| 4.1. Representações sociais e drogas .....                                       | 52  |
| 4.2. O discurso como ferramenta de acesso às representações sociais .....        | 55  |
| 4.2.1. As novas abordagens da retórica .....                                     | 57  |
| 4.2.2. Os implícitos do discurso.....                                            | 60  |
| Capítulo 5. Objetivos.....                                                       | 63  |
| 5.1. Objetivo geral .....                                                        | 64  |
| 5.2. Objetivos específicos.....                                                  | 64  |
| Capítulo 6. Metodologia .....                                                    | 65  |
| 6.1. Os sujeitos investigados .....                                              | 67  |
| 6.2. As entrevistas individuais e em grupo .....                                 | 68  |
| 6.3. O modelo da estratégia argumentativa .....                                  | 69  |
| Capítulo 7. Apresentação dos dados .....                                         | 72  |
| 7.1. A retórica do discurso de professores sobre as drogas.....                  | 73  |
| 7.2. Análise retórica das entrevistas individuais .....                          | 74  |
| 7.2.1. Conceções sobre as drogas.....                                            | 75  |
| 7.2.2. O papel da família na prevenção .....                                     | 84  |
| 7.2.3. O papel dos professores e da escola.....                                  | 90  |
| 7.3. Análise retórica das entrevistas em grupo .....                             | 101 |
| 7.3.1. Primeira entrevista em grupo.....                                         | 101 |
| 7.3.2. Análise da segunda entrevista em grupo .....                              | 102 |
| Capítulo 8. Discussão dos resultados .....                                       | 110 |
| Conclusão.....                                                                   | 117 |
| Referências bibliográficas.....                                                  | 119 |
| Apêndices.....                                                                   | I   |

|                                                            |         |
|------------------------------------------------------------|---------|
| Apêndice 1. <i>Corpus</i> de análise .....                 | II      |
| Apêndice 2. Análise de implícitos .....                    | XXI     |
| Apêndice 3. Argumentos e acordos .....                     | LVII    |
| Apêndice 4. Análise dos diálogos utilizados no texto ..... | LXXI    |
| Anexos .....                                               | LXXVII  |
| Anexo 1. ....                                              | LXXVIII |

## ÍNDICE DE QUADROS

|                                                                                                           |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Quadro 1.</b> Argumentos de J.....                                                                     | 76  |
| <b>Quadro 2.</b> Argumentos de MA.....                                                                    | 78  |
| <b>Quadro 3.</b> Argumentos de LU.....                                                                    | 79  |
| <b>Quadro 4.</b> Argumentos de GL.....                                                                    | 80  |
| <b>Quadro 5.</b> Argumentos de JU.....                                                                    | 81  |
| <b>Quadro 6.</b> Argumentos de MG.....                                                                    | 82  |
| <b>Quadro 7.</b> Conclusão da categoria 1 - concepções sobre as drogas e sobre os usuários .....          | 83  |
| <b>Quadro 8.</b> Argumentos de J.....                                                                     | 84  |
| <b>Quadro 9.</b> Argumentos de MA.....                                                                    | 85  |
| <b>Quadro 10.</b> Argumentos de LU.....                                                                   | 86  |
| <b>Quadro 11.</b> Argumentos de GL.....                                                                   | 87  |
| <b>Quadro 12.</b> Argumentos de JU.....                                                                   | 88  |
| <b>Quadro 13.</b> Argumentos de MG.....                                                                   | 88  |
| <b>Quadro 14.</b> Categoria 2 - papel da família - elementos centrais e condicionais.....                 | 89  |
| <b>Quadro 15.</b> Argumentos de J.....                                                                    | 91  |
| <b>Quadro 16.</b> Argumentos de MA.....                                                                   | 92  |
| <b>Quadro 17.</b> Argumentos de LU.....                                                                   | 94  |
| <b>Quadro 18.</b> Argumentos de GL.....                                                                   | 95  |
| <b>Quadro 19.</b> Argumentos de JU.....                                                                   | 97  |
| <b>Quadro 20.</b> Argumentos de MG.....                                                                   | 98  |
| <b>Quadro 21.</b> Categoria 3 - Papel da escola e dos professores - elementos centrais e condicionais.... | 99  |
| <b>Quadro 22.</b> Controvérsia sobre as causas da dependência - LU, MA e CR.....                          | 105 |
| <b>Quadro 23.</b> Controvérsia sobre como prevenir o consumo dos jovens - LU, MA e CR.....                | 108 |
| <b>Quadro 24.</b> Representações sociais de professores sobre as drogas .....                             | 113 |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho partiu de uma reflexão sobre o papel da escola na prevenção e no combate ao consumo de drogas no ensino fundamental. Buscou os aspectos psicossociais que fundamentam as práticas pedagógicas referentes ao problema das drogas, bem como as ações institucionais sobre essa questão dentro da escola. A partir da análise das representações sociais de professores, buscou-se as concepções desses profissionais sobre as drogas e sobre os usuários, bem como suas dificuldades práticas em atuar na prevenção e no combate ao uso e abuso de drogas no cotidiano de trabalho na escola.

Atuei como educador e psicopedagogo na comunidade do “Sapê”, no bairro de Pendotiba, localizado na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. A experiência no projeto, chamado “Projeto Casa do Homem do Amanhã”, foi determinante na escolha do objeto de estudo da presente pesquisa. Esse projeto tinha como objetivo a promoção da saúde e da educação de jovens da comunidade carente do local. Eram atendidos jovens que cursavam o ensino fundamental, entre 11 e 14 anos de idade. O projeto foi desenvolvido por uma equipe multidisciplinar de educadores, psicólogos e médicos, que atuaram, inicialmente, no apoio escolar aos alunos, em suas dificuldades escolares, principalmente com a matemática, disciplina que provoca imensas dificuldades para os alunos. A maioria dos pais desses jovens buscou o projeto como recurso de manter seus filhos na escola e evitar o envolvimento deles com a criminalidade.

Muitos dos jovens atendidos na comunidade já estavam transitando pelo mundo das drogas como usuários ou mesmo participando do tráfico de drogas. A relação entre esses jovens e os profissionais mostrou-se complexa, no sentido da resistência dos primeiros em participar das tarefas e conseguirem se integrar ao projeto, e, na maioria dos casos, foi difícil a sensibilização para a permanência no projeto. De maneira geral, acabavam por evadir não só do projeto, mas também da escola. Nesse sentido, essa experiência serviu para demonstrar como a equipe de professores não estava preparada para lidar com esse problema, tendo uma atuação de discriminação, que mais afastava o aluno ao invés de apoiá-los em sua trajetória escolar, evitando a evasão. O projeto, apesar de pretender lidar com a questão da inserção social através do apoio escolar, não ofereceu suporte aos professores sobre o problema do consumo de drogas entre os jovens, nem sobre os fatores que levam um grande contingente desses jovens ao consumo precoce de drogas, nem sobre os prejuízos que o uso e o abuso de drogas acarretam para o indivíduo usuário desde a juventude. Não informou tampouco, informações sobre as estratégias do tráfico na cooptação desses jovens na comunidade. Como os professores poderiam atuar na prevenção do consumo e na recuperação da adição, de modo a atuar na motivação desses jovens para a construção de expectativas de futuro positivas?

A pesquisa aqui proposta realizou-se em uma instituição em São Gonçalo -- onde também atuo como psicopedagogo, no ensino fundamental, que está inserida em uma região afetada pelo tráfico de drogas. O trabalho como psicopedagogo me permitiu o contato com um universo que envolve não só alunos, mas também professores e familiares. Em diversos momentos foram discutidas questões relacionadas ao assunto drogas tanto em sala de aula como nos atendimentos aos pais e nas reuniões pedagógicas. Problemas relacionados ao uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas foram apontados por pais e professores, que relataram enormes dificuldades em falar com os jovens sobre o assunto e ter uma ação que resultasse no seu afastamento do mundo das drogas.

O atendimento aos alunos que se envolvem com substâncias psicoativas na escola apontou que, de maneira geral, o consumo vem acompanhado de alterações comportamentais, que comprometem o rendimento escolar desses alunos. A escola costuma tratar desse assunto preferindo esconder o problema, ou seja, transferindo o aluno para outra instituição, com a justificativa de que ele poderá depreciar a imagem da escola ou exercer algum tipo de influência danosa no comportamento de outros alunos. Nas reuniões pedagógicas, os professores sentem-se desorientados em relação aos procedimentos adequados para lidar com os problemas que envolvem o consumo de drogas. Não sabem o que fazer quando percebem que alguns dos seus alunos consomem drogas e a escola não se posiciona a esse respeito. Relatam que a ajuda que podem dar limita-se a conversas individuais, do tipo aconselhamento, e sentem que na maioria das vezes isso não produz efeitos, não se configurando como uma estratégia eficaz, que produza resultados para os alunos que vivem o problema. Relatam ainda que os adolescentes passam mesmo despercebidos não só pela escola, mas também por eles, professores, que não têm orientação sobre como proceder nesses casos. Ou seja, nem professores nem alunos sentem que têm respaldo institucional para lidar com assuntos relacionados com as drogas dentro da escola.

Pode-se perceber sinais de pedidos de socorro em todas as partes: dos alunos, dos familiares, e principalmente dos professores, que ficam perdidos e sem orientação. Embora isoladamente busquem estratégias para minimizar esses problemas, essa insegurança manifesta-se numa enorme falta de habilidade de lidar com o assunto e de agir nas interfaces entre drogas, aluno, escola e família. Durante os atendimentos, notamos que a influência dos amigos e os hábitos de familiares dentro de casa, como por exemplo, o de consumir bebidas alcoólicas e cigarros, e deixá-los em locais de fácil acesso, costumam ser os principais responsáveis apontados pelos alunos para o primeiro contato do adolescente com as drogas. Outros alunos comentam que os pais chegaram a molhar a chupeta do bebê no copo de cerveja ou uísque, para desenvolver no filho poder e masculinidade. Nesse caso, a entrada no mundo das drogas está sendo positivada pela família, ocorrendo sem o jovem perceber e tornando

muito mais difícil proteger esse jovem de todas as consequências prejudiciais que o uso e o abuso de drogas pode ocasionar.

Nesse sentido, na tentativa de fornecer conhecimentos sobre o assunto à comunidade escolar, o serviço de psicopedagogia do colégio ofereceu cursos de capacitação para responder às demandas de pais, de alunos e de professores. Esses cursos levaram alunos e pais a procurar a ajuda da psicopedagogia, em busca de mais orientação para lidar com essas situações. Todos relataram um sentimento de impotência diante da complexidade da questão. Nas falas dos pais, percebemos que o tempo que dedicam ao trabalho é o grande empecilho para não comparecerem às reuniões da escola, momento em que poderiam receber informações importantes e pertinentes sobre seus filhos em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Por outro lado, alegam que o cansaço após o trabalho os impede de simplesmente conversar com os filhos. Além disso, a maior parte dos pais atendidos relata que não acompanha seus filhos em festinhas de colegas da escola, preferindo pedir que os avós ou mesmo a sua secretária assumam esse papel. Quanto aos alunos, relatam as experiências dolorosas vivenciadas no ambiente familiar: pais que chegam alcoolizados tarde da noite em casa e quando surpreendidos pela esposa ou pelos filhos tornam-se agressivos, a ponto de espancar quem estiver pela frente; mães que estão sob o efeito de álcool, ou qualquer outro tipo de entorpecente, também agressivas com os filhos ou mesmo eventos constantes de violência física de pais contra seus filhos, mesmo sem a estarem sob o efeito de drogas. Alguns jovens chegam à escola machucados, abatidos e quando é oferecida ajuda eles se retraem e pedem para que nada seja relatado aos seus pais, por medo de represálias.

Hoje já não causa mais espanto presenciarmos adolescentes altamente agressivos com colegas, professores ou com qualquer outro profissional dentro da escola. Ocorrem casos em que esses mesmos adolescentes precisam ser contidos por mais de um profissional ao mesmo tempo. O que esses jovens estão acostumados, de acordo com os seus relatos, é assistir em casa a cenas de violência e covardia entre seus familiares. Geralmente eles não conseguem se concentrar, não conseguem prestar a atenção à explicação do professor e isso prejudica significativamente sua aprendizagem dentro de sala. Além disso, são inquietos e prejudicam o andamento da aula. Ou seja, reproduzem essa tensão da violência que vivenciam em seus lares no espaço escolar. Note-se que pais e educadores relatam dificuldades em impor limites sobre o comportamento, pois a comunicação muitas vezes com os jovens é impossibilitada pela falta de tempo e pelo cansaço, o que deixa o jovem sem espaço de reflexão sobre a infinidade de informações que são bombardeadas pela mídia e pela internet todos os dias.

Buscando a literatura especializada para melhor embasar esse trabalho de capacitação, encontramos muitos estudos visando os aspectos epidemiológicos e

farmacológicos, pois os dados disponíveis em sua maioria são provenientes da área da saúde. Acreditamos ser importante, nesse caso, aprofundar o conhecimento sobre os aspectos psicossociais, destacando uma visão mais social sobre o problema, colocando os atores no centro da questão. O uso e abuso de drogas em nossa sociedade é também determinado por fatores psicossociais, que podem fornecer melhor compreensão sobre a dinâmica social relacionada a essa prática, que se tornou nas últimas décadas um problema que ainda não tem respostas e tende a crescer, em termos dos malefícios para o usuário, para as famílias e para a sociedade.

Este trabalho é fruto da preocupação sobre como a escola pode atuar nesse problema, pressupondo que a comunidade escolar pode assumir a responsabilidade de contribuir para a reflexão sobre a prevenção do uso de drogas. Pretende investigar as representações sociais de professores sobre as drogas e usuários em uma escola particular, visando compreender as dificuldades consideradas por eles no cotidiano escolar ao lidar com essas questões. Considera-se que essa compreensão dará subsídios para um melhor planejamento para a intervenção da escola na prevenção do uso de drogas pelos alunos.

Em sua composição, esta pesquisa encontra-se estruturada em oito capítulos: no primeiro capítulo apresenta-se um breve resumo sobre a história do consumo de drogas no mundo ocidental. Pretende-se observar as diferentes práticas que acompanham o consumo de drogas pela humanidade desde as primeiras civilizações e identificar alguns fatores que favoreceram o alto consumo entre os jovens nos dias atuais. Apesar de variar de lugar para lugar, o consumo de drogas é um problema que está presente em todos os continentes. Nas últimas décadas, percebemos que o consumo de drogas, especialmente entre os mais jovens, tem crescido muito, merecendo um olhar especial das autoridades, da sociedade e, no caso dessa investigação, do professor. O conhecimento sobre as drogas ao longo da história e os problemas derivados do consumo na atualidade visou contextualizar o problema, indicando as informações disponíveis na sociedade e em que medida elas são apropriadas pelos professores que foram investigados.

No segundo capítulo, desenvolve-se uma revisão de literatura sobre a fase da adolescência, fase onde o indivíduo busca descobrir o significado do mundo e de si mesmo, fase da construção de sua identidade individual e social. Será ressaltada a relação entre o consumo de drogas e a aprendizagem, a atuação das drogas no cérebro e como isso compromete o sistema cognitivo do adolescente, visando aprofundar o conhecimento sobre as implicações do consumo de drogas para a aprendizagem no cotidiano da sala de aula.

No terceiro capítulo, apontam-se as dificuldades de prevenção dentro da sociedade em geral, em razão dos fatores de risco embutidos nas diversas maneiras de viver que existem. Dentre eles podemos citar os estilos de vida que favorecem o uso e abuso de drogas, o

desconhecimento da problemática das drogas – que leva à discriminação do usuário pela sociedade, o desemprego diante da falta de qualificação, a pobreza, a carência de leis mais enérgicas, além da crescente falta de habilidade da família e da escola para fazer frente ao problema. O aumento das populações à margem da sociedade e a perda de referências aumentam a onda de violência e a falta de esperança na solução para o problema, para o qual nenhuma resposta parece ser útil. Além disso, o problema das drogas parece ser maior quando observa-se que o público-alvo do tráfico organizado são crianças, adolescentes e jovens adultos.

No quarto capítulo, apresentamos o quadro teórico eleito para a pesquisa. Utilizou-se a Teoria das Representações Sociais, de S. Moscovici, articulada às Teorias da Argumentação, de Ch. Perelman, e à análise de implícitos, utilizando a classificação de O. Ducrot. Pressupõe-se que a análise do discurso argumentativo retórico pode ser útil na análise da organização cognitiva de grupos semióticos específicos, grupos que compartilham uma prática comum, como o caso dos professores, expressando suas concepções e atitudes sobre as drogas. Propõe-se uma abordagem processual da investigação de representações sociais, embora destacando não só os elementos centrais das representações sociais, aqueles mais arraigados e referenciais, mas também, e principalmente, os elementos condicionais, que expressam a dinâmica dessas representações no confronto com a realidade, permitindo compreender como o sujeito usa o conhecimento compartilhado em situações e contextos do cotidiano.

No quinto capítulo, sinalizamos que a teoria das representações sociais tem sido considerada profícua nas áreas da educação e da psicologia da educação. Esta teoria propôs uma nova visão dos modelos epistemológicos das ciências psicossociais para a análise do pensamento social. Essa teoria, elaborada por S. Moscovici, constitui-se como uma teoria psicossociológica, que visa à construção de uma epistemologia do conhecimento do senso comum. Pretende, desse modo, fornecer um instrumental teórico aos pesquisadores para observar a construção do conhecimento compartilhado por grupos particulares. Considera-se que possíveis mudanças podem estar ocorrendo nas representações sociais sobre as drogas derivadas do aumento do consumo por parte de adolescentes – o que se reflete em suas experiências vividas na escola no contato com os jovens e com colegas professores consumidores; em função do movimento de descriminalização da maconha e das propagandas sobre os prejuízos que as drogas causam à saúde e ao ajustamento social dos jovens e o contexto de extrema violência promovida pelo tráfico de drogas nas comunidades dos grandes centros urbanos no Brasil, tanto alardeado na mídia.

No sexto capítulo, apresentamos a metodologia adotada no estudo de campo. A pesquisa teve por base uma abordagem qualitativa, buscando os aspectos psicossociais da problemática sobre as drogas expressos através do discurso de professores. Foram descritos

os sujeitos de pesquisa, bem como os procedimentos de coleta e de análise de dados. Os professores envolvidos na pesquisa são de diferentes disciplinas da Instituição, a sua privacidade e o anonimato foram respeitados, principalmente por se tratar de um tema que continua sendo um tabu na escola. O local que desenvolvemos o projeto foi uma escola da rede de ensino privada de São Gonçalo, município da região metropolitana do Rio de Janeiro. Investigamos também o discurso do estatuto e do projeto político pedagógico da escola, buscando contato com a direção da instituição para maiores esclarecimentos. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais e em grupo com os professores. As entrevistas objetivaram criar uma polêmica sobre o assunto para forçar a defesa de teses. Na análise das entrevistas foi usado o Modelo da Estratégia Argumentativa – MEA. Separaram-se os assuntos que demonstravam uma argumentação mais expressiva objetivando a construção dos temas de análise. As falas dos professores foram divididas em três categorias, a saber: 1. concepções sobre as drogas e sobre os usuários; 2. o papel da família; e 3. as ações da escola e dos professores.

O sétimo capítulo dedica-se aos resultados da análise retórica das entrevistas individuais e em grupo, segundo o Modelo da Estratégia Argumentativa - MEA. Foi construído o Corpus de Análise, retirando as falas que não se relacionavam aos objetivos da pesquisa e definindo os temas que apareceram nas entrevistas. Desse Corpus, foram escolhidos para análise os diálogos que apresentaram uma intenção argumentativa. A análise temática das entrevistas individuais e em grupo categorizaram três temas principais: concepções sobre as drogas e sobre os usuários, o papel da família na formação do adolescente e a ação da escola e dos professores na prevenção.

No oitavo capítulo, discutem-se os resultados, indicando as implicações práticas das representações dos professores na prevenção do consumo de drogas pelos adolescentes dentro da escola. Avaliam-se as possibilidades de ações programáticas por parte da escola junto aos professores e no apoio aos alunos que se veem envolvidos com as drogas.

A conclusão indica uma necessidade de sensibilizar a comunidade escolar para a necessidade de difundir informações a todos os segmentos escolares, visando, a partir de um processo de decisão participativa, à elaboração compartilhada de ações pedagógicas direcionadas a enfrentar o problema. O educador é o agente primeiro para a efetivação de qualquer programa de prevenção de consumo, pois ele convive diariamente com o aluno. Sua experiência e percepção deve ter um espaço de escuta e de debate. Ele tem mais possibilidade de se aproximar dos jovens e pode treinar o seu olhar para a identificação do consumo entre os alunos e para reconhecer os problemas advindos desse consumo e, conseqüentemente, atuar mais efetivamente na prevenção.

Para formatar esta dissertação foram usadas as normas da American Psychological

Association – APA. A fim de não estender demais este trabalho, as entrevistas colhidas para esta pesquisa, e o tratamento inicial de análise dado a elas, serão incluídos apenas no CD que será entregue juntamente com esta dissertação. Estão enfileiradas sob os títulos: apêndice 1 – *corpus* de análise, com as entrevistas individuais e em grupo, incluindo uma categorização preliminar do material; apêndice 2 – análise de implícitos, pressupostos e subentendidos, segundo a classificação de O. Ducrot (1972); apêndice 3 – argumentos e acordos, segundo a classificação de Ch. Perelman e L. Olbrechts-Tyteca; apêndice 4 - análise dos diálogos apresentados no texto, com a análise final dos diálogos que foram significativos para a montagem do Modelo da Estratégia Argumentativa - MEA, nas três categorias definidas. Constam ainda do cd um anexo, com tabelas que demonstram os resultados da pesquisa, realizada pela UNESCO, sobre a percepção de alunos e do corpo técnico-pedagógico sobre a presença de tráfico de drogas na escola.

---

## **CAPÍTULO 1.**

# **BREVE HISTÓRICO SOBRE O CONSUMO DE DROGAS NO MUNDO**

---

A relação do homem com as substâncias psicoativas é bastante antiga e presente em todas as sociedades e envolve não somente as drogas usadas pela medicina e pela ciência, mas também as que são utilizadas em rituais de magia, em rituais religiosos e em festas.

Cada cultura determina que drogas devem ser consideradas legais ou ilegais. Essa escolha está mais ligada aos aspetos antropológicos e econômicos de cada cultura e época e menos aos aspetos morais e éticos, ou mesmo aos efeitos ou às características farmacológicas das substâncias (Bucher, 1992).

O consumo de substâncias psicoativas pode fazer parte da alegria de viver, um dos objetivos do ser humano, tanto que erotismo e drogas estão relacionados em diferentes culturas. No norte do Iraque, há 60 mil anos, o homem de Neandertal já tinha conhecimento de pelo menos oito plantas de comprovado valor medicinal. Na América, encontram-se aproximadamente cem espécies diferentes de plantas alucinogénias, enquanto na Ásia e na Europa um número bem inferior (Seibel; Toscano Jr., 2001).

Em várias religiões e culturas antigas atribui-se um carácter sagrado à bebida ou a outras substâncias com potencial de modificar a percepção e o comportamento humano. No mundo antigo, o homem, para livrar-se de enfermidades, costumava submeter-se a sacrifícios de todo o tipo. Vítimas, homens e animais eram oferecidos a algum Deus com o intuito de conseguir algo em troca. Na Grécia antiga, curava-se o próprio organismo utilizando-se o fogo para desinfetar uma ferida.

Apesar da utilização de diversas drogas, os gregos não ignoravam os problemas relacionados ao consumo. Hipócrates afirmara que as drogas eram naturais e tinham propriedades específicas, mas só a quantidade definiria a diferença entre o remédio e o veneno (Escohotado, 1996). Foi ainda no mundo greco-romano que se valorizou o uso de drogas com moderação. O excesso dos três grandes apetites do ser humano: bebida, alimento e sexo eram vistos como oferta de perigo. Com a difusão dos ensinamentos do Cristianismo, ocorreram maiores restrições quanto ao uso de determinadas substâncias. O código cristão, na fase medieval, condenou as plantas ditas “diabólicas” como provenientes de práticas de feitiçaria. Apesar disso, nesta religião o vinho constitui-se um elemento de grande importância, pois simboliza o sangue do Cristo (Seibel; Toscano Jr, 2001).

O contato do ocidente com a cultura árabe e a invenção do álcool destilado, no século XII, influenciou a construção do conhecimento farmacológico, tanto que uma grande parte das plantas possui etimologia árabe (Seibel; Toscano Jr, 2001). Já o Islamismo ditava as regras sobre alimentos e horários de drogas, mas não apresentava qualquer droga como sagrada. A bebida, no entanto, foi proibida por Maomé na Idade Média e seus seguidores mantêm esse costume até hoje.

O poder não é um acessório, nem tão pouco uma qualidade, mas uma troca de forças

de dominados e dominadores, que se expressa de forma peculiar em cada sociedade, e como nos lembra Michel Foucault, “não se trata de analisar o poder em suas formas legítimas e regulamentares, mas de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar” (Foucault, 1979). Para o autor, é exercida uma função específica de controlo social por parte de quem exerce o poder, com a intenção de tornar o indivíduo útil e disciplinado, através da cultura existente. Esse tipo de poder se propaga pela sociedade, investida por líderes que criam estratégias de dominação capazes de influenciar minuciosamente o comportamento dos indivíduos, suas posturas e suas atitudes.

A industrialização instaura uma nova ordem social, com o surgimento de empresas e uma massa de trabalhadores. A sociedade organiza-se em torno dos centros de produção, que se ampliam não só em tamanho, mas também trazendo dificuldades sociais, criando um conflito direto entre classes, uns poucos enriquecendo e a grande maioria não usufruindo das riquezas geradas por esse rápido desenvolvimento.

Nesse contexto, as drogas ganham novas atribuições. Ao cigarro é atribuída uma masculinidade em todas as classes sociais, mas o café e, principalmente, o álcool têm seu *status* diferenciado dependendo da localização social do usuário. Entre os mais favorecidos, os ricos, o uso do álcool é considerado sofisticação, mas ocorrendo entre os menos favorecidos, é um fator de fraqueza, que marginaliza a classe operária, agravando suas condições desfavoráveis de vida e trabalho.

O crescimento e o desenvolvimento dos indivíduos trabalhadores em torno das complexidades produtivas, com salários e níveis de escolaridade reduzidos, faz do álcool o mediador de situações diversas e o centro das atenções dos mais moralistas até a primeira metade do Século XX. O uso de heroína também se insere em parte da sociedade, porém reservado a pequenos grupos de elevado poder aquisitivo, que a utilizavam geralmente em eventos direcionados às diversões (Seibel; Toscano Jr., 2001).

A Segunda Guerra Mundial altera essa situação, promovendo diversas modificações no tecido social, em função do crescimento da indústria e da comunicação, da participação da mulher no trabalho industrial, da transformação nas relações sexuais. Acompanhando essas mudanças, a escola passa a ser o depósito das esperanças da família, para o objetivo da construção dos papéis sociais desejados.

A partir dos anos 70, mudanças nas instituições são requeridas como maneira de afiançar a ordem social. O apogeu do movimento hippie e o Festival de Woodstock fazem estourar em todo o mundo a aceitação de diversas drogas. Para a maioria dos jovens do ocidente, a saída do sistema é uma solução para suportar a crise, embora os meios de difusão dessas ideias fossem do próprio sistema, que faturava como nunca sobre a produção de discos e espetáculos, estendendo-se para o mercado de revistas e jornais (Escohotado, 1996; 1997).

Os anos 80 entram na história com a chegada da globalização, que permite a ampliação da comunicação mundial e das políticas neoliberais. Acaba-se a guerra fria e ocorre a queda do muro de Berlim. Nasce a União Europeia. Os Tigres Asiáticos discutem sobre produtos em outros países e o desemprego estrutural aflige o mundo.

Nos anos 90, as sociedades precisaram reavaliar mais detalhadamente essas experiências marcantes das décadas anteriores e começa-se a questionar os valores e crenças pilares da harmonia social, em função da velocidade das mudanças. Os diálogos se tornam cada vez mais acirrados e desembocam no Século XXI com a certeza da incerteza.

Com base num estudo no sul do país (Marques, 2012), verificou-se que o adolescente de hoje vem se drogando cada vez mais cedo (vide tabelas 1, 2 e 3, em anexo). O estudo aponta ainda um crescimento significativo do consumo entre as meninas. O consumo de drogas teve um aumento significativo nessas últimas décadas em todos os níveis sociais, causando prejuízos irreversíveis a jovens e adultos usuários, acarretando mudanças frequentes na legislação correspondente, que tornaram o uso de certas drogas ilegal. Mas poucas iniciativas foram direcionadas à prevenção e essas não tem oferecido bons resultados.

Em 2011, os atendimentos do serviço de psicopedagogia da escola, objeto desse estudo, registraram cerca de 60 alunos, num universo de 200, na faixa etária dos 11 aos 14 anos, que alegaram consumir algum tipo de droga. A maioria dos alunos falou abertamente sobre o assunto, permitindo verificar as drogas mais consumidas por eles e a frequência com que utilizam. Pode-se destacar o álcool como sendo a droga mais frequentemente consumida, seguida do tabaco (nicotina), da maconha, da cocaína e por último do êxtase. O baixo consumo do êxtase, segundo os próprios alunos, se dá pelo seu alto preço. O álcool e o tabaco são amplamente consumidos pela população em geral, mas são proibidos para menores de 18 anos. A maconha e a cocaína são bem menos consumidas na população por serem ilegais. Nesse sentido, pode-se considerar alto o índice de consumo entre esses alunos, na ordem de 30%, que usam alguma espécie de drogas, lícitas ou não. Acredita-se que em outras escolas da região esse cenário não é diferente.

Podemos perceber, atualmente, uma tendência em considerar o problema do uso de drogas mais como questão de saúde do que de criminalidade. Por outro lado, o tráfico é veiculado na mídia como o principal vilão da criminalidade e da violência. Isso dificulta que ações efetivas no âmbito da saúde sejam consideradas nas políticas públicas direcionadas à questão. Em 2014, a Organização das Nações Unidas - ONU, em seu relatório sobre a droga e o crime, sugere a descriminalização do consumo de drogas pela primeira vez, afirmando que “pode ser uma forma eficaz de descongestionar as prisões, redistribuir recursos para atribuí-los ao tratamento e facilitar a reabilitação” (O Globo, 2014). Diversas fontes diplomáticas especializadas em política de drogas concordaram que foi a primeira vez que o organismo mencionou a

descriminalização de forma aberta. A descriminalização do consumo pessoal, já aplicado em alguns casos no Brasil e em vários países europeus, supõe que o uso de drogas seja passível de sanções alternativas ao encarceramento, como multas ou tratamentos.

A descriminalização não representa uma legalização nem o acesso liberado às drogas, mas, segundo os tratados, que só podem ser usadas para fins médicos e científicos e não recreativos. O consumo recreativo seguiria sendo coibido com multas ou tratamentos, porém não seria mais um delito penal. A UNODC (United Nations Office on Drugs and Crime) assegura no relatório que os tratados encorajam a criação de recursos alternativos à prisão e destacam que se devem considerar os consumidores de drogas como pacientes em tratamento e não como criminosos. A queda do consumo de drogas nos países ricos evidenciou o aumento do consumo nos países em desenvolvimento, que não estão preparados nem possuem recursos suficientes para estabelecer as ações que mostraram eficácia nos países ricos. O documento reafirma que a legislação internacional sobre drogas precisa ser flexível o suficiente para aplicar outras políticas, voltadas para a saúde pública e com menor alcance na repressão (O Globo, 2014).

Dessa forma, a polêmica atual sobre a descriminalização das drogas está no centro da preocupação com o aumento significativo do consumo, principalmente entre jovens. A questão principal volta-se para a mudança da responsabilização da gestão sobre o consumo, deslocando-a para as instituições de saúde ao invés das instituições judiciárias e policiais.

## **1.1. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DO ÁLCOOL**

A palavra álcool origina-se do árabe *al-kuhul* que significa líquido. As bebidas alcoólicas são as drogas mais antigas que existem, em razão de seu simples processo de produção. Obtidas pela fermentação de diversos vegetais, segundo o procedimento inicial de sua produção, depois cada vez mais sofisticado, elas já estavam presentes nas grandes culturas, geralmente relacionadas a momentos festivos. O consumo de cervejas por seu efeito afrodisíaco. O seu uso social e festivo era bem tolerado, embora, no Egito, moralistas populares já se levantassem contra o seu abuso por desviar os jovens dos estudos. A embriaguez era tolerada apenas quando decorrente de celebrações religiosas, onde era considerada normal, ou mesmo estimulada. Na Babilônia, a 500 a.C., a cerveja era ofertada aos Deuses. Aos poucos, a cerveja à base de cereais foi substituída por fermentados à base de tâmaras. A fermentação da uva também é mencionada. O uso de produtos alcoólicos é comum. Podemos ressaltar também a associação entre o uso do vinho e certas práticas e concepções religiosas representadas pela popular figura do Baco. O vinho é parte integrante de cerimônias católicas, protestantes, no judaísmo, no candomblé e em outras práticas espíritas. O principal agente do álcool é o etanol. As bebidas alcoólicas são elaboradas a partir da fermentação de produtos naturais: vinho, fermentação da uva, cerveja, fermentação de grãos cereais e outros: cana-de-açúcar, milho e

arroz. As bebidas alcoólicas destiladas são obtidas através da destilação de bebidas fermentadas, como cachaça, rum e uísque (Imesc, 2014).

## **1.2. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA NICOTINA.**

Planta originária do continente americano, o tabaco já era fumado pelos índios desde antes da chegada dos colonizadores europeus. Foi somente em 1560 que o uso do tabaco veio a tomar um grande impulso na Europa, a partir da propaganda de Jean Nicot, diplomata francês cujo nome originou a palavra nicotina – de que ela possuía diversos poderes curativos. Foi Nicot que introduziu seu uso na França. No século XVII, já era um vício generalizado na Europa, África e Ásia. O tabaco perde, contudo, sua auréola de remédio para todos os males restringindo seu uso a população de baixa renda. Mas, aos poucos vai ganhando o gosto da nobreza e da burguesia, e por fim, no século XVIII, é um dos maiores valores do comércio internacional. O cachimbo no século XVII, o rapé no século XVIII, assim como o charuto no século XIX, foram formas muito comuns de consumo de tabaco nas respectivas épocas. Porém, a grande democratização do consumo de tabaco veio acontecer no século XX com o hábito de fumar cigarros. O cigarro se popularizou de forma impressionante, sobretudo depois da primeira guerra mundial. Somente na década de 60 é que os cientistas revelaram que o cigarro provoca câncer no pulmão e outros malefícios é que se deu início de uma campanha contra o seu uso. A nicotina é um elemento do tabaco entre as quatro mil substâncias existentes (Imesc, 2014).

## **1.3. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA MACONHA**

Cientificamente chamada de *cannabis* sativa, cresce em várias partes do mundo, podendo ser cultivada em muitos climas. Seu plantio foi incentivado durante muitos séculos devido à utilização de seus talos para a fabricação de cordas, fibras têxteis, palitos e até papel. Todavia, é das folhas que se extrai a substância ativa THC – tetraidrocannabinol. Os produtos da *cannabis* podem ser consumidos por via oral. Originária da Ásia Central, seus primeiros registros históricos são de mais de 200 anos a. C. na China, no Egito e na Índia. Empregada com fins terapêuticos na China e para liberação da mente, de coisas mundanas, na Índia. Parece ter sido introduzida na América do Sul pelos espanhóis, que fizeram as primeiras plantações no Chile no século XVI. O hábito de fumar ou ingerir folhas da *cannabis* é antigo. O interesse médico pela *cannabis* diminuiu no século XX em detrimento da morfina e dos barbitúricos que ofereciam melhores resultados. Hoje em dia, seu emprego terapêutico é quase nenhum, mas atualmente em função de pesquisas recentes, é reconhecida como medicamento em pelo menos em duas condições clínicas: reduz ou acaba com as náuseas e vômitos produzidos por medicamentos anti cancro e tem efeito benéfico em alguns casos de epilepsia.

No Brasil, atribui-se a origem da maconha aos escravos africanos trazidos para cá, sendo inicialmente utilizada por índios e negros. Muito difundido nos estados do nordeste, onde até hoje existe um uso recreativo a nível popular (IMESC, 2014).

#### **1.4. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DA COCAÍNA.**

Extraída da planta *Erythroxylon coca*, ou como é conhecida popularmente, coca ou epadu, é uma planta tipicamente sul-americana, nativa dos Andes, onde mascar suas folhas – coquear, é um hábito tradicional que remonta a vários séculos. Sua principal função é evitar a sede, a fome e o frio. Podemos encontrar, em algumas em algumas sociedades andinas, um valor cultural e mitológico ligado à coca. Em certas sociedades, por exemplo, é aplicada a folha no recém-nascido para secagem do cordão umbilical – que depois é enterrado com as folhas, representando um talismã para o resto da vida do indivíduo. O papel sócio cultural da coca é importante em alguns países andinos. Exemplos são o Peru e a Bolívia, onde é consumida sob a forma de chá, com propriedades medicinais que auxiliam principalmente nos problemas digestivos. Sua importância é tamanha que existe um órgão do governo peruano encarregado de controlar a qualidade das folhas vendidas no comércio: o Instituto Peruano da Coca. No Brasil, a coca é vista como um mal, algo a ser combatido e eliminado de qualquer maneira. O uso mais comum nestes casos é sob a forma de sal – cloridrato de cocaína. É consumida via nasal. Por ser uma droga mais cara, seu uso por pessoas de baixa renda é dificultado. Todavia, com o advento do *crack*, que é um subproduto extraído da pasta básica de cocaína, o seu consumo fica mais barato, facilitando o acesso das camadas mais pobres da sociedade. A cocaína também pode ser injetada na corrente sanguínea. O ‘pico’, como é conhecida essa forma de uso, produz um efeito chamado de ‘baque’ ou ‘rush’ (Imesc, 2014).

#### **1.5. ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DO ECSTASY.**

O chamado *ecstasy* foi patenteado em 1914 pelo laboratório Merck, na Alemanha. O MDMA (metilendioximetanfetamina), em sua forma mais comum, foi testado inicialmente como moderador do apetite, mas devido a seus efeitos colaterais, foi pouco utilizado e nunca comercializado, ficando esquecido e sem uso por décadas. Em 1965, o bioquímico norte-americano Alexander Shulgin relatou ter produzido e consumido MDMA em seu laboratório, tendo descrito o efeito como prazeroso. Contudo, o bioquímico só voltou a se interessar pela droga no começo dos anos 70, quando tomou conhecimento de relatos de outros pesquisadores muito entusiasmados com o uso terapêutico do MDMA. A comunidade científica só veio a ser formalmente informada sobre o MDMA em 1978, através de uma publicação de Shulgin e Nichols, a qual sugere que a droga poderia ser utilizada como auxiliar psicoterapêutico,

principalmente em casos de *stress* pós-traumático (Psychomedics, 2014).

Em 1984, final da “época de ouro”, o MDMA não só era utilizado como auxiliar terapêutico, mas também estava sendo amplamente utilizada pelos jovens norte-americanos como droga recreativa. Uma pesquisa realizada em 1986 na Universidade de Tulane, Estados Unidos, constatou que 15% dos estudantes haviam experimentado *ecstasy* pelo menos uma vez na vida. Em outra pesquisa, realizada também em 1986, na Universidade de Stanford, Estados Unidos, 39% dos estudantes declararam ter consumido *ecstasy* pelo menos uma vez na vida (Psychomedics, 2014). A ilegalidade da MDMA não parece ter diminuído o número de usuários recreativos que, ao contrário, só tem aumentado como demonstram vários levantamentos realizados tanto na Europa como nos Estados Unidos. Recentemente foi aprovado o primeiro estudo contemporâneo sobre seu potencial uso terapêutico, em pesquisa que será desenvolvida na Espanha.

No Brasil, as primeiras remessas significativas de *ecstasy* chegaram a São Paulo em 1994, vindas principalmente da Europa. Naquele momento ainda não havia tráfico de *ecstasy*; algumas pessoas traziam os comprimidos e os revendiam seletivamente a amigos. Assim como na Europa o *ecstasy* aqui também foi associado à cultura *clubber*. Até 1999, era citado poucas vezes, quase sempre nos cadernos de cultura, em matérias ligadas à moda ou comportamento, como signo de grupos ou tendências de vanguarda, sem informações sobre a droga. Atualmente, o *ecstasy* é cada vez mais citado nas páginas policiais, com notícias de um crescente número de prisões e apreensões. Em setembro de 2000 foi noticiada a descoberta do primeiro laboratório de êxtase em São Paulo. Estima-se hoje que mais da metade no *ecstasy* consumido no país seja de produção nacional, em pequenos laboratórios urbanos (Psychomedics, 2014).

Atualmente, o uso de drogas psicotrópicas alucinogênicas como auxiliar psicoterapêutico é um episódio quase esquecido na história da psiquiatria e da psicologia. Hoje as drogas são utilizadas exclusivamente como tratamento químico, para aliviar ou curar sintomas. Entretanto, nas décadas de 50 e 60, foram descritas inúmeras experiências bem-sucedidas tendo o LSD como catalisador do processo terapêutico. Tais experiências não puderam prosseguir depois que essa droga passou a ser considerada ilegal a exemplo do que viria a acontecer com o MDMA. A utilização do MDMA como facilitador do tratamento terapêutico data do início dos anos 70 e apresentava vantagens sobre seu antecessor, o LSD, pois não provocava mudanças preceptivas nem emocionais tão intensas, seus efeitos tinham duração mais curta e não haviam sido relatados *flashbacks*, “más viagens” nem reações psicóticas em doses terapêuticas e em contextos controlados.

---

## **CAPÍTULO 2.**

# **AS DROGAS NA ADOLESCÊNCIA E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM**

---

As drogas podem ser consideradas a partir dos valores que são sustentados pelos diversos tipos de culturas, pelas mais diversas áreas de conhecimento, envolvendo uma política que comporta o jogo de interesses de cada tipo de sociedade. Ana Regina Noto, bioquímica do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – CEBRID, com sede no estado de São Paulo, define droga como sendo toda substância que atua no sistema nervoso central, provocando modificação ou alteração no humor, no comportamento ou na cognição, sendo passível de autoadministração (Carlini; Galduróz; Noto, 2001). Essa conceituação visa à diferenciação entre drogas e substâncias do tipo da endorfina – um neurotransmissor cerebral fabricado pelo próprio corpo humano – que ao ser despejada no organismo, após a realização de uma atividade física, causa sensação de bem-estar, como se o indivíduo estivesse flutuando. Nesse sentido, essas substâncias produzidas naturalmente não são consideradas drogas (Silva, 1998).

Para Cavalcante (2000) as drogas podem ser classificadas quanto à ação química de três formas: as depressoras, aquelas que baixam ou reduzem a atividade psíquica, como o álcool, os inalantes e os tranquilizantes; as estimulantes, aquelas que aceleram ou excitam as funções psíquicas, como a cafeína, a cocaína e as anfetaminas; e as perturbadoras, aquelas que alteram as funções psíquicas, atuando sobre a senso-percepção, sendo as mais comuns a maconha, a *aywasca* e o cogumelos.

A curiosidade dos adolescentes é considerada um dos fatores de maior influência na experimentação das drogas, na medida em que o seu uso visa à obtenção de novas sensações e prazeres. O adolescente vive o momento, buscando realizações imediatas, e as drogas proporcionam um efeito rápido. Some-se a isso fatores como a necessidade de se afirmarem perante os amigos, a transgressão de modelos sociais, o fácil acesso, pela ampliação do tráfico nos últimos 20 anos e as oportunidades de uso que se têm nos ambientes propícios à experimentação, como as boates e festas populares.

Sobre a manutenção do uso, devem ser considerados outros fatores envolvidos tais como a insegurança e sintomas depressivos, os quais também poderiam se relacionar com o início do uso de drogas, uma vez que, a insatisfação do indivíduo, a baixa autoestima e a insegurança podem aumentar a predisposição do adolescente pela busca de novas sensações e prazeres (Scivoletto, 1997).

Fatores do tipo do modismo, importantes na adolescência, influenciam na opção por determinada droga e no estilo de consumo. Nessa preferência, a necessidade de pertencer a um grupo, o comportamento de ídolos e as referências que estes adolescentes tiveram em casa e durante a infância contribuem para o consumo futuro (Kandel; Yamaguchi, 1993). Atualmente, a existência de inúmeros de tipos de medicamentos dá ao jovem a impressão de que, diante de qualquer problema, haverá sempre uma alternativa medicamentosa, de ação rápida, como

recurso de resolução de problemas, que promove o uso descontrolado de drogas. Silveira Filho e Gorgulho (1996) salientam que o abuso e a dependência de drogas não ocorrem por acaso. Tal fenômeno é originado devido a fatores que remontam à infância do indivíduo e, somado a isso, existem aqueles fatores de caráter econômico, histórico, social, cultural, familiar e psicológico. Ao despeito dos avanços da medicina e dos medicamentos, nota-se que a indústria farmacêutica é uma das maiores fontes de lucro na atualidade e que o consumo de remédios para alívio de desconfortos físicos e psicológicos tem aumentado grandemente. Não é raro o consumo de antidepressivos e ansiolíticos para a diminuição do estresse provocado pela vida moderna.

A adolescência caracteriza-se pela ocorrência de diversas transformações corporais, hormonais, comportamentais e psicológicas, definindo a personalidade futura do indivíduo. É uma fase onde se constroem valores, desenvolvem-se hábitos e atitudes e a identidade social, que marca o futuro do jovem (Erickson, 1976). Por ser uma fase de transição da infância para a vida adulta, o jovem está mais vulnerável a diversos riscos, pelo fato de ser uma época da sua vida onde grandes transformações ocorrem de ordem física, psíquica e nas relações sociais. Conjuntamente a esses fatores externos apresentados, o indivíduo poderá ter uma suscetibilidade orgânica, desenvolvida em função de traumas vividos na infância, com propensão ao uso de drogas. Alan Eppel (2005), ao estudar e reestruturar o conceito da neurociência sobre o distúrbio de personalidade limítrofe no desenvolvimento da infância, concluiu que a combinação entre a predisposição genética, os traços característicos de personalidade do indivíduo, as relações de apego e o abuso sexual na infância estão relacionados a vários efeitos associados a esse distúrbio.

Quando os indivíduos sofrem maus tratos, são abusados sexualmente ou são negligenciados, sentem-se estressados, seus cérebros não se desenvolvem de maneira a desenvolver na vida adulta uma predisposição a comportamentos compulsivos prejudiciais. Assim, “o desenvolvimento de cada circuito cerebral está extremamente ligado à qualidade das experiências nas interações do indivíduo com os outros na infância” (Maté, 2010, p. 2).

O cérebro possui bilhões de neurônios, e cada neurônio pode ter até 100 mil contatos. O contato entre os neurônios se dá através de partículas de sódio, potássio, cálcio e cloreto, que estão nas áreas onde ocorrem as sinapses, a fim de ensejar a ocorrência das ligações entre neurônios, desencadeadas por impulsos nervosos ou eletroquímicos. (Teixeira, 2014). Os circuitos cerebrais, no usuário de drogas, funcionam diferentemente dos circuitos dos não usuários. Tanto a endorfina como a dopamina são produzidas em pequenas quantidades pelo organismo, minimizando os seus efeitos da sensação de prazer, da sagacidade e da diminuição da dor (Maté, 2010, p. 2). Neste caso, o usuário em situações estressantes similares às experiências da infância, não tendo outros recursos, recorre às drogas, que proporcionam essas

sensações que reduzem a ansiedade.

As investigações de como as drogas agem no cérebro não param por aí. Algumas delas ativam o sistema de recompensa cerebral. Uma vez acionado o sistema de recompensa, o indivíduo tenderá repetir o ato por mais vezes (Teixeira, 2014). Tal sistema estaria relacionado a determinados locais do cérebro, encontrados dentro do sistema límbico, que são responsáveis pela sensação de prazer e emoções e além disso, relacionadas principalmente com o uso de drogas. O sistema de recompensa cerebral do prazer começa na área tegumentar ventral, que se localiza na área cinzenta do tronco cerebral. Impulsos elétricos são criados nessa região quando o indivíduo consome drogas e esses estímulos chegarão ao 'núcleo *accumbens*', e em seguida ao córtex pré-frontal (Teixeira, 2014). Os neurônios existentes nessa via são conhecidos como dopaminérgicos e fundamentalmente o que ocorre é que as drogas irão atuar no sistema de recompensa cerebral estimulando a produção, a liberação de dopamina – substância relacionada com a sagacidade e o prazer – que acrescentada ao cérebro, fornece as diversas sensações prazerosas que lhe são próprias (Teixeira, 2014).

Diversamente de quando um jovem estimula de modo natural a liberação de dopamina, o consumo de drogas provocará uma dependência dos recetores do cérebro por aquelas substâncias, criando uma necessidade cada vez maior de dopamina, à medida que o tempo passa, obrigando o adolescente a procurar mais droga (Teixeira, 2014).

Pesquisa relacionada à adolescência (Horta *et al.*, 2007), realizada no sul do país, mostraram que 19,5% das meninas entrevistadas afirmaram consumir cigarros uma vez por semana ou mais, contra 13% dos meninos. Em relação à ingestão de bebidas alcoólicas, foram encontradas as maiores frequências entre os meninos (49%), enquanto a utilização por meninas foi de 37,9%.

Educadores e gestores institucionais, sobretudo da rede pública de ensino, confirmam que o consumo de álcool vem aumentando entre os adolescentes. As meninas, no entendimento dos professores, estão consumindo quase na mesma proporção e quase a mesma quantidade de álcool que os meninos e, além disso, iniciando o consumo cada vez mais precocemente (Horta *et al.*, 2007).

Pesquisa com dados referentes à cidade de Curitiba foi realizada pela Secretaria Municipal da Criança, em 1999, com parceria da Universidade Federal do Paraná e do Conselho Estadual de Entorpecentes - CONEN, envolvendo 2096 estudantes. Os sujeitos eram crianças e adolescentes, na faixa etária de 10 a 17 anos, de 29 Unidades Pias (unidades de assistência ao adicto), Casa do Pequeno Jornaleiro e três OGNs conveniadas que participam do Programa de Integração da Infância e da Adolescência. A pesquisa constatou que 1094 estudantes usavam bebidas alcoólicas; quando investigada a frequência de uso, 194 tinham feito uso na última semana, 127 no último mês, 297 no último ano e 425 alguma vez na vida,

com predominância de uso pelo sexo masculino (Curitiba - Secretaria Municipal da Criança. Departamento de Apoio às Iniciativas Comunitárias. Gerência de Programas Sócio-Preventivos, 1999). Quando se enfocou o uso de outras drogas, sem contar o álcool e o cigarro comum, esse número foi reduzido para 104 que consumiram, com maior superioridade do sexo masculino. Sobre a constância de uso, 27 utilizaram na última semana, 17 no último mês, 35 no último ano e 42 alguma vez na vida.

Podemos perceber, que existe uma quantidade bastante alta de jovens que utiliza bebidas alcoólicas em Curitiba; o que acaba com o mito de que a droga mais usada pelos adolescentes é a maconha. O álcool atua integrando socialmente. “A cerveja, a vodka e o Martini, entre outras bebidas, são encontradas mais facilmente nas festas. Tomar bebidas alcoólicas “atrai a possibilidade de atrair garotas” (Boa Sorte, 1998, p. 69).

É importante ressaltar que a mídia, através das propagandas, induz o consumo de álcool entre os jovens, porque os modelos de identificação são fatores importantes a serem considerados. O impacto de transformações socioculturais no imaginário infantil, mostra que os modelos de identificação passaram da sociedade para a mídia – em 1929 a família servia como modelo para 45,8% dos jovens, e em 1993 esse índice diminuiu para 28,2%; em 1929 os artistas de serviam como modelo para 3% dos jovens e em 1993 são 44,1% dos jovens que se identificavam com eles. Assim, a escola, a família e a igreja não desempenham mais o seu papel tradicional de criação e difusão de valores, e estão sendo substituídas pela mídia (Boa Sorte, 1998, p. 69).

Na adolescência, período que vai dos 12 aos 18 anos, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, o indivíduo constrói a sua identidade. O adolescente busca dar algum sentido ao mundo de forma a descobrir o seu significado de ser no mundo. Segundo Castro (2014a), o processo de construção da identidade pessoal e social se desenvolve a partir dos resultados obtidos no contato com os outros. O que não é passível de ter resultados tende a ser significado negativamente. A identificação se dá, portanto, pelos resultados positivos obtidos nas relações com os outros, na comunicação cotidiana. Para a autora, os modelos sociais são eleitos a partir das recompensas obtidas ou pela percepção de que determinadas ações e atitudes são capazes de promover a integração social do sujeito como uma pessoa valorizada. Os referenciais para a ação são esses modelos, adotados por sua eficácia em promover uma identidade que vem a ser socialmente valorizada pelos diversos grupos em que o indivíduo está ou deseja estar inserido. Nesse sentido, a entrada de um jovem em um grupo de usuários traz recompensas e promessas de reconhecimento social daquele grupo. O indivíduo constrói e desenvolve a sua identidade convivendo com seus grupos de referência (Castro, 2014b).

O prazer obtido pela cumplicidade afetiva que une os usuários “abre espaço para tecer com a droga a imagem de si mesmo” (Zago, 1998, p. 68). Os meios de comunicação de massa

contribuem para difundir informações sobre as drogas de forma alarmista e descontextualizadas do dia-a-dia das pessoas, comprometendo a prestação do serviço de amparo aos drogados; “a informação mais veiculada é a quantidade de droga apreendida e o seu valor, em dólares” (Cruz 1993, p. 25). Além disso, as drogas mais comentadas nos noticiários são a maconha, a cocaína e o crack, ocultando os problemas decorrentes das drogas legalizadas, como alerta Cruz (1993, p. 26), “... isso não entra em discussão, uma vez que o consumo de álcool e cigarro é permitido e gera impostos ao governo”.

O estilo de vida da sociedade moderna parece ter um impacto no comportamento de jovens e adolescentes que facilita o consumo de drogas. Percebe-se um ambiente favorável ao consumo de drogas pela oferta abundante existente no entorno da escola, o que pode contribuir para que os alunos tornem-se fornecedores de drogas dentro de escola, visando ganhos financeiros, muitas vezes para a satisfação de seu próprio desejo de consumo. As escolas temem serem responsabilizadas pelo que ocorre dentro da escola e preferem se livrar dos que são pegos consumindo ou portando drogas. Eximem-se da responsabilidade pelo que acontece fora dela e tentam evitar que os alunos fiquem do lado de fora da escola por muito tempo, a sós ou em grupos, e os orienta a irem direto para suas casas ou aguardarem por seus responsáveis dentro do espaço escolar. Pretendem com isso dificultar as abordagens de outros jovens envolvidos com o tráfico, que estariam esperando uma oportunidade para se aproximar. Mas essas ações não parecem evitar que os jovens circulem pelo entorno da escola, entrando em contato com os traficantes e suas estratégias de cooptação de jovens para o consumo.

A escola pode apresentar situações favoráveis ao uso de drogas, entre as quais, a falta de um ambiente comunitário solidário, que promova vínculos de confiança, e condições pedagógicas que não atendam às dificuldades de aprendizagem, propiciando o insucesso escolar e a conseqüente diminuição da autoestima dos alunos. A ênfase nas capacidades dos alunos, ao invés das falhas e do que ele não é capaz de realizar, favorece o desenvolvimento de alunos autoconfiantes. Nesse sentido, o educador, construindo vínculos de confiança, poderia auxiliar os alunos em seu desenvolvimento, evitando frustrações excessivas, de modo a atuar na autoestima dos alunos, fortalecendo a confiança em si mesmo e em suas expectativas de realização futuras.

O processo de aprendizagem inicia-se na infância e continua até o fim da vida, sendo a adolescência o período de afirmação da identidade do indivíduo. Conversar com os filhos sobre drogas no momento em que eles se mostram interessados pelo assunto seria um recurso valioso, na medida em que isso poderia saciar a curiosidade deles e, conseqüentemente, diminuir os atrativos que as drogas apresentam.

Os pais exercem a sua autoridade, sobretudo no ambiente familiar, fundamentando-se numa relação de confiança, respeito e afeto. Na proporção em que o adolescente vai se

desenvolvendo, a autoridade vai sendo transferida para eles mesmos até que se tornem responsáveis por suas ações. Para Lahire (1997), a ordem moral e doméstica e as formas de autoridade familiar são importantes elementos que compõem a organização das famílias. A ordem moral é um esquema que se aprende na socialização, uma predisposição da obediência, uma aceitação das propostas educativas materializadas nos ambientes escolares, que foram adquiridas antes, no ambiente familiar. A organização doméstica relativa aos horários rígidos das refeições, aos horários de ida e volta à escola, aos momentos de lição de casa ou lazer, são elementos de uma vida regrada segundo os princípios de uma moral do bom comportamento.

Partindo do pressuposto de que existe uma autoridade paterna/materna vivida com legitimidade na experiência familiar, a autoridade vinda da escola será aceita sem sofrimento ou resistências. A presença dessa vivência e apoio no âmbito familiar, bem como de um trabalho pedagógico fundado em bases de apoio e confiança, parecem ser importantes nesse processo de socialização. A autoridade tem um papel muito importante no sentido de dar limites. Auxilia na organização interna do jovem, possibilitando-o cuidar de si mesmo à medida que for se tornando adulto. Para que o adolescente possa ir testando seus limites é preciso que haja flexibilidade, pois o adolescente precisa saber das consequências dos seus atos. Um pequeno atraso não deve ter uma consequência muito intensa, ou seja, a punição deve estar de acordo com a transgressão da norma. Atitudes violentas ou mesmo expulsões de casa não costumam fornecer resultados positivos e não costumam resolver os problemas em geral. Podem ser significadas pelo adolescente como falta de apoio – tão necessário nessa fase da vida, e promover um sentimento de desvalorização pessoal e de baixa autoestima, levando o adolescente a recorrer a estratégias defensivas negativas.

P. Bourdieu e J. Passeron (1979; 1998), distinguiram dois tipos de aprendizado: de um lado o aprendizado precoce e insensível, que ocorre desde a primeira infância, no ambiente familiar, podendo ou não ser ampliado por um aprendizado escolar; e do outro o aprendizado tardio, comedido, obtido fora da família, nas escolas ou em outros lugares informais da educação. A distinção entre esses dois tipos de aprendizado está no fato de que existem duas maneiras de adquirir cultura, de ter acesso a ela e com ela se familiarizar. Mas quando os pais não conseguem mais se comunicar com os filhos, estes devem recorrer a outras pessoas, de preferência aquelas que o jovem mais admire ou respeite. Pode ser um amigo da família, um parente, o médico da família, um professor ou um profissional especializado. Já Levisky (1997), faz uma observação quanto à sociedade brasileira, apresentando a ideia de que estamos sofrendo uma violência fruto da repressão, da submissão e da castração, cujas origens datam de épocas coloniais, caracterizadas por uma mentalidade escravocrata e coronelista.

Os adolescentes começam a entender o que são as drogas quando observam os adultos recorrerem a medicamentos ao menor sinal de tensão ou irritação. Aprendem também o

que é droga quando ouvem seus pais dizerem que precisam tomar várias xícaras de café para ficarem acordados, ou ainda quando sentem o cheiro da fumaça do cigarro, ou mesmo quando observam como os pais têm dificuldades em controlar seus diversos tipos de comportamento, como por exemplo, a competição, o consumismo, o individualismo, a alimentação e o trabalho exagerado (Zagury, 2004). Esses comportamentos compulsivos podem servir como modelo para o filho, na forma como ele, mais tarde, se relacionará com as drogas. É um modelo de comportamento que observamos em vários adultos, que resolvem seus problemas com a ajuda de alguma substância que, em determinados casos, aumenta a agressividade dos usuários e os tornam extremamente violentos.

---

## **CAPÍTULO 3.**

### **AS DROGAS NA SOCIEDADE E A DIFICULDADE DE PREVENÇÃO DO CONSUMO**

---

O Estatuto da Criança e do Adolescente foi criado em 1990 para o atendimento ao mandado expresso no artigo 227, da Constituição Federal, que dispõe em geral, sobre a proteção da criança e ao adolescente (Sannini Neto, 2012). No caso específico de tráfico de drogas, o menor está sujeito às medidas socioeducativas previstas no artigo 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente. A mais grave é a que prevê internação do adolescente em estabelecimento educacional e não poderá ser superior a três anos. O menor surpreendido em uma conduta criminosa, não poderá ser preso, e sim, apreendido uma vez que o menor não comete crime, mas ato infracional. Logo, o menor poderá ser enquadrado nos artigos 172, 173 ou 174 do estatuto, devendo ser encaminhado a uma autoridade policial, no caso o delegado, que é o operador do direito e garante os direitos fundamentais na fase pré-processual (Sannini Neto, 2012).

É importante ressaltar que, não se tratando de tráfico de drogas e, caso a autoridade policial achar conveniente, o menor poderá ser liberado com a presença dos pais ou responsável legal pelo menor (Sannini Neto, 2012). A lei 11.343/2006 entrou em vigor no Brasil, e em matéria de drogas, veio substituir a lei 6.368, de 1976 e a lei 10.409, de 2002. Na verdade, ela é nova em decorrência do tempo e não traz qualquer alteração substancial. Tal como as duas leis anteriores, revogadas por esta, suas regras seguem diretrizes já proibidas por convenções internacionais, nas quais o Brasil é signatário. É uma lei que, assim como os diversos países que reproduzem o tratado de convenções da ONU, conforma-se ao modo global de intervenção sobre a distribuição e o consumo das substâncias psicoativas ilícitas e também controla as matérias-primas para produção (Labate *et al.*, 2008). O delegado de polícia analisará o caso e, respaldado na lei, decidirá se é o caso ou não de apreensão do menor infrator. Em caso afirmativo, essa decisão deverá ser sempre fundamentada. Dessa forma, supõe-se, estará cuidando e proporcionando ao jovem o melhor para o seu desenvolvimento.

Segundo Luz (2001, p. 19) as drogas classificam-se quanto à legalidade em "legais" e "ilegais". As primeiras incluem as drogas psicotrópicas com uso aprovado pela legislação vigente de cada país e que devem obedecer a determinados critérios de regulamentação, que observam e controlam a produção, a venda e a quantidade permitida de consumo, independentemente dos malefícios orgânicos, sociais e ambientais que possam acarretar. Exemplos dessas drogas são o álcool, o tabaco, a cola de sapateiro e o *thinner*. Uma das formas de regulamentação comum é a proibição da comercialização para menores e, em relação aos medicamentos, a obrigatoriedade de apresentação da receita médica para a compra, que ficará retida no estabelecimento, laboratório ou farmácia. Já as drogas ilegais, incluem todas as substâncias de uso proibido por lei, enquadrando-se em crime o seu plantio, porte, venda, tráfico, manuseio e guarda. Exemplos: maconha, heroína, cocaína, êxtase, *crack*.

Países como a Holanda e Inglaterra, têm legislação que permite o porte e consumo de pequenas quantidades de droga, por exemplo, de maconha, mas que proíbem o tráfico. É o que se chama liberação da maconha ou descriminalização do usuário (Silva, 1998, p. 186).

A instituição da descriminalização refere-se a drogas ilícitas. Significa inocentar, excluir a criminalidade de um fato. Assim, quando alguém se diz a favor da “descriminação da maconha”, está dizendo que é contra a punição legal para quem a produz ou para quem a vende, ou para quem a consome. Vários países já deram o passo de descriminar o uso, mas mantiveram a repressão à venda. Refere-se a disciplinar o uso através de procedimentos legais garantidores. Isso já acontece com várias substâncias psicotrópicas, ou seja, que agem sobre nosso psiquismo, como os calmantes e estimulantes. Também são legais drogas como álcool e tabaco, embora submetidos a restrições, tais como não poder ser vendido a crianças ou não poder ser usado em qualquer lugar, conforme é hoje a proibição de se fumar em lugares fechados.

Nesse aspeto, o trabalho de prevenção deve visar à compreensão por parte do poder judiciário dos motivos que levam os jovens a se envolverem com drogas de modo a provocar uma ação eficaz no combate ao tráfico e ao uso, que traga os resultados esperados. As ações judiciais deverão ser aplicadas levando em consideração a gravidade do fato, bem como se o jovem é reincidente ou não. Portanto, o trabalho de prevenção poderá ser dividido em três níveis: primário – onde o objetivo é evitar que o uso de drogas se instale; o secundário – que é destinado a usuários que experimentaram drogas e têm como objetivo evitar o viciamento; e o terciário – que diz respeito aos usuários em processo de recuperação, que já são dependentes.

A questão das drogas envolve códigos culturais de aceitação e de rejeição de determinadas substâncias psicoativas, pelo modo como é considerada a sua aplicação por determinados grupos, ou seja, a percepção e a utilização das substâncias auferem sentido na vida social. Uma substância química específica se torna uma droga em determinado contexto de relações, entre as atividades simbólicas e o ambiente em que atuam saberes e poderes. A questão se torna ainda mais complexa se levarmos em conta que a definição de uma substância como droga ou medicamento, como nota o sociólogo Becker (2001), depende em última análise, não de suas propriedades farmacológicas, mas do modo como o Estado decide tratá-la.

Cabe, ainda, uma consideração sobre os vários modelos de prevenção ao chamado “uso indevido de drogas”. Entre os especialistas, tem sido consensual, que as políticas de repressão ou demonização do uso de drogas se mostraram ineficazes. As propostas tornam-se mais eficazes à medida que caminham no sentido da informação e da educação, disponibilizando para a sociedade, principalmente para os jovens, um conjunto de informações mais precisa sobre as drogas e seus efeitos. Todo um arsenal de técnicos e especialistas – ao

lado da figura emergente do usuário profissional – vem disputando espaços e recursos estatais e privados para desenvolver projetos de prevenção, nas suas modalidades primária ou secundária.

O usuário profissional é aquele que costuma utilizar a droga de diversas formas, como por exemplo, enrolando a maconha como um cigarro, para fumá-la, usar a cocaína em pó, para aspirar ou confeccionar comprimidos a partir da pasta básica de cocaína, fazendo o *oxi*, utilizar também cal e querosene, misturando e dissolvendo drogas que podem vir a ser injetadas, enfim com uma variedade de trejeitos de utilização que fazem com que ele se torne multiexperiente.

Atualmente, pesquisas de consumo de drogas realizadas em diversas regiões do país apontam para uma situação preocupante, ainda mais quando se trata de jovens. Os dados das últimas pesquisas realizadas pelo CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, revelam um aumento do consumo de drogas pelos adolescentes e o uso inicial cada vez mais precoce (Carlini; Noto; Galduroz, 1997).

As estatísticas apontadas pelo Relatório Mundial sobre Drogas 2005, da ONU, nos leva a acreditar que existem cerca de 200 milhões de usuários de drogas no mundo, com superioridade do uso pelos adolescentes. Esta tendência no aumento da utilização de drogas, já era encontrada em pesquisa (Martini & Furegato, 2008) divulgada pela UNESCO.

Jaffe (1999) considera que o abuso de drogas caracteriza-se por um problema de adaptação ao padrão de uso de substâncias psicoativas, manifestado por consequências adversas recorrentes e significativas relacionadas ao uso repetido. Já a dependência, pode ser designada como um agrupamento de sintomas cognitivos, comportamentais e fisiológicos indicando que a pessoa utiliza a substância apesar dos prejuízos significativos relacionados ao consumo.

A Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, distingue quatro tipos de usuários de drogas: a) usuário experimentador – limita-se a experimentar uma ou várias drogas, em geral, por curiosidade, sem dar continuidade ao uso; b) usuário ocasional – utiliza uma ou várias substâncias, quando disponíveis em ambiente favorável, sem ruturas nas relações afetivas, sociais ou profissionais; c) usuário habitual ou funcional – faz uso frequente, ainda controlado, onde já se observam sinais de ruturas; d) usuário dependente ou disfuncional – vive pela droga e para droga, descontroladamente, com ruturas em seus vínculos sociais, com marginalização e isolamento (Imesc, 2014).

Já quanto à prevenção às drogas, podemos destacar três tipos. A prevenção primária, que ocorre quando o indivíduo não utilizou nenhum tipo de droga e quando o esclarecimento e a orientação fornecida por uma equipe multidisciplinar de profissionais, que trabalham com a dependência de drogas, ainda poderá contribuir para que ele reflita acerca do assunto. A prevenção secundária, quando essa mesma equipe procura tratar de uma outra forma, uma vez

que, o indivíduo experimentou algum tipo de droga e, em muitos casos, poderá estar passando por algum problema que o tenha levado a procurar ajuda. A prevenção terciária leva em consideração o fato do indivíduo estar comprometido totalmente com as drogas e, portanto, precisar de uma intervenção rápida e eficaz, pois em alguns casos ele corre o risco de vir a óbito. Para esses casos, também precisam ser levados em conta os problemas com a polícia, familiares ou ainda, de natureza financeira, com o que devem estar envolvidos.

Entre os diversos tipos de tratamento podemos citar o trabalho de redução de danos e o trabalho voltado para abstinência total. No primeiro caso, o usuário vai deixando aos poucos de utilizar a droga eleita e, no segundo, o usuário para totalmente de usar, porém vale apenas ressaltar que poderá ocorrer a síndrome de abstinência em função da falta da droga. Logo, o médico responsável deverá passar uma medicação para que o organismo entre em equilíbrio e, com o passar do tempo o médico irá retirando a medicação até que não haja mais a necessidade do remédio, demonstrando que o organismo voltou a funcionar dentro de uma normalidade (Imesc, 2014).

Zaluar (2002), por sua vez, argumenta que, embora haja alguns usuários múltiplos de maconha e cocaína, estruturam-se grupos antagônicos quanto à identidade e às imagens simbólicas associadas a essas drogas. No caso particular da maconha, os usuários apresentariam um comportamento não agitado e não agressivo, contrariamente aos usuários da cocaína. Além disso, a maconha geralmente está associada a uma vida comunitária saudável no campo, ao contato direto com a natureza, à alimentação natural, ao ócio e à luta pela paz. Já a cocaína, seria associada a um uso mais urbano, artificial e individualista, à saída noturna para boates, ao viver agitado, à degeneração do corpo e à guerra.

De acordo com pesquisa sobre o uso de drogas na realidade brasileira, desenvolvida por Carlini, Galduróz e Noto (2001), através do Centro Brasileiro de Informações acerca de Drogas Psicotrópicas — CEBRID, em 107 cidades brasileiras com mais de 200 mil habitantes constatou-se que 6,9% já tinham consumido maconha alguma vez na vida, e destes, 1% era dependente da droga. Note-se que essas informações foram geradas a partir de entrevistas voluntárias, sendo possível que este número seja maior em função do medo das pessoas de se exporem.

Integra esse processo a redefinição dos problemas que tocam mais de perto os jovens e de formas para enfrentá-los, bem como o direcionamento de recursos. Em outros termos, um componente das tensões da juventude se expressa na equação em que opõem os obstáculos ao crescimento aos anseios de liberdade. Essas tensões não se definem com base na experiência isolada. Tomando por base a premissa segundo a qual o sujeito se constitui no social, buscamos compreender os elementos que constituem suas identidades coletivas com base na noção de representações sociais, entendidas como manifestações de grupo ou como

valores compartilhados (Alves-Mazzotti, 2000; Spink, 2002) e sempre sujeitos a alteração, reestruturação e mudança (Moscovici, 2001).

Em relação à família, esta poderá ser um fator protetor ou de risco para o consumo de drogas. Os estudos genéticos mostram que filhos de pais dependentes de álcool e/ou substâncias psicoativas apresentam risco quatro vezes maior de se tornarem dependentes (Mckay; Murphy; Rivinus; Maisto, 1991).

Ensinar o jovem a lidar com limites e frustrações é função da família. Adolescentes que se desenvolvem em um ambiente com regras definidas, normalmente são mais seguros e criam recursos internos para lidar com as frustrações. Todavia, sem regras bem definidas, os adolescentes seguem um modelo desafiador em relação à família e que, no futuro, será repetido fora do núcleo da família.

Os resultados de pesquisas de Bucher e Oliveira (1994), apontam as ações de prevenção como mais eficazes do que as de repressão no combate às drogas. O jovem não precisa experimentar drogas para saber se vai fazer bem ou mal à saúde. Mesmo porque, nesse momento, ele já ouviu falar ou até mesmo em algum momento de sua vida as drogas passaram por suas mãos, através de colegas. É importante para os profissionais que lidam com adolescentes saber que tipo de informação é acessada por eles e como ela é transmitida no grupo de jovens, visando conhecer a realidade desses sujeitos e possibilitar a construção de uma relação de confiança mútua.

Inserido numa sociedade capitalista, omissa, cujos objetivos sociais e políticos giram em torno do lucro e do ganho financeiro, que leva uma parcela da população à exclusão, o poder público possui poucos recursos de fazer frente às questões relacionadas às drogas. Logo, temos de pensar com generosidade para abordar com responsabilidade a complexa realidade na qual está inserida a escola, e pensar com generosidade é abrir o pensamento para uma postura solidária e desejosa de conciliação com o outro. É querer entender as profundas diferenças que afastam e aproximam os homens em um jogo de relações que ora estão visíveis, ora se escondem, em função das contradições próprias da condição humana. Pensar na escola de uma forma mais aberta teria como consequência o confronto com a difícil tarefa de lidar com a diversidade de significados que a escola congrega.

Quase sempre a escola é vista como mero instrumento segundo o qual a sociedade prepara moralmente e tecnicamente seus integrantes para o convívio coletivo. Em determinados momentos ela é salvadora, tudo pode. Pode mudar a sociedade, revolucionar a cultura e sustentar o desenvolvimento social e econômico do País. Em outros momentos é um grande mal, triste e inútil, com ideologia dominante e elitista, e chega-se até a conclusão de ser melhor uma sociedade sem escolas (Illich, 1985). Em nossa atualidade, violenta e globalizada, a escola pode ser vista como instrumento analítico contra a criminalidade, ou ainda, um remédio para os

mais pobres (Illich, 1985).

Por outro lado, a família não acredita que a escola tenha o poder de mudar essa situação e, diante da vida e do insucesso escolar, tende a perder suas convicções sobre a confiança que devem depositar na escola. As famílias mal sabem hoje qual o melhor caminho a seguir. Quando podem, enchem o tempo dos filhos com cursos extras, esperando melhor prepararem seus filhos para a dura realidade que enfrentarão no futuro, pois não esperam ser suficiente apenas a frequência à escola.

Fala-se em escolas para pais, para ensiná-los a orientar seus filhos, mas como viabilizá-la se esses pais não frequentam regularmente a escola? Muitas vezes chegam até a porta, mais não entram. Geralmente não participam do desenvolvimento escolar dos filhos. A evasão escolar é um grande desafio para os pais e o sistema de educação. Para o INEP (2014), de cem alunos que ingressam no primeiro ano do ensino fundamental, apenas cinco conseguem concluí-lo. Em 2007, do total de alunos matriculados no Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano, 4,8% abandonaram a escola. Corresponde a quase um milhão e meio de alunos. Muitos desses alunos voltarão à escola, mas em uma condição de desfasagem idade/série, o que pode ocasionar conflitos e provavelmente nova evasão.

Muitas são as causas da evasão escolar no Brasil. Condições culturais, geográficas, socioeconômicas. Os motivos para o abandono da escola, sinalizados por pais e responsáveis, costumam ser mais frequentes nas séries iniciais do fundamental, são eles: falta de transporte escolar, distância entre a escola e a casa, doenças dos alunos, falta de interesse em ir para a escola, não ter um adulto para levar à escola, fornecer ajuda aos pais em casa e no trabalho. O número elevado de faltas e a evasão escolar ferem os direitos das crianças e dos adolescentes, segundo a LDB 9394/96 e o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, cabendo à instituição escolar utilizar todos os meios necessários para garantir a permanência dos alunos na escola. Salienta ainda a legislação, que tendo esgotado todos os recursos para evitar a evasão, o Conselho Tutelar do município deverá ser notificado para que tome todas as providências cabíveis no sentido de fazer com que o aluno frequente a escola. (Infoescola, 2013).

Em minha experiência como psicopedagogo, observo que alguns pais têm necessidade de informações sobre o assunto. Muitos sugerem palestras para orientá-los em suas dificuldades para abordar determinados assuntos com seus filhos adolescentes, tais como: as drogas, a marginalidade, os valores morais, as aflições e o distanciamento que impossibilita o diálogo aberto. Mas a escola estaria preparada para essa orientação? A escola deve ocupar esse espaço e orientar os pais? As escolas efetivamente abrem espaço de convívio para incentivar os pais e os jovens a dialogarem? De que maneira a escola e a família podem se articular nesse empreendimento?

Para Reis (2006, p. 63) “é preciso compreender os conflitos vividos pela família e pela

escola, quanto à delimitação de seus papéis”. As transformações sofridas pela sociedade nas últimas décadas resultaram no aparecimento de novos valores e padrões comportamentais. Essas mudanças influenciam as transformações de instituições seculares, como a família e a escola, alterando significativamente as relações estabelecidas entre esses agentes sociais, deixando espaços não ocupados no que tange às ações pedagógicas que não sejam especificamente didáticas.

Incentivar a participação de pais na vida escolar do adolescente, definindo papéis, funções e responsabilidades tem sido considerado uma tarefa difícil. Hoje, as novas abordagens da educação enfatizam a dialogia na relação ensino-aprendizagem. Na troca com os outros, o aluno entra em contato com informações diversificadas, que despertam curiosidades necessárias para motivar os alunos a envolverem-se nas atividades escolares. Ser conhecedor de conteúdo não basta. O aluno precisa ser ativo na construção de seu próprio conhecimento, ter espaço para opinar e trocar ideias e envolver-se com as tarefas durante as aulas, operando com os conteúdos apresentados. Na medida em que seus interesses sejam contemplados e suas ações valorizadas, a distância entre o aluno, escola e pais pode ser minimizada. Integrado na comunidade escolar, a opção pelo uso de drogas, mesmo que por simples curiosidade, pode ser melhor conhecida e conduzida.

Para Freire (2003), a curiosidade humana, indispensável ao processo de aprendizagem, não se satisfaz com uma resposta imposta. As atividades que enfatizam apenas o processo mecânico da memorização não são motivadoras, pois não exigem a participação do aluno na construção do conhecimento, através da reflexão sobre os conteúdos e da possibilidade de operar esse conhecimento em atividades práticas.

Para Silva (1999), o conhecimento é resultado da vivência de grupo, que busca construir respostas aos problemas sociais colocados em questão. Segundo o autor, a família precisa estar disposta a desenvolver um novo olhar sobre o conceito do que é educar para as drogas. É urgente a mudança de tratamento entre escola e família para que o jovem possa cada vez mais estar preparado para lidar com as drogas. Encontrar o ponto de equilíbrio, a interação, buscando o respeito e construindo o trabalho em parceria, poderá ser a solução para a educação de nossos jovens.

A comunidade escolar pode investigar a pluralidade de experiências da família, valorizando e articulando ações em favor do grupo, desmitificando o assunto drogas, de modo a evitar algumas práticas preconceituosas que inviabilizam o trabalho de prevenção. Desta forma, o espaço escolar deve promover um ambiente acolhedor para a família sentir-se à vontade para ir à escola quando precisar, tendo liberdade de expressar suas demandas. Devem se sentir seguros para falar e opinar, de modo a criar uma comunidade que pense compartilhadamente, visando diminuir os obstáculos e constrangimentos que promovem a distância entre pais, filhos

e escola.

Schenker e Minayo (2005) reconhecem o peso de fatores familiares na forma como o adolescente reage à oferta de drogas. Para as autoras, relações familiares saudáveis que apoiam o adolescente sem destituí-lo de sua autonomia atuam como proteção contra a drogadição. A fragilidade dos vínculos afetivos, por outro lado, predispõe ao consumo. Em relação à escola, consideram que sua própria função já seria preventiva. Os pais podem tornar-se exemplos para os filhos. O modo como os pais lidam com as questões das drogas tem muito mais efeito sobre o jovem do que as informações que são fornecidas. Logo, o que se faz torna-se muito mais importante do que aquilo o que se diz.

“Se a escola funcionar como instituição educacional, já estará fazendo prevenção, ou seja, uma escola autenticamente educadora é preventiva por si só. A qualidade do ensino e o aprimoramento contínuo e progressivo do sistema educacional tendem a potencializar a aquisição de valores, atitudes e condutas saudáveis, prevenindo a dependência de drogas.” (Anton, 2000, p. 106)

Não queremos fechar os olhos para as limitações com que a educação e as condições de formação e de trabalho do professor no Brasil foram sendo constituídas. Estamos cientes do papel que a educação, historicamente, ocupou para servir aos interesses ideológicos, econômicos, políticos, e da mesma ser deixada em segundo plano. Tem muito sentido, ainda hoje, o chavão “pessoa ignorante é mais fácil governar”. Assim, tanto a importância e o sentido da educação como o papel das escolas e do professor foram limitados (Hengemühle, 2004).

Para Vasco Moretto:

“... o professor competente precisa: em primeiro lugar conhecer bem os conteúdos pertinentes a sua disciplina, ter habilidades necessárias para organizar o contexto de aprendizagem, levar em conta os valores culturais de seu grupo de alunos e ter capacidade de mobilizar recursos para abordar a situação complexa de ministrar uma aula.” (Moretto, 2001, p. 29)

Os estudos voltados ao cotidiano escolar são fundamentais para se compreender como a escola desempenha o seu papel socializador, na veiculação dos conteúdos curriculares, das crenças e dos valores que perpassam as ações, interações, rotinas e relações sociais que caracterizam o dia-a-dia de uma escola.

“Esse processo de socialização, no entanto, não é tão determinístico como se poderia imaginar. Da mesma maneira como a realidade social se configura contraditória, expressando em seu cotidiano uma correlação de forças entre classes sociais, a escola, como constitutiva dessa *práxis*, vê refletidas no seu dia-a-dia todas essas e outras contradições sociais. É captando esse movimento que a escola pode absorver essa dinâmica de relações entre os sujeitos que, por sua vez, refletem os valores, os símbolos e os significados oriundos de diferentes instâncias socializadoras dentro da escola. Assim é possível visualizar-se melhor como a escola pode participar do processo de socialização dos sujeitos, que são ao mesmo tempo determinados e determinantes dessa dinâmica.” (Placco & Almeida, 2003, p.13-14)

A escola tem uma função importante na prevenção do consumo de drogas, mediante a

promoção do crescimento, do desenvolvimento e da socialização dos jovens. Ela pode revelar prematuramente problemas emocionais específicos, auxiliando a lidar com eles. Os professores precisam estimular e orientar o aluno que está inseguro e oscilante, pois eles também fazem parte do processo de amadurecimento dessa juventude.

Para Anton (2000) são grandes as vantagens que as escolas apresentam num contexto de um trabalho preventivo, entre elas, o tempo de permanência da criança na escola, não tendo a oportunidade de se envolver com drogas, pois dentro da escola a cabeça da criança estará sempre ocupada com diversas atividades. Os jovens na escola ficarão com pessoas preparadas que irão orientá-los e ajudá-los no processo educativo. No espaço escolar, haverá a possibilidade de organizar a programação adequada para cada faixa etária, promovendo o desenvolvimento intelectual do aluno. Além disso, é importante a escola estabelecer parcerias com instituições sociais de saúde e de educação no processo de desenvolvimento de toda a escola. Médicos, psicólogos, dentistas e professores poderão oferecer informações de qualidade, visando o desenvolvimento físico, mental e social dos alunos.

Para Cavalcante:

“... a escola tem um papel importante para se trabalhar a prevenção ao uso e ao abuso de drogas, além de apresentar certas características que bem aproveitadas permitirão uma maior eficiência do trabalho. O trabalho deve buscar uma continuidade, não sendo interrompido ou feito em episódios isolados. Tampouco, a escola pode prescindir do apoio e da participação dos pais, mesmo sendo uma colaboração muito delicada. Eles devem, o quanto possível, ser convidados a um maior engajamento nesse trabalho de prevenção. Devem ser vistos como parceiros privilegiados dessas iniciativas.” (Cavalcante, 2000, p. 96)

A percepção dos envolvidos na trama sobre drogas ao redor da escola é notada à medida que as informações compartilhadas por educadores, alunos e familiares se ampliam. No entanto, deve-se também observar se as substâncias não estão sendo usadas dentro da escola ou até mesmo em sala de aula. Alguns alunos fazem referência também às esquinas e quarteirões próximos a escola, como lugares de consumo de drogas (Abramovay; Castro, 2005).

Segundo pesquisa das autoras, considerando o universo amostrado de alunos, uma média de 33,5%, ou seja, um terço do total, afirma ter presenciado o consumo de drogas perto do ambiente escolar, o que corresponde a 1.551.609 estudantes. A elevada proporção de declarações sobre a existência de drogas nos arredores da escola ganha um sentido de consciência e percepção do problema pelos alunos. Assim como entre os alunos, o discurso de membros do corpo pedagógico, de escolas públicas e privadas, dá indícios de que o consumo de drogas por parte dos jovens ocorre com maior frequência fora das quatro paredes do prédio escolar (Abramovay; Castro, 2005, p. 93).

Os jovens, de maneira geral, criam expectativas de desbravar o mundo, constituir

família, ter uma profissão e ganhar dinheiro. Tudo isso é fundamental para que cresçam saudáveis e independentes. Entretanto, se o adolescente não encontrar espaço para desenvolver essas experiências com apoio da escola e da família, ele poderá encontrar esse apoio e este espaço em grupos de consumo de drogas.

A escola é um espaço potencialmente aberto e tem como função direcionar as crianças, adolescentes e jovens a diversas atividades, físicas, artísticas e culturais. Sua função é, ainda, criar oportunidades para a construção de uma consciência crítica. Nesse sentido, contribuir para uma reflexão sobre a problemática que envolve as drogas permitiria ao aluno desenvolver a capacidade de analisar criticamente o problema. Pensando em Freire (2003, p. 40), "quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente".

Cavalcante (2000, p 13), que dirige um centro de estudos sobre drogas em Fortaleza, alerta que, na relação do usuário com a droga, "o produto e o sujeito formam um duo inseparável (...) a vida passa a girar somente em torno da droga, agravando continuadas formas de marginalização: a prostituição, o roubo, a delinquência".

Segundo Charbonneau, (1988), as ações de prevenção ao uso de drogas devem começar com os adultos, sendo transparentes, claros e objetivos com o jovem, procurando fornecer informações que respondam às suas ansiedades, para que eles não se sintam constrangidos, tampouco com medo ao falar sobre drogas. Os jovens precisam estar preparados quando se colocam diante das drogas e, se estiverem esclarecidos terão mais *chances* de tomarem decisões favoráveis. Sendo assim, a escola tem importância na formação dos alunos porque está fazendo educação complementar à da família.

No caso da escola hoje, os professores não possuem em sua formação inicial informações suficientes que os possibilite atuar no esclarecimento aos alunos sobre as drogas, seja do ponto de vista legal, seja sobre as consequências do uso ou seja do ponto de vista histórico e político. O conhecimento que têm sobre o assunto vem da curiosidade pessoal de cada professor. A desinformação pode gerar uma série de preconceitos, que se expressam na prática profissional cotidiana. Hoje, no cotidiano de trabalho de qualquer professor de ensino fundamental, as drogas chegam para valer, e os professores atuam segundo suas crenças, sendo obrigados a improvisar sobre uma situação pouco conhecida para eles. Com que recursos institucionais os professores contam para lidar com o problema das drogas dentro da escola? Como os professores representam as drogas e como essas representações influenciam sua prática quando lidam com o uso de drogas de alunos dentro da escola? Que suporte é dado aos alunos que apresentam problemas relacionados ao uso de drogas dentro da escola?

O consumo de drogas mostra-se um fator de risco para os alunos em determinados contextos, como no caso as comunidades carentes. Trará efeitos prejudiciais na trajetória

escolar dos adolescentes e na sua integração social futura. No Brasil, o desafio da escola e da educação hoje é garantir uma aprendizagem efetiva e transformadora de atitudes e hábitos de vida, como estabelecido nos objetivos e finalidades definidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB 9394/1996. É preciso promover um aprendizado sobre o funcionamento do corpo, o desenvolvimento físico, emocional e moral, e possibilitar uma reflexão crítica sobre esses assuntos, de modo a articulá-los com os conteúdos do currículo escolar. A partir daí, a escola pode contribuir para uma formação nas três dimensões estabelecidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB 9394/1996: desenvolvimento pleno do educando, preparo para a cidadania e preparo para o mundo do trabalho (Brasil, 1996).

É importante, nesse caso, reavaliar os conceitos sobre o que é conhecimento, para que o professor possa, no primeiro momento, internalizar um dos seus grandes objetivos, o conteúdo significativo. Na perspectiva de uma maior racionalidade através de um trabalho multidisciplinar nas escolas, espera-se que os professores estejam “acessíveis e preparados para responder às dúvidas de maneira clara e objetiva, atentos aos riscos de seus alunos” (Bassols, 2003, p. 65).

Nesse contexto, uma ação educativa se constitui no esforço conjunto de professores no sentido de estabelecer diálogo na busca de um eixo de articulação com seus alunos, de modo a possibilitar novas experiências, integrando os diferentes enfoques disciplinares, enriquecendo sua compreensão da realidade concreta. Um processo de ação comunicativa deve ter em seu bojo um princípio de não dominação, na medida em que se buscam a participação de todos os elementos do grupo e o consenso em relação às próprias regras que vão orientar as discussões (Habermas, 1989).

Para alcançar esses objetivos, é preciso investigar as ações do professor diante dos seus alunos e se essa ação se volta para promover o domínio dos conhecimentos de que os alunos necessitam para crescerem saudáveis, plenamente conscientes de seus papéis na sociedade, como aponta Marli André:

“...o dia-a-dia da escola é o momento de concretização de uma série de pressupostos subjacentes à prática pedagógica, ao mesmo tempo em que é o momento e o lugar da experiência de socialização, que envolve todos os atores escolares.” (André, 2003, p.14)

Com base nessa problemática, podemos nos perguntar se ações no âmbito escolar poderiam contribuir para o combate ao uso e abuso de drogas entre os alunos. Quais considerações os professores tecem sobre os diferentes tipos de drogas e sobre diferentes usuários ou formas de consumo? Os professores estão construindo ou modificando suas representações sociais e suas práticas cotidianas relacionadas às drogas e ao uso de drogas? Como essas representações se refletem em suas atitudes, nas ações dentro da escola e, por

consequente, nos alunos?

O debate sobre as drogas dentro da escola faz parte do objetivo de instrumentalizar a comunidade escolar através do conhecimento sobre a problemática que envolve as drogas e o uso de drogas, tanto lícitas como ilícitas, de modo que todos possam dominar a realidade à sua volta e em seu benefício. A adolescência é um momento diferenciado e ao mesmo tempo crucial na vida do indivíduo, pois o processo de desenvolvimento nessa fase promove diversas transformações biológicas e psicológicas, que culminam na estruturação da personalidade e na construção da identidade do indivíduo. Então, é a fase mais adequada para um trabalho de prevenção às drogas. Durante essa fase, período decisivo na construção de condutas, a escola e o professor tem a oportunidade de assumir um papel destacado, devido à sua função social e por sua potencialidade em favor do desenvolvimento de um trabalho sistematizado e contínuo.

Acredita-se que professores capacitados e mobilizados à participar de ações preventivas trariam resultados positivos ao combate do consumo de alunos. Fornecendo informações para a comunidade escolar sobre os efeitos das drogas, os prejuízos físicos, psicológicos e sociais que causam, o assunto aos poucos deixaria de ser tabu. Criar um espaço de reflexão compartilhada sobre as drogas, nas conversas cotidianas entre professores, alunos, pais e direção, além de criar vínculos de apoio mútuo, serviria de referência para as atitudes e os comportamentos desses atores.

---

## **CAPÍTULO 4.**

# **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO UM SUPORTE TEÓRICO**

---

Utilizar a teoria das representações sociais como categoria analítica nas áreas da educação e da psicologia da educação fundamenta-se na confiança de que esse uso representa um avanço para o aprofundamento e revisão dos modelos epistemológicos das ciências psicossociais (Spink, 1993). Não apenas para a educação, mas, de um modo mais amplo, para a sociedade do conhecimento, a realização de pesquisas sobre representações sociais podem ser consideradas elementos relevantes para o melhor entendimento dessa sociedade.

A Teoria das Representações Sociais foi elaborada por S. Moscovici como uma teoria psicossociológica visando à construção de uma epistemologia do conhecimento do senso comum, que pudesse fornecer um instrumental teórico aos pesquisadores para a compreensão da construção do conhecimento daquilo que o autor chamou de uma sociedade pensante. O autor critica tanto a concepção sociológica como a psicológica do pensamento e considera que esse pensamento não é nem individual nem social, mas uma construção elaborada na intercessão entre estes dois níveis.

Para Moscovici, sujeito e objeto não são funcionalmente distintos, eles formam um conjunto indissociável. Isso quer dizer que um objeto não existe por si mesmo, mas apenas em relação a um sujeito (indivíduo ou grupo); é a relação sujeito-objeto que determina o próprio objeto. Ao formar sua representação de um objeto, o sujeito, de certa forma, o constitui, o reconstrói em seu sistema cognitivo, de modo a adequá-lo ao seu sistema de valores, o qual, por sua vez, depende de sua história e do contexto social e ideológico no qual está inserido (Mazzotti, 2002).

Embora a sociedade esteja sempre sob o controle de uma ideologia dominante, criada e imposta por instituições como o Estado, a Igreja, a Escola etc., o que os grupos e os indivíduos pensam não reflete apenas tal ideologia.

“Na perspectiva psicossociológica de uma sociedade pensante, os indivíduos não são apenas processadores de informações, nem meros portadores de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos que, mediante inumeráveis episódios cotidianos de interação social produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmo.” (Moscovici, 1978, p. 28)

As representações sociais são “uma maneira de interpretar o cotidiano – uma forma de conhecimento social” (Moscovici, 1981, p.181), e, ainda, “um conjunto de conceitos, proposições e explicações que se originam na vida diária no processo das comunicações interpessoais” (Moscovici, 1981, p.186). Moscovici procurou problematizar as relações entre indivíduo e sociedade, assegurando existir uma constante reconstrução do objeto que leva o sujeito a apreendê-lo e situá-lo no seu próprio universo social e material (Madeira, 2001). O atuar diário não é resultado da neutralidade do indivíduo. Muito pelo contrário, as ações do dia-a-dia se amparam numa agitação complexa pela qual os objetos que orientam as conversações e o comportamento do sujeito, vão sendo erguidos. Dessa forma, qualquer profissão é a

representação de um saber próprio, de modelos, valores, símbolos, normas, que estão conexos àquela profissão (Madeira, 2001).

As representações sociais podem ser definidas como um sistema de valores que admitem aos sujeitos se nortearem no meio social e material, estabelecendo um convívio que permita construir um indicador para distribuir a sua história particular e coletiva (Nóbrega, 2001). Elas são estabelecidas na relação entre sujeitos e um objeto, sendo sempre representações de algum grupo específico sobre alguma coisa, levando em consideração a posição que os indivíduos ocupam na sociedade, sua inserção nas relações produtivas e a cultura a qual pertencem (Jodelet, 1990; Madeira, 2001).

As representações sociais são construídas a partir da experiência de um sujeito inserido em um grupo social particular, que apreende o mundo de modo compartilhado através da linguagem e, através da linguagem, participam ativamente de sua construção. As representações sociais são elementos simbólicos expressos mediante o uso de palavras e de gestos. Utilizando-se da linguagem, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, suas opiniões acerca de determinado fato ou objeto, as expectativas que desenvolvem sobre isso ou aquilo e assim sucessivamente. Essas informações, mediadas pela linguagem, são desenvolvidas socialmente e estão aportadas no campo da circunstância real dos homens que as emitem (Franco, 2004).

Para Denise Jodelet (2001), as representações sociais articulam elementos sócio afetivos, integrando-os à cognição, à linguagem e à comunicação e contribuindo para a formação de identidades coletivas. Constituem-se, portanto, em um referencial teórico adequado à investigação de grupos particulares.

Segundo Franco (2004, p. 176):

“... constituem-se em recurso analítico que permite apreender a identidade de grupos particulares. Essa característica tem feito das representações sociais uma ferramenta metodológica de peso e mostra-se valiosa no estudo da juventude em vista da multiplicidade de questões que atravessam esse período da vida, multiplicidade condicionada inclusive por contingências de vida. É possível assim buscar, com o estudo das representações sociais, as singularidades de grupos específicos.”  
(Franco, 2004, p. 176)

Reigota (1995, p.70) enfatiza que “as representações sociais equivalem a um conjunto de princípios construídos interactivamente e compartilhados por diferentes grupos que através delas compreendem e transformam a realidade”. Deste modo, cada pessoa está cercada, tanto individual quanto coletivamente, por palavras, pensamentos e figuras que adentram pelos seus olhos, ouvidos e mentes, e que as afetam mesmo sem saberem. Sempre existe certa quantidade, tanto de autonomia, como de condicionamento em cada ambiente, seja ele natural ou social e, neste caso, em ambos diz-se que as representações possuem duas funções: categorizar e prescrever (Martini; Furegato, 2008).

As funções das representações sociais, para Abric (2000), desempenham papel fundamental na dinâmica das relações sociais e das práticas cotidianas. O autor considera quatro funções das representações sociais. A função de saber é responsável por permitir que se possa compreender a realidade e assimilá-la de forma simplificada. É ela que permite que os indivíduos integrem conhecimentos a um quadro assimilável, tornando-os compreensíveis e coerentes com seu próprio funcionamento cognitivo, e também que adaptem esses conhecimentos aos valores dos seus grupos de pertencimento.

A função identitária permite aos indivíduos a identificação com determinados grupos sociais. Ela é sempre marcada por uma super-avaliação das características do grupo, o que garante uma imagem positiva desse grupo a respeito de quem entra, como resultante. A função de orientação guia os comportamentos e a prática dos grupos. É um processo de orientação das condutas, atuando na definição das situações e o tipo de conduta que lhe é pertinente. Ela produz um sistema de antecipação e expectativas. É, desse modo, uma ação sobre a realidade, sendo prescritiva de comportamentos e práticas obrigatórias.

A função justificatória é a responsável por validar as decisões e comportamentos diante do grupo. Ela permite que os atores sociais expliquem suas condutas aos seus parceiros. Se a situação for de competição entre grupos, as representações serão progressivamente reelaboradas, para justificar possíveis comportamentos hostis perante outro grupo.

Compreender as funções das representações sociais para este trabalho é demasiadamente importante se levarmos em consideração o assunto "consumo de drogas". A maneira como cada grupo de professores pensa sobre essa questão sustenta, de certa maneira, suas práticas no espaço escolar. Na medida em que a comunicação interfere na construção, manutenção e transformação de representações sociais, ela é fundamental em qualquer estudo sobre representações sociais. Nas trocas comunicativas é que se disseminam, se concretizam e se modificam as representações sociais. Moscovici, desde o início da construção da teoria das representações sociais, preocupou-se em como a comunicação de massa favoreceu e ajudou a popularizar termos específicos da psicanálise (Clémence *et al.*, 2011). A comunicação realiza um papel muito importante nas diversas trocas sociais, possibilitando a construção de um sentimento forte de pertencimento social.

Em relação às origens, Moscovici (1978) divide as representações sociais em hegemônicas, emancipadas e polêmicas. As hegemônicas se referem às representações herdadas de sistemas mais amplos como o Estado, as Leis e a Igreja, que são coercitivas, por isso são estáveis e se aproximam das representações coletivas de Durkheim (1978). Elas não são prioridade na teoria das representações sociais, pois Moscovici pretende analisar as representações que instauram o novo no pensamento social. Essas são as representações sociais emancipadas e as polêmicas, que sofrem mudanças em função dos interesses dos

grupos.

“... as emancipadas, advindas da circulação dos saberes compartilhados de determinados subgrupos que se encontram em contato mais ou menos estreito, onde cada subgrupo constrói uma visão própria e a partilha com os outros; e as polêmicas, que são derivadas de conflitos sociais causados pela oposição entre as ideias de grupos rivais.” (Castro, 2014a, p. 38).

As representações sociais, portanto, remetem aos pensamentos que são construídos compartilhadamente e que são característicos das sociedades modernas, que forçam os indivíduos a constantemente tomarem posições em relação às informações contraditórias disponibilizadas na mídia. Nesse sentido, para que se construam novas representações, é preciso que essas informações estejam disponibilizadas nos grupos e sejam de seu interesse, na medida em que os incomode a ponto fazê-los colocar o assunto em discussão, visando à construção de uma representação que se adapte à identidade social do grupo. Representações sociais são moldadas e comunicadas para tornar o mundo cotidiano mais emocionante, ou seja, elas satisfazem às necessidades dos indivíduos de estarem integrados afetivamente a determinados grupos.

Para Moscovici (2003), as representações sociais constituem-se, em sua estrutura, de um elemento conceitual e outro figurativo. Quer dizer que os indivíduos devem introduzir o novo e categorizá-lo dentro do que já é familiar para eles, formando um conceito sobre o objeto de modo compartilhado, para que não ameace a identidade social do grupo. O sujeito elege ainda as características principais do objeto, aquelas muito significativas para ele, possibilitando a construção de um modelo de fácil acesso, por uma questão econômica, para ser usado nas trocas sociais intra e intergrupos.

As representações sociais se caracterizam por um processo de construção dinâmico, com idas e vindas, que são marcadas pelas experiências do sujeito dentro de seus grupos de referência, onde "emerge uma tendência no desenvolvimento psicossocial de uma ideia ou uma informação" (Moscovici, 1988, p. 237).

Segundo Moscovici (2013; 1984, p. 190):

“... as representações sociais têm por função principal a comunicação e a ação, e assessoriam a coerção ou a coesão de um grupo. O homem as produz menos por um processo de raciocínio e de tratamento de informações do que por um processo de comunicação e de ação sobre os outros e sobre o mundo. Elas transformam mesmo toda ação em uma ação semiótica ou “comunicativa” que veicula significados e símbolos.” (Moscovici, 2013, 1984, p. 190)

Dois processos estão envolvidos na construção de representações sociais: a ancoragem e a objetivação. Esses dois processos ocorrem numa relação dialética, um interferindo no outro e assim ininterruptamente até a eleição de uma representação coerente para o grupo. No processo de ancoragem, esse “ancoramento” do novo se dirige ao que Moscovici resolveu chamar de “mar familiar”. É uma metáfora utilizada para descrever um

processo de significação e conceituação de novos objetos a partir da possibilidade de integração aos significados e conceitos já construídos compartilhadamente e utilizados como referências para determinado grupo. É importante destacar que representações sociais não são pessoais, mas sempre são construídas coletivamente na comunicação cotidiana intragrupal, principalmente quando existe uma ameaça à identidade do grupo.

Podemos exemplificar o processo de ancoragem através da maneira como são considerados amplamente na sociedade os usuários de drogas ilícitas, “denominados coloquialmente de viciados, carregam uma imagem negativa perante a sociedade, contudo sem causar estranheza quando tal assunto é abordado tanto em situações casuais/cotidianas, quanto de forma científica” (Lacerda; Santos; Ferreira, 2013, p. 26-27). Quando falamos de viciados, associamos esse termo geralmente aos viciados em drogas ilícitas, não nos referimos ao uso compulsivo de outras substâncias, como coca-cola, chocolate e mesmo a bebida alcoólica, ou à compulsão por trabalho, por sexo etc. O vício pode ser definido como a falta de controle do sujeito em parar com o consumo ou comportamento, mesmo quando tem consciência dos prejuízos em sua vida. Essas outras compulsões não são representadas pela sociedade associadas à marginalidade. Nesse sentido, o termo “drogas” se associa ao termo “viciado” como algo negativo, da ordem da marginalidade.

A objetivação é o processo segundo o qual um conceito se reduz a uma imagem que possa comunicar rapidamente sobre um determinado objeto. Segundo Moscovici (2003, p. 71), “descobrir a palavra icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem”. No processo de objetivação, constrói-se uma forma específica para a comunicação sobre o objeto, “qualquer indivíduo ao ver um usuário de *crack*, por exemplo, será capaz de rotulá-lo de ‘viciado’, assim expressando essa representação” (Lacerda; Santos; Ferreira, 2013, p. 27). Porém, nem todos que experimentam *crack* tornam-se viciados ou marginais violentos. Os consumidores viciados, que convivem com a dor física diariamente se não utilizam a droga, têm que conviver também com o peso moral associado ao consumo, em função das representações negativas que são espalhadas pela mídia, tendo ele como principal alvo. Além disso, esses indivíduos não contam com uma estrutura de qualidade no serviço público habilitada para atendê-los (Lacerda; Santos; Ferreira, 2013).

O exemplo indica que as representações sociais são ações sociais, por instigarem comportamentos e práticas. No caso do consumo de drogas, a veiculação na mídia sobre o problema do aumento do consumo e da violência no tráfico tem uma enorme repercussão na população, sendo fonte de construção, manutenção ou transformação de representações sociais de diversos grupos, que comentam em suas conversas as notícias empacotadas para o consumo dos leitores e telespectadores, na medida em que a velocidade e a quantidade em que são apresentadas não deixa um tempo mínimo para a reflexão. A forma como são

veiculados os diversos casos relacionados às drogas pretendem sensibilizar a população sobre o problema, porém de forma direcionada. A postura adotada pela média deixa a população em “um estado de medo e insegurança diante de um inimigo percebido como poderoso onipresente e invisível” (Novo, 2006, p. 39).

As representações sociais sobre as drogas, no entanto, devem se caracterizar atualmente como emancipadas ou polêmicas, na medida em que esse objeto tem provocado posturas antagônicas na sociedade brasileira, em função das campanhas para a descriminalização das drogas, ou seja, informações contrastantes estão sendo disponibilizadas pela média tanto a favor como contra a essa nova perspectiva política de mudança na maneira de conceber as drogas. Nesse sentido, a pesquisa é relevante porque permite uma análise das tendências do grupo de professores em meio a esse debate.

#### **4.1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E DROGAS**

As representações sociais de professores orientam as suas condutas em relação às drogas e aos usuários dentro da escola. Compreendemos que essas representações estão em fase de transformação em função das novas diretrizes da legislação educacional, que salientam a necessidade de se discutir com os alunos os problemas que a sociedade enfrenta, e da polêmica em voga sobre a descriminalização da maconha. Sendo as drogas uma espécie de tabu dentro da escola, principalmente no caso da escola que será investigada, e sendo uma problemática que vem se agravando nas últimas décadas, atingindo os jovens estudantes, procurou-se identificar possíveis mudanças que possam estar ocorrendo nas concepções dos professores, sobre as drogas e sobre os usuários, buscando suas dificuldades na prática cotidiana relacionada aos problemas de consumo dentro da escola.

Para Anadón e Machado (2003), se levarmos em consideração as pesquisas que demonstram que as transformações nas representações geram mudanças nas práticas, bem como que as modificações que levam a alterações nas práticas sociais solicitam novos projetos ordenadores, alterando as representações sociais sobre determinado fenômeno, acreditamos que as representações sociais de educadores sobre as drogas subsidiam suas atitudes e suas ações, na mesma medida em que as experiências compartilhadas no espaço escolar possibilitam a construção de representações sociais específicas.

As drogas estão cada vez mais presentes no espaço escolar, embora provoquem o medo dos professores e a negação da escola. É um objeto que incomoda e, de certa forma, ameaça os educadores, porque eles não têm controle sobre os jovens usuários, geralmente rebeldes. Além disso, a interferência das drogas no funcionamento cerebral tem consequências no processo de aprendizagem, o que exige o posicionamento do grupo perante elas.

As informações disponíveis na média de massa sobre as drogas caracterizam-se por

uma exposição contínua desse objeto, propiciando debates em todos os segmentos da sociedade. Quando estabelecemos uma relação entre a mídia e o consumo de drogas, notamos que ocorre um verdadeiro bombardeio de notícias sobre a temática, que consideram tanto as questões biológicas como as de foro individual e coletivo.

“Um evidente descompasso diz respeito ao conjunto de informações sobre ‘drogas ilícitas’ – maconha, cocaína, entre outras, em comparação as lícitas – álcool e tabaco. De um lado, a população recebe uma série de informações sobre a violência relacionada ao tráfico e sobre os ‘perigos das drogas’ e, de outro, é alvo de sofisticadas propagandas para estímulo de bebidas alcoólicas e de cigarros.” (Noto *et al.*, 2003, p. 70)

Logo, ao tratarmos de diferentes tipos de substâncias que compõe cada droga, vamos descobrir que a mídia separa um lugar sob o ponto de vista da disseminação das informações, de acordo com a licitude ou não do produto e o seu poder agravante. Situações essas que poderão ter influência na comercialização desses produtos.

Na década de 70, a imprensa deu ênfase a um avanço do uso de cocaína, maconha, LSD e heroína, entre estudantes. Na verdade, pesquisas de epidemiologia constataram que essa quantidade de usuários era bem pequena. Mas, anos mais tarde, quando de fato houve um aumento bastante substancial de consumidores de drogas ilícitas, esse ocorrido potencializou a reação da sociedade, promovendo comportamentos e manifestações mais desesperadores do que seria de se esperar (Lacerda; Santos; Ferreira, 2013).

Para Noto *et al.* (2003), o fato de a imprensa ter alardeado um aumento do uso de alguns psicotrópicos anos antes de acontecer, poderia ser encarado de várias maneiras: a mídia como indutora do uso – incentivando o uso pelo excesso de informações; a mídia como indicador epidemiológico – já que teria sido capaz de detetar um fenômeno antes que esse fosse mensurado pelos serviços públicos de epidemiologia; ou um mero acaso com fatos relativamente independentes – sem relação direta de causa-efeito, entre outras possibilidades.

Outra questão que preocupa muito é a estigmatização do usuário de drogas pela sociedade, criando vínculos negativos para estes, comprometendo a sua educação, a sua saúde assistida, as suas possibilidades de emprego e muito mais, dificultando o desenvolvimento de tratamentos e ações de prevenção. Como se já não bastassem os atos discriminatórios da sociedade para com eles, esses usuários ainda precisam lidar com os comprometimentos sérios de ordem física (Ronzani, 2009).

Para Moscovici (1988), as representações sociais são fruto dos acordos que estabelecemos em nossas relações com os outros e organizam o pensamento social sobre os objetos que se inserem na comunicação cotidiana. Nesse sentido, as drogas têm diversos estatutos, dependendo dos interesses de cada grupo social.

“E todos nós percebemos o quanto a realidade social difere, por exemplo, quanto ao uso de drogas, dependendo de se é visto e representado como um defeito genético, um sinal de desestruturação familiar, uma tradição cultural ou uma substância exigida para um ritual de grupo. Resumindo, todo comportamento aparece ao mesmo tempo como um dado e um produto de nosso modo de representá-lo.” (Moscovici, 1988, p.214)

Os professores poderão decidir e reavaliar suas práticas a partir do confronto com suas atuações diárias. Freire (1996, p. 24) enaltece o papel do professor afirmando que “gestos aparentemente insignificantes dos professores podem valer como força formadora do educando”. Devemos ressaltar que, através de sua prática docente, os professores poderão apropriar-se de novos conhecimentos, mas que as mudanças e transformações ocorridas só irão se concretizar assim que o professor expandir o seu conhecimento sobre a sua própria atividade. Assim, os programas de prevenção acabam não funcionando nas escolas, porque os professores não observam as questões psicossociais dos alunos. “Um fator de fracasso da prevenção é aquele que considera esta atividade um evento isolado, dissociado de um planejamento global ou integrado” (Cruz, 2002, p. 40).

A complexidade dos fatores envolvidos na produção, distribuição e negociação das drogas determina que sejam implantadas ações que ultrapassem o âmbito da sala de aula. É importante a execução de programas de prevenção em todos os setores da Instituição. A finalidade da prática educativa comporta fazer com os alunos uma reflexão crítica a respeito da sua vida. Vale lembrar que não existem modelos, mas percebe-se que são possíveis múltiplas abordagens sobre as questões ligadas às drogas. As características encontradas em cada comunidade, os usuários de drogas da região, tipos de drogas mais utilizadas, poderão ser discutidas sim, dentro de sala de aula, procurando obter assim melhores resultados (Cruz, 2002, p. 40).

Além dos problemas relacionados a currículo, baixos salários e má formação do professor, as escolas têm ainda que enfrentar as implicações com o crime organizado, quando o assunto são os jovens na fase escolar. É notório que muitas vezes os alunos não podem frequentar o colégio em função dos tiroteios, que acontecem próximo às suas residências ou por causa da disputa entre as quadrilhas da região. É comum o porte de arma entre os estudantes. São encontradas armas de fogo, facas, canivetes e até mesmo objetos de uso de academias de artes marciais, visando o confronto direto com seus rivais. Fica claro que o valor do professor cai em comparação com o valor oferecido pelo dinheiro fácil e pela posse de armas (Zaluar, 2004).

Mas são os adolescentes acima de 14 anos que estão sendo assassinados. Pesquisas no Estado do Rio de Janeiro sugerem que 50% dos homicídios de adolescentes entre 15 e 18 anos seriam atribuídos à ação de grupos de extermínio, 40% a grupos de traficantes de drogas e 8,5% à polícia, assegurando que os homicidas não são encontrados e continuam

desconhecidos (Zaluar, 2004). O problema seria separar esses três grupos e ter a certeza de quem são os responsáveis pelas mortes. Deparamo-nos nas ruas com policiais corruptos que operam como grupos de extorsão e que podem ser classificados como grupos de extermínio -- quadrilhas de traficantes e assaltantes que não usam métodos diferentes daqueles usados pela polícia.

O tráfico de drogas faz parte do cotidiano de certas escolas. Considerando relatos de alunos, encontramos resultados sobre a presença do tráfico nas escolas (vide tabelas 1, 2 e 3 - anexo). De acordo com os dados da pesquisa realizada pela UNESCO 2003/2004 (Abramovay, 2005) cerca de 9% dos alunos (147.467) afirmam que existe tráfico em suas escolas, mas a maior parte dos alunos (58%) declara que não sabe se existe tráfico de drogas na escola, o que pode sugerir a influência da lei do silêncio, ou simples medo. Dos professores, 14% do corpo técnico-pedagógico, ou seja, professores, diretores e agentes administrativos, indica a existência de tráfico de drogas na escola, enquanto a maioria, (64%) declara não saber, chegando a 22% os que dizem que não há tráfico de drogas na escola. Entre os adultos, há diferenças significativas em relação à percepção sobre o tráfico nas localidades pesquisadas. Note-se que Porto Alegre (25%) e São Paulo (17%) se sobressaem como as localidades onde há uma maior percepção sobre a existência de tráfico na escola. Já em Salvador, a proporção é a mais baixa, cerca de 6%.

O jovem está sendo culpado pela violência da sociedade, esse jovem que aos poucos vai se distanciando de sua família e da escola e passa a viver na rua, se submetendo a diversos tipos de abusos por parte dos adultos e da própria polícia, que consomem drogas e se envolvem com produtos roubados como forma de manter sua adição. Seriam esses adolescentes os responsáveis pelos homicídios mais violentos ou, na realidade, eles praticam apenas os crimes considerados de menor gravidade?

No meio desses acontecimentos está a figura do professor, impotente, doente, exausto e despreparado para lidar com questões tão complexas e que parecem distantes de serem resolvidas.

## **4.2. O DISCURSO COMO FERRAMENTA DE ACESSO ÀS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

Este trabalho pretende utilizar uma análise do discurso retórico de professores sobre as drogas, sobre os usuários e sobre as ações de prevenção ao consumo, buscando suas representações sociais. Torna-se necessário, portanto, apontar como se está considerando o significado de discurso. Para Spink (2000, p. 155) “os discursos podem competir entre si ou criar versões da realidade que são distintas e incompatíveis. Conhecer alguma coisa é conhecer em

termos de um ou mais discursos”. Um discurso é apreendido como o uso institucionalizado da linguagem e de sinais do tipo linguístico, sendo que essa transformação poderá ocorrer em condição cultural, político ou social ou até mesmo em pequenos grupos (Spink, 2000, p. 155).

John Shotter (1993), afirma que nos últimos anos, a ciência comportamental e social vem crescendo em importância, em vista do que declaramos sobre determinados temas, mais do que pela natureza dos temas que escolhemos discutir. Segundo o autor, vem sendo ostentado que o indivíduo acaba dando sentido a tudo o que faz, dentro de uma determinada realidade, intralinguística, discutida e criada junto à sociedade. A linguagem, para o autor, é uma ferramenta psicológica com a qual estabelecemos distintas relações com os que nos cercam e produzimos sentidos para nossas questões. Os significados atribuídos são fruto das trocas sociais e possibilitam a comunicação com os que estão a nossa volta e que comungam a mesma linguagem.

Para Foucault (1986), o discurso comporta algo mais do que a simples descrição de uma realidade. Um discurso expressa uma visão particular dessa realidade, elaborado por um conjunto social específico, que estabelecem regras de uso.

“... gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva.” (Foucault, 1986, p.56)

O discurso é estabelecido a partir de interesses particulares. Nesse sentido, o importante, então, é procurar essas estratégias utilizadas pelos falantes, que darão o significado do discurso em determinado momento. Não mais tratar os discursos como conjunto de signos – elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse ‘mais’ que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 1986).

Michel Foucault nos remete às relações de saber e poder, que implicam-se mutuamente. Enunciados, textos e instituições constituem práticas sociais entrelaçadas às relações de poder que os definem. O discurso extrapola a simples referência a coisas, existe utilizando-se de uma linguagem que estabelece e reforça os acordos sociais. Foucault (1986, p. 146) escreve “o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história”. Portanto, pensar que o discurso é notadamente histórico significa falar da relação entre o discurso que é manifestado e o que está latente, implícito. Separar o lado de dentro do lado de fora dos discursos significa falar na relação entre saber e poder, continuação e descontinuação da história. Nesse sentido, a apreensão dos significados de um discurso deve levar em

consideração a análise dessa relação.

Para Bakhtin (1985b), o enunciado é a unidade concreta e real da comunicação discursiva, uma vez que o discurso só pode existir na forma de enunciados concretos e singulares, pertencentes aos sujeitos discursivos de uma ou outra esfera da atividade e comunicação humanas. Assim sendo, o enunciado para Bakhtin, apresenta-se através de um novo acontecimento, um momento único, não sendo mais repetido em uma comunicação discursiva. O enunciado representa apenas um elemento neste processo complexo, porém contínuo, da comunicação discursiva.

#### **4.2.1. As novas abordagens da retórica**

Aristóteles foi quem deu o passo categórico que fez da retórica uma matéria ilustre. Para a retórica, a argumentação deve ser compreendida como um conjunto de estratégias que constituem o discurso persuasivo, com intenção de persuadir. Ch. Perelman e Olbrechts-Tyteca (1987) investigaram essas estratégias argumentativas e elaboraram uma teoria da argumentação e a denominaram “Nova Retórica”, que mostra uma racionalidade específica do mundo moderno, presente nas conversações do cotidiano.

As novas abordagens da retórica criaram possibilidades para o estudo das argumentações da vida cotidiana e consideram que as pesquisas sobre a argumentação devem estar associadas à lógica de que as ideias e atos de qualquer pessoa somente são usados se servem à solução imediata de seus problemas. Para uma melhor compreensão do que é a argumentação de Perelman, podemos complementar dizendo que a argumentação é um tipo de relação discursiva que liga um ou vários argumentos a uma conclusão. A argumentação existe onde há controvérsias sobre determinado assunto, e os argumentos sempre serão a favor ou contra determinada tese. A argumentação ocorre quando se pretende exercer uma ação sobre um auditório, auditório considerado aqui como o conjunto de pessoas que o orador quer influenciar. Há necessidade, por outro lado, que esse auditório esteja disposto “a escutar, a sofrer a ação do orador, e isso a propósito de uma questão determinada” (Perelman, 1987, p. 235).

Na argumentação, esperamos que o auditório possa entender o que falamos e adaptamos o nosso discurso ao que acreditamos que essas pessoas possam aceitar, para que consigamos sua adesão. A forma de um discurso é fundamental para se influenciar um auditório. Se o orador não se faz entender, será pouco provável que consiga o apoio esperado.

Quando uma pessoa argumenta ela pode dispor de uma infinidade de formas de dizer o que quer dizer. As hipóteses que baseiam sua estratégia argumentativa são o conjunto de premissas que o locutor acredita serem aceitas pelo seu auditório. Segundo Perelman (1993, p. 43), “adaptar-se ao auditório é, sobretudo, escolher como premissas de argumentação as teses

admitidas por este último". Parte-se do pressuposto que, para que haja argumentação, é necessário que exista uma controvérsia, ou seja, quando um orador constrói sua argumentação pressupõe que sua tese não é de imediato aceita. Caso ele queira obter adesão, ele deverá optar por utilizar ideias que ele acredita já serem aceitas e ligá-las formalmente à sua tese, de modo que o auditório sinta-se compelido a aceitar o conjunto de ideias apresentadas. A junção que envolve as premissas adotadas com a tese é particular à ocasião e a conjuntura em que se encontra o falante.

No entanto, por mais que o orador reconheça as expectativas, crenças e valores de seu auditório esse reconhecimento jamais será completo. Trata-se de uma interpretação do orador, que varia de acordo com a distância entre o que é concebido pelo orador como aceito pelo auditório e o que verdadeiramente é aceito por este. Os argumentos dominantes são classificados, pois "generalizam aquilo que é aceito a propósito de um caso particular – ser, acontecimento, relação, ou transpõem para outro domínio o que é admitido num domínio determinado" (Perelman, 1996, p. 211). Na proximidade entre o orador e o auditório, alguns elementos surgem como constituintes de um acordo prévio onde ocorrerão as condições mínimas necessárias para uma relação argumentativa. Estar preparado para ouvir, poderá significar mais do que simplesmente escutar. Nota-se, então, uma ampla harmonia entre a teoria da argumentação e o método de ensinar através do diálogo. Acomodar-se ao auditório é tomar conhecimento de suas características, para assim basear a sua argumentação.

As técnicas argumentativas podem ser divididas em três grandes categorias. A argumentação "quase lógica" se vale das estruturas formais matemáticas, ou seja, utilizam ligações entre tese e premissas semelhantes às utilizadas nas relações matemáticas, porém em contextos controversos. Sua força argumentativa está na semelhança das relações matemáticas, relações necessárias, não controversas. Como exemplo, se um aluno apresenta bom rendimento, é lógico que ele continuará obtendo bons resultados na vida. Essa relação geralmente é utilizada pelos professores e sustentada na teoria dos conjuntos, como uma forma de persuadir o aluno a estudar para fazer parte do conjunto dos vencedores. Esse tipo de argumentação parte de uma regra geral para se chegar ao particular. Todavia, a conclusão não é imprescindível porque é apenas provável que tal acontecimento se torne verdade. É importante salientar que essa estratégia se dá num contexto onde se admitem contestações. (Lemgruber; Oliveira, 2011). Não se pode ter certeza que isso ocorrerá.

Os argumentos "fundados na estrutura do real" são aqueles que empregam relações comuns da realidade para afirmar a tese, baseados em relações de causa e efeito ou em relações de coexistência, que expressam ligação entre elemento e conjunto, pessoa e características. Podem atribuir maior valor às consequências ou às causas, dependendo da intenção do orador. Como exemplo: feriado na terça-feira é causa de pouca frequência na

segunda-feira. Essa tese se vale da experiência compartilhada em determinados contextos. Isso é utilizado argumentativamente para suspensão das aulas na segunda-feira.

Já os argumentos que "fundam a estrutura do real" se baseiam na indução, na qual, a partir de um caso específico é possível estabelecer uma regra geral (Lemgruber; Oliveira, 2011). Refere-se aos argumentos que podem valer-se de um exemplo específico, de um modelo, da analogia e da metáfora. Um professor em sala de aula, percebendo o envolvimento de alunos com drogas, poderá utilizar-se de exemplos negativos de indivíduos usuários que sofreram danos em função da adição. Poderá, contrariamente, usar modelos de pessoas que obtiveram sucesso depois que largaram as drogas. Um professor pode persuadir um aluno a parar de pedir pontos numa vista de prova dizendo que ele parece um mendigo em porta de igreja. Essa analogia se vale da desvalorização que a sociedade faz da mendicância.

Os acordos são a base para a construção de estratégias argumentativas. Os acordos são ideias que são geralmente compartilhadas por vários auditórios. O orador vai utilizar acordos que ele acredita serem aceitos pelo auditório e ligá-los com a sua tese, que ele acredita não ser ainda aceita pelo mesmo. Mas os acordos são sempre uma hipótese do orador. O auditório pode não compartilhar dos acordos usados pelo orador. Nesse sentido, ele não obterá a adesão do auditório. Para adequar-se às diferentes opiniões, o orador, muitas vezes, recorre a acordos que geralmente são aceitos pela maioria dos auditórios.

Perelman classifica esses acordos em duas categorias: os que apelam para o real e os que se utilizam de valores, no caso, do que é preferível. Caso opte pelo real, o orador poderá utilizar-se daquelas premissas que têm estatuto de verdades, fatos ou presunções. O orador não precisará de maiores explicações se seus argumentos estiverem relacionados ao que o orador acredita ser aceito pelo auditório como fatos e verdades. Se for considerado um fato, o orador não justificará, pois um fato é inquestionável na medida em que tem estatuto de objetividade, independente da interpretação de um sujeito. As verdades são princípios gerais que se acredita regerem a realidade, como por exemplo, a existência de Deus para os religiosos.

A presunção, em muitos casos, é uma forma de relacionar eventos que geralmente são amplamente aceitos, induzir um acontecimento a partir de outro. A presunção difere dos fatos, pois precisa ser justificada perante o auditório universal. Como exemplo, pode-se presumir que o fato de um aluno tirar nota 10 é resultado do aprendizado. Mas na realidade pode significar que ele não estudou de fato, apenas copiou as respostas de um colega (Lemgruber; Oliveira, 2011). Se o orador opta por uma postura mais tradicional em educação, o resultado de avaliação é suficiente para a aprovação, presumindo-se que o aluno aprendeu. Porém, no contexto das novas abordagens em educação, responder certo não significa necessariamente que houve aprendizado, pois essas abordagens não se centram apenas na aquisição de

conteúdos, mas no processo de aprendizagem, que deve ser avaliado de diversas formas.

Quanto aos acordos que fazem parte do preferível, nos quais estão incluídos os valores, as hierarquias de valores e os lugares do preferível, Perelman (2005, p. 84) afirma que “estar de acordo acerca de um valor é admitir que um objeto, um ser ou um ideal deve exercer sobre a ação uma influência determinada, que se pode alegar numa argumentação, sem se considerar, porém, que este ponto de vista se impõe a todos”. O valor admite uma ideia, sustenta o entendimento de que isso não será uma imposição, pois os valores poderão ser diversos e os grupos também. Os valores sinalizam para uma atitude ideal diante do real. Nesse sentido, dependem do sujeito.

Na hierarquia de valores, o orador, durante a persuasão, concede níveis de importância variáveis aos valores, buscando a adesão de acordo com cada auditório. “A hierarquia de valores é mais importante do que os valores, quando pensamos na estrutura de uma argumentação” (Perelman, 2005, p. 92), pois, geralmente, os valores são aceitos pela maioria dos auditórios, porém com intensidades diferentes em cada grupo.

O último objeto de acordo classificado por Perelman diz respeito aos lugares do preferível. Devemos entender como “lugares” os espaços onde se guardam expressões que apontam relações amplamente aceitas, prontas para serem evocadas numa discussão. O lugar poderá funcionar como depósito de argumentos e, havendo necessidade, esses argumentos poderão ser utilizados pelo orador (Perelman, 2005). Por exemplo, visando ao aprendizado, são preferíveis turmas pequenas, de no máximo 30 alunos. Esse lugar apela para uma máxima comum, que privilegia a qualidade em detrimento da quantidade, no contexto educacional, ou da singularidade em detrimento da padronização do ensino.

A análise das estratégias argumentativas serve para extrair o estatuto dos acordos utilizados pelo orador, se são aceitos ou não pelo auditório, possibilitando observar não só as teses defendidas pelo orador, como os acordos compartilhados utilizados para defendê-la, que expressam as representações sociais dos grupos que estão sendo investigados.

#### **4.2.2. Os implícitos do discurso**

No cotidiano, nem tudo que está sendo dito em uma conversa está expresso nas palavras. Dentro de um grupo semiótico particular, muito do que é falado não precisa estar explícito para ser entendido, porque os sujeitos compartilham códigos de linguagem, os acordos. Quanto mais tempo um grupo de pessoas convive, maior a possibilidade de entendimento entre eles. Em muitos casos, o entendimento entre as pessoas não ocorre em função de não compartilharem das mesmas experiências que envolvem a linguagem. As regras e normas sociais estabelecem o que é admissível estar ou não explícito em nossa linguagem, tomando como base as hierarquias e convenções sociais (Perelman, 1993). O que é dito por um

orador numa conversa poderá ser compreendido pelo auditório, somente se houver possibilidade dos interlocutores compartilharem os significados dentro daquele contexto de enunciação. Quando isso ocorre, pode-se ser econômico. Quando um jovem usa uma gíria, por exemplo, "formou", quando é chamado para uma balada, essa palavra significa que ele aceitou ir à balada e que valoriza o evento. Uma pessoa de um grupo semiótico distinto, um idoso, provavelmente não entenderia essa resposta e perguntaria "formou o que?" (Castro, 2014a).

As drogas ilícitas, por exemplo, pressupõem que o indivíduo que as usa poderá, a qualquer momento, ser preso pela polícia, todo mundo sabe disso. Se por acaso um jovem usuário fumar maconha no meio da rua, seu colega pode chamá-lo de louco. Esse enunciado poderá significar tanto que ele pode ser preso como que ele é um sujeito-homem macho, indicando coragem. Isso vai depender dos códigos compartilhados pelo grupo em que esses atores estão inseridos.

Oswald Ducrot (1972) definiu duas naturezas de implícitos presentes no discurso: os que se referem ao enunciado, que são chamados de pressupostos; e os referidos aos atos de fala, que são chamados de subentendidos. O pressuposto pode ser identificado no próprio enunciado e é um prolongamento do que está explícito. Por exemplo: um sujeito pode enunciar a seguinte frase "se todo mundo usa drogas, por que eu também não vou usar?". Nesse caso, não é necessário responder à pergunta, pois quem enuncia a frase não espera resposta. Na verdade é uma afirmação que legitima o uso a partir de que ele foi estabelecido como uma prática comum. O sentido da frase deve levar em consideração o contexto, a situação e o grupo o qual o sujeito está inserido, além do auditório ao qual é direcionado o discurso, de modo a compreender a intenção do orador naquele momento, já que se trata de um enunciado que visa à persuasão.

O subentendido, não pode ser retirado diretamente do enunciado, deve-se inferi-lo pelo contexto de enunciação. Ele é uma interpretação possível e plausível sobre o enunciado. Ele normalmente é empregado quando não se pode dizer alguma coisa de forma explícita, mas há a necessidade ou a vontade de fazê-lo. O orador utiliza a condição de deixar subentendido aquilo que o perturbaria se dissesse explicitamente. Na verdade, o subentendido, quando utilizado pelo orador, tem o benefício de desobrigá-lo da responsabilidade pelo que foi falado (Ducrot, 1972). No exemplo acima, a intenção do orador pode valorizar o uso sem se comprometer com isso, na medida em que o discurso legitimado recrimina o uso de drogas. O significado daquilo que está subentendido é possível quanto mais conhecimento se tem do grupo semiótico a que o orador pertence e o contexto que envolve o discurso.

Outro exemplo que mostra como algo pode ser dito na forma de um subentendido é a maneira de falar de um usuário de drogas: "mandei o primo trazer o preto e colocar a parada na nossa fita". Ele quis dizer que pediu para um parceiro buscar a maconha e entregar para eles

poderem consumir. Usando essa expressão, as pessoas que não fazem parte do grupo de usuários de drogas, que poderiam estar ao redor, não iriam entender, ou ainda, caso ocorresse algum tipo de indagação, poderiam negar o sentido do que foi dito, alterando a argumentação. Entretanto, caso não tenham sido contestados, os usuários poderiam continuar a se comunicar sem riscos de serem acusados.

A análise de implícitos é útil para a compreensão do discurso de grupos semióticos específicos. Essa técnica possibilita a identificação dos elementos das representações sociais, na medida em que conseguem extrair do discurso as intenções do orador, não presentes na fala explícita e o uso dos acordos que ele acredita serem aceitos pelo seu grupo. Conforme Castro (2014a), os acordos podem ser considerados como elementos centrais ou condicionais das representações sociais, dependendo do seu estatuto. Os acordos que portam sobre o real são mais centrais, são considerados por um determinado grupo como parte da realidade, independentes do sujeito. Os valores se direcionam para o desejável e serão considerados como condicionais, pois o seu uso argumentativo pode indicar a organização cognitiva de um grupo particular sobre um objeto em determinado contexto e situação.

---

## **CAPÍTULO 5.**

### **OBJETIVOS**

---

## **5.1. OBJETIVO GERAL**

O objetivo do presente estudo constitui-se da análise das representações sociais de professores sobre as drogas, destacando as concepções sobre drogas lícitas e ilícitas, sobre as causas do consumo, sobre o usuário de drogas e sobre as ações que a família, a escola e o professor deveriam adotar para a prevenção do consumo de drogas na escola e na sociedade.

## **5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Analisar o discurso retórico de professores sobre as drogas em diversos contextos, dentro e fora da escola, sobre o uso de drogas e as consequências biopsicossociais para os diversos tipos de usuários.
- Analisar o discurso retórico de professores sobre as causas que levam os adolescentes a experimentarem e a tornarem-se usuários de drogas, as drogas mais frequentemente usadas pelos jovens e os prejuízos que elas acarretam para o usuário e para a sociedade.
- Analisar o discurso retórico de professores sobre suas experiências vivenciadas com os alunos usuários de drogas e suas dificuldades em lidar com esse tipo de situação no cotidiano profissional na escola.
- Analisar o discurso retórico de professores sobre as ações reais adotadas pela escola com alunos que utilizam drogas e as ações ideais para lidar com o consumo de drogas entre os alunos.
- Analisar o discurso retórico de professores sobre as ações direcionadas a prevenir o consumo de drogas pelos alunos dentro e fora da escola.

---

## **CAPÍTULO 6.**

## **METODOLOGIA**

---

O objetivo deste estudo foi o de analisar as representações sociais de professores sobre as drogas, sobre o usuário de drogas e sobre as ações que a escola e o professor deveriam adotar para a solução do problema na escola e na sociedade. A pesquisa foi estruturada com base numa abordagem qualitativa, observando aspectos psicossociais, valendo-se da análise argumentativa do discurso retórico de professores. Nesse sentido, a revisão da literatura sobre a dinâmica da construção das representações sociais, bem como das técnicas de identificação delas a partir da análise do discurso argumentativo, se fez necessária. Buscou-se analisar, através do Modelo da Estratégia Argumentativa, os elementos centrais e condicionais das representações sociais de professores sobre as drogas em diversos contextos, dentro e fora da escola, sobre o uso de drogas por diversos atores sociais, sobre as causas que levam os adolescentes a experimentar e a tornar-se usuários de drogas, sobre as drogas apontadas por eles como as mais frequentemente usadas pelos jovens e os prejuízos que elas acarretam para o usuário e para a sociedade e, por fim, sobre as ações preventivas para erradicar o uso de drogas dentro e fora da escola.

O local que desenvolvemos o projeto foi uma escola da rede de ensino privada de São Gonçalo, município da região metropolitana do Rio de Janeiro, que se localiza no entorno de várias comunidades carentes, bares, restaurantes e tráfico de drogas, área geograficamente propícia ao consumo de drogas.

Nos dias 25 e 27 de Abril de 2012, realizamos uma palestra sobre prevenção ao uso e abuso de drogas, para alunos e professores do ensino Fundamental II do Colégio Paraíso. Objetivou-se conhecer preliminarmente a opinião desses sujeitos sobre o assunto, para, posteriormente, ser usado na confecção dos instrumentos de pesquisa. Foram convidados dependentes de drogas que já estavam “limpos”, ou seja, sem consumir algum tipo de droga há mais de 30 anos para finalizar com exemplos à exposição. O depoimento dos dependentes em recuperação transformou-se num debate, como já era previsto, que durou por volta de uma hora e meia. Após a palestra, quando os alunos retornaram às salas, pedimos que esses mesmos alunos respondessem de forma clara e objetiva, sem se identificarem, a seguinte frase “O que mais chamou a sua atenção na palestra?”. Foram respondidos cerca de 200 questionários.

Os resultados apontaram para uma preocupação direcionada aos danos em relação à aparência física e à saúde. Para 58% dos alunos, os depoimentos dos usuários em recuperação foi o que mais chamou a sua atenção. Alguns alunos, inclusive, relataram problemas semelhantes dentro de seus lares com parentes e amigos. Em segundo lugar, com 23%, foram apontados os efeitos devastadores que as drogas provocam no organismo dos indivíduos, no caso, o envelhecimento precoce; e os efeitos devastadores internos ao organismo, como tumores cerebrais, no caso da cocaína, e doenças do fígado, como a cirrose hepática. Em terceiro lugar, 13% dos alunos mostraram estar cientes de que os usuários podem sofrer

represálias por parte da família e problemas com a polícia, no caso, ser preso. Por último, 6% não quiseram se manifestar.

Alguns alunos, em conversa informal, indicaram que o assunto abordado na palestra, efeitos e danos das drogas, era de certa forma trivial para eles e que gostariam, em outras oportunidades, que a escola pudesse trazer informações sobre as políticas públicas e sobre a nova legislação. Demonstraram interesse, ainda, sobre os efeitos de novas drogas que estão sendo inseridas no mercado, como o 'oxi' e o 'ice'.

Já os professores que participaram da palestra, assim que foram abertas questões para o debate, demonstraram interesse, principalmente em dois aspectos: o primeiro diz respeito aos objetos utilizados para o consumo da droga, que eles têm dificuldade de reconhecer, o que inibe a identificação do jovem que consome, prejudicando a sua abordagem do assunto, com o jovem; o segundo aspecto, está relacionado à curiosidade dos professores sobre as novas drogas lançadas na sociedade, tanto as lícitas como as ilícitas, cujos efeitos estão sendo considerados mais devastadores e que não são conhecidos os seus efeitos no comportamento dos jovens. Nesse sentido, os professores reconhecem suas falhas e demonstram interesse em saber como identificar o jovem quando está sob efeito dessas drogas.

Note-se que interesses distintos motivam professores e jovens: os primeiros querendo conhecer os efeitos externos, da aparência e comportamento associado ao consumo, de modo a reconhecer os alunos que usam; e os jovens preocupando-se com as punições legais para quem é apanhado pela polícia usando ou traficando e com os efeitos na saúde do usuário.

Buscou-se identificar esse conhecimento compartilhado no grupo de professores do ensino fundamental II sobre as drogas e sobre os usuários, identificando as ações que consideram ideais para lidar com essas questões. Buscou-se também a visão dos professores sobre esse ideal em contraste com o real: o que é efetivamente realizado por parte da escola, da família e deles próprios para solucionar o problema dentro da escola.

## **6.1. OS SUJEITOS INVESTIGADOS**

Os seis professores pesquisados são formados em diversas áreas científicas, a saber: matemática, biologia, educação física, letras, geografia e história. O pesquisador preservou a privacidade dos sujeitos, mantendo o anonimato dos relatos, para não expô-los a qualquer tipo de constrangimentos em sua relação com a instituição. Houve uma boa adesão e uma grande integração do grupo participante, na medida em que o tema drogas geralmente não é discutido no âmbito da escola e que, de certa forma, é um tema que os incomoda.

Para analisar os dados e pressupostos gerados pela pesquisa, consideramos as ponderações de André e Lüdtke (1986, p. 26), que argumentam ser necessário "um estudo para uma metodologia qualitativa mais próxima à realidade educacional, pressupondo assim, um

contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado”. Assim, pretendeu-se compreender como a instituição investigada lida com o problema das drogas.

Para isso, investigamos o discurso do estatuto e do projeto político pedagógico da escola, buscando contato com a direção da Instituição para esclarecimentos sobre as dificuldades e sucessos dos objetivos estabelecidos. O contato com a direção foi realizado com a diretora e com a coordenadora do ensino fundamental II, após a análise dos documentos da escola, visando esclarecimentos sobre a relação entre as metas propostas e efetivamente o que ocorre no cotidiano da escola. Esse procedimento objetivou não só alcançar o apoio da escola para a pesquisa, como também compreender o contexto em que se dão as relações com o corpo docente, o que auxiliou na confecção das entrevistas e na elaboração do roteiro das entrevistas com os professores.

Por fim, devemos informar que alguns professores ficaram emocionados ao falarem sobre o tema abordado. Relataram suas experiências dentro de sala de aula e as experiências ocorridas na vida familiar. Deve-se notar que as drogas são um tabu dentro da escola.

## **6.2. AS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS E EM GRUPO**

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais e em grupo com os professores que se mostraram dispostos a participar, a convite do pesquisador. Utilizou-se a técnica da Confrontação Retórica (Castro, 2016, no prelo), com o objetivo de criar polêmica sobre os assuntos abordados, de modo a forçar os professores a defender suas teses.

“A técnica da confrontação retórica consiste, resumidamente, em contrapor-se aos sujeitos, apresentando argumentos contrários obtidos em prévia análise de representações polêmicas disponíveis no campo de pesquisa, de forma a colocar o sujeito numa situação motivadora para defender a sua identidade grupal. Esse procedimento possibilita a compreensão da organização cognitiva sobre o objeto polêmico: o que é associado a ele e em qual a intensidade e a hierarquia de elementos que se associam ao objeto em questão da pesquisa, permitindo maior quantidade e qualidade de dados para análise.” (Castro, 2016, no prelo)

Ocorreram ao longo do segundo semestre do ano de 2013, na sala da psicopedagogia da instituição em horário previamente agendado com os professores. Após as entrevistas individuais os professores foram convidados a participar de uma entrevista em grupo, que foi realizada com a mesma técnica das entrevistas individuais, ou seja, objetivando a polêmica entre os sujeitos. Na primeira fase da coleta de dados, foram entrevistados individualmente cinco professores, com um tempo médio de 50 minutos cada entrevista. Três desses professores participaram posteriormente de uma discussão em grupo. As falas foram gravadas e transcritas para posterior análise. A análise do material mostrou que em determinados momentos alguns pontos não ficaram claros, havendo a necessidade de retomarmos algumas das entrevistas, o que prontamente foi atendido pelos entrevistados.

Uma terceira entrevista em grupo com três diferentes professores do ensino fundamental foi realizada. Voltou-se a campo, então, para uma discussão em grupo com três professores sobre três questões específicas, que foram avaliadas como relevantes e que precisavam de mais dados. As questões estão descritas a seguir:

1. Você acha que todo o usuário de drogas é um dependente? Você considera o sujeito que toma sua cervejinha – cigarro, medicamentos etc. – como usuário? O que caracterizaria a dependência? Quais os principais prejuízos da dependência?

2. Se não fosse a experiência que você teve com as drogas, você acha que teria uma opinião diferente? Por que? Se SIM, qual seriam suas referências? Se NÃO, você diria que todo usuário é igual e todos são bandidos?

3. Você saberia identificar um usuário de drogas? Como? Você sabe quais são os objetos usados no consumo de drogas? Quais são? E se você achasse isso com um aluno, o que você faria? Você falaria com os pais? Você agiria da mesma maneira com todos os alunos?

Como o trabalho abordou um tema considerado tabu na comunidade, foi importante ganhar a confiança dos participantes, diminuindo a margem de medo, a fim de que os participantes pudessem se sentir à vontade durante sua participação na coleta de dados. As entrevistas garantiram o anonimato dos sujeitos. Esse procedimento objetivou, preliminarmente, saber se os professores dispunham de um discurso estruturado sobre o assunto, ou seja, se existiriam acordos comuns nesse grupo sobre as drogas, sobre como eles avaliariam as ações da escola nessa questão e sobre as sugestões para a prevenção do uso de drogas por parte da escola.

Apresentamos a seguir, a técnica de análise do MEA, que serviu como um norteador da pesquisa, evitando a dispersão dos objetivos propostos pelo pesquisador, o que poderia acontecer no trato de assunto tão complexo como é o caso das drogas.

### **6.3. O MODELO DA ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA**

Castro e Bolite (2011), após 12 anos aplicando o Modelo da Estratégia Argumentativa, elencaram os passos de análise, ressaltando, porém, que esses passos são flexíveis e dependentes do conhecimento do campo pelo pesquisador e de sua sensibilidade em buscar no material disponível as respostas aos objetivos de pesquisa. São eles:

- 1 - a leitura exaustiva do material para se familiarizar com a fala dos sujeitos de modo a verificar a adequação entre a coleta e os objetivos da pesquisa;
- 2 - a utilização do corpus de análise - deve ser feita segundo os objetivos da pesquisa, não esquecendo a descrição da atividade em que os sujeitos estão engajados, que também se constitui em dado para análise;

- 3 - a localização das controvérsias – significa buscar momentos de controvérsia e procurar quais são as afirmações que estão defendidas, mesmo as implícitas, que são motivos de acordo e as que são motivos de controvérsia;
- 4 - a enunciação das teses do locutor – nem sempre é possível escrever a tese do modo como o sujeito enunciou, uma vez que esta pode estar implícita - as teses devem ser resumidas por enunciados claros, na maior parte dos casos devendo ser reescritas pelo próprio analista;
- 5 - a busca dos argumentos utilizados pelo sujeito para sustentar sua tese – o que se quer é recriar as estratégias engendradas pelo interlocutor para sustentar seus pontos de vista;
- 6 - aplicação da tipologia de análise sobre os argumentos encontrados – os acordos e os argumentos são classificados a fim de fazer emergir de forma resumida a dinâmica do diálogo, buscando-se relacionar os tipos de acordos e argumentos à intenção de cada sujeito de provocar possíveis efeitos sobre seu auditório;
- 7 - a montagem de esquemas referentes ao discurso – o esquema é uma forma resumida de como o sujeito organizou o seu discurso, a montagem desse esquema requer muitas idas e vindas ao texto com o objetivo de estabelecer relações entre as ocorrências encontradas no material analisado - o que se busca é construir um esquema explicativo que coloque em destaque o jogo argumentativo engendrado pelo sujeito e dentro do qual emerge um sentido;
- 8 - a interpretação tem a finalidade de verificar o sentido das afirmações representadas no esquema, buscando-se a convergência dos fatores apresentados de modo a fazer emergir o sentido pretendido pelo sujeito ou pelos sujeitos;
- 9 - a busca pelas evidências da interpretação - retorno às entrevistas para buscar evidências para o sentido apontado pelos esquemas na própria organização e coerência do discurso do entrevistado;
- 10 - como em qualquer análise, são necessários critérios de validação para dar confiabilidade aos resultados (Castro; Bolite, 2011, p. 82-85)

A referida técnica é interpretativa e possibilitou o aprofundamento do conhecimento das representações sociais de professores sobre as drogas e sobre o usuário de drogas e também uma panorâmica do discurso, que indica as posturas dos sujeitos sobre o contexto da prática cotidiana.

Assim, usamos o Modelo da Estratégia Argumentativa – MEA (Castro; Bolite, 2011), para a análise das entrevistas. Buscou-se separar os assuntos que apresentavam uma argumentação mais consistente objetivando a construção de temas para a análise. Após leitura do material coletado, foram criadas três categorias de análise que concentraram os temas

relevantes para a investigação. A análise dos implícitos presentes nos discursos coletados, segundo a técnica de O. Ducrot teve por objetivo reinterpretar as falas, complementando-as com a interpretação das intenções dos entrevistados.

A partir dessa análise, foram montados os argumentos de cada diálogo, segundo a classificação de Ch. Perelman, de forma a extrair as teses defendidas e os acordos que as justificaram. A montagem dos argumentos e a análise dos implícitos sobre cada tema permitiu a identificação do estatuto dos acordos utilizados pelos sujeitos em cada uma das três categorias de análise. Os acordos extraídos em cada categoria foram separados por sua tipologia: acordos do real e acordos do preferível, considerados pelos sujeitos como fazendo parte da realidade ou relativo aos valores subjetivos do grupo pesquisado.

Foram montados esquemas sobre os principais argumentos de cada entrevista, de modo a responder às questões colocadas para cada uma das três categorias. Esse procedimento permitiu a identificação das intenções dos entrevistados sobre o tema da discussão. Ao final da análise de cada categoria, foram montados esquemas com os elementos centrais e os condicionais das representações sociais, de acordo com o estatuto dos acordos do real ou do preferível, apresentados no discurso do grupo pesquisado.

Por fim, destacou-se os principais elementos das representações sociais do grupo investigado, buscando mostrar a dinâmica que orienta as práticas dos professores sobre o assunto drogas. Note-se que os resultados são aproximações plausíveis sobre as prováveis atitudes do grupo, derivadas de interpretações retiradas das falas dos sujeitos, levando em conta o contexto de enunciação e a situação específica das entrevistas.

---

## **CAPÍTULO 7.**

## **APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

---

## 7.1. A RETÓRICA DO DISCURSO DE PROFESSORES SOBRE AS DROGAS

Uma argumentação sempre pretende a persuasão, pois se dá no espaço da controvérsia. Nesse sentido, o objetivo da análise do discurso retórico proposta aqui foi o de extrair as intenções dos sujeitos, suas teses, aquilo que pretendiam afirmar sobre o tema da pesquisa, bem como as justificativas dadas, que se caracterizam como acordos, justificativas capazes de serem aceitas pelo grupo para fundamentar suas teses sobre a realidade das drogas e dos usuários; e afirmar, ainda, suas posturas ideológicas, fundadas em seus valores sobre essa realidade.

Inicialmente, foi construído o *Corpus* de Análise (apêndice 1), retirando-se das entrevistas as falas que não se relacionavam aos objetivos da pesquisa e definindo os temas que apareceram nas entrevistas. Desse *Corpus*, foram escolhidos para análise os diálogos que apresentavam uma intenção argumentativa, ou seja, que apresentavam teses e justificativas. A análise temática das entrevistas individuais e em grupo categorizaram primeiramente cinco temas, que foram reduzidos para três mais gerais, a saber: concepções sobre as drogas; o papel da família na prevenção e o papel dos professores e da escola.

A análise dos implícitos presentes nos discursos coletados, segundo a técnica de O. Ducrot (apêndice 2), teve por objetivo reinterpretar as falas, de forma a dar o sentido da intenção do sujeito. A partir dessa análise, foram montados os argumentos de cada diálogo, segundo a classificação de Ch. Perelman, de forma a extrair as teses defendidas e os acordos que as justificaram (apêndice 3). Foram separados os diálogos considerados mais representativos para a montagem de esquemas (apêndice 4) que sintetizaram as intenções do grupo.

A montagem desses esquemas, a partir do modelo da estratégia argumentativa sobre cada tema, permitiu a identificação do estatuto dos acordos utilizados pelos sujeitos em cada uma das três categorias de análise. Os acordos extraídos em cada categoria foram separados por sua tipologia: acordos do real (verdades, fatos e presunções) e acordos do preferível (valores, hierarquias de valores e lugares do preferível), considerados, respetivamente, pelos sujeitos como fazendo parte da realidade ou relativo aos valores subjetivos do grupo pesquisado. Esses elementos serviram de base para a elaboração de um esquema geral, com os elementos centrais e condicionais das representações sociais dos professores.

Cabe ressaltar novamente que a análise do discurso retórico, proposta neste trabalho, caracteriza-se como uma interpretação plausível sobre as intenções dos professores pesquisados, tomando como base os objetivos da pesquisa e a inserção do pesquisador no campo de pesquisa. Certamente, a riqueza do material coletado permitiria outras interpretações, na medida em que outros objetivos fossem delineados.

## 7.2. ANÁLISE RETÓRICA DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Nas entrevistas individuais, as drogas foram objeto que causaram grande comoção entre os sujeitos. Todos, direta ou indiretamente, tiveram ou continuam tendo contato com familiares ou alunos que tiveram grandes prejuízos em suas vidas em função do consumo de algum tipo de droga. De modo geral, os professores apresentaram uma visão negativa sobre as drogas e sobre os usuários, apesar de observarmos algumas controvérsias sobre assuntos relacionados às causas da adição, sobre o que leva ao uso e sobre como reverter a situação dos adictos. Alguns sujeitos minimizaram essa negatividade dependendo do contexto e da situação apresentada. O uso de drogas é sentido pelos professores como um problema, principalmente quando é relacionado ao consumo de jovens sujeitos a situações de extrema fragilidade.

A família aparece como a principal vilã que leva o jovem ao consumo e, posteriormente, à adição. Apontam a ausência dos pais na vida dos filhos e nenhum acompanhamento em sua educação, jogando a responsabilidade para a escola e para os professores, que se ressentem dessa atribuição, por considerarem injusta. Alegam que a família mais atrapalha do que ajuda, na medida em que não os deixam aplicar ações disciplinadoras. A culpabilização da família é uma característica encontrada em muitas pesquisas com essa população (Castro, 2014a e 2014b; Rocha, 1988), embora não relacionada especificamente ao problema do consumo de drogas.

Em relação aos malefícios que as drogas causam no organismo, consideram que algumas drogas são mais prejudiciais como é o caso do *crack* que acaba com o indivíduo, tanto internamente como externamente num espaço de tempo menor. Já para a maconha, os professores não chegam a dar tanta importância, apesar de entenderem que também é prejudicial, porém com os prejuízos ocorrendo lentamente. Em relação ao prejuízo psicológico e social, os educadores relatam que a dificuldade de concentração, os problemas de sono, a inquietude, o mau humor, os problemas com a família, a falta ao colégio e a violência persistem e são sentidas pelos professores dentro do espaço escolar. Os riscos ocorrem principalmente com o uso do álcool, a droga mais utilizada nessa faixa etária. O álcool pode causar intoxicações graves, além de outras doenças associadas ao uso.

No que tange ao usuário, o jovem se aproxima da droga, inicialmente, porque lhe dá uma sensação de prazer e bem-estar e o aproxima de outros usuários, formando grupos de consumo. O uso de drogas está relacionado, segundo os professores, à carência afetiva, à baixa autoestima, a ansiedades ou, ainda, como uma válvula de escape em decorrência da educação recebida da família, em casa.

### 7.2.1. Concepções sobre as drogas

Essa categoria engloba os discursos apresentados a respeito do que leva ao consumo de drogas, a respeito do efeito provocado pelo consumo, sobre os benefícios ou prejuízos físicos, psicológicos e sociais para os usuários, sobre as drogas mais consumidas pelos jovens e também sobre as mais nocivas.

Durante sua entrevista, J demonstrou constrangimento em falar do assunto, já que vivenciou experiências negativas com a dependência de drogas dentro de casa. Quando ainda era adolescente, seus dois irmãos mais velhos se envolveram com drogas. *"Eu fui às reuniões no AA e no NA e foi um grande aprendizado, porque eu tive duas pessoas na família com problemas e que para sair foi bem complicado"* (apêndice 3, p. Iv). J não soube dizer se os fatores genéticos influenciam a dependência, mas aponta alguns fatores ambientais, principalmente relacionados a conflitos na família como fatores determinantes para o envolvimento com drogas. Disse que as características da própria pessoa também contribuem e considera o seu próprio caso como exemplo, pois o ambiente familiar era o mesmo, mas ela não se envolveu com drogas porque procurou ajuda

A análise da retórica de J mostra uma argumentação fundada em valores, afirmando que a família não é mais a mesma, indicando uma mudança da realidade, no caso fundando o real com exemplos de sua própria vida. Afirmar a tese de que a dependência se dá em função da baixa autoestima e da carência afetiva e da falta de credibilidade no seu próprio potencial, causada pela falta de apoio familiar, sendo todas as suas justificativas providas de sua própria experiência familiar e de sua prática educativa. As festas 'raves', onde os jovens se encontram e consomem drogas, aliadas às novas tecnologias de comunicação que constroem as redes sociais, funcionam como estímulos de consumo para o jovem, que quer ser reconhecido pelo grupo através da exibição pública, que é buscada pelo jovem para diminuir a carência. Nesse sentido, culpa a estrutura familiar moderna, que não cumpre o seu papel de orientação do jovem.

Critica a família porque esta substitui o amor e a atenção tentando suprir e preencher essas necessidades oferecendo presentes em quantidade *"Aqui dentro da escola, há pais totalmente sem tempo, com patamar de vida altíssimo; inclusive tinha uma mãe dona de lojas que tudo o que o filho pedia ela dava."* (apêndice 3, p. Iv). A família não tem diálogo com o jovem, não estabelece limites e não cobra do jovem uma postura fundada em valores, que para J são fundamentais na formação do indivíduo. Assim, sua argumentação se baseia no seu próprio exemplo, característica do tipo que 'funda o real', procurando mostrar que a realidade mudou para pior.

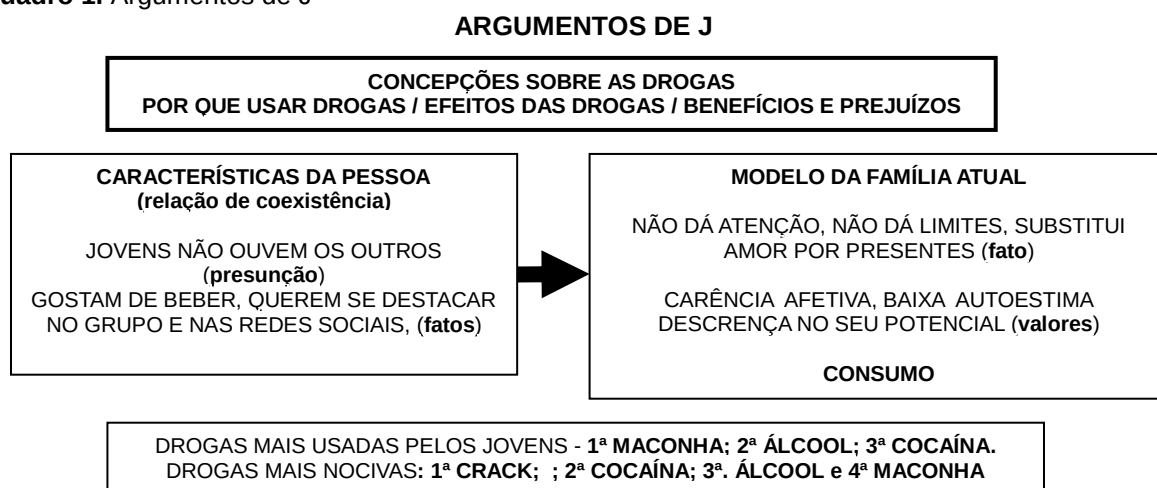
A argumentação de J coloca na família a principal causa do consumo de drogas por parte dos jovens. Estabelece uma relação de coexistência fundada no real, colocando como

característica dos jovens não ouvirem os outros e quererem se destacar entre os amigos. Para isso, os jovens bebem e usam as redes sociais, que funcionam para amenizar a falta da família. A família é responsável por apoiar e estar junto do jovem para ele não se distanciar do lar e se envolver com más companhias. Mas atualmente a base da família está ausente e isso leva o jovem ao desamparo, o que leva à necessidade de se afirmar através das drogas. Porém ressalta, que tanto a religião como uma terapia psicológica poderiam ajudar o jovem a se esquivar das drogas, como ocorreu com ela mesma. *"Sim, fiz terapia durante alguns anos. Acho que isso me ajudou, junto com o lado religioso. Muitas vezes em casa, aquilo que se aprendia dentro da igreja, não se configurava dentro de casa"* (apêndice 3, p. Iv).

No caso da dependência, por ter escutado do irmão que fora usuário de drogas, considera que a genética e o ambiente poderão ter forte influência na dependência de drogas: *"Escutei do meu irmão que é coordenador de grupo de AA falar muito sobre a questão genética e ambiental em suas palestras"*. Entretanto, a professora coloca em dúvida se a dependência de drogas tem a ver com a questão genética: *"Não se sabe se o uso de drogas tem a ver com a genética. Isso é muito discutido"* (apêndice 3, p. Iv), considerando que são poucas as pesquisas na área de saúde sobre o assunto.

Já as drogas mais consumidas sinalizadas por J, são a maconha, o álcool e a cocaína, apontando a maconha como a droga mais consumida pelos jovens. J apontou as drogas mais nocivas ao organismo: o crack, a cocaína, o álcool e a maconha, nesta ordem. O poder de enfrentamento, a euforia e a agressividade são marcas que jamais se apagaram de sua mente pela experiência que teve com pessoas sob efeito de drogas tanto dentro de casa como na instituição que trabalha.

#### Quadro 1. Argumentos de J



A entrevista com MA foi marcada inicialmente por sua dificuldade em apontar situações que levam um indivíduo a usar drogas, tendo em vista o seu nervosismo. As drogas preparadas em laboratório tiveram sua especial atenção, consideradas estimulantes do sistema nervoso central. Teve uma experiência negativa com a dependência de sua filha, que viciou-se em substâncias preparadas pelos colegas no laboratório da faculdade. Nesse sentido, afirmou que a inquietude, as tendências a frustração e o ambiente em que vive o jovem seriam fatores que poderiam estar associados ao consumo de drogas. *"É para ocupar algum lugar vazio na pessoa ou devido a muita ansiedade"* (apêndice 3, p. lvi).

A análise da retórica de MA é fundada no real e indica fatores ligados ao comportamento do indivíduo como: a ansiedade, a insegurança e a agitação, que acabam interferindo na escolha do indivíduo e podendo levá-lo ao uso e abuso de drogas. A causa do consumo e da dependência estaria relacionada às frustrações por que passam os indivíduos no cotidiano estressante moderno e o ambiente em que ele está inserido. Afirma ainda, que dependendo da metabolização orgânica e o tipo de droga consumida pelo indivíduo, poderá gerar uma inquietude que irá desestabilizá-lo, gerando a dependência.

Acredita que quanto mais adulto e mais desenvolvido o indivíduo será menos suscetível ao descontrole e, por conseguinte, menos sujeito à dependência: É uma argumentação que se vale de um lugar do preferível, do tipo 'quanto mais velho melhor', valorizando a maturidade. No caso, a ideia de MA é relativizar os prejuízos causados pelas drogas, indicando que apenas no caso de jovens que são inseguros, ansiosos a droga traria prejuízos. *"A questão toda pode ser a idade que se usa, porque eu conheço pessoas mais velhas que usam o cigarro da maconha e são muito tranquilas. É uma questão da idade mesmo"* (apêndice 1, p. vi).

A argumentação de MA coloca na insegurança e na ansiedade, características do jovem, a principal causa do consumo de drogas. Estabelece uma relação de coexistência sobre o controle e a maturidade emocional, no caso, dos adultos. Quanto mais velho a pessoa for mais controlada ela poderá ser e, por conseguinte, mais controle sobre o consumo. Por isso, os adultos podem consumir maconha sem o risco de ficarem dependentes, podendo usá-la para recreação.

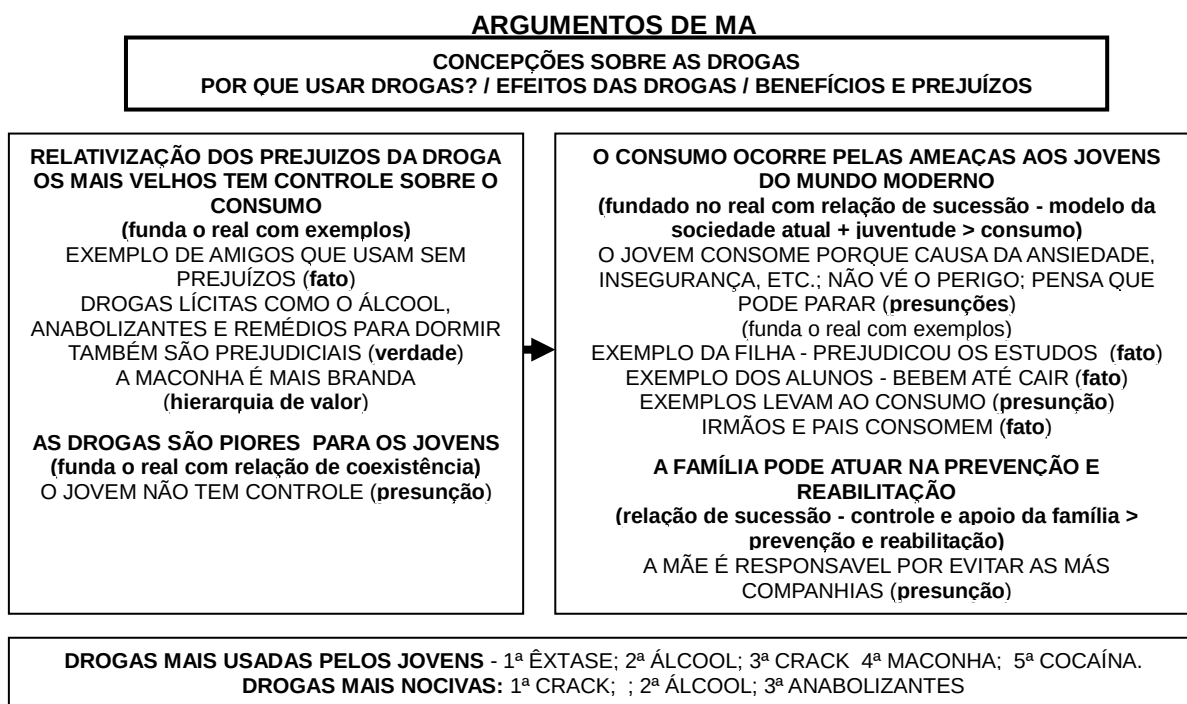
Ela tenta ainda relativizar os efeitos nocivos de drogas ilícitas afirmando existir drogas lícitas que trazem tantos prejuízos como as ilícitas: *"E em relação às academias. É comum muitas academias fornecerem anabolizantes que pode virar uma dependência (...) Não dá pra entender isso! (...) E o professor que toma remédio para dormir?"* (apêndice1, p. vii). Nesse sentido, sua argumentação se estabelece a partir de uma relação de coexistência, da mesma maneira que J, indicando a fragilidade dos jovens para controlar o consumo, porém não culpando a família, mas o 'mundo moderno', que causa inquietação e ansiedade.

As drogas mais consumidas sinalizadas por MA, são o êxtase e o álcool, muito consumido em festas pelos adolescentes e de uma forma geral; o *crack*, a maconha e a cocaína. Citou também como as mais nocivas ao organismo, o *crack*, o álcool e os anabolizantes vendidos pelos próprios professores em academias. Já teve a oportunidade de trabalhar com professores que usavam diversos tipos de drogas e que chegavam ao ponto de usar disfarces para ninguém perceber o estado que se encontravam, e o pior, entravam em sala para lecionar. Isso sempre a incomodou muito, porque a Direção procurava contemporizar a situação, provavelmente com medo de grande repercussão na escola.

A família é responsável por estar junto e apoiar o jovem, ajudando em seus problemas e evitando que se envolva com más companhias. MA relata que a filha não aguentava mais aquela vida ligada às drogas. Os sentimentos como ansiedade e insegurança associados a um ambiente favorável ao consumo, onde a filha estava inserida, fez com que a droga se apoderasse da jovem. A experiência que MA viveu com a filha, que perdeu o controle e pediu apoio a mãe, pedindo para ser internada, foi utilizada para afirmar que a família pode atuar na prevenção do consumo e na reabilitação da dependência. O ambiente e o cotidiano moderno são ameaças que podem ser evitadas com o apoio da família, tanto prevenindo o consumo como para sua reabilitação.

A análise abaixo da argumentação de MA, com os principais acordos extraídos do seu discurso sobre o que leva o jovem ao consumo, dirige-se a uma realidade que se impõe ao jovem em função de pertencer a um grupo de amigos.

## Quadro 2. Argumentos de MA



A argumentação de LU considera que as drogas lícitas poderão ser consumidas para acalmar as pessoas, porém com o auxílio de um médico. Aceita o uso da maconha, que é uma droga ilícita, mas se for utilizada como medicamento, desde que tenha autorização dos órgãos responsáveis ligados ao ministério da saúde, como explica: *"A maconha pode ser utilizada para fazer o bem, mas eu não conheço essas pesquisas e eu nem sou médica"* (apêndice 1, p. viii). Considera que as drogas também são consumidas em excesso, pelos jovens por falta de limites por parte da família.

O diálogo foi marcado inicialmente pela dificuldade de LU em falar sobre algumas drogas, como por exemplo: a maconha que poderá ser utilizada na cura de doenças, como ocorre nos Estados Unidos. LU diz desconhecer os tratamentos realizados em pacientes naquele país. Entretanto, traça um paralelo com os índios, de cuja cultura as drogas sempre fizeram parte. Muito cuidadosa, diz não ter passado problemas com parentes e pessoas muito próximas, que usassem drogas. Acredita que as drogas servem para acalmar as pessoas, mas desde que administradas por médicos.

Já as drogas mais consumidas sinalizadas por LU, são o *crack*, o êxtase, a cocaína e o álcool, muito consumido em festas pelos adolescentes. Já as drogas mais nocivas ao organismo, são: o *crack*, o álcool e a cocaína. Teve um conhecido que consumia maconha diariamente a ponto de aos poucos ir se deteriorando, dava a impressão de estar sempre lesado, em outro lugar, porém nada se compara ao *crack* e à cocaína que são altamente devastadores dentro e fora do organismo. Demonstrou algum conhecimento sobre o uso do álcool, comentando que muitos usuários além dos olhos avermelhados, costumam ficar inchados também.

A análise abaixo da argumentação de LU, com os principais acordos extraídos do seu discurso sobre o que leva o jovem ao consumo, dirige-se a uma realidade que se impõe ao jovem em função de falta de limites da família.

### Quadro 3. Argumentos de LU



A análise da retórica de GL funda o real através do modelo da sociedade atual, que considera permissiva e facilitadora do consumo. Os jovens usam drogas por modismo e usam as drogas de maneira exagerada. Sinaliza dizendo "*É como se fosse uma coisa natural nos dias de hoje. Quem não consome drogas é considerado estranho*" (apêndice 1, p. x). O diálogo foi marcado inicialmente pela dificuldade de GL em falar sobre o álcool e o tabaco em função de problemas familiares. GL não pode ouvir falar em qualquer tipo de droga, seja lícita ou ilícita. Relata que hoje a maioria dos jovens costuma consumir álcool e quando ele se coloca de forma diferente todos acham estranho, mesmo ele deixando claro que é por uma questão religiosa. Para GL as drogas mais consumidas pelos jovens são: o álcool, a cocaína, o êxtase e a maconha. Já as drogas mais nocivas ao organismo, são: o crack, o álcool e a cocaína.

**Quadro 4.** Argumentos de GL

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>ARGUMENTOS DE GL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS</b><br><b>PORQUE USAR DROGAS / EFEITOS DAS DROGAS / BENEFÍCIOS E PREJUÍZOS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| <b>A DROGA É UM MAL</b><br><b>NEGATIVIZAÇÃO DE DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS</b><br><b>O CONSUMO OCORRE POR CAUSA DO MODELO DA SOCIEDADE ATUAL</b><br><b>(funda o real com modelo)</b><br><br>A DROGA HOJE É MODA ( <b>presunção</b> )<br>É VENDIDA EM QUALQUER LUGAR ( <b>fato</b> )<br>AS PESSOAS NÃO SE IMPORTAM ( <b>fato</b> )<br>É ESTRANHO O JOVEM QUE NÃO BEBE ( <b>valor</b> ) |
| <b>DROGAS MAIS USADAS PELOS JOVENS - 1ª ÁLCOOL; 2ª COCAÍNA; 3ª ÊXTASE 4ª MACONHA</b><br><b>DROGAS MAIS NOCIVAS: 1ª CRACK; ; 2ª ÁLCOOL; 3ª COCAÍNA</b>                                                                                                                                                                                                                               |

A análise da retórica de JU apresenta três argumentos. Um deles funda o real com o modelo de sociedade, que considera pessimista, tendo os sentimentos esfriados, o que levaria a um vazio interno do jovem. A droga preencheria esse vazio. Outro argumento que 'funda o real' estabelece uma relação de coexistência, caracterizando o descontrole do jovem. Diz que é próprio do jovem gostar de se sentir popular e ter *status* entre os colegas. Quer demonstrar um amadurecimento que muitas vezes não ocorreu ainda e utilizam determinados comportamentos para serem reconhecidos como adultos.

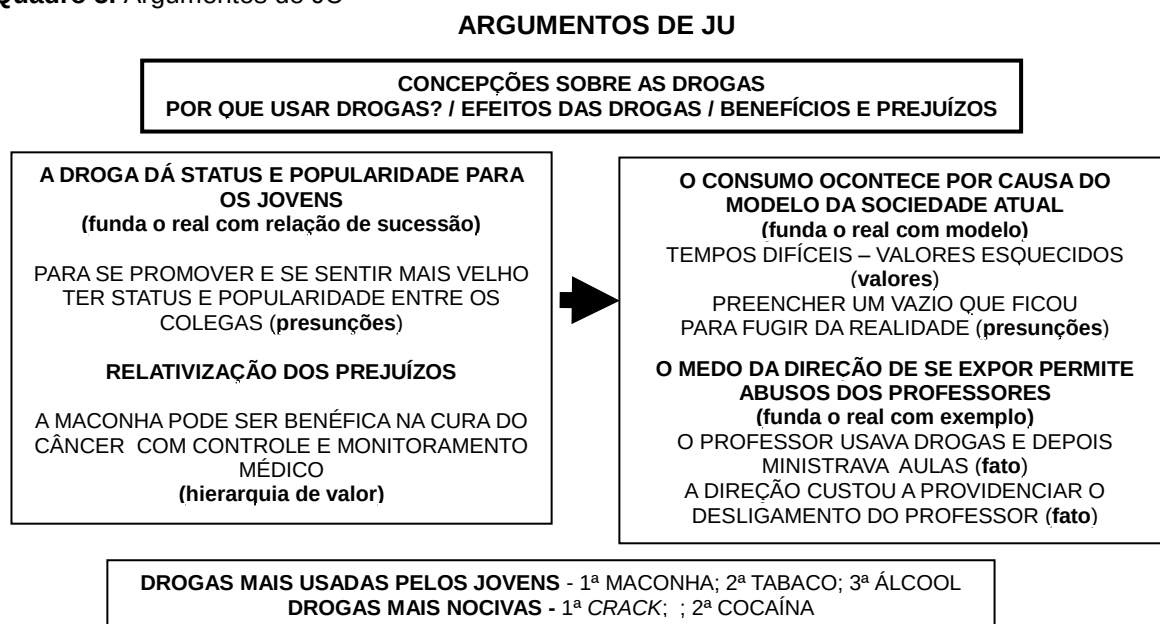
JU relata sua experiência com drogas em relação aos seus alunos. Informa que alunos principalmente do 9º ano do ensino fundamental II, costumam extrapolar nas festas com o consumo de álcool e tabaco. Para JU o jovem usa o álcool ou tabaco pelo *status* que consegue no grupo, para obter popularidade entre os amigos, sentirem-se adultos, ou ainda, para se promover socialmente. JU aponta as drogas mais consumidas pelos jovens: a maconha, o tabaco e o álcool. Já as drogas mais nocivas ao organismo são o crack e a cocaína.

A professora ouviu falar que no passado, colegas usuários de drogas faziam uso de

drogas e logo em seguida ministravam aulas normalmente. Achou um verdadeiro absurdo e ficou questionando o porquê da Direção não ter tomado providências para afastá-los.

JU diz que o usuário de drogas muda facilmente o seu comportamento a todo o instante e tem dificuldade de concentrar-se, o que prejudica o seu aprendizado. O cérebro do usuário de drogas, principalmente do usuário de *crack*, fica esfacelado. Quando indagada sobre comprometimento com outros órgãos, teve dificuldades em apontar.

**Quadro 5.** Argumentos de JU



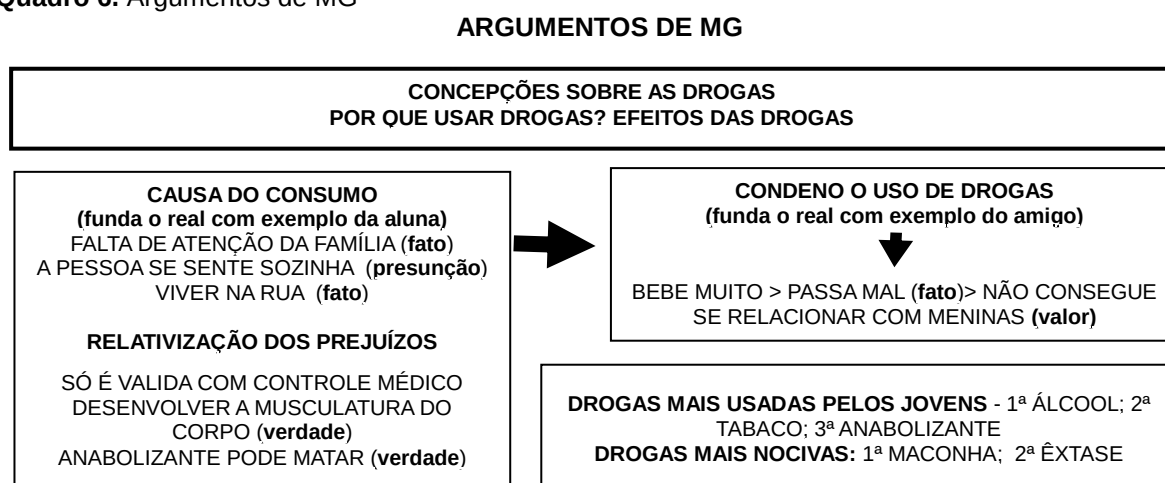
Sobre por que usar drogas, MG critica o uso de drogas por parte dos professores e alunos em festas, bem como o uso de drogas para fazer o indivíduo sentir-se relaxado e desinibido. O usuário de drogas tem a tendência ao isolamento. Drogas lícitas são mais difíceis de serem prevenidas e tratadas porque são vendidas livremente. O consumo excessivo de drogas por alguns colegas de profissão acaba por não funcionar como exemplo para os alunos em sala.

O diálogo foi marcado pela forma direta como MG respondeu as perguntas. O fato de o professor ter conhecimentos na área de saúde provavelmente favoreceu o diálogo. O professor informa que nunca consumiu qualquer tipo de droga. Deixou escapar e logo concluiu que sua mãe sofre até hoje com a dependência de álcool e provavelmente isso teria sido um motivo muito forte para que ele não se aproximasse da bebida alcoólica. O professor confidenciou após a entrevista terminar que a situação de sua mãe foi a principal razão, entretanto, havia relatado como se fossem fatos que tivessem ocorrido com amigos, os motivos para ele não aproximar-se do álcool.

Para MG o jovem usa drogas para se sentirem relaxados ou desinibidos no momento de abordar uma menina e vice-versa. Citou um exemplo de uma aluna que tinha tudo para ser

uma grande atleta, entretanto o uso de drogas colocou um fim numa carreira promissora e disse: "*Ela já estava acostumada a ficar sozinha e segundo ela essa mesma solidão que a levou às drogas*" (apêndice 1, p. xv), a principal causa foi à falta de atenção da família. Revoltada a referida aluna vivia o tempo todo na rua. Porém, segundo o professor a droga pode ser considerada positiva se for administrada por um médico. Para MG o anabolizante pode trazer benefícios a musculatura se bem dosado, entretanto se for mal administrado, poderá matar uma pessoa. A retórica de MG é fundada no real e está expressa no esquema abaixo.

**Quadro 6.** Argumentos de MG



As drogas lícitas na concepção dos professores são mais difíceis de serem tratadas no indivíduo, e quando o assunto são as drogas ilícitas, a maconha e o êxtase são as que causam maior dano. O álcool em excesso pode causar problemas no cérebro, doenças hepáticas, transtornos psíquicos. Muitos professores consomem álcool e tabaco em grande quantidade e acaba sendo mau exemplo dentro de sala, já que os alunos costumam vê-los fumando ou se deparam com os próprios professores em festas, durante os finais de semana, consumindo álcool em demasia.

Os elementos centrais e condicionais da categoria 1. Conceções sobre as drogas pode ser sintetizada no esquema abaixo.

**Quadro 7.** Conclusão da categoria 1 - concepções sobre as drogas e sobre os usuários

| ELEMENTOS CENTRAIS - VERDADE, FATO E PRESUNÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>CAUSAS DO CONSUMO</b></p> <p>FALTA DE LIMITES E ATENÇÃO DA FAMÍLIA</p> <p>SOLIDÃO, INSEGURANÇA E ANSIEDADE, CARÊNCIA E BAIXA AUTOESTIMA</p> <p>BUSCA DE POPULARIDADE E STATUS</p> <p><b>PORQUE USAR DROGAS?</b></p> <p>PREENCHER VAZIO INTERNO</p> <p>BUSCA DE RELAXAMENTO E DESINIBIÇÃO</p> <p>AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE, PARECER MADURO</p> <p>FUGA DA REALIDADE, VÁLVULA DE ESCAPE DOS PROBLEMAS</p> <p><b>CARACTERÍSTICA DOS JOVENS QUE FACILITAM O CONSUMO</b></p> <p>CURIOSIDADE EM EXPERIMENTAR DROGAS</p> <p>SE DESTACAR NAS REDES SOCIAIS</p> <p>JOVENS BEBEM TODOS OS DIAS</p> <p>O JOVEM NÃO TEM CONTROLE</p> | <p><b>CONTEXTO FACILITADOR DO CONSUMO</b></p> <p>VIVER NA RUA</p> <p>É MODA NOS DIAS ATUAIS</p> <p>USAR DROGAS É NORMAL, NÃO CONSUMIR ÁLCOOL HOJE É ESTRANHO</p> <p>FÁCIL ACESSO E NINGUÉM SE IMPORTA</p> <p>O ÁLCOOL É USADO COMO INSERÇÃO SOCIAL</p> <p><b>BENEFÍCIOS DO CONSUMO</b></p> <p>A MACONHA PODE SER USADA PARA DOENÇA</p> <p>A MACONHA É BENÉFICA PARA O CÂNCER</p> <p>DROGAS SÃO POSITIVAS COM CONTROLE MÉDICO</p> <p>O ANABOLIZANTE AJUDA A DESENVOLVER A MUSCULATURA DO INDIVÍDUO</p> |
| ELEMENTOS CONDICIONAIS - VALOR, HIERARQUIA E LUGAR DO PREFERÍVEL                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <p><b>CAUSA DO CONSUMO</b></p> <p>CONSEQÜÊNCIA DE UM TEMPO PESSIMISTA E COM OS SENTIMENTOS QUE ESFRIARAM</p> <p><b>RELATIVIZAÇÃO DO CONSUMO</b></p> <p>OS ÍNDIOS USAM PARA A CURAR DOENÇAS</p> <p>HAVENDO CONTROLO É VÁLIDO</p> <p>A MACONHA É MAIS BRANDA</p> <p>OS MAIS VELHOS TEM CONTROLE SOBRE O CONSUMO</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <p><b>VALORES ASSOCIADOS À FAMÍLIA</b></p> <p>O JOVEM TEM QUE TER ATENÇÃO DA FAMÍLIA PARA EVITAR A CARÊNCIA, A BAIXA AUTOESTIMA E A DESCRÊNÇA NO SEU POTENCIAL</p> <p>NÃO É BOM O JOVEM FICAR SOZINHO</p> <p>A RUA NÃO É LUGAR PARA OS JOVENS</p> <p><b>MALEFÍCIOS DO CONSUMO</b></p> <p>DROGAS ILÍCITAS SÃO MAIS DEVASTADORAS, PORQUE FAZEM MAL A PESSOA FICA FEIA, SEM ALMA</p> <p>O ÁLCOOL FAZ PASSAR MAL E NÃO CONSEGUIR SE RELACIONAR COM MENINAS</p> <p>NINGUÉM GOSTA DE BÊBADO</p>             |
| <p><b>DROGAS MAIS CONSUMIDAS:</b> Álcool, Maconha e Cocaína</p> <p><b>DROGAS MAIS NOCIVAS:</b> Crack, Álcool e Cocaína</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |

Os discursos dos professores nessa categoria são em sua maioria fundados no real, associando as causas do consumo com o efeito e a dependência. As drogas são consideradas de modo geral como maléficas, principalmente para os jovens, porque eles não têm limites, não sabem se controlar, querem se afirmar no grupo, ter popularidade e *status*. Eles relativizam o uso de drogas, aceitando que pode ser benéfico tendo controle médico, no caso de doenças. Como exemplos, a maconha para doentes terminais de câncer e os anabolizantes, para

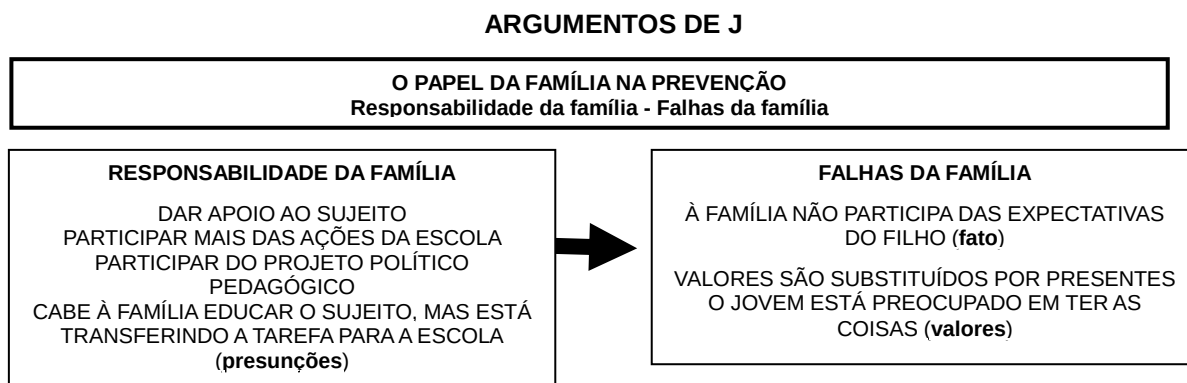
desenvolver a musculatura do corpo. Acreditam que a sociedade hoje é condescendente com o uso, sendo visto como uma coisa normal, chegando a causar estranheza o adolescente que não usa bebida alcoólica. Nesse sentido o que é ilícito é considerado mais devastador, ou seja, acaba com o indivíduo mais rapidamente. Pelas experiências que possuem, sinalizam para o álcool, a maconha e a cocaína como as drogas mais consumidas e para o crack, o álcool e a cocaína, como as drogas mais nocivas aos jovens. Por fim, colocam a culpa na família, pelo fato de ela não dar a atenção necessária ao jovem e, a carência afetiva e a baixa-estima que eles vêm a sentir pode levá-los ao consumo de drogas.

### 7.2.2. O papel da família na prevenção

A categoria papel da família engloba as funções da família, tanto no plano ideal, o que os professores consideram responsabilidade da família com os filhos de modo geral e, especificamente, na prevenção do consumo de drogas, bem como as falhas e faltas relacionadas ao que elas não cumprem ou erram na educação dos filhos, observadas por eles em sua experiência dentro da escola.

A análise da retórica de J funda o real sobre o papel da família, ou seja, a família, considerada um valor universal, deveria dar apoio ao jovem, mas não está cumprindo esse papel, portanto ela considera que a escola pode suprir essa necessidade do jovem. A família deveria participar mais das ações da escola, entretanto ela não participa.

#### Quadro 8. Argumentos de J

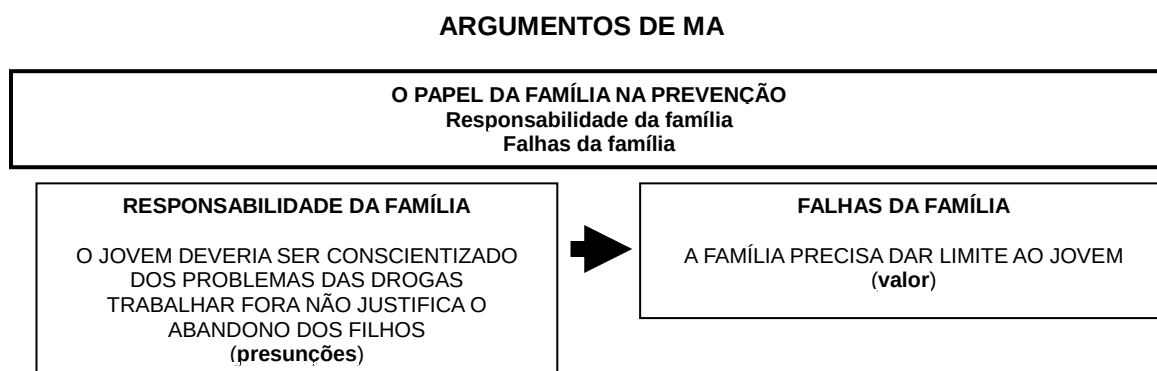


O diálogo sobre o papel da família foi marcado pela experiência familiar de J, que segundo ela foi muito importante para lidar com as questões das drogas no dia-a-dia no colégio. Para J, grande parte da família acaba imputando à escola a responsabilidade de educar o seu filho. J afirma que é muito difícil trazer a família para a escola. Certa vez houve uma tentativa que começou a funcionar no ensino fundamental II. Mas, ninguém aparecia para participar dos eventos que ocorriam na escola. A tentativa era buscar uma aproximação com a família visando uma integração. J afirma que continua constantemente ano após ano traçando diferentes estratégias que possam de alguma forma trazer a família para dentro da escola. Sente-se triste

ao dizer que infelizmente o verdadeiro papel da família não está sendo cumprido: "*Diria que uma grande parte não está cumprindo o seu papel de educar*". (apêndice 1, p. iii). Salienta que os verdadeiros valores familiares estão sendo substituídos por presentes que irão compensar a falta de tempo dos pais. J informa que a escola funciona como uma continuação da educação da família, mas ela jamais irá substituir a família. Por fim, quando perguntada sobre se a família participa do projeto político pedagógico, disse: "*Deveria. Logo, J nega que a família tenha qualquer participação na construção do PPP*" (apêndice 1, p. iv).

Já para MA, a família deveria de dar limites aos filhos e conscientizá-los sobre os prejuízos que as drogas causam. Não concorda com o argumento alegado pelas famílias do pouco tempo que dispões em função do trabalho. Nesse sentido, sua argumentação é fundada no real, estabelecendo que a causa do consumo é a falta de limite, que a família não estabelece para os filhos, e a alegação da família de falta de tempo em função do trabalho, que em sua concepção não justifica o abandono.

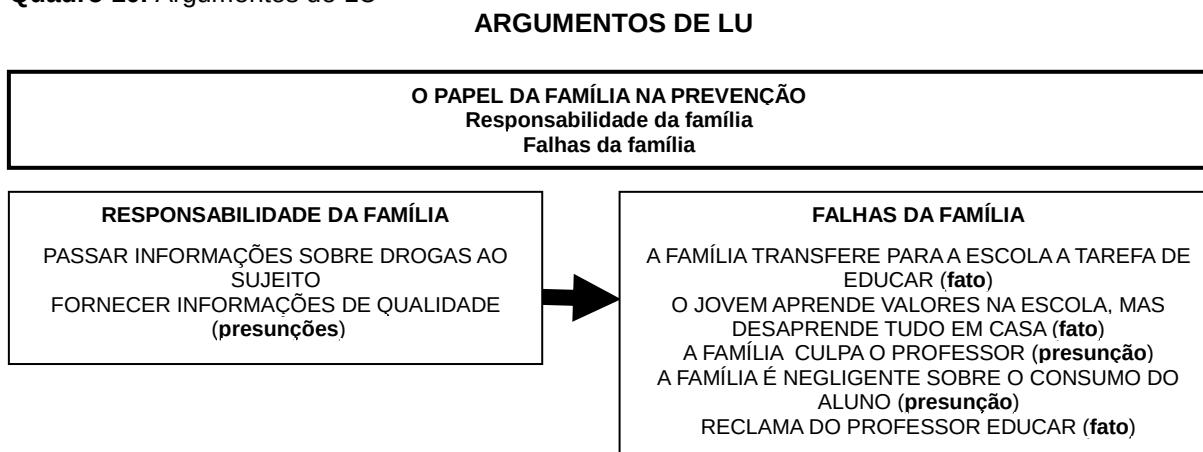
#### Quadro 9. Argumentos de MA



A análise da retórica de LU funda o real sobre o papel da família, ou seja, a família tem dificuldade de lidar com o usuário de drogas. Quem deveria passar informação sobre drogas ao jovem é a família, a escola dará continuidade as ações implementadas pela família, que muitas vezes procura a direção para tomar satisfação com a escola caso o filho seja chamado à atenção por qualquer motivo.

LU também como J considera a partir de suas experiências principalmente com alunos que a família repassa a obrigação de educar a escola. Para a professora, 'ele aprende aqui e desaprende em casa'. Além disso, quando ocorre qualquer problema na escola, o familiar tem o hábito de culpar o professor. Informa que a relação família/escola precisa ser ajustada a fim de possibilitar que o jovem se cerque de informações de qualidade para que possa refletir e optar, quem sabe, mais tarde, pelo melhor caminho a seguir. Relatou a experiência sobre drogas, a partir dos alunos e seus familiares. LU passou por dificuldades, certa vez, com um jovem aluno, usuário de maconha e cocaína que a família nem queria saber. Mais tarde descobriu que o aluno havia sumido e nunca mais ouviu falar dele.

**Quadro 10.** Argumentos de LU

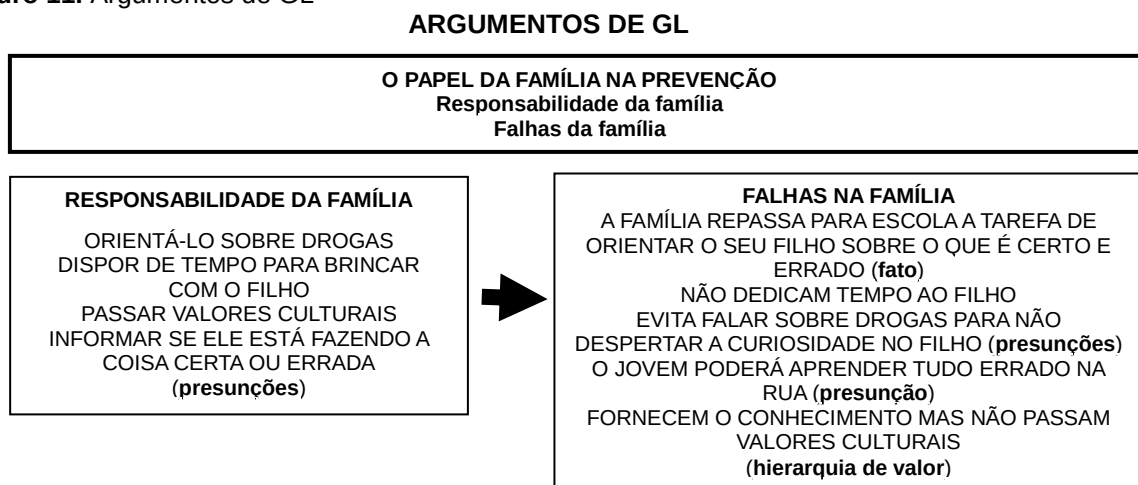


A análise da retórica de GL funda o real sobre o papel da família, pois a família deverá conversar com os filhos sobre drogas, além de precisar reservar um tempo para brincar com eles é muito importante, porque aproxima a relação entre as partes. Os pais devem estar sempre ao lado dos filhos, principalmente para poder orientá-los, mostrando o que é certo e o que é errado, evitando assim que possam cair em tentação. Na rua poderão aprender de forma diferente e daí aguçar a curiosidade e conseqüentemente vir a usar drogas.

Para GL, que é solteiro e não pensa em constituir família tão cedo, as drogas são o mau do século e continua sendo um tabu dentro da sociedade. Os pais devem se aproximar dos filhos e procurar esclarecer toda e qualquer dúvida que possa existir, porque se não o fizerem eles poderão aprender de forma errada na rua. Percebe que as famílias continuam delegando à escola toda a responsabilidade de educar. As justificativas são as mesmas, o tempo é curto, preciso trabalhar para colocar dinheiro em casa, etc. Seus pais se separaram cedo, mas sua mãe nunca deixou que faltasse nada a eles. GL Lembra que os principais valores que uma pessoa deve aprender, precisam vir da família. Segundo o professor: "*A questão não é de ter conhecimento, a questão é de ter valores culturais; acho que a gente sempre precisa ter um tempo a quem a gente ama*" (apêndice 1, p. xii). Cita o exemplo de pais bem-sucedidos no colégio onde os filhos não estão nem um pouco preocupados com o futuro: "*Temos exemplos na escola de alunos filhos de doutores, advogados e empresários que não querem nada*" (apêndice 1, p. xii).

Os acordos que justificam as teses de GL estão resumidos no esquema abaixo.

**Quadro 11.** Argumentos de GL



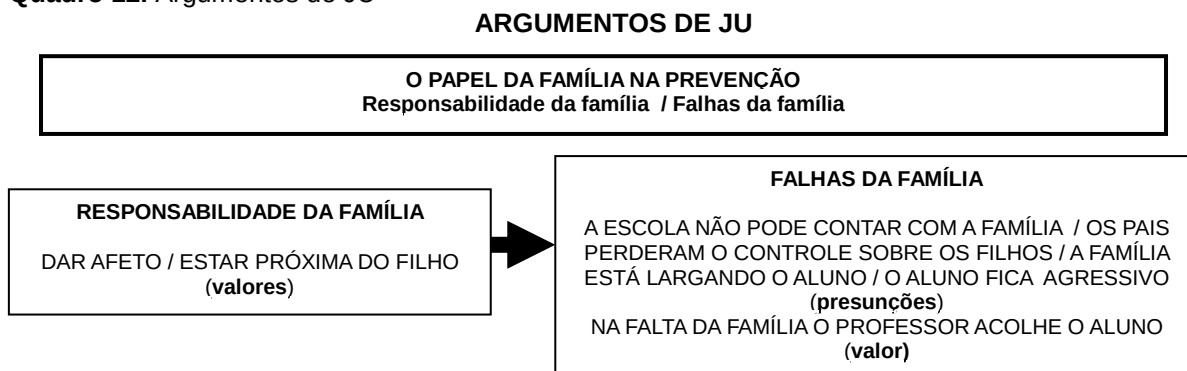
A análise da retórica de JU fundado no real sobre o papel da família, onde se verifica uma grande agressividade entre os alunos. Os pais em casa perderam o controle. O colégio dificilmente pode contar com um familiar dentro da escola para trocar informações. A família está desistindo de educar seus filhos passando o dever para a escola. Hoje em dia até a forma de utilização das tecnologias que deveriam ser utilizadas em favor do conhecimento, está tornando o jovem mais preguiçoso.

O diálogo sobre o papel da família foi marcado pela experiência de JU que vem percebendo esse abandono da família com o passar do tempo. Relata que a família está transferindo para a escola a tarefa de educar. JU diz que a carência hoje é sentida de forma exacerbada pelo aluno, já que em determinados momentos recebe em sala um abraço tão apertado que em alguns momentos fica sem jeito e sem ter o que dizer ao aluno, ainda mais quando o aluno diz ter sido agredido em casa pelo responsável e após ter escutado de uma mãe "eu não sei o que fazer com ele, eu estou desistindo (...) ai, eu fico pensando, como eu posso desistir dele se a própria mãe está largando" (apêndice 1, p. xiv).

Outro fator a destacar é a dificuldade nos dias atuais do adolescente de se comunicar. Para JU a evolução da tecnologia vem tornando o jovem mais preguiçoso, dificultando e afastando uns dos outros. Aponta a falta de afeto e a falta de proximidade da família como sendo os responsáveis pela agressividade dos jovens de hoje.

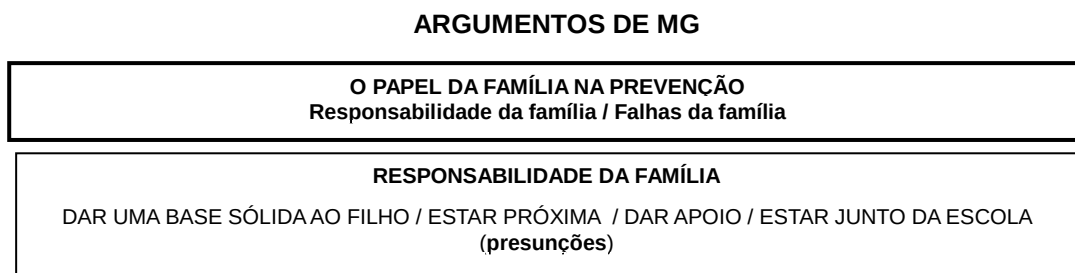
Os acordos utilizados por JU estão no esquema abaixo

**Quadro 12.** Argumentos de JU



A análise da retórica de MG funda o real sobre o papel da família, pois a base sólida implementada pela família poderá ser o diferencial do jovem, fazendo com que ele se desenvolva rapidamente. A escola e a família precisam estar juntas. Uma parceria que trará benefícios ao aluno por toda a vida. O diálogo sobre o papel da família foi marcado pela forma contundente de se expressar de MG.

**Quadro 13.** Argumentos de MG



Para ele a família é fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo. Diz que a família e a escola precisam estar juntas nessa caminhada. MG finaliza dizendo que é dever da família acompanhar todos os passos de seu filho buscando a sinergia necessária para se atingir o sucesso. Não aponta falhas da família, pois para ele essa culpa recai no modelo atual da sociedade, que destrutura as famílias.

Os discursos dos professores nessa categoria são, em sua maioria, fundados no real, associando a responsabilidade da família e as falhas da família como situações a serem destacadas. Consideram que a família deve fornecer o apoio necessário ao jovem para que ele se desenvolva e, ao mesmo tempo, se conscientize dos problemas relacionados às drogas. Achem que a família deveria participar mais do projeto político pedagógico, bem como das ações da escola. Percebem e revelam que toda a tarefa de educar acaba sendo transferida para a escola. Chegam a citar exemplos de desculpas vindas de familiares, que precisam trabalhar fora para prover o sustento da casa, ou ainda, que sequer têm tempo para brincar com o filho, pois chegam exaustos do trabalho. Os professores ficaram surpresos com as desculpas e costumam sinalizar que é através das brincadeiras que diversos valores poderão ser

trabalhados no jovem, além da necessidade de estar ao lado de quem se ama.

O esquema abaixo mostra os elementos centrais e os elementos condicionais dessa categoria.

**Quadro 14.** Categoria 2 - papel da família - elementos centrais e condicionais

| <b>ELEMENTOS CENTRAIS - VERDADE, FATO E PRESUNÇÃO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p align="center"><b>RESPONSABILIDADE DA FAMÍLIA</b></p> <p>DAR APOIO AO FILHO / EDUCAR O FILHO / DISPOR DE TEMPO PARA BRINCAR COM O FILHO / CONSCIENTIZAR DOS PROBLEMAS DAS DROGAS / DAR UMA BASE SÓLIDA AO FILHO / PASSAR VALORES CULTURAIS / INFORMAR SE ELE ESTÁ FAZENDO A COISA CERTA OU ERRADA</p> <p align="center">PARTICIPAR MAIS DAS AÇÕES DA ESCOLA E DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO</p> <p align="center"><b>FALHAS DA FAMÍLIA</b></p> <p>NÃO PARTICIPA DAS EXPECTATIVAS DO FILHO / ABANDONA OS FILHOS / EVITA FALAR SOBRE DROGAS PARA NÃO DESPERTAR A CURIOSIDADE NO FILHO / OS PAIS PERDERAM O CONTROLE SOBRE OS FILHOS / É RESPONSÁVEL PELA AGRESSIVIDADE DE HOJE / O ALUNO FICA AGRESSIVO</p> <p align="center">VALORES SÃO SUBSTITUÍDOS POR PRESENTES</p> <p>CULPA O PROFESSOR / A ESCOLA NÃO PODE CONTAR COM A FAMÍLIA / É NEGLIGENTE SOBRE O CONSUMO DO ALUNO TRANSFERINDO A TAREFA PARA A ESCOLA / O JOVEM APRENDE VALORES NA ESCOLA, MAS DESAPRENDE TUDO EM CASA</p> <p align="center">O JOVEM PODERÁ APRENDER TUDO ERRADO NA RUA</p>                                                                                                                                              |
| <b>ELEMENTOS CONDICIONAIS - VALOR, HIERARQUIA E LUGAR DO PREFERÍVEL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <p align="center"><b>VALORES NEGATIVOS – SOCIEDADE</b></p> <p>HOJE A CRIANÇA É MAIS DO TER DO QUE O SER / A QUESTÃO NÃO É DE TER CONHECIMENTO, A QUESTÃO É DE TER VALORES CULTURAIS</p> <p align="center"><b>VALORES POSITIVOS - FAMÍLIA</b></p> <p align="center">A ESCOLA NÃO PODE SUBSTITUIR A FAMÍLIA</p> <p align="center">MINHA MÃE CONVERSAVA POUCO, MAS OS VALORES SOBRE AS COISAS ERAM PASSADOS</p> <p align="center"><b>VALORES NEGATIVOS - FAMÍLIA</b></p> <p align="center">NÃO DÁ ATENÇÃO</p> <p align="center">NÃO DÁ AFETO</p> <p align="center">NÃO TEM TEMPO PARA OS FILHOS</p> <p align="center">NÃO DÁ LIMITE AO JOVEM</p> <p align="center">NÃO MOSTRA MAIS AO FILHO O QUE É CERTO E O ERRADO</p> <p align="center">A FAMÍLIA É DISTANTE DO FILHO E DA ESCOLA</p> <p align="center"><b>VALORES POSITIVOS - ESCOLA</b></p> <p align="center">TRANSMITE VALORES QUE SERVIRÃO PARA TODA A VIDA DO ALUNO</p> <p align="center"><b>VALORES POSITIVOS - PROFESSOR</b></p> <p align="center">A LUTA DO PROFESSOR É CONSTANTE</p> <p align="center">COMO PODEREI DESISTIR DO ALUNO SE A PRÓPRIA MÃE ESTÁ LARGANDO?</p> <p align="center">NA FALTA DA FAMÍLIA O PROFESSOR ACOLHE O ALUNO</p> |

Para os professores a família não demonstra preocupação em saber se o jovem está fazendo a coisa certa ou errada. Nesse sentido, a família não participará das expectativas do filho, preferindo substituir esse tempo que não é gasto ao seu lado por presentes caros. E por

mais que a escola tente passar valores para os adolescentes, acabam por desaprender tudo em casa. Na abordagem direta aos familiares os professores relataram que em casa os pais evitam falar sobre drogas, mesmo no sentido de orientá-los, porque segundo eles poderiam aguçar a curiosidade do adolescente e ele vir a consumir drogas. Revelam que o professor sempre é o culpado quando ocorre um fato negativo na escola envolvendo o aluno.

Por fim, afirmam que os pais perderam o controle sobre os filhos e, por isso, estão ficando cada vez mais agressivos e sem limites, principalmente, dentro da escola.

### **7.2.3. O papel dos professores e da escola**

A categoria 'ações da escola e dos professores na prevenção' compreende as ações que os professores consideram ideais direcionadas à prevenção do consumo dos alunos, tanto da escola como deles mesmos, assim como as falhas de ambos e as causas dessas falhas. Comporta ainda as dificuldades apontadas por eles para se efetivar uma ação educativa eficaz no combate às drogas na escola e na sociedade.

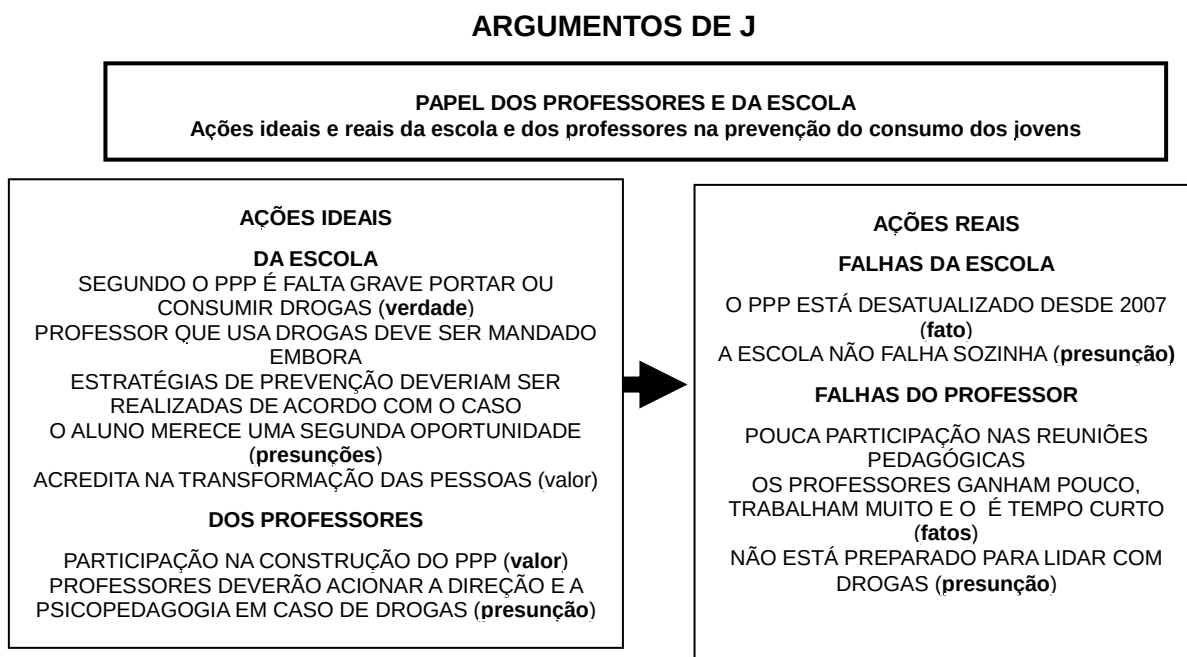
A análise da retórica de J sobre as ações da escola e dos professores é, de maneira geral, fundada no real e mostra que à medida que os alunos vão se desenvolvendo, o professor vai deixando aos poucos de se comprometer. Ocorreram casos no colégio de professores usuários de drogas ilícitas. No caso do aluno a escola procura ajudar caso seja apanhado com drogas, mas se acontecer com o professor ele é demitido. Professores participam pouco de eventos no colégio em função de precisarem correr para outra escola. O que ele recebe não é o suficiente para sustentar a família. É preciso acreditar na recuperação da pessoa humana.

O diálogo foi marcado pela tentativa de J de citar as ações da escola sobre alunos e professores usuários. Criticou às famílias por não aceitarem os comportamentos impróprios dos filhos. J tratou do caso de uma família, que ela chamou para conversar sobre o filho que estava usando drogas. Colocou o caso como exemplo do que se costuma assistir nas reuniões: a falta de aceitação dos pais em relação aos comportamentos dos filhos. Relatou que o pai olhava para o próprio filho e dizia "*É claro que ele está andando com fulano, meu filho nunca fez isso!*" (apêndice 1, p. ii), indicando a cegueira do pai em aceitar que seu filho fosse "*a laranja podre da escola*" (apêndice 1, p. iv). Em outro caso, a mãe, já sabendo que o filho era usuário e que seria convidado a se retirar da escola, situação prevista no PPP, preferiu tirar o filho da escola. Outra ação, em função dos seguranças terem observado traficantes nas imediações do colégio, foi a de revistar a mochila dos alunos, mas nada foi encontrado.

No caso de professores usuários, se constatado são desligados, como ocorreu com um professor de artes, que estava alterado e foi mandado embora por justa causa. Critica também os professores e diz que todos estão cientes de que caso um aluno seja apanhado com drogas deverão ser alertar a direção e o serviço de psicopedagogia da escola para que providências

sejam tomadas. Consta que os professores evitam uma aproximação maior com o aluno quando descobrem que há envolvimento com drogas. Acredita que os professores não se sentem preparados para lidar com a questão. Mas alega que ninguém pode dizer que a escola não tem um psicopedagogo ativo, já que *"agora eu divido com ele e traçamos juntos, estratégias de acordo com cada caso"* (apêndice 1, p. iii). Por outro lado, reconhece que o PPP precisa ser atualizado, pois a última atualização foi em 2007, e compreende quando os professores questionam a necessidade do aluno ter que ser expulso se for apanhado com drogas. Os acordos de J estão resumidos no esquema abaixo.

**Quadro 15.** Argumentos de J



Informou que o colégio busca parcerias para desenvolver projetos em diversas áreas, como a implantação de um trabalho com os grupos de AA e NA no processo de saúde e cidadania. Alega que várias tentativas foram feitas com os professores, mas eles nunca querem dar ideias, evitam fazer qualquer comentário e não querem participar de nada. Muitos professores trabalham em vários colégios, saindo de uma escola para outra, com o tempo muito apertado, pois precisam sustentar a família. J quis criar eventos no sábado, mas os professores não participam, dizem que é o único tempo para estar próximo à família. Assim, essas faltas acabam por ser compreendidas pela direção da escola.

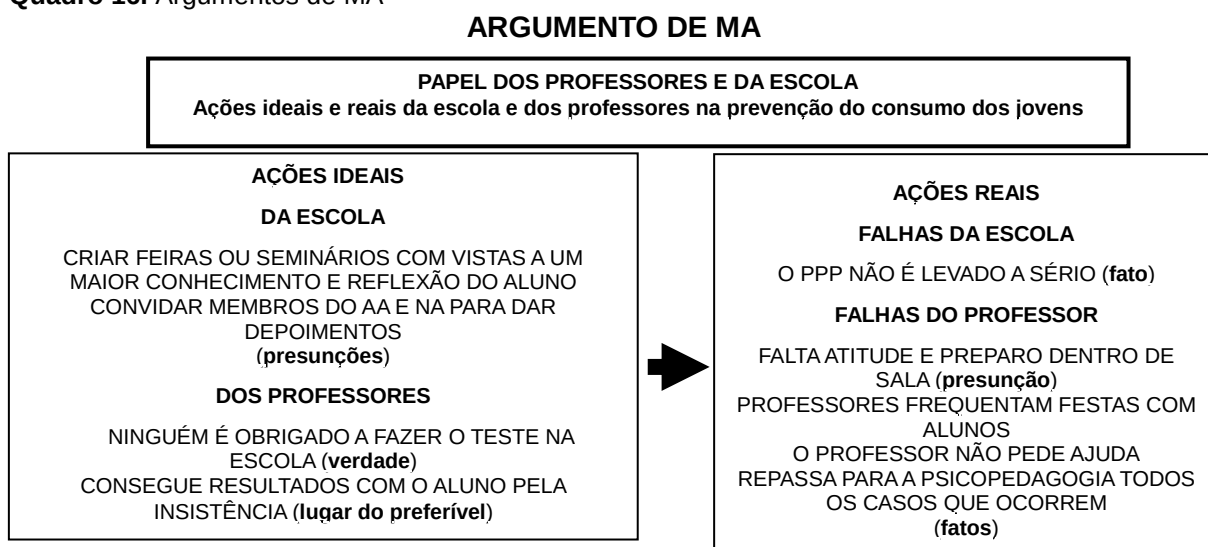
J diz que nas administrações anteriores nunca teve que responder sobre qualquer questão acadêmica, estando a direção totalmente autônoma para decidir sobre questões pedagógicas. Eles nunca queriam se envolver. Mas a atual, que assumiu há cerca de um ano, participa de tudo, tanto o administrativo como o acadêmico, promove reuniões permanentes com gestores e toma as medidas cabíveis para sanar problemas.

A análise da retórica de MA fundada no real, sobre as ações da escola e dos professores, sinaliza para a falta de atitude e a falta de preparo do professor dentro de sala. O professor escuta de seus alunos relatos de uso de drogas por parte de familiares. Professores frequentam as mesmas festas que os alunos e veem alunos bebendo até cair. Convidar usuários de drogas em recuperação para ministrar palestras informativas, poderá ajudar no processo de informação. Na escola ninguém é obrigado a ser testado para saber se usou ou não drogas.

O diálogo sobre as ações da escola e dos professores foi marcado pelo relato de MA, dizendo que nunca se deparou em sala com alunos drogados e sim com situações relacionadas a parentes que se envolveram com o tráfico de drogas ou simplesmente tornaram-se usuários de drogas. MA passou por momentos indesejados em festas, pois alega que lá sim conviveu e convive com alunos usuários de bebida alcoólica do 9º ano do fundamental em diante. O que impressiona MA é que não existe uma censura para o consumo de bebida alcoólica que são fornecidas e se apresentam das formas das mais variadas possíveis pelos responsáveis pelas festas e ao presenciar um caso disse "A dona da casa sabia e nada fazia. Quando ela viu que o menino estava passando muito mal, resolveu ligar para alguém ir buscar".

Conhece a política institucional da escola, mas repassa todos os casos que lá ocorrem para a psicopedagogia. Para MA o professor precisa estar preparado para lidar com as questões das drogas, além de considerar também uma falta de atitude da parte deles. Ressalta que existe uma banalização sobre drogas muito grande por parte dos alunos em função da educação recebida em casa, porque muitos estão envolvidos com drogas lícitas e ilícitas. Palestras e seminários de conscientização para os professores poderão ajudar, mas tem dúvidas se seriam o suficiente e diz "*O que falta é trazer gente de fora com mais experiência. Só o aprendizado com a disciplina parece não ser o suficiente*" (apêndice 1, p. vi).

#### Quadro 16. Argumentos de MA



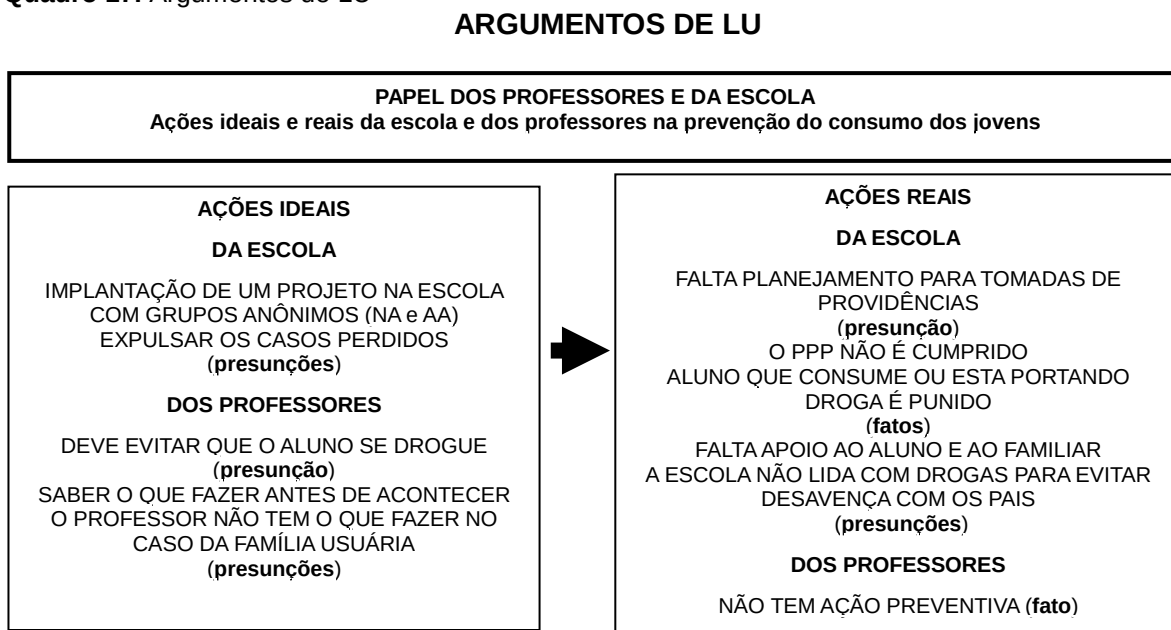
Em relação ao PPP que diz que o aluno ou professor que for pego consumindo ou portando drogas, deverá ser convidado a se retirar do colégio, informa que isso deverá ser provado e ninguém é obrigado a ser testado no colégio. Para um processo de prevenção as drogas, convidar palestrantes, usuários em recuperação para dar depoimentos de suas histórias de vida, criar seminários ou feiras capazes de levar os alunos a um maior conhecimento e uma reflexão sobre drogas seriam importantes. MA vai mais longe, quando revela que todos deveriam estar engajados no processo único de prevenção as drogas e nesta ordem serem preparados para esse grande desafio, *"inicialmente só com os pais, depois, só com os filhos, depois só com os professores e uma aberta a toda a comunidade"* (apêndice 1, p. vii).

A análise da retórica de LU, fundada no real sobre as ações da escola e dos professores considera que professores e comunidade escolar não estão preparados ainda para lidar com a questão das drogas, principalmente se em alguns casos a própria família consome droga na frente dos filhos. A escola procura solucionar os problemas com drogas na medida em que eles ocorrem sem um planejamento efetivo. Assim que um aluno é suspeito de ter consumido ou caso esteja portando qualquer tipo de droga, o professor encaminha à direção que aplica uma suspensão e procura ligar imediatamente para o responsável vir buscar o aluno. Todavia, a conscientização, a informação e os valores ficam para trás.

O diálogo sobre as ações da escola e dos professores foi marcado pelo relato de LU, dizendo que sua experiência com drogas foi em decorrência de sua experiência como professora, enquanto que na família não soube de qualquer caso relacionado a drogadição. Em sala, LU relatou casos em que sua maior preocupação era estar ministrando aulas para alunos que haviam consumido ou mesmo portando drogas.

Em relação às providências, caso ocorra algum caso na sala de aula seria encaminhá-lo a direção, porém não de imediato, LU tentará se aproximar do usuário e oferecer ajuda, porém a questão é outra, a maioria dos alunos não quer receber ajuda e muito menos passar por um tratamento, dentro ou fora da escola. Nesse caso específico, não havia o que fazer, porque o jovem não queria ajuda. O fato de constar no PPP que o aluno ou o professor poderá ser convidado a se retirar da escola por qualquer envolvimento com drogas não quer dizer que isso ocorra. Segundo LU, isso dificilmente acontece e salienta, porque o jovem não vai seguir as normas, vai seguir seu desejo: *"Não adianta, mesmo que exista alguma coisa escrita, a palavra de ordem é 'eu quero'. Você não pode obrigar"* (apêndice 1, p. viii).

**Quadro 17.** Argumentos de LU



LU deixa transparecer que a escola não quer lidar com casos complexos como os de drogadição, para que não receba retaliação de familiares de outros alunos. Acredita que palestras de conscientização sobre drogas costumam ajudar os professores a lidar melhor com os alunos e seus familiares. Outro ponto importante é a tentativa por parte da escola de trazer jovens em recuperação, para darem depoimentos sobre suas histórias de vida. É fundamental que isso ocorra várias vezes ao ano. Em relação à família LU diz ficar muito preocupada, pois eles não dispõem de tempo para os seus filhos. Os próprios alunos relatam em sala que os pais sentem-se cansados ou sem paciência quando chegam do trabalho. Isso acaba prejudicando todo desenvolvimento do jovem, principalmente dentro de sala.

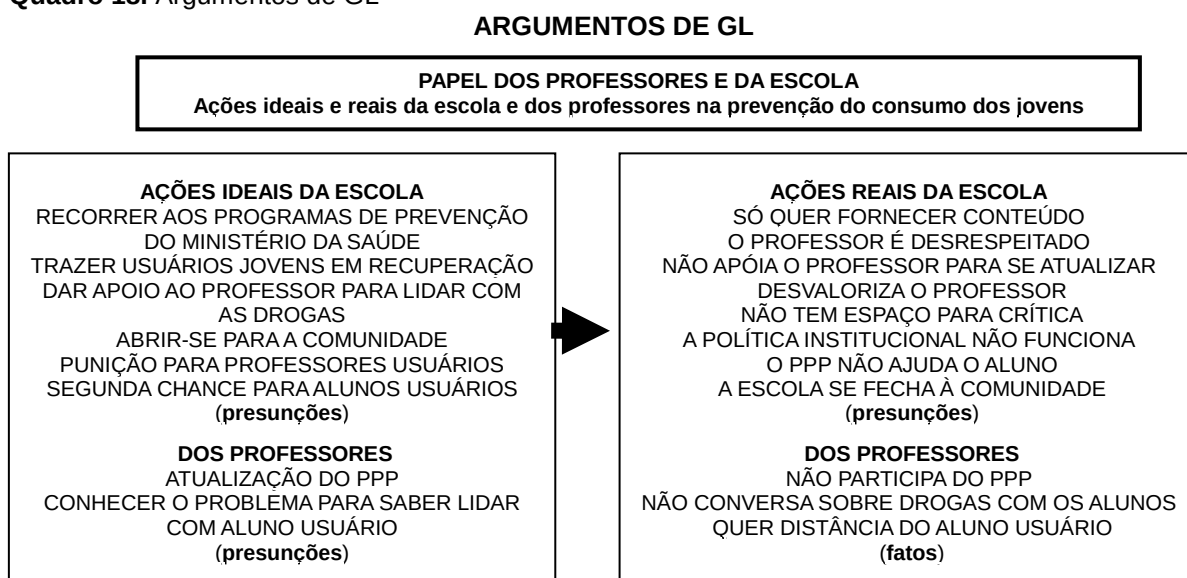
Por fim LU faz uma colocação surpreendente para alguns, dizendo que meninas do ensino fundamental II estão ingerindo álcool na mesma proporção que os meninos, nas festas, e coloca a responsabilidade disso na família, que tem dificuldade de impor limites aos seus filhos. Faz também uma outra colocação: 'Isso tem a ver com a liberdade que é dada dentro de casa, liberdade essa que ele não tem condições de ter. O adolescente precisa ter limites'.

A análise da retórica de GL, fundada no real, sobre as ações da escola e dos professores, considera que os professores ao saberem que determinado aluno é usuário de drogas, tentará se ver livre dele de qualquer forma, já que não se sente preparado para lidar com essas questões. O primeiro passo para o uso de outras drogas é o consumo de álcool que vem crescendo assustadoramente. A escola deveria trazer usuários jovens em recuperação com o intuito de mostrar um outro lado da vida sem drogas, isso poderia ajudar o jovem a se decidir, já que ele acha que pode tudo. Deixar de pensar só em conteúdos e ampliar suas atividades envolvendo todos os professores e as famílias dos alunos.

O diálogo sobre as ações da escola e dos professores foi marcado pelo relato de GL,

dizendo que o álcool foi a droga de que mais ouviu falar e mesmo testemunhou muitos jovens em festas consumindo-o em grande quantidade. Entretanto, num tom de brincadeira, escutou alguns alunos comentando a respeito de determinadas drogas ilícitas, mas não teve a oportunidade de conviver diretamente com nenhum caso específico. Segundo GL o professor não está preparado para lidar com as questões que envolvem as drogas. Tem uma visão que quase sempre é punitiva, independente de seu conhecimento. Teve a oportunidade de analisar o PPP e acredita que caso ocorra algum problema relacionado ao professor usuário de drogas, este não será merecedor de alguma *chance*, porém o aluno será um caso a ser estudado, devido a sua complexidade do assunto para o jovem, e diz: "*Se for o professor ele não deverá trazer drogas para o ambiente de trabalho, principalmente, por ser uma pessoa esclarecida, estudada. Mas se ele trouxer, deverá ser convidado a se retirar*" (apêndice 1, p. xi).

**Quadro 18.** Argumentos de GL



Para GL uma das mais benéficas estratégias de se esclarecer e ao mesmo tempo causar um impacto nos alunos seria a escola convidar usuários em recuperação para dar depoimentos de suas histórias de vida e de preferência, jovens também. GL acredita que a linguagem do jovem tem um poder reflexivo diferenciado, quando estão juntos. Quanto às ações preventivas que poderiam afastar os jovens das drogas, GL aponta para os programas de prevenção as drogas do Ministério da Saúde como forma de ajudar aos mais necessitados, inclusive à família, pois muitos pais estão envolvidos com drogas.

GL relata que a escola esta envolvida hoje mais no nível de conteúdo, não se preocupando com os espaços que poderiam ser abertos à comunidade para diversos fins. Já na política institucional, a escola poderia realizar algumas coisas, para que as regras fossem respeitadas, pois não é o que se vê, e tece uma consideração: "*Se a gente for levar tudo à risca, vai ser difícil; confesso que às vezes a gente vê um aluno xingando, mas você vai chamar*

*a atenção dele até certo ponto, senão, toda vez que isso acontecer você vai acabar levando um aluno para direção"* (apêndice 1, p. xii). O desrespeito ao professor é visível. Por fim, apenas uma coisa é intolerável, a agressão física.

A análise da retórica de JU fundada no real sobre as ações da escola e dos professores considera que tanto a escola como os professores poderiam fazer mais pelos seus alunos. Leituras, orientações, medidas preventivas e principalmente preparando o professor através de cursos e seminários, de modo a tornar esse profissional uma referência para os alunos, para os responsáveis e para a própria escola.

O diálogo sobre as ações da escola e dos professores foi marcado pelo relato de JU que diz ter alunos usuários de drogas, tanto no ensino médio quanto no fundamental. Acredita que a escola investe muito pouco em programas de prevenção às drogas, mas estaria no caminho certo para o sucesso e fornece algumas soluções: "Investir no profissional; pouco se faz por ele, como por exemplo, a ida de professores a congressos, a debates..." (apêndice 3, lxxv). Em relação ao PPP se confundiu um pouco no início da fala, mas deixou claro que medidas precisam ser tomadas quando ocorre alguma irregularidade na escola.

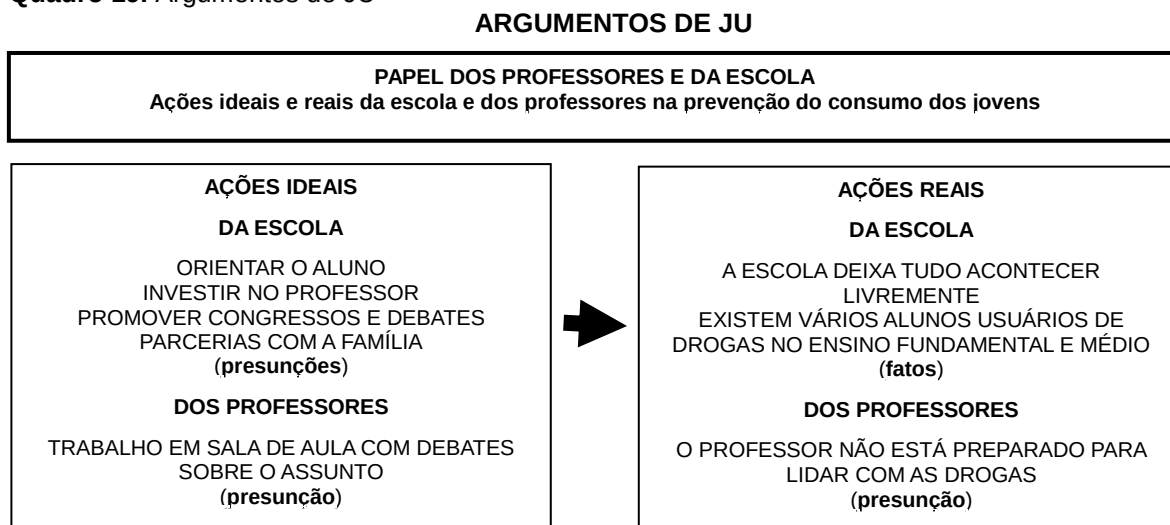
Acredita que hoje o professor não está preparado para lidar com a drogadição de seus alunos. Caso perceba que um aluno esteja portando ou consumindo drogas, tenta se aproximar e ajudar de alguma forma, porém se isso fugir ao seu controle procuraria alguém para ajudar, de imediato comunicando a direção da escola e pedindo aos pais que compareçam à escola.

A professora procura não expor o aluno e elevar o tom de voz dentro de sala e revela: "*Preciso depois, chamar os pais e tentar colocar da forma mais clara possível. É um trabalho de integração em que todos os envolvidos precisam participar. Em momento algum passa pela minha cabeça agir sozinha*" (apêndice 2, p. xliii).

Para JU um trabalho permanente de orientação às drogas por profissionais especializados seria importante. Trabalhou em sala de aula com os alunos um livro que conta uma história de um personagem que se envolveu com drogas. JU conseguiu envolver toda a turma a ponto de pedir a todos que preparassem uma apresentação que no final contou com a participação de um dependente em recuperação que contou sua história de vida e ainda proporcionou um debate que jamais será esquecido. Ressalta que a parceria entre a escola e a família é fundamental para o bem-estar do jovem.

O esquema, com os acordos de JU, está a seguir.

**Quadro 19.** Argumentos de JU



A análise da retórica de MG fundado no real sobre as ações da escola e dos professores considera que a curiosidade do jovem é grande e algumas coisas poderão ajudá-lo a resistir à tentação das drogas, como por exemplo, a orientação do professor ou de alguém que tenha sofrido com as drogas e que hoje esteja em recuperação. A escola precisa abrir as portas a toda comunidade sendo a extensão da casa do aluno. O aluno precisa pensar em coisas saudáveis, pois a curiosidade de usar drogas parece ser ainda maior nos dias atuais. Professores têm dificuldade de identificar usuários e traficantes dentro e fora da escola.

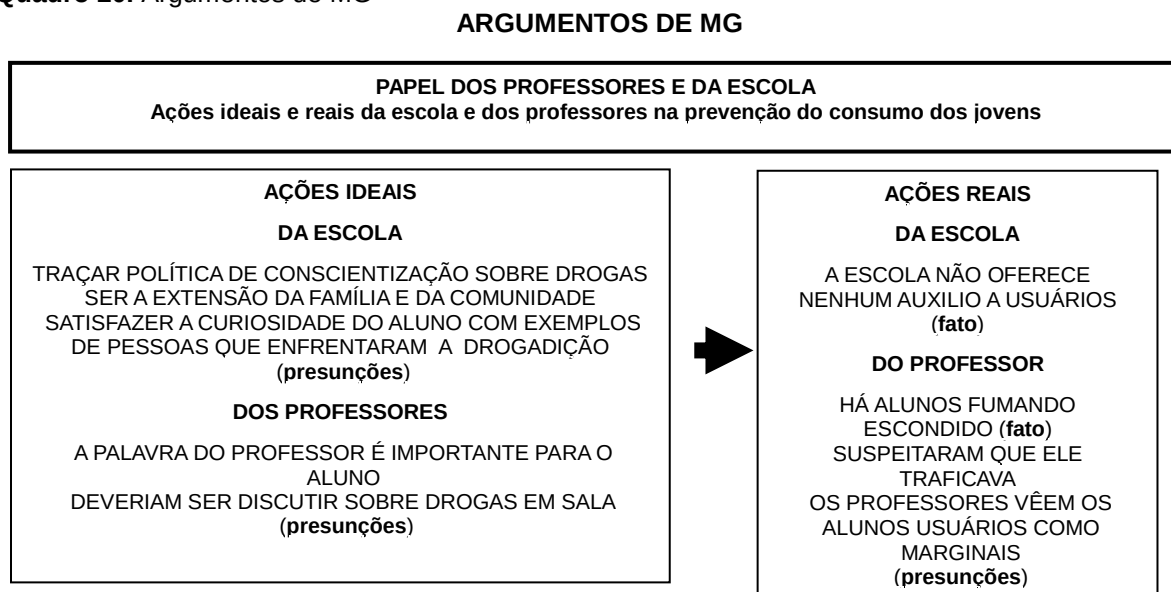
O diálogo sobre as ações da escola e dos professores foi marcado pelo relato de MG, dizendo que duas coisas poderão contribuir para erradicar o consumo de drogas. Primeiro a importância que tem a palavra do professor dentro de sala e segundo a contribuição de dependentes em recuperação no processo de uso e abuso de drogas.

Uma coisa chama a atenção, todos os entrevistados acreditam que dependentes em recuperação poderão contribuir e muito no processo de prevenção às drogas, conforme revela: *"o que é necessário seria o relato de quem já passou pela dor e conseguiu dar a volta por cima, isso sim, pode mexer com os adolescentes"* (apêndice 1, p. xv).

Para MG, a escola deveria ficar sempre aberta à comunidade, porque a própria comunidade poderia trazer todas as questões que ocorrerem do lado de fora, para serem analisadas dentro da escola e desabafa: *"O colégio não pode ser fechado. Ele precisa ser a extensão da casa do aluno, da comunidade. Alguém precisa ter um olhar próximo a isso. O colégio privado ou não precisa elaborar projetos que envolvam toda a comunidade"* (apêndice 1, p. xvi).

O esquema abaixo mostra a argumentação de MG.

**Quadro 20.** Argumentos de MG



MG afirma que a escola não está preparada para lidar com as questões que envolvem as drogas e muito menos os professores. Esses conhecimentos deveriam fazer parte de sua formação. Considera que a maneira de pensar do professor é tão negativa que muitos professores veem os alunos do consumo de drogas ilícitas como marginais: *"A maioria é preconceituosa. O fato das drogas ilícitas estarem vinculadas ao crime, fazem com que eles pensem assim"* (apêndice 1, p. xv). Para MG, quando perguntado sobre política institucional da escola sobre drogas a resposta vem de imediato, o aluno deverá ser encaminhado à família e ao conselho tutelar. Acredita que se o assunto das drogas fosse discutido mais em sala de aula, consequentemente poderia diminuir a curiosidade dos alunos e com isso dificultar a aproximação por parte destes às drogas.

Nota-se que os poucos valores do grupo, que definem seus ideais da prática educativa, centram-se em ações que não se direcionam especificamente para uma prevenção do consumo de drogas, mas demonstram uma crítica voltada para a instituição escola. No caso das drogas, significa que o papel da escola e do professor são concebidos como fazendo parte do real. Ou seja, eles não colocam seus valores em pauta. Utilizam em suas argumentações o que já está estabelecido em normas amplamente compartilhadas. Pode ser resultado de desconhecimento do assunto e/ou pouca liberdade de se colocar sobre o assunto, em função de ser um assunto tabu.

Os elementos centrais e condicionais da categoria "Papel da escola e dos professores na prevenção" podem ser resumidos no esquema abaixo.

**Quadro 21.** Categoria 3 - Papel da escola e dos professores - elementos centrais e condicionais

| <b>ELEMENTOS CENTRAIS - VERDADE, FATO E PRESUNÇÃO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p style="text-align: center;"><b>AÇÕES IDEAIS DA ESCOLA</b></p> <p>TRAÇAR POLÍTICA DE CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE DROGAS / PROMOVER DEBATES COM VISTAS A UM MAIOR CONHECIMENTO E REFLEXÃO DO ALUNO</p> <p>ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DEVERIAM SER REALIZADAS DE ACORDO COM CADA CASO</p> <p>PROFESSOR QUE USA DROGAS DEVE SER MANDADO EMBORA / O ALUNO MERECE UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE / EXPULSAR SÓ OS CASOS PERDIDOS</p> <p>DAR APOIO AO PROFESSOR PARA LIDAR COM AS DROGAS / INVESTIR NO PROFESSOR</p> <p>SER A EXTENSÃO DA FAMÍLIA E DA COMUNIDADE</p> <p style="text-align: center;"><b>DOS PROFESSORES</b></p> <p>ACIONAR A DIREÇÃO E A PSICOPEDAGOGIA EM CASO DE DROGAS</p> <p>EVITAR QUE O ALUNO SE DROGUE / CONHECER O PROBLEMA PARA SABER LIDAR COM ALUNO USUÁRIO</p> <p>TRABALHAR EM SALA DE AULA COM DEBATES SOBRE O ASSUNTO</p> <p>O PROFESSOR É IMPORTANTE PARA O ALUNO</p> <p style="text-align: center;"><b>AÇÕES REAIS DA ESCOLA</b></p> <p>FALTA PLANEJAMENTO PARA TOMADAS DE PROVIDÊNCIAS / O PPP NÃO É LEVADO A SÉRIO / PPP NÃO AJUDA O ALUNO / O PPP ESTÁ DESATUALIZADO DESDE 2007</p> <p>FALTA APOIO AO ALUNO E AO FAMILIAR</p> <p>NÃO LIDA COM DROGAS PARA EVITAR DESAVENÇA COM OS PAIS / SÓ QUER SABER DE FORNECER CONTEÚDO / DESVALORIZA O PROFESSOR</p> <p>NÃO TEM ESPAÇO PARA CRÍTICA / A ESCOLA SE FECHA À COMUNIDADE</p> <p>NÃO RESPEITA O PROFESSOR / NÃO APÓIA O PROFESSOR PARA SE ATUALIZAR</p> <p>A ESCOLA DEIXA TUDO ACONTECER LIVREMENTE / EXISTEM VÁRIOS ALUNOS USUÁRIOS DE DROGAS NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO / A ESCOLA NÃO OFERECE NENHUM AUXÍLIO A USUÁRIOS / ALUNO USUÁRIO DE DROGA É PUNIDO</p> <p>A ESCOLA NÃO FALHA SOZINHA</p> <p style="text-align: center;"><b>DOS PROFESSORES</b></p> <p>POUCA PARTICIPAÇÃO NAS REUNIÕES PEDAGÓGICAS</p> <p>OS PROFESSORES GANHAM POUCO, TRABALHAM MUITO E O TEMPO É CURTO / NÃO ESTÁ PREPARADO PARA LIDAR COM DROGAS</p> <p>PROFESSORES FREQUENTAM FESTAS COM ALUNOS</p> <p>O PROFESSOR NÃO PEDE AJUDA / NÃO TEM AÇÃO PREVENTIVA / REPASSA PARA A PSICOPEDAGOGIA TODOS OS CASOS QUE OCORREM</p> <p>TEM DIFICULDADE DE CONVERSAR SOBRE DROGAS COM OS ALUNOS / O PROFESSOR QUER DISTÂNCIA DO ALUNO USUÁRIO / OS PROFESSORES VÊEM OS ALUNOS USUÁRIOS COMO MARGINAIS</p> |
| <b>ELEMENTOS CONDICIONAIS - VALOR, HIERARQUIA E LUGAR DO PREFERÍVEL</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <p>ACREDITA NA TRANSFORMAÇÃO DAS PESSOAS / CONSEGUE RESULTADOS COM O ALUNO PELA INSISTÊNCIA / SE LEVAR TUDO AO PÉ DA LETRA, SERÁ DIFÍCIL AJUDAR O ALUNO</p> <p>UM DOS PAPÉIS DA ESCOLA É ORIENTAR O ALUNO</p> <p>O PROFESSOR PROCURA SE ATUALIZAR PARA NÃO FICAR PRA TRAZ / A ESCOLA POUCO INVESTE NO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO / O PROFESSOR SE SENTE DESVALORIZADO</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |

Os discursos dos professores nessa categoria, em sua maioria, fundam o real, associando a ações ideais da escola e dos professores, bem como, as ações reais da escola e dos professores. Relatam que os professores que são pegos consumindo ou portando drogas

deverão ser convidados a sair da instituição. Em relação aos alunos deveria ser dada uma nova oportunidade, já que eles estão num processo de formação e desenvolvimento. Consideram que na fase de adolescência o indivíduo passa por mudanças cognitivas e comportamentais, o que justificaria uma nova oportunidade para o adolescente.

A escola deveria investir mais no profissional, dar apoio ao professor para que ele possa lidar com a questão das drogas, enfrentando os desafios próximos aos alunos e não repassando a outros profissionais de imediato por falta de conhecimento ou medo. Acreditam que a criação de políticas de conscientização sobre drogas nas escolas forneceria resultados mais significativos para os alunos. Compartilham com o afastamento em definitivo da escola dos casos de alunos considerados perdidos. Nesse sentido, cabe ao professor evitar que o aluno se drogue, procurar compartilhar com a direção e a psicopedagogia os casos relacionados às drogas. Dentro de sala inserir conteúdos e debates sobre drogas para que o aluno aprenda e se fortaleça, decidindo quando estiver sozinho pelo melhor caminho a seguir. Para eles, é dentro de sala que a palavra do professor poderá fazer a diferença.

Os professores revelaram que nos dias atuais não dispõem de tempo para participar de qualquer evento na escola, seja com familiares ou participando de reuniões pedagógicas, porque o seu dia-a-dia é muito movimentado. Se referem à necessidade de ter que correr para outras instituições para trabalhar, já que o que eles ganham é muito pouco para prover a família. Alguns consideram que ao participarem das mesmas festas que os alunos, alguns professores incorrem no erro de estarem criando um vínculo afetivo com eles, e isso poderá dar margem ao favorecimento desses alunos dentro de sala. Entretanto, com relação às drogas ilícitas os professores deixam claro que veem os alunos, de modo geral, como marginais. É uma postura ambígua, pois acreditam que a adolescência é uma fase onde ocorrem mudanças, sendo o adolescente um sujeito ainda em formação. No que tange às regras da escola, reclamam da falta de participação no PPP e da regra de punição para quem é pego usando drogas, que é visto como um problema. Ou seja, consideram que todos deveriam participar da elaboração do PPP e criar normas mais adequadas para lidar com esse problema do consumo.

Os poucos valores manifestados são direcionados mais à relação entre escola, professor e aluno, destacando a pouca valorização do professor e do aluno, na medida em que o professor não tem espaço para a atualização, sentindo-se desvalorizado pela escola. Em relação aos alunos, pensam que a escola centra-se demasiadamente nos conteúdos em detrimento das trocas de experiências, na prática educativa cotidiana, expressa pela construção de vínculos fortes nas relações entre professor/aluno, professor/direção, professor/professor e nas trocas entre professor/direção/pais.

### **7.3. ANÁLISE RETÓRICA DAS ENTREVISTAS EM GRUPO**

Realizamos duas entrevistas em grupo: uma logo após as entrevistas individuais, entre os meses de setembro e outubro de 2013, com os professores GL, JU e MG, e outra entre os meses de março e abril de 2014, com as professoras MA, LU e CR. Destacamos que o convite à CR, que não havia participado das entrevistas individuais, foi enriquecedor, na medida em que trabalha na escola há mais de 25 anos, tendo vasta experiência no ensino fundamental I e II.

As entrevistas em grupo ocorreram em diversos dias, tendo o auxílio de um gravador em todos os instantes das entrevistas, com a anuência dos participantes. Conciliar o horário das entrevistas com as aulas ministradas pelos professores no colégio, bem como o horário do entrevistador na instituição, não foi uma tarefa fácil de administrar. Entretanto, foram criadas todas as possibilidades, por parte dos professores, para a realização das entrevistas no dia e horário combinado. Lembramos que nenhum professor faltou ou mesmo chegou atrasado, apesar das dificuldades de horário, o que demonstrou boa vontade dos professores em participar das entrevistas.

#### **7.3.1. Primeira entrevista em grupo**

O diálogo sobre o papel da família foi marcado pelo compartilhamento de ideias de JU, MG e GL. Acreditam que o papel da família não está sendo desenvolvido pela maioria das famílias como deveria, inclusive, delegando à escola a responsabilidade para educar. A família tem o hábito de dar desculpas toda vez que é convidada a participar de um evento na escola. Consequentemente, a integração fica cada vez mais distante. Entendem que a aproximação fará bem tanto à família, que passará algumas horas com seu filho, quanto ao filho que assim estende o convívio com os pais e ao mesmo tempo fornece a oportunidade ao colégio de conhecer melhor aquela família. O distanciamento poderá levar o indivíduo ao uso de drogas na maioria dos casos pela curiosidade de experimentar algo de diferente nessa faixa etária ou mesmo para tentar chamar a atenção dos pais. JU, MG e GL acreditam que a criação de um espaço permanente para o encontro da tríade aluno, família e colégio seja benéfica para que possam estar integrados, sendo considerado relevante para a formação saudável do indivíduo.

O diálogo sobre as ações da escola e dos professores foi marcado pelo relato de JU, MG e GL que evitaram polemizar a entrevista. O entrevistador tentou de todas as maneiras criar uma discussão do início ao fim, mas foram poucos os momentos em que os professores relataram suas opiniões. Quando o assunto é a política institucional do colégio, relatam que não estão a par ou dependendo do professor, qualquer problema que ocorrer encaminham à direção do colégio para as devidas providências. Na verdade evitam se envolver. Concordaram timidamente que o assunto das drogas poderia ser discutido mais em sala, desde que o

professor esteja mais bem preparado. JU relata que a necessidade do professor ter que estar em vários lugares para sobreviver, dificulta ainda mais o aprendizado, porque não há tempo disponível. MG diz que quando sobra um tempinho, quer dormir de tão cansado que fica. GL diz em tom de brincadeira que só de escutar os colegas, sente-se cansado, mas na verdade com tantas provas e trabalhos a serem preparados e corrigidos não há quem consiga aguentar, se referindo à escassez do tempo. Concordaram que os professores não estão preparados para lidar com as drogas e são visivelmente preconceituosos. Apenas MG diz que como sua formação está ligada a área de saúde e aprendeu a conviver com alunos de classes diferenciadas, afirmou não ser tão preconceituoso. Para JU, MG e GL a escola deixa de tomar uma série de providências para evitar que os alunos saiam de lá, pois isso poderia comprometer o lado financeiro da instituição, ou mesmo não evitar que assuntos como os das drogas cheguem aos ouvidos de outras famílias, dificultando a entrada de novos alunos.

Por fim, em relação ao trabalho de prevenção GL sinalizou no sentido de ter reuniões permanentes envolvendo toda a comunidade escolar, MG acredita que se a escola conseguir duas ou três vezes dependentes em recuperação para contar suas histórias de vida durante o ano, poderia causar um impacto maior nos sujeitos levando-os a uma reflexão mais detalhada na cabecinha de cada um e JU optou por tentar criar um tipo de linguagem que pudesse ser acessível e entendido por todos, como meio de facilitar o aprendizado e consequentemente a tomada de decisão, por eles, quando o assunto fosse drogas

### **7.3.2. Análise da segunda entrevista em grupo**

A segunda entrevista em grupo buscou esclarecer alguns tópicos que ficaram sem resposta e outros que surgiram ao longo do processo de análise. O procedimento da entrevista, desta vez, procurou uma confrontação mais intensa, procurando estabelecer uma controvérsia ainda mais acirrada do que as entrevistas anteriores, de modo a promover polêmicas sobre questões que apresentaram controvérsias nas entrevistas anteriores. Esse procedimento permitiu aprofundar algumas controvérsias estabelecidas entre os professores, o que enriqueceu a análise. Os tópicos definidos para essa entrevista giraram em torno da dependência de drogas; da relação professor/escola/família do aluno que consome e do crescimento do consumo e como prevenir o consumo de drogas.

O conhecimento sobre as drogas dos entrevistados derivam de diferentes fontes. Foi perguntado ao grupo onde procurariam informações sobre as drogas. LU, CR e MA possuem diferentes experiências com as drogas e os usuários. CR passou momentos difíceis com o irmão que era alcoólatra e viciado em tabaco. Caso não tivesse passado por essa experiência, procuraria um médico ou um psicólogo para ser orientada nos mínimos detalhes sobre as drogas. MA, pela experiência com a filha, usuária de substâncias criadas em laboratórios e que

hoje se encontra em recuperação, procuraria ajuda em livros ou em ONG, que tratam do assunto para obter as informações necessárias ao seu conhecimento sobre drogas. LU por ter escolhido a profissão de professora, acredita que mais cedo ou mais tarde passaria por essa experiência, não conseguindo saber ao certo de que outra forma iria

Na tentativa de identificar um usuário de drogas percebeu-se que tanto MA como LU, conseguem facilmente essa identificação pelas experiências que tiveram com drogas. LU ainda ressalta que tinha um aluno usuário de cocaína em sala e por vezes o encontrava sob o efeito da droga. Já CR por trabalhar com crianças nas faixas etárias de 11 a 14 anos, percebe uma dificuldade em identificar um usuário de drogas, tendo em vista o fato de que durante o dia dificilmente um adolescente vai usar qualquer tipo de drogas. LU informa que os alunos costumam se aproximar dela e conversar a respeito do aluno usuário, apesar de que sempre notou algo de diferente com aquele aluno. Esse mesmo aluno quando usava cocaína ficava muito agitado. Apesar das tentativas de aproximação LU não obtinha respostas para suas perguntas, então LU o encaminhava para casa.

Foi marcado pelas características ligadas ao comportamento das professoras ao lidar com seus alunos. Como por exemplo, quando um aluno se aproximou de MA e perguntou se por ser uma sexta-feira não era dia de tomar um *chopinho*. MA engoliu seco e não respondeu nada, o que deixou LU aborrecida a ponto de perguntar a ela o porque de não dar um retorno ao aluno perguntando se ele não sabia que era criança e ainda se a mãe dele soubesse disso o que ela faria. CR informa que os próprios alunos relatam em sala que em festas os próprios pais oferecem bebidas alcoólicas aos seus filhos.

Quando o assunto são os objetos utilizados no uso de drogas percebe-se que as professoras conseguem identificar alguns, permanecendo na dúvida em relação a outros objetos. MA consegue identificar garrafas plásticas e cachimbos e que servem para beber álcool e fumar *crack*. Já CR, certa vez numa festa, achou uma cápsula no banheiro, do tipo das que são utilizadas para se guardar cocaína. LU desconfiada de que alguns meninos estavam brincando com uma latinha, chegou a pensar que serviria para consumir cola de sapateiro, porém tudo não se tratava de um mal-entendido. Em uma outra oportunidade LU disse que em sala de aula já descobriu que alguns alunos estavam usando bebidas alcoólicas em garrafas de refrigerante, pelo simples fato dos alunos estarem rindo um do outro a cada gole. Caso se deparassem com um objeto utilizado no uso de drogas os professores foram bem objetivos. MA conversaria com o aluno, mas não informaria à direção, porém em caso de reincidência, aí sim, encaminharia à direção e posteriormente comunicaria aos pais. Já CR, por respeitar a hierarquia na instituição, levaria o aluno e o objeto à presença da diretora. LU foi enfática dizendo ter problemas demais para tomar alguma providência com o aluno e, portanto o encaminharia como CR à direção.

Dar ciência ao familiar caso o seu filho esteja usando qualquer tipo de drogas, não chegou a gerar uma polêmica muito grande, pois todas as professoras entendem que é um assunto tão delicado que requer certo cuidado da escola neste tratamento com os pais e somente a direção deverá tomar essa iniciativa. Para MA os alunos devem ser tratados de forma igual e nem se tivesse intimidade com o aluno e os pais, deveria ser ela a responsável pela notícia, no primeiro momento do suposto envolvimento com drogas pelo aluno. Porém, estaria disposta a conversar com o aluno antes de passar à direção de modo a filtrar o que realmente ocorreu. Estaria à disposição posteriormente para estar presente na reunião junto a direção e com os pais, depois que todos os fatos fossem apurados. Entretanto, LU e CR não concordam com MA, dizendo que o professor deveria passar de imediato o ocorrido para direção, estando presente no momento da reunião com os pais, principalmente se tal fato ocorreu em sala de aula.

A análise retórica da entrevista de CR, MA e LU apresenta presunções a respeito da dependência de drogas, considerando que a perda de controle é o que caracteriza a dependência de drogas. Utilizam uma argumentação fundada no real, estabelecendo uma relação de sucessão onde a causa da dependência é o descontrole. Nesse sentido, por mais que o indivíduo tente parar, ele não consegue. Estabelece ainda uma relação de coexistência entre a idade e o controle. Para MA quanto mais velho for o indivíduo a tendência é que ele tenha o controle. Os professores consideram ainda o que leva o indivíduo a usar drogas, também se apoiando no real, estabelecendo que as causas do consumo se relacionam com a base que a família fornece ao indivíduo. Uma base sólida poderá fazer a diferença, ser um impeditivo para a entrada no mundo das drogas. Apontam também o ambiente em que a pessoa está inserida, como causa do consumo, utilizando um lugar do preferível do tipo "dize-me com quem andas que lhe direi quem és".

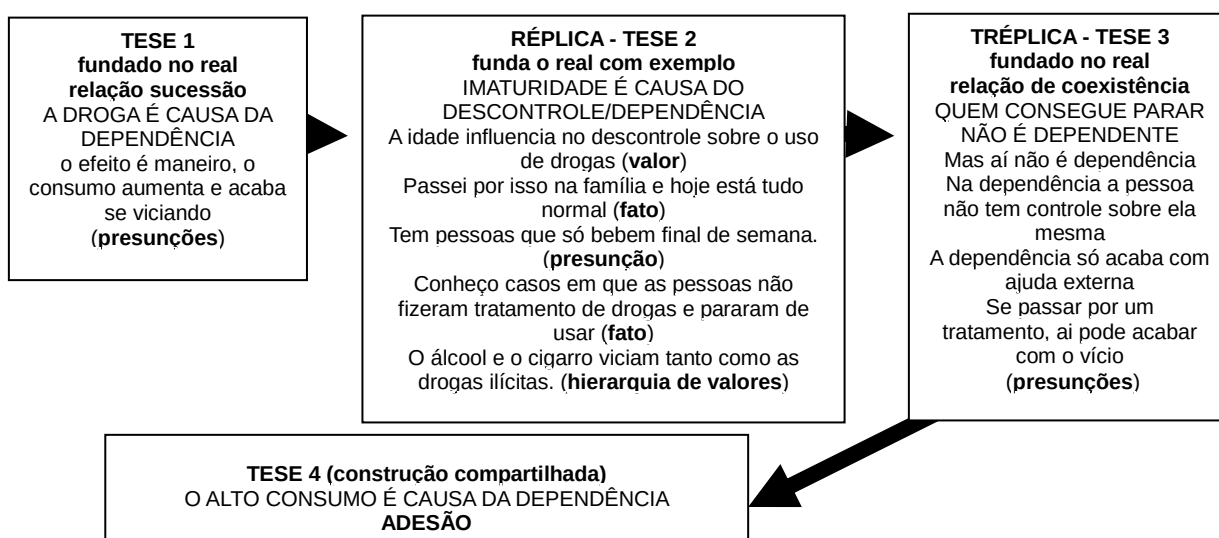
O diálogo sobre a dependência foi caracterizado, no entanto, por uma controvérsia entre duas concepções diferentes sobre as drogas e sobre a dependência. A professora LU diz que o usuário de drogas começa a consumir aos poucos, existe certo controle, porém com o passar do tempo ele não para mais, usando sempre que a tiver ao seu alcance. LU estava muito segura sobre os malefícios que a droga traz para os jovens, afirmando que a droga é a causa da dependência, porque o efeito é "maneiro", o consumo vai aumentando, e acabam se viciando. Para o dependente, só o tratamento poderia livrá-lo da dependência. O argumento fundado no real, com relações de sucessão: causa = efeito maneiro > consequência = aumento no consumo > descontrole > dependência // causa = tratamento > efeito = cura.

CR discorda e aponta para outros fatores que não o simples consumo. Diz que as drogas lícitas também causam dependência, mas o que determina a dependência é mais o estado psicológico do sujeito, justificando que pessoas que bebem no final de semana não se

tornam dependentes. MA, de certa forma adere à postura de CR, e minimiza a ação das drogas, colocando a idade como fator de risco, pela imaturidade psicológica, e cita o exemplo de pessoas que não fizeram tratamento e conseguiram parar o consumo.

LU continua afirmando que se conseguiu parar é porque não era dependente. De certa forma adere às duas, dizendo que há pessoas que usam e acredita que o alto consumo é causa da dependência, porque o dependente não conseguiria parar sem ajuda (fundado no real: causa - alto consumo> consequência> dependência). A controvérsia estabelecida no diálogo com a estratégia argumentativa dos sujeitos está demonstrada no esquema abaixo.

**Quadro 22.** Controvérsia sobre as causas da dependência - LU, MA e CR



CR. MA e LU estabelecem uma controvérsia fundada no real sobre as drogas mais nocivas, considerando que o sujeito poderá vir a consumir diversos tipos de drogas independentemente do lugar em que ele esteja. Fazem uma associação entre os tipos de drogas de acordo e a classe social do indivíduo, o que é contestado pela colega, que acredita que a droga que estiver mais próxima no momento é a que será consumida, pois o usuário não fará distinção, o que ele quer é consumir.

O diálogo sobre as drogas mais nocivas foi marcado pelo confronto de ideias entre LU, CR e MA, que possuem experiências diferentes em relação a elas. Todavia, CR e MA compartilham da mesma opinião, informando que qualquer droga poderá, mais cedo ou mais tarde, fazer mal à pessoa, enquanto LU separa e identifica os malefícios das drogas sobre o ponto de vista comportamental e físico. LU informa que os usuários de drogas nem pensam se elas vão fazer mal ou não, eles simplesmente as consomem. O *crack* em algumas comunidades é consumido de uma forma exagerada, livre, descontroladamente. O *crack* é consumido pelas pessoas com maior ou menor poder aquisitivo em função da facilidade de ser encontrada, à

qualquer hora do dia ou da noite. Após seis meses, o *crack* terá deixado o indivíduo num estado deplorável sob o ponto de vista físico e orgânico. Já a cocaína funciona de uma forma diferente, limitando-se ao lado comportamental. O que é destruído é a moral do sujeito. CR Não pensa dessa forma, acha que tanto o *crack* como a cocaína, são capazes de destruir o indivíduo, tanto organicamente quanto fisicamente. MA diz que mais cedo ou mais tarde qualquer droga trará prejuízo ao indivíduo, e além disso, destaca que parentes e amigos acabam se envolvendo a ponto de terem prejuízos também, que vão do adoecimento à queda financeira.

Divergem, dessa forma, sobre os danos causados pelas diferentes drogas no indivíduo. No caso do *crack*, consideram o efeito devastador, tanto internamente quanto externamente. Mas, relativamente à cocaína, a questão estaria relacionada mais à moral, segundo LU, que afirma que essa droga não deixa sequelas físicas. CR e MA não aderem à tese de LU, afirmando que a cocaína também é prejudicial ao organismo. LU replica enfatizando que o *crack* acabaria com o usuário muito rápido e a cocaína teria um efeito mais devastador no comportamento, levando o sujeito à degradação moral. Utiliza um argumento forte que funda o real a partir de um exemplo de sua experiência: 'Presenciei uma mãe vendendo o corpo para cheirar cocaína; eu vi' (Apêndice 3, p. lxvii). MA adere à argumentação de LU, porém não minimizando os efeitos da cocaína, afirmando que se não prejudica o sujeito causa prejuízo aos outros 'E se não deixar prejuízo para ele vai deixar para os outros' (apêndice 3, p. lxvii). Quando MA diz que são grandes os prejuízos causados pela cocaína, ela provavelmente se remete à sua experiência com a adição da filha, que resultou em grandes perdas para ela e a filha.

LU acredita que o as drogas mais nocivas são as mais baratas, como o *crack*, que degrada as pessoas. É um acordo do preferível do tipo 'o caro é bom e melhor do que o barato'. Implicitamente ela identifica a pobreza ao barato, da ordem do ruim. Nesse sentido, pelo fato de ter possibilidade de comprar drogas caras, o dependente não tem tantos prejuízos em sua saúde. Os efeitos maléficos das drogas caras seriam mais de ordem moral. A cocaína traz mais prejuízos morais do que físicos. A argumentação de LU tem força emocional. O fato de uma mãe se prostituir para usar a droga, tem grande efeito, pois a prostituição é um valor extremamente negativo, principalmente quando associado à figura de uma mãe, valor positivo universal. LU exerce uma liderança, no diálogo, muito em função de sua experiência em escola pública dentro de uma comunidade onde o tráfico está presente.

A retórica de CR, MA e LU sobre o crescimento do uso de drogas é fundada no real, considerando a família a principal culpada pelo envolvimento do indivíduo com drogas "O problema é que os pais dão exemplo, eles usam na frente dos filhos" (apêndice 3, p. lxvii). Relatam que os maus exemplos eles aprendem em casa. Na escola o aluno recebe uma orientação, mas quando chega em casa desaprende tudo, "Ele aprende que beber e fumar é uma coisa normal. Quando chega à escola e recebe uma outra orientação, ele fica sem saber o

*que fazer*" (apêndice 3, p. lxvii). As professoras revelaram que quando ocorre qualquer problema na escola, dificilmente eles comparecem para saber o que está acontecendo, como neste depoimento: *"Teve um caso aqui na escola que o pai vinha trazer o filho fumando um cigarro de maconha pela rua normalmente"* (apêndice 3, p. lxvii).

Os professores disseram ter medo de que tomando alguma decisão mais rígida os parentes dos alunos possam fazer algum mal a eles. Citam um caso recente de um aluno cujo irmão era um traficante de drogas da região, *"antes de levar o irmão para a escola ele passava na boca de fumo. Isso dito pelo aluno em sala. Falei com a diretora da escola e morria de medo"* (apêndice 3, p. lxvii). Viviam agitados na entrada e na saída pensando no que pudesse acontecer com eles. CR passou por várias situações com alunos que tinham parentes que frequentavam locais de venda de drogas, as chamadas 'boca de fumo', ou mesmo faziam parte do tráfico de drogas. O medo dos professores era algo vivenciado cotidianamente, tendo em vista a proximidade com parentes de traficantes. Nesse sentido, os professores estavam constantemente em estado de alerta.

Há certo consenso entre os professores em apontar os pais como os principais responsáveis pela liberação de álcool aos filhos dentro de casa e de serem coniventes quando estes mesmos filhos bebem em festas. MA revela que é um absurdo os próprios pais consumirem drogas na frente dos filhos. LU afirma o mesmo que MA, ressaltando que hoje em dia é considerado uma coisa normal. Criticam esse modelo de família, que funciona estimulando os jovens a consumirem, inicialmente o álcool, em casa, que levam ao consumo de outros tipos de drogas fora de casa, em oportunidades que aparecem nos eventos de lazer de que participam. O filho tem como referência os pais dentro de casa e quando fora de casa se depara com uma situação relacionada às drogas, ele acaba perdendo a referência, já que na escola ele recebe orientação que as drogas fazem mal a saúde.

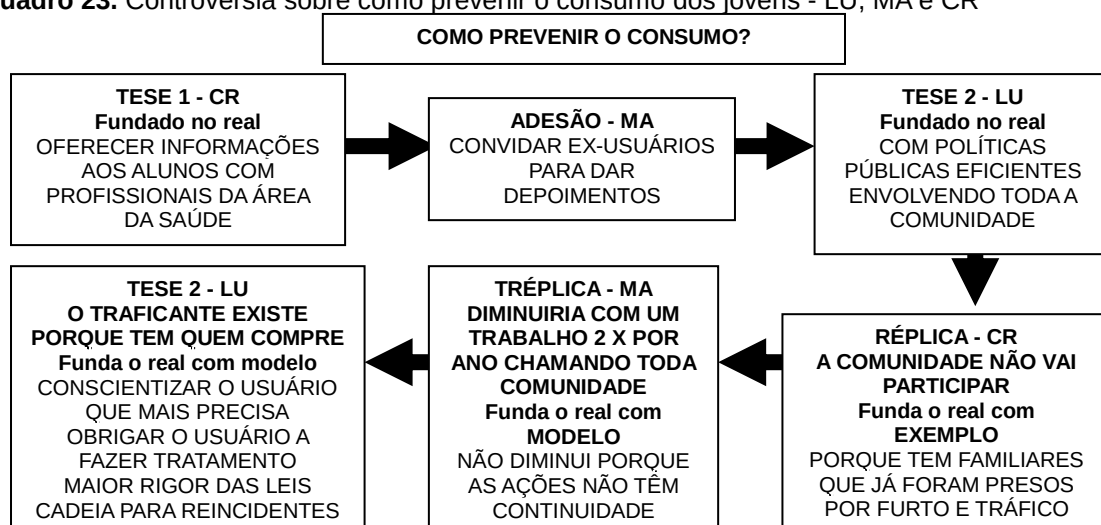
A retórica de CR, MA e LU sobre como prevenir o consumo de drogas foi marcado, no entanto, por uma controvérsia sobre a participação de familiares em atividades na escola visando à prevenção. CR e MA parecem concordar que a escola poderia contribuir na prevenção se desse continuamente mais informações aos alunos sobre as drogas e seus efeitos. Consideraram como ações, palestras de profissionais de saúde e o depoimento de dependentes em recuperação, como afirmou MA: 'Convidar usuários em recuperação para dar depoimentos aos alunos na escola, acredito ser muito importante para um aprendizado'. O diálogo se desenvolve com a réplica de LU, que afirma que só com políticas públicas eficientes envolvendo a comunidade sobre a problemática das drogas, o problema seria resolvido. CR discorda que essas medidas pudessem surtir efeito, pois acredita que a comunidade não participaria, porque a maioria dos familiares estão envolvidos com drogas. MA esclarece que não há continuidade nos trabalhos que se iniciam na escola e aponta que 'o que ocorre também

é que se começa um trabalho e daqui a pouco está tudo esquecido’.

Por fim, afirma a tese contrária às colegas, de que o tráfico só existe porque tem usuários que consomem, e não é rebatida. Em sua opinião as políticas para usuários são pouco rígidas, deveriam ser mais rigorosas e afastar o usuário reincidente do convívio social. Nesse sentido, CR e MA não acreditam que a família possa contribuir com a diminuição do consumo do jovem e LU pensa que só o governo poderia cooptar a comunidade. Mas ela coloca o problema no usuário, enquanto as outras colocam na escola e na família. A controvérsia do diálogo está apresentada a seguir.

O diálogo de como prevenir o consumo de drogas configura-se por apresentar uma grande polêmica de qual seriam as melhores estratégias a serem implantadas para ajudar a prevenir ou erradicar o consumo de drogas na sociedade. Para CR, profissionais de saúde poderiam auxiliar no processo de informações sobre os danos causados nos organismos humanos pelas drogas e que um grande problema a ser enfrentado seria a resistência de familiares usuários de algum tipo de droga. MA sinaliza no sentido de que usuários em recuperação possam ser convidados mais vezes para realizarem palestras informativas aos alunos com depoimentos de suas histórias de vida. Revela que uma das maiores preocupações seriam os projetos que quando iniciam acabam não durando muito tempo. LU ressalta a participação do governo através de políticas públicas bem elaboradas para uma conscientização de toda a comunidade. Defende que a justiça deveria coibir mais o consumo e o tráfico de drogas e por fim, lembra que enquanto existir usuários de drogas, haverá sempre a figura do traficante. Vemos abaixo a controvérsia estabelecida no diálogo e estratégia argumentativa dos sujeitos

**Quadro 23.** Controvérsia sobre como prevenir o consumo dos jovens - LU, MA e CR



A controvérsia entre CR, MA e LU não coloca em nenhum momento a participação do professor na prevenção. Limitam-se a dizer que passam para os alunos que as drogas fazem mal e que a família que consome deixa os alunos sem referência sobre como considerar as drogas, começando pelo próprio álcool, uma droga lícita para maiores. Consideram que a prevenção deveria começar em casa. Os pais não deveriam consumir na frente dos filhos porque eles são uma referência poderosa, mais forte do que o professor.

---

## **CAPÍTULO 8.**

### **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

---

As representações sociais dos professores indicaram uma centralidade em torno da culpabilização da família, em função de muitas utilizarem em seu cotidiano drogas lícitas, como o álcool ou remédios, bem como anabolizantes, além de drogas ilícitas, como a cocaína e o *crack*, o que estabelece um modelo negativo para o jovem. A família é culpada também por não cumprir seu papel de educar, colocando o trabalho como justificativa para a falta de atenção com os filhos. A escola também é culpada por não investir em programas de conscientização direcionados tanto para os alunos como para a comunidade em geral. O modelo da sociedade atual é permissivo e facilitador do consumo e deveria ter legislações mais rígidas de controle sobre o uso e abuso de drogas pelos jovens e políticas de combate ao tráfico mais eficazes.

A análise mostrou que os professores identificam características típicas da fase da adolescência como fatores que contribuem para o início do consumo de drogas. A vontade de se inserir em determinados grupos, bem como a busca de popularidade e *status*, fazem com o que o jovem se projete no mundo das drogas. Nesse sentido, acreditam que a falta de atenção por parte da família gera uma carência no jovem, o qual tenta se prender a alguma coisa que preencha seu vazio interno. O jovem vê a droga como uma válvula de escape dos seus problemas, permitindo-lhe a fuga da realidade por alguns momentos, realidade marcada pelo abandono dos jovens, num modelo de sociedade que é negativado por eles, na medida em que é permissivo e facilitador do consumo. Os jovens consomem drogas buscando uma forma de alívio de contra as pressões sociais e as baixas expectativas sobre o seu futuro. A falta de atenção e apoio das famílias tem como consequência a fluidez e provisoriade de referenciais que deveriam ser sólidos, o que gera o medo e a insegurança nos filhos. Os professores acham que a droga é utilizada hoje pelos jovens como fator de inserção social, por ser moda e considerarem o consumo de drogas como algo normal, o que conduz à dependência. O jovem utiliza a droga para relaxar e desinibir-se, de modo a afirmar sua identidade no grupo.

Os professores acreditam que o meio no qual o jovem está inserido desperta nele a mais facilitado e o jovem que não consome é visto com estranheza pelos outros. Os educadores associam a dificuldade do jovem em resistir às drogas, à falta de apoio e da imposição de limites, pela família. No âmbito familiar, é importante que o sujeito se sinta acolhido e apoiado. Para tanto, faz-se necessário que a família participe de ações escolares, bem como, de projetos políticos pedagógicos, a fim de que haja uma interação da família com a escola. Em contrapartida, não obstante o necessário envolvimento com a esfera escolar, os professores pensam que a educação deveria ser iniciada em casa e continuada no âmbito escolar e queixam-se da intensa transferência desse dever exclusivamente para a escola. Tal transferência se dá, muitas vezes, pela falta de tempo dos pais, que têm necessidade de trabalhar fora. Ainda assim, essa necessidade dos pais não pode ser utilizada como justificativa para o abandono dos filhos, uma vez que o abandono pode acarretar sérios prejuízos à

formação moral dos mesmos. Nesse sentido, a família possui o ônus de conscientizar o jovem sobre os problemas das drogas e, aliado a isso, constantemente informá-lo sobre as qualidades de certas ou erradas de suas condutas, a fim de ensiná-los sobre os limites necessários ao seu comportamento. Nesse panorama, é preciso que a família encontre tempo hábil destinado ao lazer e ao entretenimento com seus filhos, visto que tal interação também contribuiu de maneira contundente para sua formação. Assim, o seio familiar será responsável por criar uma base sólida na educação do jovem, transmitindo, a todo momento, os valores culturais necessários para o seu desenvolvimento.

Por outro lado, é preciso atentar para as falhas da família. Em grande parte das vezes, o assunto drogas não é abordado pelos pais pelo fato de estes não quererem despertar a curiosidade do jovem acerca do assunto. Todavia, tais questões poderão entrar na vida do jovem através de convívios fora de casa. Assim, ao evitar tal assunto a família se distancia do indivíduo e, por muitas vezes, acaba perdendo o controle sobre ele. Querendo eximir-se da responsabilidade de educar, a família a delega para a escola e depois culpa os professores. Em contrapartida, a escola culpa a família por atrapalhar o trabalho da escola, quando esta utiliza como meio educativo a punição. Quer dizer, os pais não deixam a escola educar seus filhos.

Os valores que são transmitidos no âmbito escolar muitas vezes não encontram reforço em casa, dificultando o estabelecimento de referenciais para orientar os alunos no seu desenvolvimento moral. E a família, tentando amenizar a situação, substitui a sua falta por presentes, subvertendo o sistema de valores, quando faz o amor familiar se vivenciado através de bens materiais. Uma vez que não existe uma relação sólida entre a família e a escola, a falta do apoio familiar não pode ser 'tratado' pela escola, e o jovem acaba por se tornar agressivo, tanto em casa quanto na escola. Tendo em vista a negligência por parte da família sobre o consumo de drogas, o jovem dependente não encontra apoio na família e, por conseguinte, há uma rutura entre as partes.

Os professores destacam alguns benefícios trazidos pelo consumo de drogas, porém numa situação de controle médico. Algumas drogas, como a maconha, podem ser usadas no tratamento de combate ao câncer, assim como os anabolizantes que podem ser utilizados no desenvolvimento da musculatura corporal. Na medida em que se considera válido o consumo controlado por médico, o grupo admite para o consumo controlado, tanto as drogas lícitas como as ilícitas. Isso pode apontar para uma mudança nas representações em função de informações oriundas da mídia, como por exemplo a consideração do álcool como droga que leva a acidentes de carro e o tabaco que leva ao câncer, divulgado amplamente, derivando em campanhas de saúde e leis recentes, como a proibição de dirigir alcoolizado e a lei anti consumo do tabaco em locais públicos cobertos.

A relativização sobre o consumo de algumas drogas, se dá quando comparam as

drogas com maior poder nocivo ou menos nocivo ao organismo. No primeiro caso estariam falando do *crack*, enquanto que no segundo da maconha. A droga prejudica tanto internamente, debilitando a saúde, como na aparência externa do usuário. É apontado o prejuízo social, nos relacionamentos interpessoais, e moral, associados a comportamentos ilegais ou de degradação pessoal. Acreditam que é preciso resgatar os valores associados à família, de modo que o jovem volte sua atenção para ela, evitando, assim, um isolamento e uma permanência exacerbada em ambientes impróprios para uma vivência saudável. Frequentar as ruas, bailes *funks*, entrar em redes sociais faz parte da vida de qualquer adolescente, porém os professores sinalizam com a necessidade de que isso ocorra de forma controlada pela família, impondo-se limites. O quadro abaixo resume as representações sociais dos professores.

**Quadro 24.** Representações sociais de professores sobre as drogas

| REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES SOBRE AS DROGAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | O PAPEL DA FAMÍLIA NA PREVENÇÃO                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | AÇÕES PREVENTIVAS DA ESCOLA E PROFESSOR                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <p><b>NEGATIVA</b></p> <p>USAR DROGA É CRIME / VICIA</p> <p>BANDIDAGEM / VIOLÊNCIA</p> <p>É O MAL DA SOCIEDADE</p> <p><b>POSITIVA</b></p> <p>DROGAS SÓ COM CONTROLE MÉDICO</p> <p>A MACONHA É BENÉFICA PARA O CÂNCER.</p> <p><b>CAUSAS DO CONSUMO</b></p> <p>CURIOSIDADE / PARECER MADURO / BAIXA AUTO-ESTIMA</p> <p>FUGA DA REALIDADE, / VÁLVULA DE ESCAPE</p> <p><b>PREJUÍZOS FÍSICOS E PSICOLÓGICOS</b></p> <p>A PESSOA FICA FEIA E SEM ALMA</p> <p>IMPEDE O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM</p> <p>AS DROGAS ILÍCITAS SÃO MAIS DEVASTADORAS</p> <p><b>DROGAS MAIS CONSUMIDAS</b></p> <p>ÁLCOOL, MACONHA, COCAÍNA</p> <p><b>DROGAS MAIS NOCIVAS</b></p> <p>CRACK,, ÁLCOOL, COCAINA</p> | <p><b>FAMÍLIA X ALUNO</b></p> <p>FALTA DE LIMITES E ATENÇÃO DA FAMÍLIA &gt; BAIXA AUTOESTIMA DOS FILHOS</p> <p>ABANDONO DOS FILHOS</p> <p>NÃO FALA SOBRE DROGAS PARA NÃO DESPERTAR A CURIOSIDADE</p> <p>O ALUNO FICA AGRESSIVO</p> <p>A FAMÍLIA É NEGLIGENTE SOBRE O CONSUMO DO ALUNO</p> <p>O AMOR E A ATENÇÃO SÃO SUBSTITUÍDOS POR PRESENTES</p> <p><b>FAMÍLIA X ESCOLA</b></p> <p>A FAMÍLIA ESTÁ TRANSFERINDO A TAREFA DE EDUCAR PARA A ESCOLA</p> <p>PARTICIPAR MAIS DAS AÇÕES DA ESCOLA</p> <p>PARTICIPAR DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO,</p> <p>A FAMÍLIA CULPA O PROFESSOR</p> <p>A ESCOLA NÃO PODE CONTAR COM A FAMÍLIA</p> <p>À FAMÍLIA NÃO PARTICIPA DAS EXPECTATIVAS DO FILHO</p> <p>O JOVEM APRENDE VALORES NA ESCOLA, MAS DESAPRENDE TUDO EM CASA</p> | <p><b>IDEAL</b></p> <p>TRAÇAR POLÍTICA DE CONSCIENTIZAR SOBRE DROGAS / PROMOVER DEBATES</p> <p>DAR APOIO AO PROFESSOR PARA LIDAR COM AS DROGAS / INVESTIR NO PROFESSOR</p> <p>CRIAR ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO DE ACORDO COM O CASO</p> <p>SER A EXTENSÃO DA FAMÍLIA E DA COMUNIDADE</p> <p>O PROFESSOR É IMPORTANTE PARA O ALUNO</p> <p><b>REAL</b></p> <p>PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO ESTÁ DESATUALIZADO</p> <p>FALTA PLANEJAMENTO</p> <p>SE FECHA À COMUNIDADE / FALTA APOIO AO ALUNO E À FAMÍLIA</p> <p>NÃO OFERECE NENHUM AUXÍLIO À USUÁRIOS</p> <p>DESVALORIZA E DESRESPEITA O PROFESSOR</p> <p>O PROFESSOR NÃO PARTICIPA DA ELABORAÇÃO DO PPP</p> <p>O PROFESSOR NÃO ESTÁ PREPARADO PARA LIDAR COM DROGAS</p> <p>OS PROFESSORES VÊEM OS ALUNOS USUÁRIOS COMO MARGINAIS</p> |

A concepção sobre drogas, contida na lógica dos discursos dos professores pode ser interpretada nos elementos das representações sociais seguintes:

**SOCIEDADE PERMISSIVA (PERDA DE VALORES HUMANOS)> FALTA DE ATENÇÃO, APOIO E LIMITE DA FAMÍLIA> INSEGURANÇA, MEDO E DESESPERANÇA NO FUTURO/ NECESSIDADE DE AFIRMAÇÃO E RECONHECIMENTO SOCIAL DO JOVEM> CONSUMO> DEPENDÊNCIA> BANDIDAGEM> COMPORTAMENTO DESTRUTIVO.**

Em relação ao papel da família na prevenção podemos interpretar a lógica do discurso dos professores nos seguintes elementos das representações sociais:

**DAR ATENÇÃO, AMOR E LIMITE> PASSAR VALORES> PARTICIPAR DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS> FORTALECIMENTO DA AUTO-ESTIMA E DAS EXPECTATIVAS DE FUTURO DOS FILHOS> PREVENÇÃO DO CONSUMO.**

Em relação ao papel da escola e dos professores na prevenção podemos interpretar a lógica do discurso dos professores relacionada ao que seria o ideal, que centra-se em ações da escola, e do real, que se dirige a falhas da escola em lidar com problemas relacionado ao consumo de drogas na escola.

#### **IDEAL**

**ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO NA ESCOLA> ESCOLA COMO ESPAÇO PARA A FAMÍLIA E A COMUNIDADE> APOIO AO ALUNO E AO PROFESSOR> INVESTIMENTO NO PROFESSOR> O PROFESSOR É IMPORTANTE PARA O ALUNO> PREPARAR PROFESSORES PARA LIDAR COM DROGAS> MAIOR RIGOR DAS POLÍTICAS PÚBLICAS COM O USUÁRIO.**

#### **REAL**

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DESATUALIZADO> FALTA DE PLANEJAMENTO DA ESCOLA> DESRESPEITO AO PROFESSOR> ALUNOS USUÁRIOS = MARGINAIS.**

Segundo a retórica dos professores, faz-se necessário que as escolas implementem medidas capazes de lidar com o consumo de drogas. Nesse aspeto, uma vez que, segundo o programa político pedagógico, representa falta grave portar ou consumir drogas no âmbito escolar, tanto por alunos como por professores, a escola deverá assumir-se como uma extensão da família e da comunidade, contribuindo, assim, com estratégias de prevenção. Nesse sentido, além de traçar uma política de conscientização sobre as drogas, a escola deverá ir além e se empenhar na criação de feiras, seminários, congressos e debates para um maior conhecimento e reflexão do aluno acerca desse assunto. Não obstante a essas políticas de conscientização, a escola precisa investir na implantação de projetos com grupos anônimos, bem como poderá recorrer aos programas de prevenção do Ministério da Saúde, visando à uma maior capacitação dos professores e à promoção de uma vida saudável para o aluno.

No âmbito escolar, os professores chamam a atenção, dizendo que o projeto político pedagógico está desatualizado desde 2007 e acaba não sendo levado adiante pela instituição e, por isso, tem poucas condições de ajudar o aluno. Nesse panorama, constata-se que há uma falta de planeamento para tomada de decisões acerca do consumo de drogas na escola, o que

acarreta em uma completa falta de auxílio ao jovem usuário.

Durante as entrevistas em grupo foi sinalizado por um dos professores que quando o indivíduo é considerado dependente, somente um tratamento numa clínica especializada poderá ajudá-lo a se livrar das drogas, enquanto que dois outros acreditam que a dependência tem a ver com o lado psicológico das pessoas, não sendo preciso passar por uma internação. Contudo, quanto mais jovens, mais suscetíveis à dependência química. Os professores também apontaram prejuízos causados pelas drogas para pessoas que estão ao redor do usuário, alertando para o fato de que todos são afetados, seja familiar ou conhecido, lembrando que a falta da droga para o usuário pode ser comparada a falta do usuário que faz para a família.

Na busca por conhecimento sobre drogas, cada um dos professores optou por eleger uma fonte, citando as possibilidades de procurar médicos, psicólogos, ONG e livros, para obter informações. Apenas uma entrevistada esclareceu que não buscaria ajuda em nenhum lugar, ressaltando que quando escolheu essa profissão, já sabia que mais cedo ou mais tarde passaria por esta situação. Para ela, vivenciar junto aos alunos é muito mais enriquecedor. Já na identificação de objetos para consumo de drogas, os professores apontaram alguns de fácil identificação. Entretanto, compreendem que existe um número bem superior aos elencados por eles dificultando as ações a serem implementadas dentro e fora de sala.

Inserida em uma sociedade cada vez mais competitiva, a escola direciona sua atenção a um intenso fornecimento de conteúdo e, conseqüentemente, acaba por deixar de lado as peculiaridades de cada aluno. Essa atitude se repete na distância que a escola mantém da comunidade, o que serve à escola para evitar o problema das drogas e, assim, para evitar desavenças com os pais. Diante dessa situação, percebe-se a existência de vários alunos usuários de drogas nos ensinos fundamental e médio, tendo em vista a negligência por parte da escola, que os deixa agir livremente. Nesse panorama, também é possível constatar falta de apoio e desrespeito da escola, tanto ao aluno e à sua família, quanto ao professor, fato este que culmina em um notório despreparo de todos os lados. Assim, a escola acaba por punir o aluno usuário de drogas, impedindo o desenvolvimento de um ambiente com espaço para críticas e, por conseguinte, afasta a possibilidade de solucionar o problema.

O discurso dos professores aponta para uma desvalorização do profissional: recebe salários muito baixos, mas trabalha intensamente, sobrando-lhe pouco tempo para as atividades extra-classe. Por consequência, participa muito pouco das reuniões pedagógicas, o que faz com que não esteja a par da situação de cada aluno e não encontre meios de abordar o assunto das drogas.

Ademais, é válido destacar que, ao frequentar os mesmos ambientes que os alunos, fora do âmbito escolar, acreditam que acabam por estreitar relações com eles, permitindo que ajam com desrespeito e tentem se beneficiar de alguma forma. Por fim, o discurso dos

professores, em sua maioria, aponta para a integração entre aluno/professor/direção/pais/comunidade, como forma de prevenção do consumo de drogas pelos jovens.

## CONCLUSÃO

Foram levantadas as representações sociais de professores do ensino fundamental sobre as drogas, visando compreender como os professores concebem as drogas, o papel da família, do professor e da escola na prevenção. Acreditamos que a escola é o lugar mais importante de onde podem partir ações preventivas. Todavia, verificamos que a escola tem encontrado enorme dificuldade para cumprir com essa atribuição. O que se constata são ações isoladas por parte de professores, que sem apoio de programas específicos de prevenção tanto da escola como de políticas públicas adequadas, agem por medo e sem conhecimento suficiente sobre a problemática que envolve o consumo, por jovens, cada vez mais precocemente. Tanto professores como as instituições educativas tendem a reproduzir ações de exclusão, considerando o usuário como marginal, representação corroborada pelas políticas públicas, que colocam a questão exclusivamente no âmbito da repressão policial. Esse fato contribui para a total ineficiência e ineficácia dessas ações na prevenção do consumo e na reabilitação desses jovens.

É importante compreender o momento em que a sociedade vive, no que tange ao crescente consumo de drogas pelos jovens. A análise do discurso dos professores demonstra um desconhecimento e medo de abordar o assunto, indicando que as ações reais estão longe das consideradas ideais, que também não são muito bem explicitadas. Nesse sentido, sensibilizar a comunidade escolar para o problema deve ser prioridade da escola. Promover o acesso às informações para todos os segmentos escolares, visando à elaboração compartilhada de ações pedagógicas direcionadas a enfrentar o problema dentro da escola, distribuindo e assumindo responsabilidades sem medo. O educador é o agente primeiro para a efetivação de qualquer programa de prevenção ao consumo, pois ele convive diariamente com o aluno. Sua experiência e percepção deve ter um espaço de escuta e de debate. Ele tem mais possibilidade de se aproximar dos jovens e pode treinar o seu olhar para a identificação do consumo entre os alunos e para reconhecer os problemas advindos desse consumo.

A discussão sobre a dinâmica que envolve o consumo de drogas por jovens em idade escolar torna-se crucial para o entendimento dessa problemática e para reforçar a responsabilidade de toda a comunidade escolar de enfrentar esse problema. É necessário, antes de qualquer ação, o desenvolvimento de relações de confiança dentro da escola, para que as ações preventivas ganhem força pelos vínculos afetivos estabelecidos entre professor e aluno.

A escola poderá buscar o auxílio de programas de prevenção, como por exemplo, a criação de novas ações que possibilitem a integração entre alunos, educadores e familiares e programas de orientação e participação em pequenos grupos como forma de identificar pais e

alunos de todos os segmentos, gerando um clima afetivo de confiança e respeito. Os professores deveriam estar capacitados para perceber, entre os jovens, atitudes relacionadas ao consumo de drogas para que possam atuar de forma crítica, porém orientadora. O professor pode promover debates em sala de aula, trazendo à tona o conhecimento sobre os efeitos causados pelo uso de drogas, a fim de que o aluno conheça o assunto e possa avaliar os riscos do consumo. A palavra do professor carrega uma importância inestimável para o aluno. Aproximando-se do jovem, que muitas vezes está inserido em um núcleo familiar de usuários de drogas, o professor pode buscar apoio na direção e no serviço de psicopedagogia, mas isso só ocorrerá se ele perceber um clima de confiança e envolvimento da escola não só nos objetivos relacionados à aprendizagem de conteúdos, mas na responsabilidade de promover espaços de reflexão e crítica para professores e alunos.

Torna-se cada vez mais difícil se adotar uma postura preventiva, uma vez que os professores, principais agentes educativos, não conseguem buscar auxílio para enfrentar a situação, preferindo ver o aluno usuário como um marginal no lugar de encará-lo como vítima no processo. Nesse sentido, apontam a participação residual no projeto político pedagógico o qual, quando se deparam com casos de drogas, transferem a responsabilidade de lidar com o assunto para a psicopedagogia ou para a direção, buscando um distanciamento em relação ao aluno usuário. Entretanto, apesar de saberem da importância do trabalho de prevenção, os educadores não dispõem de recursos para lidar com o problema na escola, entregando aos profissionais da área de saúde, que segundo eles possuem mais competência.

Acredita-se que inserindo o debate sobre a questão possivelmente promoveu-se um novo entendimento dos problemas existentes por parte dos professores, fornecendo novos conhecimentos e, por conseguinte, uma nova visão dos professores sobre as drogas e sobre o usuário de drogas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramovay, M., & Castro, M. G. (2005). *Drogas nas escolas: versão resumida*. Brasília: UNESCO, Rede Pitágoras.
- Abramovay, M. (2005) *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação.
- Abriç, J. C. (2000). A Abordagem estrutural das representações sociais. In: Moreira, A. S. P.; Oliveira, D. C. (Orgs) *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiânia: Ab.
- Alves-Mazzotti, A. J. (2002). *A abordagem estrutural das representações sociais*. São Paulo: PUC/SP, nº. 14/15. p.17-37.
- Alves-Mazzotti, A. J. (2000) Trabalho infanto-juvenil: Representações de meninos de trabalhadores, seus pais, professores e empregadores. In: Moreira, A. S. P.; Oliveira, D. C. (Eds.). *Estudos interdisciplinares de representações sociais*. 2ª ed., pp. 285-302. Goiânia, GO: AB.
- Anadón, M.; Machado, P. B. (2003). *Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais*. Salvador: Editora UNEB.
- André, M. E. D. A. & Lüdke, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- André, M. E. D. A. (2003). O cotidiano escolar, um campo de estudo, IN: Placco, V. M. N. S. & Almeida, L. R. *O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola*. São Paulo: Loyola.
- Antón, Diego M. (2000). *Drogas: conhecer e educar para prevenir*. São Paulo: Scipione.
- Bakhtin, M. M. (1985). El problema de los géneros discursivos. In.: Bakhtin, Mikhail M. *Estética de la creación verbal*. Tradução de Tatiana Bubnova. 2ª ed. México: Siglo Veintiuno, p.248-293.
- Bassols, A. M. S. (2003). Aids e profissionais da educação: orientações gerais. In: Bassols *et al.* (org.) *Saúde mental na escola: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Mediação.
- Becker, D. H. (2001). Les drogues: que sont-elles?. In: Becker, Howard. *Qu' est-ce qu'une drogue?* Anglet: Atlantica.
- Boa Sorte, N. F. (1998). *O imaginário adolescente sobre o abuso de álcool: implicações na construção da identidade*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia/UFBA, Faculdade de Educação de Salvador:
- Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1998). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1979). *La distinction: critique social du jugement*. Paris: Minuit.
- Brasil. (1996). *Lei de diretrizes e bases - LDB 9394*. Brasília: Ministério de Educação.
- Brasil. (1996). *Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394*. Brasília/DF: Presidência da República, Casa Civil.

- Bucher, R. (1992). A ética da prevenção. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 8(3): 385-398.
- Bucher, R., & Oliveira, S. R. M. (1994). O discurso do "combate às drogas" e suas ideologias. *Revista Saúde Pública*, 28 (2), 137-145.
- Carlini, E., Galduróz, J. C. F., & Noto, A. R. (2001). *I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do País*. São Paulo: CEBRID/UNIFESP.
- Carlini, E. (1997). *IV Levantamento sobre o Uso de Drogas entre Estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras*. São Paulo: Escola Paulista de Medicina/CEBRID.
- Castro, C. R. (2016) no prelo. A confrontação retórica como técnica de coleta de dados para análise da montagem da estratégia argumentativa – MEA – nas pesquisas de representações sociais de grupos homogêneos. In: M. R. Castro. *A análise estratégica de texto e imagem: contribuições ao MEA*. Rio de Janeiro: Editora Marsupial.
- Castro, C. R. (2014a). *Aconteceu, aí eu deixei vir: a gravidez em meninas de rua*. Curitiba: Appris.
- Castro, C. R. (2014b). *Fogueira de vaidades: a retórica na assistência à criança e ao adolescente*. Curitiba: Appris.
- Castro, M. R. de, & B. Frant, J. (2011). *Modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem*. Curitiba: Ed.da UFPR.
- Cavalcante, A. M. (2000). *Drogas: esse barato sai caro: os caminhos da prevenção*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Charbonneau, P.-E. (1988). *Drogas: prevenção, escola*. São Paulo: Paulinas.
- Clémence, A., et all. (2011). Comunicação e ancoragem: a difusão e a transformação das representações. In: Almeida, Ângela Maria de O.; Santos, Maria Fatima de S.; Trindade, Zeidi A. (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik. p.179-194.
- Cruz, A. R. (2002). *A análise do discurso da prevenção do abuso de drogas* Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras de Belo Horizonte.
- Cruz, R. A. (1993). *Redução do espaço social do idoso por dependência física e psicológica ao abuso de drogas: um estudo do neto aos avôs*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Belo Horizonte.
- Prefeitura Municipal de Curitiba. (1999). *Projeto de prevenção "Os piás valorizando a vida"*. Instituto de Administração Pública. Secretaria Municipal da Criança. Departamento de Apoio às Iniciativas Comunitárias. Gerência de Programas Sócio-Preventivos.
- Ducrot, O. (1972). *Princípios de semântica lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- Durkheim, E. (1978). *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos.
- Eppel, A. B. (2005). Uma visão psicobiológica da personalidade limítrofe. Porto Alegre: *Revista de Psiquiatria* vol. 27, nº 3, Set/Dez.

- Erickson, E. (1976) *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Escohotado, A. (1996). *Historia de las drogas*. 3ª Ed. Madrid: Alianza Editorial.
- Escohotado, A. (1997). *O livro das drogas*. São Paulo: Dynamis Editorial.
- Foucault, M. (1986). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Franco, M. L. P. B. (2004). Representações Sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. *Cadernos de Pesquisa*. Vol.34, nº.121, Jan./Apr. São Paulo.
- Freire, P. (2003). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Habermas, J. (1989). *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Hengemühle, A. (2004). *Gestão de ensino e práticas pedagógica*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Horta, R. L. et al. (2007). Tabaco, álcool e outras drogas entre adolescentes em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil: uma perspectiva de gênero. *Caderno de Saúde Pública*. Pelotas, V.23, nº.4; p.775-83.
- Infoescola. (2013). *Navegando e Aprendendo*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/educação/evasao-escolar>> Consulta em 2013-10-21.
- Illich, I. (1985). *Uma sociedade sem escolas*. Petrópolis: Vozes.
- Instituto de medicina social e de criminologia de São Paulo - IMESC. (2014). *Prevenção ao uso indevido de drogas*. São Paulo. Disponível em: <<http://www.imesc.sp.gov.br/infodrogas/Usuar.htm>> Consulta em 2014-08-22.
- Instituto nacional de estudos e pesquisas Anísio Teixeira – INEP (2014). *Sinopse Estatística da Educação Básica 2007*. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>> Consulta em 2014-08-22.
- Jaffe, J. H. (1999). Transtornos relacionados a substâncias. In: Kaplan, Harold I.; Sadock, Benjamin J. (Orgs). *Tratado de Psiquiatria*. Vol. 1. Tradução Andréa Callefi et al. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Jodelet, D. (Ed.). (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p.45-66.
- Jodelet, D. (1990). *Représentation sociale: Phenomèmes, concept et theorie*. In: Psychologie sociale. Paris: PUF.
- Kandel, D. B., & Yamaguchi, K. (1993). From beer to crack: developmental patterns of drug involvement. *American Journal of Public Health*, v.83, n.6, p.851-5.
- Labate, B. C. et al. (orgs.). (2008). *Drogas e Cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA, 440 p.

- Lacerda, C. B., Santos, L. C. B., & Ferreira, R. T. (2013). *Drogas, mídias e opinião – uma representação social dos usuários de drogas*. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Serviço Social, da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social.
- Lahire, B. (1997). *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ática.
- Lemgruber, M. S., & Oliveira, R. J. (Org.). (2011). *Teoria da Argumentação e Educação*. Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- Levisky, D. L. (1997). *Adolescência e violência: aspectos do processo de identificação do adolescente na sociedade contemporânea e suas relações com a violência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Luz, A. A. (2001). *Educação e prevenção do abuso de drogas: limites e possibilidades*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação.
- Madeira, M. C. (2001). Representações sociais e educação: importância teórico-metodológica de uma relação. In: Moreira, A. P. (org.). *Representações sociais: teoria e prática*. João Pessoa: UFPB. p.123-144.
- Marques, A. J. M. (2012). A polícia, a legislação e o poder paralelo. *Revista Infoescola*. Disponível em <<http://www.infoescola.com/sociedade/a-policia-a-legislacao-e-o-poder-paralelo/>>. Consulta em 2012-05-30.
- Martini, J. G., & Furegato, A. R. F. (2008). Representações Sociais de professores sobre o uso de drogas em uma escola de ensino básico. *Rev. Latino-am Enfermagem*; maio-junho; 16 (especial). [www.eerp.usp.br/rlae](http://www.eerp.usp.br/rlae).
- Maté, G. (2010). On the Stress-disease connection, addiction, attention deficit disorder and the destruction of American childhood. *Democracy Now Archived*. Disponível em <[http://www.democracynow.org/2010/12/24/dr\\_gabor\\_mat\\_on\\_the\\_stress/](http://www.democracynow.org/2010/12/24/dr_gabor_mat_on_the_stress/)> Consulta em 2013-11-06.
- McKay, J.R., Murphy, R.T., Rivinus, T.R., & Maisto, S.A. (1991). Family dysfunction and alcohol and drugs use in adolescent psychiatric inpatients. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*. 30 (6): 967-72.
- Moretto, V. P. (2001). *Prova um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Moscovici, S. (2013 ;1984). Le mythe du aradigme isolé : une réplique. In. MOSCOVICI, S. *Le scandale de la pensée sociale*. Paris : Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, p.179-205.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi.
- Moscovici, S. (2001). Das representações coletivas às representações sociais. Elementos para uma história. In: JODELET, D. (Org.). *As Representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj.

- Moscovici, S. (1998). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, v.18, p. 211-250. Tradução de Glaucia Alves Vieira.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. In: FORGAS, J.P. (Org.). *Social cognition: perspectives on everyday understanding*. Londres: London Academic Press. p.181-209.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Nóbrega, S. M. (2001). Sobre Teorias das Representações Sociais. In: MOREIRA, Antonia S. P. (Org.) *Representações Sociais: teoria e prática*. João Pessoa: Universitária.
- Noto, A. R. et al. (2003). Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Caderno Saúde Pública*, v. 19, nº. 1, p. 69-79, jan/fev Rio de Janeiro.
- Novo, H. (2006). De fatos e espetáculos: O imaginário social sobre as violências na grande Vitória – ES. In: Almeida, A. et al. (Org) *Violência, exclusão social e desenvolvimento humano: estudos em representações sociais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- O Globo. (2014). *ONU sugere descriminalização do consumo de drogas pela primeira vez*. Disponível em G1 Portal de Notícias/: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/onu-sugere-descriminalizacao-do-consumo-de-drogas-pela-primeira-vez.html>> Consulta realizada 2014-06-25.
- Perelman, C. (2005). *Ética e direito*. São Paulo: Martins Fontes. 2ª edição. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira, 722 p.
- Perelman, C. (1993). *O Império Retórico: Retórica e Argumentação*. Porto – Portugal, Edições ASA.
- Perelman, C. (1987). Argumentação. Enciclopédia Einaudi. V. 11. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. p. 234-265
- Perelman, C., & Olbrechts-Tyteca, L. (1996). *Tratado de argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Placco, V. M. N. S., & Almeida, L. R. (orgs.). (2003). *O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola*. São Paulo: edições Loiola.
- Psychomedics Corporation. (2014). *Entenda as drogas, como elas funcionam e suas consequências no usuário e na família*. Disponível em: <<http://www.testededrogas.com.br/asdrogas.php?droga=ecstasy>> Consulta em 2014-06-19.
- Reigota, M. (1995). *Meio ambiente e representação social*. Vol. 41. São Paulo: Cortez.
- Reis, R. (2006). *Os professores da escola pública e a educação escolar de seus filhos: uma contribuição ao estudo da profissão docente*. São Paulo: Paulinas.
- Rocha, L. C. (1988). *Tóxicos nas escolas*. 1ª ed. São Paulo: Aquarela. p.142
- Ronzani, TM et al. (2009). Mídias e drogas: análise documental da mídia escrita brasileira sobre o tema entre 1999 e 2003. *Ciência & Saúde Coletiva*. Juiz de Fora, v.14, n.5, p.1751-

1762.

- Sannini Neto, F. (2012). Tráfico de drogas e apreensão de menores de idade. Teresina: *Revista Jus Navigandi*. Ano 15, nº 2669. Consulta em 2012-06-10. Disponível em <<http://jus.com.br/revista/texto/17666/trafico-de-drogas-e-apreensao-de-menores-de-idade>>
- Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2005). Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. *Ciência e Saúde Coletiva*. 10(3), p. 707-717.
- Scivoletto, S. (1997). *Tratamento Psiquiátrico Ambulatorial de Adolescentes Usuários de Drogas - características sócio - demográficas, a progressão do consumo de substâncias psicoativas e fatores preditivos de aderência e evolução no tratamento*. Tese de Doutorado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo - USP, 127p.
- Seibel, S. R., & Toscano Jr. (2001). *A Dependências de Drogas*. São Paulo: Editora: Atheneu.
- Shotter, J. (1993). Becoming someone: identity and belonging. In: Coupland, N.; Nussbaun, J.F. (Orgs.). *Discourse and lifespan identity. Language and language behaviour*. V.4. California: Sage Publication Inc. p. 05-27.
- Silva, M. S. (1998). *Se liga! O livro das drogas*. Rio de Janeiro: Record, 3ª Ed.
- Silva, R. A.(org.). (1999). Professores e sala de aula. Novas questões? In: Almeida, Adir Luz. *No chão da escola*. Rio de Janeiro: Editora Paratodos.
- Silveira Filho, D. X., & Gorgulho, M. (1996). *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Spink, M. J. (2002). Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: Guareschi, P.; Jovchelovich, S. (eds.). *Textos em representações sociais*. 7ªed. Petrópolis: Vozes, p. 117-145.
- Spink, M. J. (2000). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2ª edição. São Paulo: Cortez.
- Spink, M. J. (org.). (1993). *O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Teixeira, G. (1995). *O cérebro e as drogas*. São Paulo: Direcional Educador. Disponível em: <<http://www.direcionaleducador.com.br/edicao-95-dez/12/o-cerebro-e-as-drogas>>. Consulta em 29/06/2014.
- Zago, A. J. (1998). Drogadição, self, contos de fadas e recursos terapêuticos: um ponto de vista fenomenológico – existencial. *Revista Informações Psiquiátricas*, v. 17, n. 2, Científica Nacional.
- Zagury, T. (2004). *Encurtando a Adolescência*. Rio de Janeiro: Record.
- Zaluar, A. (2004). *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Zaluar, A. (2002). Drogas: um panorama no Brasil e no mundo. *Revista Ciência hoje*. 181(4), p. 55-60.

---

## **APÊNDICES**

---

## APÊNDICE 1. CORPUS DE ANÁLISE

### ENTREVISTA COM J

#### Opinião sobre as drogas

C - O que você pensa sobre as drogas?

J - Na realidade eu vivenciei isso na minha casa, então eu posso dizer com uma certa propriedade. É uma destruidora de famílias e quando você tem uma pessoa que tem uma dependência não só física, mas também uma dependência psicológica.

Interrupção.

C - Você quer dizer que teve um problema na família com drogas ilícitas?

J - Álcool e outras drogas. Eu fui às reuniões no AA e no NA e foi um grande aprendizado, porque eu tive duas pessoas na família com problemas e que para sair foi bem complicado. A própria família vivenciava tudo. De um certo lado foi positivo, o que não era bom eu não quis pra mim. Eu era jovem, tinha entre 14 e 16 anos. Meu irmão e minha irmã se envolveram com drogas. Acompanhei tudo, vi meus pais envelhecerem cada vez mais.

C - Você quase colocou como uma causa, os problemas familiares para o uso de drogas?

J - Também e problemas com a própria pessoa.

C - Então a outra causa ou característica seria a própria pessoa.

J - No meu caso, a minha experiência e meus pais com uma certa idade, não tinha diálogo. Era muito difícil, buscava em outras fontes informações.

C - Você poderia ter usado também, mas não usou?

J - Sim, fiz terapia durante alguns anos. Acho que isso me ajudou, junto com o lado religioso. Muitas vezes em casa, aquilo que se aprendia dentro da igreja, não se configurava dentro de casa.

M - Então a questão genética e ambiental pode ter grande influência?

J - Sim. Escutei do meu irmão que é coordenador de grupo de AA falar muito sobre a questão genética e ambiental em suas palestras.

(Ficou confusa ao explicar genética. C tentou explicar e foi interrompida por J.)

J - Não se sabe se o uso de drogas tem a ver com a genética. Isso é muito discutido.

C - A genética esta presente em quase todas as atividades e expressões humanas, só que ela é uma predisposição e não uma determinação. Mas a relação do sujeito com o ambiente é que vai deflagrar essas possibilidades. Os dois contribuem muito, mas não determinando.

J - Voltando ao lado da escola, eu tive um caso aqui.

#### Por que usar drogas?

C - (interrompeu) Eu queria voltar antes e pedir para você traçar um perfil do sujeito que é dependente de drogas.

M - (Interrompe) Dependente não, usuário de drogas.

J - Características como assim?

M - Maneiras de agir, de se comportar. Identificar um usuário de drogas.

J - Pelo que observei pessoas muito carentes, carência afetiva. Percebi dentro de casa. Aqui dentro da escola, pais totalmente sem tempo, patamar de vida altíssimo. Inclusive tinha uma mãe dona de lojas que tudo o que o filho pedia ela dava. O filho insistia em usar drogas, mas eu resolvi chamar os pais. (pausa) Eu ainda não tinha o trabalho da psicopedagogia, e conclusão, o pai nem olhava para o filho. Mas eles acharam melhor tirar da escola colocar num local onde ele era menos conhecido. Carência é a base, alta estima muito baixa, porque não acreditam no seu potencial ou talvez porque não ouçam os outros.

C - Carência é uma coisa que todo mundo tem e muita gente também fica isolada, mas nem todo mundo se encaminha pra isso.

J - Mas é o que eu digo a vocês, é uma questão de oportunidade, meio em que vive, do grupo. Tenho pessoas aqui que usam em grupos, mas passou aquela curiosidade e depois não voltaram a usar ou porque foram fracas de cabeça.

C - Você acha que todo mundo que usa se torna dependente ou não?

J - Não. Tem pessoas que diz: eu não quero isso pra mim. O aspecto religioso com um ponto básico de família, pensa duas vezes.

C - Você acredita que a droga poderá ser usada com intuito medicinal?

J - Alguns estudos falam que a maconha poderá ser usada com fins medicinais. Só que eu não estudei para falar sobre isso.

C - (Interrupção) A própria cocaína e a morfina são utilizadas para fins medicinais.

J - Mas para certas situações e não para usar simplesmente.

C - Você diria que a questão das drogas é uma questão atual?

J - Com certeza. Hoje você observa jovens que a família perdeu totalmente o controle sobre eles. É lamentável.

C - (interrompeu) Mas como acontece?

J - Isso vem ocorrendo de uma forma gradativa. Hoje é um barato ir para uma festa e beber muito. Os alunos postam no facebook.

#### Ações da escola e dos professores

M - (Interrompeu) Você na escola já se deparou com usuários e chegou a tomar que tipo de providências?

J - Chamamos a família e foi muito difícil. O grupo todo foi chamado e o engraçado que o pai olhava para o próprio filho e dizia: É claro ele esta andando com fulano. Meu filho nunca fez isso.

M interrompeu. Chegou a ter algum caso de venda de drogas no colégio?

J - Certa vez, houve uma possibilidade de um aluno estar vendendo drogas para os colegas. Foi pressionado, teve a mochila revistada e ele dizia que não tinha nada. C interrompeu?

C - Dentro da escola?

J - Não. Dentro do ônibus. Um segurança da escola que é policial pediu a um outro colega para fazer a abordagem. Nada foi encontrado. C interrompeu.

C - Pediu um favor?

J - Sim. Ele estava naquele momento na escola e não de plantão, foi feito um favor. A atitude foi para dar um susto. Após a abertura da bolsa realmente ele não tinha nada.

C - O percentual de usuários aumentou significativamente desde quando você entrou aqui?

J - Existe um número maior de casos, mas fora da escola. Nas festas.

C - Algum caso de professor usuário de drogas?

J - Sim, tive um caso de um professor de artes que soubemos e demitimos o professor. Teve um dia que ele veio e até mesmo uma reunião pedagógica todo alterado.

C - (interrompeu) Esse foi o único caso?

J - Sim. Até agora sim.

M - Algum caso de alunos que já foram convidados a se retirarem da escola pelo uso de drogas?

J - A mãe tirou antes, mas ele seria convidado a se retirar. O próprio rapaz disse que não deixaria de usar. Inicialmente tentou-se negociar um tratamento, mas não deu certo.

C - O aluno será convidado a se retirar da escola se for pego com drogas ou a escola dá uma oportunidade. Como funciona isso?

J - Trabalhar com essa criança, chamar os responsáveis, procurar intervir no sentido de ajudá-la.

C - Mas não é uma diretriz da escola fazer isso? Você é que faria?

J - Segundo o PPP ele poderá ser convidado a se retirar da escola. Eu como educadora preciso acreditar na transformação das pessoas. Eu vi a transformação do meu irmão. Acredito que é possível.

Por que usar drogas?

C - Você acredita que a droga tenha uma influência na personalidade do sujeito.

J - Sim. O indivíduo fica violento. Sempre muito preocupado ou com sono. Recentemente ocorreu um roubo e os próprios colegas sabem quem praticou. Ele escondeu e depois voltou para buscar e vendeu pra comprar drogas. Isso foi dito pelos próprios colegas. Lembrou o meu irmão e minha irmã que roubavam cordão, relógio dentro de casa.

Ações da escola e dos professores

C - Hoje quando ocorre alguma suspeita de usuário de drogas, como você faz? Você é quem decide o que vai ser feito?

J - Não tínhamos um psicopedagogo ativo. Agora eu divido com ele e traçamos juntos estratégias de acordo com cada caso. Mas se o professor observa, ele passa o caso para nós.

C - Mas sempre no âmbito da direção e psicopedagogia?

J - Sim. Vamos procurar orientá-los sempre, alunos e professores, mas as medidas serão realizadas a partir do psicopedagogo e da direção acadêmica. O professor não costuma participar tanto.

Indagação C - Mas por quê? Por vontade sua ou dele?

J - Vontade dele. O professor não quer se envolver tanto. O professor observa o aluno, capta toda a informação a respeito de seus alunos e depois repassa para mim ou ao psicopedagogo.

Papel da família

M - Se você não tivesse passado por essa questão familiar, você acha que teria dificuldades de lidar com essas questões?

J - Eu não sei, tentaria buscar o bom senso. Tenho a certeza que a experiência me fortaleceu muito. Sou capaz de tentar conversar com o aluno ou o familiar e aconselhá-los. Hoje eu escuto do pai: o meu filho não mente, o professor sempre tem culpa, ou seja, são raras as famílias que assumem o erro dos filhos. Dificilmente te dão um suporte. Chegam e dizem: eu estou com você (se referindo a escola).

C - Existe alguma ação da escola de trazer essas famílias para dentro da escola?

J - Nós fizemos agora de dois anos pra cá, palestras orientadoras para os jovens. Agora precisamos abrir para as famílias. Porque se você chama hoje uma família para participar de uma palestra, é raro alguém vir.

Indagação C - Mas teria uma forma de você puxar para a escola?

J - Estudos feitos na escola por uma professora que já não está mais aqui, que começou a atrair alguns familiares, chamado: educar sem culpa, mas nas séries do fundamental II. No caso do ensino médio não tem funcionado. Faltou um pouco mais de trabalho este ano. Vamos intensificar no próximo ano.

Ações da escola e dos professores

C - O que você acha que a escola poderia fazer para ajudar as pessoas usuárias de drogas?

J - A postura às vezes de um professor mais acolhedor, o pacto, a orientação, pessoas jovens que passaram por isso dando seus depoimentos é uma coisa mais viva.

Papel da família

C - Você acha que a família sente apoio na escola na questão das drogas?

J - Algumas famílias sim.

C - Você não acha que existem poucas expectativas de vida para o jovem hoje, já que os pais trabalham fora e ele muitas vezes não tem com quem ficar e aí os jovens perdem a esperança e podem se voltar para as drogas?

J - O profissional da educação poderá ser essa figura. Um gesto, uma palavra. O amor foi substituído por coisas. Hoje a criança é mais do ter do que o ser.

C - Então a escola poderá substituir o papel da família?

J - Não. Ninguém substitui ninguém. Mas, os pais serão os responsáveis e pronto. A escola precisará cumprir da forma mais simples o seu papel.

Ações da escola e dos professores

C- Espera-se que a escola faça isso realmente.

J- A escola deve lapidar a educação. Só que está chegando a um ponto que não tem mais o que lapidar, você tem que inserir. O aluno chega extremamente egoísta, sem limites. Um percentual.

C- Existe uma inversão de valores muito grande. A própria escola está procurando rever sua própria função.

J- Quando existe uma falha, não é só da escola é de todos. Temos que reavaliar todos os procedimentos até aqui. O profissional da educação tem isso implícito, a vontade de educar.

Papel da família

C- Então as famílias não estão cumprindo o papel de educar?

J- Não estão. Diria que uma grande parte não está cumprindo o seu papel de educar.

Por que usar drogas?

M- Quais são as drogas mais consumidas pelos jovens hoje?

J- Maconha, bebida alcoólica e cocaína, principalmente, os casos que ocorreram no colégio. Ingressação de C

C- Mas de uma forma geral na sociedade?

J- Maconha. Inclusive, tivemos alunos que participaram de passeata a favor do uso da maconha.

C- Qual é o seu entendimento do efeito das drogas no organismo e no comportamento?

J- Depende das drogas. Pareceu confusa!

C- Gostaria que você fizesse agora um comparativo entre as drogas mais nocivas ao organismo? Vamos lá?

J- Eu sei o básico. Crack, cocaína, bebida e maconha. Mas a bebida no mesmo patamar da cocaína. Mas o crack é realmente a mais prejudicial. A maconha é menos destrutiva, apesar de destruir neurônios.

M- Você elencou no processo de destruição mais rápido do organismo ou não?

J- Sim.

C- E em termos comportamentais, você mantém essa hierarquia?

J- Mantenho. Eu já vi um aluno que era usuário de maconha com muito sono durante as aulas, a lentidão, o olhar perdido. Diferente do crack, que por aqui eu ainda não vi. Hoje eu creio que tudo é possível. Eu tinha a imagem do paraíso e não sabia.

M- A velocidade que o crack chega ao cérebro gira em torno de 3 a 4 segundos. E por isso, segundo os maiores especialistas, relatam que após quatro utilizações o indivíduo fica dependente. Na cocaína e o cigarro a dependência gira em torno de 2 anos. No álcool, a dependência gira em torno de 5 anos na mulher e 10 anos no homem, levando-se em consideração a massa muscular.

J- A cocaína é impressionante, eu tive duas experiências em casa. O poder de enfrentamento, a euforia, agressividade. Nós tiramos os filhos da minha irmã por um período devido a cocaína.

Descriminalização X liberação

C- Agora vamos mudar um pouco de assunto e eu queria comentar sobre esse movimento sobre a descriminalização das drogas de uma forma geral que o Fernando Henrique e o Gabeira se envolveram junto a alguns políticos. Você sabe a diferença entre a descriminalização e a liberação das drogas?

J- Seria não olhar de uma forma destrutiva.

Pausa. Mostrou-se muito confusa. Tentou demonstrar algum conhecimento.

C- Não, descriminalização é tirar a responsabilidade e as ações de programas sobre drogas das mãos da polícia e colocar nas mãos do sistema de saúde. O cara que é viciado, você não criminalizar ele.

M- Uso e abuso pelo dependente deixa de ser crime.

C- Agora o usuário não é mais preso. Só é preso o traficante.

M- O usuário recebe medidas sócio-educativas.

C- A ideia é que o usuário não se envolva com crime para ter a possibilidade de usar drogas.

J- Colocar esse papel de controle para órgãos que poderiam ter condições de auxiliar e desenvolver um bom trabalho. Agora a liberação total e geral eu não sou a favor. Pelos danos que a gente vê.

C- Você não acha que o indivíduo poderia ter capacidade de controlar o seu próprio uso, no caso da cocaína? Já que nas drogas lícitas como o cigarro e o álcool que são liberados. Porque uns podem e outros não?

J- É muito difícil fazer uma afirmação se as pessoas irão ter responsabilidades pelos seus atos. Acho que as drogas te domina tanto que você passa a não ter mais responsabilidades pelos seus atos. Fui a reuniões de AA e escutei depoimentos de pessoas que já deixaram no carro, filhos, netos todos trancados e no final poderiam ter morrido.

Pausa. Ficou emocionada.

C- Então você acha que o estado tem que se responsabilizar?

J- Sim. Chega um ponto que a família não aguenta. A família que tirar esse peso. Eu não sei como agir, vira um câncer na família.

M- Então, você concorda com a descriminalização e não concorda com a liberação?

J- Sim, é isso.

Ações da escola e dos professores

M- E quanto ao PPP?

J- Projeto político pedagógico do colégio foi atualizado em 2007. Então a gente precisa reformular. Na questão das drogas, se o aluno for pego com drogas, deve ser expulso? As famílias não aceitam que seu filho seja considerado a laranja podre da escola.

Papel da família

C- Mas a família participa do PPP?

J- Deveria.

C- Mas não seria uma das formas de passar uma série de coisas trazer as famílias para a discussão do PPP dentro da escola?

Ações da escola e dos professores

J- Quantas coisas a gente quer fazer em parceria? quantas pessoas querem participar? Chamam um profissional e pergunte a ele: o que você acha que poderíamos melhorar na instituição?

C- Você fez isso?

J- Fiz isso no ano retrasado. Sentei como cada profissional de três em três e ninguém chegou a sugerir nada.

C- Todos os professores conhecem o PPP?

J- Os antigos conhecem. Ele está a disposição para quem quiser ler. Se bobear o professor mal lê o e-mail que você manda. Já perguntei a professores: você quer trazer alguns projetos para implementarmos? Ninguém trouxe nada.

Discussão C e J falando ao mesmo tempo.

J- O que eu percebo é que os mais antigos que tem um amor ainda maior pela escola ele vai dizer: o que poderia melhorar na escola? Em primeiro lugar, melhoria salarial. Depois ele diz: uma aula assim, uma aula assado.

C- Mas você acha errado ele dizer isso?

J- Não. Eu também como profissional gostaria de ganhar mais.

C- Sabe que eu vejo aí, eu vou de encontro a sua ideia. Na minha opinião o professor é um sujeito que esta muito sobrecarregado e nele está depositado toda a carga do resultado da escola e além do mais ele tem um dos menores salários do mercado e de uma certa forma ele não é valorizado como profissional de uma maneira geral. É obvio que cada um é cada um. Um professor geralmente trabalha em três turnos um só não dá pra ele sobreviver, então de uma maneira geral ele não tem tempo de refletir sobre a sua prática.

J- Pode até ser.

C- Qual é o espaço que se dá na escola para que o professor possa refletir sobre diversos assuntos, inclusive sala de aula?

Silêncio. Demorou um pouco para responder.

J- Nós temos reuniões. Não são periódicas, mas nós temos. Até pela questão do tempo dele. Mas você diz professor vamos marcar uma reunião, mesmo aos sábados. O professor diz: eu não largo a minha família para vir a escola nos finais de semana. Eu acho que ele tem um lado correto ali.

C- Mas isso não poderia ser feito no horário de trabalho? Horário que ele estaria sendo pago. Não estou querendo te derrubar, não se sinta pressionada. .

J- Não estou. Acho que existe uma falha aí do colégio. Deveria ser dado condições de criarmos mais reuniões.

C- A motivação do professor vem com a reflexão. Agora se eu estou trabalhando, trabalhando e ainda tem mais alguma coisa pra eu fazer, fica difícil.

J- Eu consigo muito mais com os professores das séries menores (maternal e fundamental I), fundamental II alguns professores, já no ensino médio quase ninguém.

C- Interessante, porque trata-se dos menores salários.

J- É verdade. Quanto maiores são os alunos, menores a falta de comprometimento. Quando vejo que um professor está querendo contribuir com alguma ideia, procuro escutar tudo que ele tem pra dizer. Não quero centralizar, pelo contrário, descentralizar. É muito trabalho. Tem as coordenações, a psicopedagogia, enfim, sempre digo pra eles: vai lá faz você.

C- Como você vê as gestões (Os administradores) que passaram por aqui até hoje?

J- Deixaram o trabalho pedagógico fluir. Não tenho nenhum problema. Separavam bem as questões administrativas da pedagógica.

C- Em termos de cobranças de resultados?

J- Não, as questões pedagógicas eu quase não era indagada. Confiavam no meu trabalho. Eles não se envolviam muito no pedagógico. Se voltavam mais para o administrativo.

C- Algum problema de drogas chegou a ser levado para a administração geral no tempo que você esteve a frente da direção do colégio?

J- Não. Não chegaram, a saber, porque não queriam se envolver. Achavam que eu poderia resolver da melhor maneira possível.

C- Você se sentia oprimida para resolver este tipo de questões?

J- Não. Sempre me disseram que acreditavam no meu trabalho. Resolve aí. (expressão utilizada pela administração central).

ENTREVISTA COM MA

Opinião sobre as drogas

M- Inicialmente, gostaria de perguntar: Qual é a sua opinião sobre as drogas?

MA- Silêncio... 3 a 5 segundos... Isso pra mim é difícil e por um lado é muito complicado. A minha filha gaguejou.... passou em terceiro lugar para o fundão para fazer biofísica e o primeiro contato com drogas dela foi lá dentro e eu só fui descobrir depois de nove ou dez meses, quando ela me pediu ajuda. É uma coisa muito complicada entre os adolescentes. É comum, eles não percebem o perigo, eles acham que é fácil e sempre que a gente tem contato com um ou outro, sabe que o usuário diz: a hora que eu quiser parar, eu paro. No entanto, ela teve contato dentro da universidade no laboratório onde eles tinham acesso fácil a um tipo de substância que só existiam dentro do laboratório e isso aí foi um lado péssimo para minha filha e ela tomou horror a universidade e não quis continuar o estudo. Tive que trancar a matrícula dela. Internei minha filha porque ela pediu para ser internada.

M- Você lembra qual era a substância?

MA- Não. Eles (alunos) faziam muitos trabalhos com micro-organismos com animais.

M- Interrompeu...Então não era as mais conhecidas pela sociedade?

MA- Não, não era, maconha, cocaína..Depois de um tempo sim...Passou a usar cocaína, maconha. Tudo dentro desse laboratório que era num subsolo. Eles não tinham fiscalização de ninguém e lá eles usavam entre eles. E pelo que eu conheci na época, a questão da droga era comum. Depois da internação ela chegou a fazer tratamento com um terapeuta durante um bom tempo. Começou três vezes por semana aos poucos diminuindo até ser liberada do tratamento. Segundo ele ela começou como uma brincadeira que acabou gostando. Mas aquela coisa de ser aceita pelo grupo acabou levando-a

para as drogas.

M- Você vê as drogas como uma coisa negativa ou não?

MA- Silêncio. Tem drogas voltadas para o lado da medicina.

M- Indagação. Droga lícitas e ilícitas?

MA- Sim. Pode ser. A questão toda pode ser a idade que se usa, porque eu conheço pessoas mais velhas que usam o cigarro da maconha e são muito tranquilas. É uma questão da idade mesmo. O adolescente chega numa fase que querem ser aceitos pelos grupos e fazer coisas diferentes.

Por que usar drogas?

M- Você seria capaz de dizer qual é o perfil de um usuário de drogas hoje?

MA- Ah Ah Ah....Bufou...Acho que teria um pouco de dificuldade. Dependendo do tipo de droga. Porque tem uma que te dá agitação muito grande, tem outras que é mais calma. Por exemplo: o cigarro de maconha, a pessoa usa e fica tranquilo.

M- Então a maconha pode ou não viciar. É isso?

MA- Vicia. Pode dar um grau de dependência, mas é diferente. A bebida alcoólica, dá um estímulo diferente do que é a maconha. A cocaína, dá para identificar. A minha filha na época ..pausa.. respirou forte..ficava num estado de excitação muito grande e o que eu percebi foi isso, ela chorava demais e não sossegava em lugar algum.

Descriminalização x Liberação

M- E sobre a descriminalização das drogas, o que você tem a dizer?

MA- É quando a pessoa vai poder usar. É isso. Ficou muda por instantes..

M- A descriminalização das drogas é quando sai do poder de polícia e a droga passa para o controle da área de saúde. No caso, as secretarias de saúde tentaria administrar, procurando levar em consideração cada caso. Em Brasília existe um projeto de lei encabeçado pelo ex-presidente Fernando Henrique que trata da descriminalização do usuário de drogas e também para evitar que ele seja tratado como traficante. Hoje os usuários não poderão ser presos, eles sofrem de acordo com o delito, medidas sócio-educativas.

MA- Indagação. Ha sei! Usa para consumo dele. Mas qual seria o tipo de drogas?

M- Mas o que está se estudando é exatamente isso. Quais seriam as drogas? A maconha cujo princípio ativo é o THC, já está sendo utilizado em alguns países como é o caso dos EUA no combate a alguns tipos de câncer. No Brasil ainda não foi liberado.

MA- Nesse caso tudo bem. Porque a maconha já é uma coisa mais branda. Agora abrir para outros tipos de drogas não sei. Algumas drogas causam alucinação e ai...Ai eu sou contra.

M- O Estado poderia ter dificuldade em lidar com questões mais complexas. Como seria está utilização? Daria certo aqui no Brasil? Temos notícias que países como Holanda e Inglaterra o uso de algumas drogas são fornecidas pelo governo em drogarias. Seringas e outros artefatos também. Existem lugares utilizados pelos usuários específicos. Principalmente para evitar a contaminação entre os grupos de usuários.

MA- Então teria que consertar antes tanta coisa. O adolescente já vem para a escola tão diferente tão imatura e como eles estariam preparados para lidar com isso também.

Ações da escola e dos professores

M- Como professora e pela sua experiência você já se deparou com alguma situação de aluno que estivesse drogado ou portando algum tipo de droga?

MA- Não. Nem alcoólica nada. Assim, já tive alunos que contaram dentro de sala a história de pais usuários de drogas e álcool. Aqui na escola já ocorreram casos de tios irmãos que já ficaram presos, já ficaram internados por conta de drogas.

M- Temos notícias que alguns alunos do 9º ano do ensino fundamental II estão bebendo muito. Você leciona para eles. Comente a respeito.

MA- Não que eu tivesse percebido na escola. Agora por exemplo: eu fui numa festa em que um aluno bebeu até cair na festa. A gente teve que ligar para o responsável vir buscar. Festa de adolescente mesmo. Vi muita vodka, muita coisa. A dona da casa sabia e nada fazia. Quando ela viu que o menino estava passando muito mal, resolveu ligar para alguém ir buscar. Isso incomodou muito os professores que lá estavam.

M- Quanto a política institucional do colégio, você sabe como funciona em relação as drogas?

MA- Acho que deveria ser encaminhado para o psicopedagogo.

M- Para serem tomadas as devidas providências. É isso ? O professor não está preparado para lidar com as questões das drogas?

MA- Não. Os professores não estão preparados.

M- Indagação. Ou eles não querem?

MA- Não sabem como é a real situação. Apesar que dentro da nossa profissão a gente tem vontade de ajudar, mas acho que eles não sabem, não tem uma atitude. Se acontecer alguma coisa, vai levar para direção ou para a psicopedagogia.

M- Indagação. Os professores poderiam se envolver mais nessas questões para tentar ajudar mais. O que estaria faltando? Pesquisas da OMS apontam para a utilização cada vez mais cedo do jovem nas drogas.

MA- Não sei, porque isso não acontece.

(Silêncio.)

M- E quanto às palestras conscientizando o professor para atuar mais?

MA- Palestras, cursos, seminários, participação de ex-usuários. A vinda do pessoal do AA e do NA também. Acho isso muito válido. No 8º e 9º ano nas minhas disciplinas, a gente tenta discutir sobre esses assuntos e pra eles percebe-se que existe uma banalização muito grande. eles acham que tudo é normal, já convivem com irmãos mais velhos, com pais que usam até em fazer cigarros de maconha. Logo se o aluno participa, ele poderá vir a usar mais cedo ou mais tarde e eles comentam.

M- Que tipo de situação poderia ser criada em sala para ele obter mais informações sobre drogas?

MA- O que falta é trazer gente de fora com mais experiência. Só o aprendizado com a disciplina parece não ser o suficiente. Seria uma coisa nova pra eles.

M- (Indagação). O professor com conhecimento sobre drogas poderia se aproximar mais do aluno antes de encaminhá-lo a direção ou a psicopedagogia. O que você acha?

**MA- Acho ótimo. Concordo. Ele precisaria querer.**

Por que usar drogas?

**M- Quais são os tipos de drogas mais utilizados pelos jovens?**

**MA- Éxtase, muito usado em grandes festas.**

**M- (Colocação). Usado com a bebida para potencializar os efeitos.**

**MA- O crack também está sendo muito usado pelos jovens, a maconha, cocaína.**

**M- E os malefícios causados no organismo?**

**MA- Silêncio. Ah Ah. São muitos. Parte do sistema nervoso, sistema reprodutor, câncer de pulmão, várias outras coisas.**

**M- estaria dividido hoje o uso tanto por parte do homem quanto da mulher?**

**MA- Igual..Essas garotas estão tão avançadas.**

**M- Explicação. As drogas de acordo com as pessoas se manifestam de uma determinada forma organismo. Na mulher e no homem o álcool poderá se instalar aos poucos, só que a dependência poderá ocorrer primeiro na mulher em decorrência de sua massa corpórea, em média cinco anos, no caso do homem 10 anos.**

**MA- E em relação às academias. É comum muitas academias fornecer anabolizantes que pode virar uma dependência e parece ter pouca fiscalização. Estão vendendo um coquetel, eu já vi que tem entre seis e oito comprimidos. Não dá pra entender isso. (Dúvidas). Gostaria de fazer uma colocação aqui. E o professor que toma remédio para dormir.**

**M- Controlado pelo médico, tudo bem. A medicação é considerada uma droga lícita e administrada por um médico é vista de uma forma diferenciada. No entanto, o paciente precisa estar atento que o remédio não será para toda vida. Devemos crer que em algum momento o médico irá reduzi-la ou mesmo retirá-la no momento certo. Alguma notícia na escola de algum professor usuário de algum tipo de droga?**

**MA- Sim. Inclusive me incomoda muito, saber que no horário de trabalho ele fez uso de alguma substância. Vindo trabalhar em situações precárias e acha que está numa situação normal.**

**M- (Indagação). Por que não fazer alguma coisa?**

**MA- Não se fez nada em função da administração geral do colégio. Estamos esperando que agora no final do ano alguma providência seja tomada. Ele vem trabalhar mascarado chupando chiclete, óculos escuros, cheio de perfumes para não demonstrar nada.**

**M- seria uma tentativa de disfarce para não chamar atenção de todos.**

**MA- Há tempos atrás, outros professores usavam drogas mais variadas.**

Ações da escola e dos professores

**M- Segundo o PPP caso o professor ou o aluno for pego portando ou utilizando algum tipo de drogas ele poderá ser convidado a se retirar da escola.**

**MA- Mas deverá ser provado. Ninguém é obrigado a fazer o teste na escola. No caso do álcool, como podemos pedir para o professor fazer o teste, ele pode se negar.**

**M- (Indagação). Mas, isso parece omissão. O que os professores podem fazer para demonstrar a sua indignação ao professor usuário?**

**MA- Falar diretamente. Que todos já perceberam. Na verdade ele deveria pedir ajuda.**

**M- (Indagação). A quem? A um colega próximo?**

**MA- A você (psicopedagogo). Ninguém hoje na escola tem habilidade pra isso. Caso alguém tenha bastante intimidade com ele..Dúvidas..Ah sei lá. Até pode ser, mas acho difícil ele querer escutar alguém.**

**M- Em relação à prevenção as drogas. Quais seriam as medidas mais eficientes?**

**MA- Seriam as palestras. Eu acho que a gente consegue as coisas com o adolescente pelo cansaço. A gente insiste, daqui a pouco fala de novo. As palestras poderiam ser feitas no mínimo uma vez por semestre, mas não repetitiva, ou seja, pessoas diferentes deveriam participar; ex-usuários, pessoal de saúde.**

**M- Mas você não acha que a presença da família poderia ser de grande valia?**

**MA- Isso, isso. Inicialmente só com os pais, depois, só com os filhos, depois só com os professores e uma aberta a toda a comunidade.**

**M- E os pais que bebem, fumam ou usam algum tipo de droga, iriam vir?**

**MA- Ficou pensativa. Seria difícil.**

**M- e se pensasse no filho? Silêncio. Abaixou a cabeça...10 segundos mais ou menos.**

Papel da família

**MA- Pensei no meu cunhado. Ele é alcoólatra e o filho dele de 17 anos já bebia com ele. Se ele fosse chamado aqui para uma palestra, ele até viria, mas ele não tem ciência de que é um alcoólatra. Ele bebe de cair. Ele já acordou e não sabia onde estava. Mas de qualquer forma, alguém da família viria. Vai também depender da palestra que será dada. O que a gente vai colocar como objetivo para a família ali.**

Ações da escola e dos professores

**M- Ao jovem de hoje cabe o esclarecimento a orientação necessária para que ele possa decidir pelo uso ou não de drogas. Entretanto, ele também precisa saber que enquanto ele for menor, a bebida é uma transgressão, apesar de ser lícita. O maior ao oferecer bebida a um adolescente poderá ser responsabilizado e sofrer as penas da lei. O dono de um bar poderá ter o seu estabelecimento fechado ao oferecer álcool para menores de 18 anos.**

**MA- (Indagação forte). Mas isso não se aplica aqui. Os 9º anos faz apostas quando vão comprar bebidas e acabam comprando sem muitas dificuldades.**

ENTREVISTA COM LU

Opinião sobre as drogas

**M- O que você pensa a respeito das drogas como um todo, lícitas e ilícitas?**

LU- Bem como professora e sabendo do mal que é a droga, eu sou contra. É evidente que vai prejudicar o aluno e é obvio que eu não vou concordar com um tipo de substância que prejudique o aluno em relação as drogas ilícitas. A lícita, é bastante complicado, porque drogas ai existem várias, desde comprimidos até os cigarros. De qualquer forma, como é aceito pelo governo eu tento aconselhar o meu aluno a não usar. Na minha família eu tenho o caso do meu pai que fumava muito e morreu por causa do cigarro. As drogas ilícitas são mais devastadoras. Eu trabalho perto de grupos que utilizam drogas ilícitas, então eu vejo o que isso faz para uma criança, mas as lícitas mesmo que possa, eu tento aconselhar a não usar. Mas também eu não posso proibir.

(Mostrou-se confusa, passando a mão no cabelo várias vezes e esfregando o nariz.)

(Continuou) Mas é ilegal para menores, é crime. Mas se lícita, vai pela consciência deles.

M- As lícitas como a bebida alcoólica, para o maior de idade, ele pode, mas para o menor não. A gente sabe que em festas eles utilizam muita vodka, muita cerveja.

LU- Não é só em festas e boite, festas familiares. A família usa ai já viu. Bebe um pouquinho, ai a criança vai lá e bebe. Por isso que eu digo, me posicionar em relação as drogas ilícitas é mais fácil, tá na lei.

Por que usar drogas?

M- Em sua opinião existem drogas que fazem bem ao individuo ou as drogas quando utilizadas sempre fazem mal? Nos EUA o principio ativo da maconha é utilizado no combate a alguns tipos de câncer, você sabia disso?

LU- A maconha pode ser utilizada para fazer o bem, mas eu não conheço essas pesquisas e eu nem sou médica. Mas o que eu posso dizer é o seguinte, os índios já usavam ha séculos atrás para a cura de doenças. Se a pessoa usa durante muito tempo é complicado. Existiam drogas que eram utilizadas para acalmar as pessoas quando elas ficavam doentes. Uma coisa é você utilizar para se equilibrar a outra é uma criança usar sem controle. Quem pode dizer isso melhor é o médico, porque ele vai dosar. Mas aqueles que sentam num barzinho e vão usar, não vão saber a hora de parar, fica difícil. O adolescente já não tem limites.

Ações da escola e dos professores

M- Você já se deparou com algum aluno usuário de drogas? E quais foram as providências tomadas?

LU- Sim. E a família dele também. Chegou dentro da minha sala, já chegou. Colegas dele disseram: professora, fulaninho não está bem. Ele não tá bem? Por que? Ah sim, ele hoje exagrou.

M- Mas o que você fez?

LU- Eu mandei pra casa. Fui até a direção e disse que ele estava indo embora porque tinha usado muita droga e não estava bem, pode ter alguma coisa na minha sala e ai, o que eu faço?

M- A direção fez alguma coisa para ajudar?

LU- Não, não. Ele não quer ser ajudado. Esse já é um caso perdido, não é um garoto, maior de 18 anos, já conversei com ele e infelizmente não tem solução. Ele não quer ir para um local ser ajuda. Não pode ser encaminhado para o conselho tutelar, porque não é menor, vive numa família que pensa da mesma forma. Então, a quem a gente recorre numa situação dessas?

M- No PPP do colégio poderá existir um encaminhamento para este individuo.

LU- (Interrompeu) Não adianta, mesmo que exista alguma coisa escrita, a palavra de ordem é eu quero. Você não pode obrigar.

M- Mas a escola poderia convidá-lo a se retirar?

LU- Não. Acho difícil. Nem todas as instituições fazem o que está escrito. A privada pode até ser, mas as ligada ao poder público, duvido.

M- (Indagação) O problema é que se ele continuar na escola, poderá se tornar um mini-trafficante.

LU- É. Mas logo depois ele concluiu o 9º ano e foi embora.

Descriminalização x Liberação

M- Você sabe o que é descriminalização das drogas?

LU- Se eu não me engano é fazer com que a droga seja lícita.

M- Não. Vamos lá. É tirar do poder de polícia, deixar de ser crime e passar para os órgãos de saúde. E lá, como acontece com alguns países como é o caso da Holanda e Inglaterra, o governo forneceria para os usuários, seringas e uma determinada quantidade de drogas, inclusive vendidas nas drogarias. Portanto, estamos falando de dois países ricos e uma cultura diferente em relação a nossa. Você apoiaria ou não a descriminalização?

LU- Sou contra. No Brasil eu sou contra, porque não vai ser organizado você e eu que somos professores, vamos acabar dando aulas a pessoas em sala drogadas. E ai, quando agredir ao professor, é porque estava drogado e vai ficar por isso mesmo. Se o nosso país fosse organizado, de modo que tivéssemos que esse trabalho seria eficaz, ai tudo bem.

M- Então quer dizer que estamos muito distante disso acontecer?

LU- Com certeza. Seria impossível controlar. O governo não consegue controlar coisas básicas, como a própria educação de qualidade.

Ações da escola e dos professores

M- Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas?

LU- Não existe uma medida de bolo. Só quando as coisas acontecem é que a gente vai ver como fica. Ninguém está preparado para lidar com isso. Isso pode acontecer na sua família, que a gente não está preparada, então como é que você estará preparado para lidar com aluno dentro de sala.

M- Mas alguma coisa poderia ser feita no sentido de preparar o professor nessas horas do tipo: palestras, orientações...

LU- (Interrompeu) Lógico, claro. A palestra de conscientização poderá ser o ideal.

M- Você acha que existe um espaço na escola para trabalhar isso?

LU- Tem. Mas depende se a pessoa quer ouvir...

M- (Interrompeu) Existe um planejamento?

LU- Tem. Mas olha só, se estiverem querendo uma clinica na escola, esquece, não vai ter. Vamos evitar que ele se drogue, então vamos ter uma clinica dentro da escola para desintoxicar, fica difícil.

M- Quem mais poderia ajudar no processo de prevenção as drogas?

LU- De preferência alguém que já tivesse passado por isso, mas jovem...

M- (Indagação) Sim, é verdade. Um jovem poderia ajudá-lo, porque além de utilizar a mesmo tipo de linguagem, o grau de identificação pela idade, costuma ser forte também. E além disso, o jovem reage de uma forma diferente, quando são mais velhos.

LU- Exatamente. É como ele se visse ali naquele instante. O jovem se iguala, né?.

M- Existe algum tipo de apoio por parte da escola para os professores e alunos nas questões das drogas?

(Mostrou-se com dúvidas e repetiu)

LU- É como eu disse, não existe receita de bolo. As escolas sabem que existe este tipo de coisa, ela não é cega. É o nosso cotidiano, nós vivenciamos isso. Na rede pública de ensino eu vejo isso muito mais forte. Todas as escolas tentam resolver essas questões, mas não conseguem. Todos precisam de ajuda, inclusive a família e não tem apoio.

#### Papel da família

M- A família hoje empurra para a escola as questões da educação?

LU- Sim. A família quer que você eduque, que você faça o papel dela. Mas quando você toma uma atitude para educar, que não está dentro de um padrão da família, eles reclamam. Então o professor não sabe mais o que fazer. A escola não é só para ensinar o conteúdo é um processo de transmissão para a sociedade. É aqui que ele aprende a lidar com os amigos, é aqui que ele aprende a respeitar os amigos, o que ele pode e o que não pode fazer, regras, valores para viver em sociedade. Só que se não tiver ajuda de casa, fica difícil. Ele aprende aqui, mas desaprende em casa. A luta do professor é constante.

M- (Indagação) O professor se vê obrigado a se envolver em todo esse processo. Acaba sendo mãe, pai, avó, irmão. Agora, esse usuário que você citou você sabia que tipo de drogas que ele fazia uso?

LU- Ele não usava um tipo de droga não, tinha dias que ele vinha com a maconha e outros com a cocaína. Tem dias que ele estava menos agitado e dias mais agitado. Quando usava o pó, ele ficava dando voltas sem parar na sala.

#### Por que usar drogas?

M- (Explicação) As drogas sob o ponto de vista da classificação se dividem em três momentos: depressoras do sistema nervoso central como o álcool, estimulantes como a cocaína e depressoras ou perturbadoras como é o caso da maconha.

LU- Ele não fazia uso na escola não. Já vinha de casa.

M- Em relação as drogas como você vê as mais ofensivas ao organismo?

LU- Aquela que destrói mesmo é o crack. Destrói mesmo a pessoa.

M- Indagação. O crack chega em frações de segundos ao cérebro e afeta também outros órgãos, como pulmão e as vias respiratórias. Dado importante é que a partir do quarto uso, o indivíduo já se torna um dependente, tamanho o poder de devastação.

LU- A pessoa se torna feia. Parece que a alma não está mais ali.

Fez uma fisionomia horrível para representar o grau de comprometimento do crack.

LU- Continuando. O álcool, mesmo quando se tem controle já é ruim. O êxtase não sei quais são os efeitos. Mas eu acho que ele consegue chegar as crianças mais facilmente. Ele entra fácil numa festa, não tem cheiro e a cocaína. Todas as drogas são horríveis.

#### Ações da escola e dos professores

M- Qual seria a melhor prevenção a ser realizada no colégio no momento, ou seja, não deixar chegar aqui?

LU- Primeiro, a conscientização do adolescente. Você sempre está explicando. Sempre falando a mesma coisa e palestras. Mas a forma de apresentação também é importante. A segunda forma é o limite, porque a família precisa estar junto. Quem são seus amigos, que tipo de festas frequenta, conversar com seu filho. Hoje é só dar presente, sair com meu filho no final de semana e tá tudo certo. É preciso saber com quem ele anda.

M- Indagação. Pois é. Mas o fato dos pais hoje não estarem em casa, trabalhando ou em outras atividades não é um impeditivo, porque sempre terá um familiar tomando conta. Coisa que não acontecia no passado. A mulher tomou um rumo profissional diferenciado até por questões ligadas a o aumento de renda na família.

LU- É isso. Mas nós podemos trabalhar fora e estar atenta ao seu filho. O problema que algumas pessoas não priorizam a sua família. E ainda, quando os pais chegam em casa, não tem tempo de brincar com seus filhos porque estão cansados de tanto trabalhar. Mas é na fase da adolescência é que ele mais precisa estar junto com os pais brincando, se divertindo, fazendo programas com os colegas e com os pais também.

M- O adolescente então testa os limites do adulto o tempo?

LU- Sim. Na escola experimenta colocar trinta adolescentes juntos, porque alguns professores conseguem controlar e outros não. Ele aprende até que limite ele pode ir e outros ele vê que tem limites nenhum.

#### Por que usar drogas?

M- Você conhece na escola algum professor que faça uso de algum tipo de drogas já citadas?

LU- Silêncio. É É...Em festas sim...Mas não ilícitas. Muito álcool..Mas que atrapalhe o rendimento na profissão ... não sei direito...Mas bebem bastante em festas. Agora a vida dele fora, já escutei falar.

M- As doenças que os usuários poderão ter por conta do uso de drogas?

LU- Vou falar na experiência de um amigo que ele usava cocaína, não não, maconha, e ele era um antes e um depois. Parecia que tinha sofrido um problema na mente. Ficou meio lesado. A maconha destrói aos poucos o organismo. a cocaína e o crack não, destrói muito mais rápido por dentro e por fora.

M- Então, quando você fala nos órgãos, estamos falando do fígado, coração. O que mais?

LU- As pessoas que bebem muito incham, os olhos ficam avermelhados e ela parece que sempre quando fala a língua está enrolada.

(Apesar de tentar insistir com os comprometimentos com os órgãos, a professora não se mostrava a vontade para falar dos comprometimentos dos órgãos. Limitou-se a falar do corpo externo)

#### Ações da escola e dos professores

**M- O PPP diz que se o indivíduo professor ou aluno se for pego usando drogas deverá se retirar da escola. Como você enxerga isso?**

**LU- A ideia é tentar ajudar, você como educador precisa tentar resgatar que está com dificuldades. Você precisa tentar incluir. Mas se você percebe que isso vai se tornar uma ameaça para os outros, aí é complicado. No caso de aluno é preciso chamar o familiar.**

**M- Indagação. Temos percebido na escola através de relatos que as meninas do fundamental II tem ingerido muito álcool.**

**LU- Sim, e se você for apurar os pais sabem. Isso tem a ver com a liberdade que é dada dentro de casa, liberdade essa que ele não tem condições de levar. Repito o adolescente precisa de limites. Até mesmo o adulto precisa as vezes.**

#### ENTREVISTA COM GL

##### Opinião sobre as drogas

**M- O que são as drogas para você?**

**GL- É um mal da sociedade atual, principalmente, as drogas lícitas que são vendidas em qualquer lugar e as pessoas não dão muita importância a isso. Os governos poderiam dar uma importância maior. Você vê que é considerado normal numa festa as pessoas ficarem bêbadas e não na verdade, isso não é normal. Já as drogas ilícitas que são as drogas que não são vendidas em qualquer lugar, as pessoas tem um olhar mais diferenciado. Mas para o adolescente é uma coisa normal hoje em dia.**

**M- Para você o uso de drogas é sempre negativo?**

**GL- Não. Pode ser usado para o uso medicinal, como por exemplo a utilização da maconha. Eu não tenho conhecimento aprofundado sobre isso. Eu nunca usei, mas tive problemas na família com o alcoolismo. Meu pai bebia muito. Então, eu não bebo, não fumo e nunca utilizei qualquer tipo de droga.**

**M- Você acha que o problema do seu pai foi determinante para que você nunca tivesse experimentado nada?**

**GL- Com certeza. Meu irmão também. Agora é que às vezes ele pega uma cerveja ou outra. Eu vi meu pai definhando. Eu não gosto de ficar muito tempo ao lado de pessoas bêbadas. Meu pai morreu com 48 anos, pessoa bem sucedida com bom emprego e não conseguiu sair da cerveja e da cachaça, ficou internado várias vezes e não conseguiu. Ele não teve forças para parar de beber.**

##### Por que usar drogas?

**M- Como ele adoeceu? O dano no organismo?**

**GL- Psicológico dele foi afetado. O dano foi total. Fígado e pulmões. Porque não era só a bebida ele fumava também muito. O caso dele, antes de morrer foi considerado raro, pois a comida foi parar nos pulmões e isso agravou ainda mais o quadro dele.**

**M- Como você traçaria o perfil de um usuário de drogas hoje?**

**GL- Hoje eu consigo. Porque eu cresci nesse meio. Recentemente eu iniciei com uma turma e na dinâmica do conhecimento, todos os alunos relatam que bebem, impressionante, só um rapaz que por questões da religião, não bebe álcool e quando o aluno falou todo mundo olhou pra cara dele espantado. Na verdade parece que está ocorrendo uma inversão das coisas. Muitos bebem todos os dias. Isso não pode ser considerado normal.**

#### Ações da escola e dos professores

**M- Você já se deparou com algum usuário de drogas na escola? E o que você fez?**

**GL- Na questão de bebidas alcoólicas sim. Eu quase sempre estou bem próximo e escuto eles dizerem que foram pra determinada festa e beberam cerveja, vodka e uísque. Depende muito do lugar.**

**M- e drogas ilícitas?**

**GL- Eles falam que usaram mais num tom de brincadeira. Agora vai saber se é verdade ou não. Mas são degraus, bebendo álcool daqui a pouco eles vão experimentar as outras drogas também.**

##### Por que usar drogas?

**M- Quais são as drogas mais consumidas pelos adolescentes?**

**GL- Bebida, maconha, cocaína e êxtase. Nas festas, o que é mais fácil de carregar eles consomem.**

**M- E quanto aos efeitos no organismo? Quais são os órgãos mais afetados?**

**GL- O fígado, pulmão, a parte psicológica das pessoas é bem afetada. Eu percebo que nesses momentos a religião também pode ajudar.**

**M- de que maneira?**

**GL- Através da fé, da vontade de vencer, porque a dor que se instalou é muito grande. Parece não ter fim.**

#### Descriminalização x Liberação

**M- O que você acha da descriminalização das drogas?**

**GL- Aqui no Brasil acho muito complicado. Se eles não conseguem distribuir remédios aqui no país, que diria vários tipos de drogas de acordo com os usuários. As compras dos remédios ligadas aos superfaturamentos, então, acho que vão sair da segurança e vai para a saúde e vai continuar a mesma coisa. O tráfico vai continuar o mesmo.**

**M- Mas isso não diminuiria o tráfico de drogas?**

**Dúvidas...**

**GL- Acho que vai ser paralelo.**

**M- Indagação. O Estado não forneceu, compra-se com o traficante.**

**GL- Vai haver desvio de verba, de medicação. O Brasil não está preparado pra lidar com isso. Só quem tem algum familiar ou vizinho com problemas com drogas sabe o que realmente tudo isso significa.**

Ações da escola e dos professores

**M- Você acha que os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas?**

**GL- Depende.**

**M- Professores como um todo?**

**GL- Não. Não estão.** A visão do professor é mais punitiva. Sente aversão. O aluno tem direito à formação, à socialização, de participar do ambiente e tudo mais. Mas o professor já vê com mais olhos mesmo, com a ideia de colocar o aluno para fora de sala, mesmo quando ocorre alguma coisa desse tipo.

Por que usar drogas?

**M- Você já se deparou com professores usuários?**

**GL- Não sei ao certo. Mas acredito que sim. Risos ...**

Ações da escola e dos professores

**M- O PPP diz que se um aluno ou mesmo professor for pego com drogas ele poderá ser convidado a se retirar da escola. Você sabia disso? Concorde com isso ou acha que ambos seriam merecedores de outra oportunidade?**

**GL- Se for o professor ele não deverá trazer drogas para o ambiente de trabalho, principalmente, por ser uma pessoa esclarecida, estudada. Mas se ele trouxer, deverá ser convidado a se retirar. Não pela droga, mas pela falta de respeito ao ambiente de trabalho. O aluno é mais complicado, porque subentende que ele ainda está em formação. Deveria haver uma conversa séria, uma punição mais branda.**

Papel da família

**M- Chamaria a família?**

**GL- Sim. Claro. Iria expor a situação. Agora se ele está passando a droga para os amigos, aí a coisa muda de figura. Ele estaria traficando. Encaminhar para os órgãos competentes para tomar providências acho que seria a melhor solução.**

Ações da escola e dos professores

**M- O assunto das drogas poderia ser mais bem discutido em sala de aula? Profissionais poderiam ser convidados para discutir isso aqui dentro?**

**GL- Quando se fala em drogas, os mais descolados levam na brincadeira ou se travam e não falam. Fica difícil abordar o tema.**

**M- Não seria porque muitos deles se veem naquela situação?**

**GL- Tudo eles acham que sabem. Basta pesquisar. Trazer ex-usuários seria o ideal, para que eles pudessem mostrar o outro lado de uma vida sem drogas. Porque se vier um médico, ele vai dizer que não pode porque estudou aquilo, mas não necessariamente tem a vivência. Já o cara que perdeu tudo, perdeu família, perdeu dinheiro, todo mundo sabe que perde, para se ter alguma coisa mais efetiva na cabeça das crianças. O adolescente quando fala para um adolescente, funciona de uma forma diferente. Eles mesmos falam isso depois. A pessoa mais velha pode até contribuir, mas os adolescentes podem ficar mais receosos de perguntar, enquanto o jovem não, pergunta mesmo. A gíria entre eles faz com que eles se sintam mais à vontade.**

**M- Existe apoio aos usuários de drogas na escola de imediato?**

**GL- Em primeiro lugar não chamar a atenção dos outros para que ele não fique tão exposto. Em segundo, depende do momento, como ele está mais agitado ou menos agitado e observar como ele se comporta. Em seguida chamar a coordenação, ou mesmo, encaminhar a psicopedagogia para as providências.**

**M- Você conversaria com ele sobre alguma coisa naquele estado?**

**GL- Sim. Tentaria, não sei se conseguiria.**

**M- Que tipos de ações preventivas podem ser realizadas na escola para que as drogas não se aproximem da escola?**

**GL- É um conjunto de fatores. Eu já ouvi de alunos que os alunos perguntam aos pais: pai você bebe. Porque? Eu acho que é porque é a única diversão de pobre. Na verdade o governo é quem deveria implementar ações junto ao ministério da saúde, além da ajuda da família, e que muitas vezes estão envolvidas nas drogas. Não vai ser nada fácil trabalhar essas questões com os alunos. Se todos pensassem como eu que fui pelo caminho contrário ao do meu pai, seria ótimo.**

**M- Indagação..Mas é nessa hora que a escola entra com as orientações, os valores, as informações, os espaços não só para os alunos, bem como, para a família.**

**GL- Sim, claro. Mas eu vejo que as escolas cada vez estão mais se fechando. Era para ser o contrário. Primeiro que é muito difícil a escola trazer alguém de fora. Quando traz é uma dificuldade demais para chegar, para reservar material de apoio. Isso do trabalho. A escola está preocupada só com o conteúdo e não com os bate papos.**

Ações da escola e dos professores

**Chega um momento em que o professor não quer falar só de sua matéria, ele quer falar de outras coisas também, até para relaxar um pouco. Eu me sinto jovem, mas daqui a um tempo eu acho que vou me sentir cansado, porque é sempre a mesma coisa. Eu procuro me atualizar para não ficar pra trás.**

**M- O professor já está cansado de muita coisa, é a questão da desvalorização do professor, a questão salarial, a falta de perspectiva de desenvolvimento, enfim...Pode vir a sofrer represálias do tráfico em determinadas comunidades, mesmo porque existem várias escolas no entorno das comunidades ou mesmo dentro.**

**Abaixou a cabeça e ficou triste.**

Papel da família

**M- O que a família pode fazer para ajudar no processo de prevenção às drogas?**

**GL- Esse é o mau do século. A família tem aquela preocupação de não falar, porque pode achar que poderá desencadear no adolescente a vontade de querer saber mais. Isso é uma bobagem. É que nem a questão do sexo. É conversar abertamente com o aluno sobre todos esses tabus é importante. No fundo vão acabar aprendendo com os amigos na rua e**

devem achar que é bom, porque se ninguém falou nada comigo, deve ser bom. Logo a droga pode ser maneira, mas se for uma conversa aberta aí poderá ser diferente, tipo uma conversa de Domingo.

M- Você acha que as famílias vêm delegando responsabilidades demais à escola? Coisas que deveriam ser feitas por ela e ela repassa para a escola? Seria por que a família se modificou ao longo de décadas, tendo em vista a necessidade da mulher compor a renda familiar ou mesmo porque as mulheres chegaram ao mercado de trabalho?

GL- Olha, na teoria a escola não deveria ensinar como o indivíduo deveria falar, se comportar, ter certas atitudes e sim conteúdo, visão de mundo, essas coisas. As coisas foram se modificando tanto que acabou sendo responsável por tudo. Mas não é justificável o fato dos pais não terem tempo. Claro que todo mundo precisa trabalhar muito, viver essa vida louca que a gente vive. Mas ter momentos de conversar, jantar, almoçar. Não vejo porque não se ter uma conversa como por exemplo: o que você fez hoje?

M- Muitos pais alegam que chegaram do trabalho e estão cansados. E aí ?

GL- Vou citar o meu exemplo novamente. Com o alcoolismo minha mãe se separou do meu pai e eu tinha 1 ano de idade. Meu pai ia esporadicamente ver meu irmão e eu, mas não deixava ele sair com a gente com medo que acontecesse alguma coisa. Minha mãe sempre conversou pouco com a gente, mas os valores sobre as coisas eram grandes. Ela nunca trancou a gente em casa. Mas sempre mostrou o que é certo e o que é errado. Sempre cobrando muito. Ela criou eu e meu irmão com muita dificuldade e no entanto, estudamos e nos formamos. Acho que tudo isso vai da pessoa e da família. Temos exemplos na escola de alunos filhos de doutores, advogados e empresários que não querem nada. A questão não é de ter conhecimento, a questão é de ter valores, culturais. Acho que a gente sempre precisa ter um tempo a quem a gente ama.

Ações da escola e dos professores

M- Como funciona a política institucional na escola?

GL- Se a gente for levar a risca tudo, vai ser difícil. Confesso que as vezes a gente vê um aluno xingando, mas você vai chamar a atenção dele até um certo ponto. Se não, toda vez que isso acontecer você vai acabar levando um aluno para direção e aí fica difícil, daqui a pouco a sala vai estar repleta de alunos.

M- Indagação ... E outra é que vivemos numa instituição privada que sobrevive sob o ponto de vista financeiro. Como vai ser está relação? Poderá acarretar sérios problemas.

GL- Exatamente. Ainda tem isso. Então, o professor deve procurar na sala pedir ao aluno para dar uma maneira, do tipo: sussega aí, segura aí um pouco. É difícil, no dia a dia a gente acaba pulando algumas partes da rotina mesmo. O que a gente não tolera é agressão física, porque não tem como, mas certas coisas ligadas ao comportamento a gente tem que passar por cima.

ENTREVISTA COM JU

Opinião sobre as drogas

M- Qual é a sua impressão em relação às drogas?

JU- No meu ponto de vista, as drogas visam preencher um vazio ou suprir uma carência, enfim, eu tenho alunos envolvidos com drogas e quando eu converso com os mesmos, percebo que eles buscam as drogas visando suprir um vazio de algo que tenha faltado em suas vidas. Também vejo como consequência de um tempo pessimista, em que as esperanças, o amor, e outros sentimentos esfriaram, a vejo como uma fuga.

M- Você enxerga isso das duas formas? Tanto do que é lícito, como o que é ilícito?

JU- É, o que é lícito eu percebo que começa mais como uma espécie de modismo ou inversão social, e assim acaba se transformando numa dependência. Alguns tendem a usar socialmente, enquanto outros constantemente. A meu ver, a droga lícita é para inserção social.

Descriminalização x Liberação

M- Agora, com relação à descriminalização, já ouviu falar dessa expressão? Descriminalização é uma coisa e a liberação outra.

JU- Dúvidas... Já ouvi falar, ontem mesmo quando fui à UERJ dar aulas, tinha uma palestra que estaria voltada para o tema da descriminalização da maconha.

M- É, inclusive um tema muito discutido atualmente. Para um entendimento melhor seu, é tirar do poder da polícia e da justiça o controle, para não punir o usuário dependente.

JU- Seria uma legalização?

M- Não. A legalização é a abertura total, a descriminalização é que saia do poder de polícia e vai ser controlado, por exemplo, pela área da saúde.

JU- Entendi.

M- Vivemos num país complicado com essas questões, um país com quase 200 milhões de habitantes, enfim, temos notícias que na Inglaterra e na Holanda, existem locais apropriados para os dependentes usarem, e o governo fornece as seringas, então como ele vai saber aqueles que precisam de uma dosagem menor ou maior? Por que ele incentiva dessa forma, será que ele consegue controlar de uma maneira que não leve muito a óbito? Como seria isso aqui? teríamos cultura? teríamos condições?

JU- Não acho culturalmente falando que nosso país é aberto a esse tipo de iniciativa, é um país retrógrado nesse assunto, nesse aspecto. Não sei se estamos preparados para lidar com isso.

M- Será que não teríamos mais homicídios?

JU- É, eu acho que as questões de limite aqui no Brasil, essa fronteira do que é limitado e do que não é, é muito tênue. Acho que não se estabelece um limite, excede muito em vários aspectos, como educação, formação, senso crítico, não estão preparados para entender que existe um limite, ou que deva ser voltado para quem já consome, ou uma espécie de controle para quem consome as drogas.

M- E como seria feito essa relação, por qual motivo você merece mais e o outro menos?

JU- Exato, eu acho que seria muito confuso, não tenho a mínima noção de como isso poderia ser coordenado pela área de saúde que já está tão devastada.

M- A pessoa que vende as drogas tem que ser preso, isso não se discute, precisa ser punido. Mas aqueles que são considerados usuários, mesmo que dependente precisam de ajuda, segundo a Organização Mundial de Saúde, os usuários

podem ser divididos em quatro momentos: experimentador, usuário ocasional, usuário funcional e o usuário dependente que é aquele que vive para as drogas, esse mata pai, mata mãe, faz qualquer negócio em função da droga. Então, você é contra a descriminalização e contra a liberação?

JU- Sim.

M- Indagação..É importante a gente destacar isso, porque às vezes as pessoas confundem uma coisa com a outra.

JU- Eu acho que a saúde deveria ficar a frente disso, só não acho que nossa saúde está preparada para isso.

Opinião sobre as drogas

M- Existem algumas drogas como você citou, a questão como da maconha, por exemplo, o THC que é o princípio ativo da maconha, ele ajuda no tratamento de câncer, que está sendo usado principalmente em dois estados americanos, e vem dando bons resultados, o que você pensa em relação a isso? Você enxerga as drogas somente como ponta de vista negativo, ou você acha que tem alguma possibilidade dela ser benéfica?

JU- Se a gente for avaliar de maneira genérica, os remédios que consumimos são drogas, e assim como nos beneficiam, trazem prejuízos. Se eu tomo antibiótico constantemente, meu estômago vai sentir os efeitos daquele antibiótico, por exemplo. Se elementos, substâncias da maconha são benéficas para o câncer, havendo um monitoramento, um controle, um acompanhamento, tendo melhoras no quadro do câncer, acho válido.

Ações da escola e dos professores

M- Você falou há pouco tempo sobre a questão dos alunos que você tem que são usuários, eles são daqui da escola?

JU – Também.

M- Eles são do Ensino Médio ou do Ensino Fundamental?

JU- Ensino Médio. No Ensino Fundamental a gente ouve falar, mas não tenho certeza alguma.

Porque usar drogas?

M- Mas, sempre tem história, relacionado a alguém, por exemplo: a questão da bebida.

JU- A bebida tem muito, principalmente no 9º ano do Ensino Fundamental, a gente vê que nas festas que eles extrapolam, excedem muito na questão da bebida, e do cigarro também, mais na bebida, onde vejo que funciona como status, forma para atingir popularidade, ou denotar uma forma de crescimento, para se sentirem mais adultos, não mais velhos, associam na bebida algo mais popular, aquele que é mais desenvolvido.. Aham que ao consumirem bebida alcoólica, vão se tornar populares e mais a frente daqueles que não consomem. Além de popularidade, eu vejo como espécie de promoção. Já no Ensino Médio, com relação às drogas que é consumida percebo como uma válvula de escape.

Ações da escola e dos professores

M- Agora com relação à Instituição, no sentido de providências? Com relação aos usuários, alguns casos que podem ocorrer ou já tenham ocorrido. Você tem ideia de como a Instituição se coloca? Ela pune ou não pune?

JU- Vejo que a iniciativa aqui na escola, é uma iniciativa séria, voltada para prevenção e também para acompanhamento, mas acho que ainda faltam algumas questões, podíamos fazer um pouco mais de palestras, e o acompanhamento podia ser mais incisivo. Percebo que é sim uma política séria, voltada para essas questões, mas acho que falta mais um incentivo, um investimento nesse tipo de ação.

M- O projeto político pedagógico da escola diz que se o aluno for pego portando ou usando, principalmente no ambiente escolar, ele pode vir a ser convidado a se retirar da escola. Você acha que inicialmente, o que poderia ser feito? Ele deveria ser colocado a disposição, sair de uma vez ou deveria ser dado algum tipo de ajuda da escola?

JU- Acho que ele deveria ter uma ajuda sim, uma orientação mais associada a mostrar aquele aluno o caminho que ele vem percorrendo, e o quanto esse caminho pode ser prejudicial. (Gaguejou) Claro, que eu acho que deveria ter uma certa medida pra não deixar as coisas correrem soltas, acho que tinha que ter uma orientação, acho que convidá-lo a se retirar acho que estaria tentando hipocritamente, lavar as mãos, e entregar aquele jovem para outras instituições, ou para outros vícios, enfim. Não estaria ajudando, porque se o papel da escola é orientar...

M- Não seria correto excluir.

JU- Exatamente. Enfim...

M- Discutir sobre drogas com eles, trabalhar essa questão da prevenção de drogas. Como trabalhar a prevenção as drogas no colégio? De que forma? qual seria as melhores ações a serem tomadas? Será que visitas de ex-usuários, principalmente jovens, poderiam ajudar a diminuir a curiosidade do jovem?

JU- Eu acho muito bacana. Eu não vou poder trabalhar mais, mas eu trabalhava um livro chamado “A vida por um fio”, trabalhei ainda esse ano. E, esse livro fala de um rapaz, que se envolve com as drogas. A literatura infanto-juvenil nos dá também, um meio da gente atingir o jovem dessa forma. Os problemas que ele passa, a literatura que eu usei foi benéfica nesse sentido. A gente tratou, discutiu, comentamos e promovemos um debate em sala, sobre como o rapaz teria chegado ao mundo das drogas, e em um desses trabalhos que a gente promoveu, houve a apresentação dos tipos das drogas, os efeitos, as consequências e um dos grupos trouxe um convidado, pedimos autorização da escola, e um usuário em tratamento, deu seu depoimento e foi muito gratificante. Os alunos se emocionaram bastante, tiraram dúvidas, dúvidas que geralmente não perguntam a um professor, ou a um pai ou mãe, então achei muito bacana essa interação e acho que é muito válido.

Ações da escola e dos professores

M- Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas dentro de sala de aula?

JU- Não. Eu não tenho essa prepotência de dizer que eu estou preparada, porque não estou e acho que a maioria não está. Procuro fazer o melhor possível, mas acho que nós poderíamos fazer mais se estivéssemos instruídos de como proceder em determinados momentos.

M- Que tipo de conhecimento poderia ser repassado ao professor?

JU- Investir no profissional. Pouco se faz por ele, como por exemplo: a ida de professores a congressos, a debates.

M- Indagação...Mas essa correria do professor de um lado pra outro, buscando novos vínculos para sobreviver também

**atrapalha.**

Ações da escola e dos professores

**JU- Então, porque não promover os eventos na escola? Sim, dentro da escola. Basta haver um planejamento de qualidade.**

Por que usar drogas?

**M- Quais são as drogas mais usadas pelos jovens e você poderia elencar as drogas que na sua opinião tem um maior poder de destruição no indivíduo?**

**JU- Pelo meu convívio com o jovem, a maconha, o cigarro e o álcool. Depois a cocaína. O crack é o pior deles todos. Nenhum aluno chegou a conversar comigo se usou ou não. Percebo também que os usuários de drogas estão constantemente mudando o seu comportamento e não conseguem se concentrar direito. Escuto que o crack destrói o indivíduo como um todo, mas o cérebro fica em pedaços.**

**Dificuldade de falar dos outros órgãos que podem ser afetados.**

**M- Algum caso na escola de professores que estejam usando drogas lícitas de uma forma contumaz ou ilícitas?**

**JU- Não sei de nenhum caso. Nas lícitas nada que ultrapasse o corriqueiro. Já ouvi que no passado existiram professores que abusavam de drogas, mas eu não cheguei a conviver com eles.**

Papel da família

**M- Você percebe que com o passar dos tempos a família vem transferindo para a escola a tarefa de educar os filhos?**

**JU- Sim. Inclusive eu escutei o seguinte: eu não sei o que fazer com ele, eu estou desistindo. Ai, eu fico pensando, como eu posso desisti dele se a própria mãe está largando.**

**M- Entendo ser muito complicado essa situação, mas o que fazer?**

**JU- Eu me vejo sobrecarregada. Me vejo muito cansada. Principalmente, porque me envolvo em muitas questões. O papel do professor hoje excede e muito aquele papel do professor de alguns anos atrás.**

**M- Educação é o papel da família, a escola cabe dar continuidade o processo dessa educação. A família repassa para a escola uma responsabilidade que é dela. Hoje o que está acontecendo é um afastamento e um afetamento dos sentimentos. Pessoas mal se relacionam, mal se abraçam, mal se beijam, os valores estão invertidos.**

**JU- É engraçado que eu vejo nos alunos e me assusta é a falta de comunicação. Vou explicar melhor, uma coisa que eu não gostei eu parto para a agressão, os alunos estão intolerantes. Provavelmente esta falta de afeto e proximidade seja o responsável.**

Ações da escola e dos professores

**M- Qual a primeira providência a ser tomada caso um aluno esteja portando drogas em sala?**

**JU- Procuro me aproximar de alguma forma. Se esse entendimento me fugir eu ouço e tento encaminhá-lo para alguém que possa ajudar. Tento não expor esse aluno e não elevar o meu tom de voz. Preciso depois, chamar os pais e tentar colocar da forma mais clara possível. É um trabalho de integração em que todos os envolvidos precisam participar. Em momento algum passa pela minha cabeça agir sozinha.**

**M- Precisamos respeitar a hierarquia na instituição e evitar que amanhã ou depois a família diga que a escola tomou toda a providência sozinha, mesmo que esse familiar não irá participar tanto, mas ele é o responsável direto pelo menor.**

**JU- Concordo plenamente, porque se tratando de familiar tudo podemos esperar.**

ENTREVISTA COM MG

Opinião sobre as drogas

**M- O que representa as drogas pra você?**

**MG- Pra começar eu nunca usei qualquer tipo de droga e condeno que usa. Não importa se lícito ou não lícito, podendo ser qualquer uma maconha, crack, cigarro, álcool, não importa. Não admito e nunca gostei.**

**M- Essa relação que você tem com as drogas é em função de ter passado por alguma situação que causou tanto pavor? Parente, vizinho, algum conhecido?**

**MG- A minha experiência com bebidas é que eu comecei a sair com amigos e até então eu nunca tinha colocado qualquer bebida na boca. Tem um episódio que eu lembro, após sair com dois colegas na matine, na saída eu vi um colega passando muito mal de tanto beber e eu olhei a condição dele e olhei a minha. Eu estava com uma menina e ele sozinho sem ninguém. Essa foi a escolha que eu fiz pra mim. Daquele dia eu prometi nunca mais colocar um gole que seja na boca, não é a minha.**

**M- Pela experiência as drogas podem ser utilizadas sempre para o mal ou às vezes podem também ser usadas para o bem?**

**MG- Assim o único benefício de drogas que eu vejo pela minha experiência são os anabolizantes ele pode ser usado para um bem que é para o aumento da massa muscular, bem administrado poderia ser usado satisfatoriamente para os outros problemas das pessoas no dia a dia. Mas tem o outro lado que se mal administrado pode até matar uma pessoa.**

**M- Você não falou sobre a medicação para curar doenças, esses medicamentos que é vendido nas drogarias?**

**MG- Dependendo do seu objetivo tudo bem. Desde de que receita pelo médico tudo bem.**

Ações da escola e dos professores

**M- Você já se deparou com algum aluno usuário de drogas?**

**MG- Só uma vez, a vários anos que eu peguei dois alunos fumando escondido no pátio da escola. Eles foram chamados a atenção e encaminhados a direção.**

**M- Chegaram a serem convidados a sair da escola?**

**MG- Não. Receberam advertência, mesmo porque era uma droga normal, ou seja, um cigarro. Uma conversa foi o bastante.**

**M- Em relação a política institucional do colégio. Você está por dentro?**

**MG-** Se o aluno for pego com drogas ele poderá ser encaminhado a família e ao conselho tutelar.

**M-** Houve algum problema ligado ao tráfico dentro da escola? Alguém vendendo ou comprando ao redor da escola?

**MG-** Alguns anos atrás nós tivemos um problema na escola em relação a isso. O aluno era considerado um suspeito de estar traficando dentro da escola. Ele vendia e fazia uso de maconha, só que não conseguiram provar nada, chegaram até a revistar ele na rua, mas não deu em nada. O problema é que os próprios alunos confirmavam, mas não foram reunidas provas.

**M-** Você acha que o assunto drogas deveria ser mais discutidos dentro de sala de aula?

**MG-** Com certeza. Muitos deles alegam a curiosidade que é a sensação única que é experimentar drogas. E o que é que eu entendo, se você tem uma política de esclarecimento, do que é a droga, do mal que ela pode causar, e até mesmo relato de experiência de quem já usou, você poderá diminuir essa curiosidade do adolescente.

Papel da família

**M-** Palestras e orientações de profissionais de saúde ou ex-usuários para alunos e familiares ou mesmo aberto a comunidade, poderia ser interessante?

**MG-** Eu tenho consciência de que não se consegue chegar no aluno sem uma base sólida da família em casa. A estrutura familiar é fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo. Não consigo enxergar a família distante do seu filho, bem como, da escola. É como se um completasse o outro. É uma parceria.

Opinião sobre as drogas

**MG -** Tive um exemplo de uma aluna do futsal que era uma promessa no esporte e acabou se perdendo nas drogas, foi horrível, uma experiência que eu tive frustrante. Ela ficou grande parte de seu desenvolvimento só, na rua, pais separados, a mãe precisava trabalhar para sustentar a casa. Ela já estava acostumada a ficar sozinha e segundo ela essa mesma solidão que a levou as drogas.

Ações da escola e dos professores

**M-** Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas em sal?

**MG-** Não. A maioria é preconceituosa. Tratam aquele dependente ou usuário como um marginal. O fato das drogas ilícitas estarem vinculadas ao crime, fazem com que eles pensem assim.

Descriminalização x Liberação

**M-** O que você acha da descriminalização das drogas?

(Ficou confuso.. gaguejou um pouco, mas respondeu)

**MG-** Sou contra a liberação. Tenha notícias que em vários países governo trata, oferecendo seringas, certa quantidade de drogas. Mas aqui, não sei não. Para mim ele é um financiador do tráfico, não só dos morros. Eu não confio em nossa legislação para tratar desses assuntos, nos nossos pais é complicado.

**M-** (Indagação) No caso o usuário precisa ser separado do traficante. O traficante responderá criminalmente, enquanto o usuário, hoje, sofrerá medidas sócio-educativas. Mesmo assim você acha difícil trabalhar essas questões em nossos pais?

**MG-** Sim, muito. Não estamos preparados para muita coisa ainda, quem diria questões que envolvem drogadição!

Ações da escola e dos professores

**M-** Você acha que a escola oferece algum tipo de ajuda para quem está usando algum tipo de drogas, professores e alunos?

**MG-** Não. Nada.

Por que usar drogas?

**M-** Quais as drogas mais consumidas pelos adolescentes hoje?

**MG-** Alcool e cigarro. Na verdade o que é lícito é muito mais difícil de ser tratado. Depois a maconha e o êxtase.

**M-** Quais são os prejuízos que as drogas acarretam?

**MG-** Depende. O Alcool em excesso pode causar mortes de neurônios, a doenças hepáticas. A maconha a praticar um crime, cocaína também prejudica as conexões nervosas. O equilíbrio, o indivíduo se torna agressivo, vários transtornos psíquicos.

Ações da escola e dos professores

**M-** Quais são as prevenções que a escola poderia tomar para erradicar o consumo de drogas?

**MG-** A palavra do professor é extremamente importante em sala. Falar dos males que as drogas fazem, mas o que é necessário seria o relato de quem já passou pela dor e conseguiu dar a volta por cima, isso sim, pode mexer com os adolescentes. Essas duas coisas são muito mais impactante do que o resto. É assim que eu vejo. A curiosidade do adolescente pode se esvaír, caso ele escute isso de uma pessoa que já passou pelas drogas. Ele vai sentir medo e refletir muito mais do que se for dito por um médico por exemplo.

**M-** O que você acha da escola abrir espaços para esses tipos de discussões aqui dentro? Para todos?

**MG-** Não existe. O colégio não pode ser fechado. Ele precisa ser a extensão da casa do aluno, da comunidade. Alguém precisa ter um olhar próximo a isso. O colégio privado ou não precisa elaborar projetos que envolvam toda a comunidade. Essa coisa de quem tem condições é que irá frequentar a escola, esta errada. A comunidade traz muita informação de qualidade para dentro da escola.

**M-** Você acredita que não só profissionais da educação, bem como, a comunidade aceitariam o convite facilmente ou haveria rejeição?

**Ma-** Bem, é uma tarefa difícil. Mas com um planejamento eficiente daria resultado. Ao longo prazo funcionaria muito bem.

**M-** Trabalho de formiguinha?

**MG-** É isso. Não basta fazer uma palestra aqui. Se pelo menos duas ou três vezes ao mês for oferecido palestras ou encontros sobre drogas, sexualidade, diabetes, artrose, osteoporose e quantas outras. A comunidade passa a acreditar no trabalho. Uma política de conscientização capaz de trazer um conhecimento maior as pessoas.

Por que usar drogas?

**M-** Você trabalhou ou trabalha com professores usuários de drogas, lícitas como ilícitas?

**MG-** Sim. Conheço.

Silêncio 5 segundos ...

**MG-** Aqui na escola vários colegas fumam e vejo que eles se destacam para fumar. Quando estou na sala dos professores, fico escutando na segunda-feira como foi o final de semana de alguns deles. Eles comentam que beberam muito em festas, ficaram com dor de cabeça.

**M-** Isso atrapalha a relação com os alunos?

**MG-** Em alguns casos sim. Chegaram a fazer um paródia para dois professores que hoje não estão mais no colégio. Não teve uma repercussão muito boa. Os professores acabaram sendo alvo de chacotas na escola.

ENTREVISTA COM JU, MG E GL

Opinião sobre as drogas

**M-** O que vocês acham das drogas?

**JU-** Falar de um tema que faz parte de nossa realidade e que mais que a gente não consiga ver, mas a droga tá logo ali, eu acho que faz com que a gente sempre reflita e tenha um olhar diferenciado, principalmente, na sala de aula, procurando orientar o aluno sobre as drogas existentes em nossa sociedade e o quanto as drogas tem se tornado popular. O uso de bebida alcoólica entre os adolescentes vem crescendo muito.

**M-** Assustam vocês conversar com alunos que conhecem determinadas drogas e que vocês não tiveram oportunidade de conhecer ainda? Com o passar do tempo novas drogas são criadas e aí, como funciona isso pra vocês?

**GL-** É assustador. Não só pelo que é novo e desconhecido, mas o que isso pode causar. Os jovens acham a bebida alcoólica o máximo.

**JU-** Não só a bebida alcoólica é considerada o máximo, mas eles usam para se popularizar. Na verdade, não é só beber é encher a cara.

**M-** Mas nem todo mundo usa álcool e os que não se aproximam da bebida, o que nós poderíamos dizer a respeito?

**MG-** Uma das coisas que eu costumo dizer nas minhas aulas é: eu não preciso beber para me divertir. Aí, o aluno me pergunta: mas você não bebe? Eu digo não. Eu nem conheço o gosto da cerveja. Aí, ele diz: como? Ninguém nunca te ofereceu? Eu disse sim, mas eu não quis. Aí eu perguntei: mas você já bebeu. Ele responde: sim, meu pai e minha mãe já me ofereceram várias vezes.

**JU-** Isso ocorre também por questões de masculinidade. Tem pais que se orgulham dos filhos bebendo cerveja.

**MG-** Talvez, nem da masculinidade, mas porque o meu filho está crescendo.

**M-** Lembrei certa vez um colega dizer ao filho em relação masculinidade o seguinte: coloca o piru pra fora aí filho e faz aí mesmo.

**JU-** É uma postura para acentuar uma opção sexual.

**MG-** Provavelmente, medo do pai da homossexualidade.

**JU-** Minha preocupação é saber que os adolescentes cada vez mais cedo estão usando drogas. A gente acaba ouvindo um caso. Alunos comentando.

**MG-** O jovem bebe muitas vezes para sinalizar um certo status ou mesmo para poder se sentir mais a vontade para chegar numa garota.

**GL-** As músicas também falam disso, ou seja, de balada, de pegada, de poder, de beleza, de cheirar, fumar e beber. Atraindo sempre mais garotas para a roda dos meninos.

**M-** E a orientação que é passada para esses jovens sobre medicação. Eles entendem quando o medicamento é para ser tomado na hora certa ou aprendem a tomar de qualquer maneira? Os remédios mal administrado poderão ser uma porta aberta para os jovens consumirem mais drogas?

**JU-** O excesso é sempre ruim. Foi bom você falar nisso, porque eu preciso ir ao médico. Eu tenho me automedicado muito ultimamente. Estou ficando preocupada.

**MG-** Não podemos esquecer que a automedicação está relacionada a burocracia que é chegar ao médico nos dias atuais. Levamos muitas vezes meses para sermos atendidos e aí, fica difícil. Na verdade nós não temos no país um sistema de saúde adequado para atender a população.

**GL-** É difícil você encontrar alguém que não se automedique. Acho que isso já faz parte da nossa cultura. Eu mesmo já cheguei num médico com muita dor de cabeça e ele me perguntou: por que você ainda não tomou um analgésico? Fica complicado mesmo.

Por que usar drogas?

**M-** Vocês conseguem perceber qual é o perfil de um usuário de drogas?

**JU-** Alguns sim outros não.

**MG-** Normalmente a gente relaciona as pessoas de classes menos favorecidas, porque é mais visível e a postura da pessoa é diferente. Não é só em questão da roupa, está relacionado ao trato da sua aparência física. As pessoas de classes médias e altas disfarçam mais facilmente.

**GL-** Pessoal, mas cada droga deixa o indivíduo de uma forma. A maconha o sujeito não fica tão deplorável assim, mas o crack, o sujeito parece um morto vivo. E ainda, com o crack, rico e pobre se igualam devido ao poder de fogo da droga.

**MG-** Encontramos na maioria dos casos nas classes sociais mais altas a predominância vai mais para a cocaína e o êxtase. A exposição do indivíduo fica por conta da onde ele está usando. Dificilmente um usuário de classe média ou alta vai usar o crack na crackolândia, ele vai pagar um lugar para ele ficar e não vai correr o risco de ser visto por alguém conhecido ou mesmo pego pela polícia.

**M-** Um ambiente que o indivíduo frequenta, determina se ele vai usar drogas?

**JU-** Sim, claro. Pode não ser determinante, mas pode contribuir muito.

M- Indagação..Podemos citar casos atípicos, por exemplo aquele menino de rua que cheira cola para não ter fome durante a noite ou mesmo durante o dia. Eles sustentam que é para não sentir fome e não por vício. Em se tratando do organismo humano, tudo é possível. Cada um se manifesta de uma forma.

M- E já que estamos falando de organismo como um todo, na opinião de vocês quais são as drogas que provocam um nível maior de devastação no organismo? E quais são as mais usadas pelos adolescentes?

Ma- Álcool disparado, sem dúvida alguma. Agora o maior poder de devastação o crack.

JU- Concorde. O crack deforma as pessoas por dentro e por fora.

GL- Concorde com o álcool. Nenhuma outra droga me veio à cabeça, depois o maior poder de destruição o crack, além de matar mais rápido.

#### Descriminalização X Liberação

M- Vocês são a favor ou contra a descriminalização das drogas?

JU- Nosso país, infelizmente não está preparado pra nada. Nosso povo não é educado, não tem uma formação para entender isso. Eu acho que tudo isso é muito novo e vai levar um certo tempo para compreender melhor as questões relacionadas as drogas.

MG- Eu sou a favor de tratar os dependentes e não de fornecer algum tipo de droga para os dependentes. Caso ele seja pego na primeira vez com drogas ele deveria ser obrigado a se tratar, mas se for pego pela segunda vez, eu vejo de outra forma, acho que ele deveria ser criminalizado. Tudo isso porque ele está financiando o tráfico.

M- Indagação...Mas trabalhar com o adulto é uma coisa, mas se tratando de adolescentes é outra. A lei funciona de outra forma, as penas são imputadas aos adultos, enquanto os adolescentes recebem medidas socioeducativas, ficando no máximo três anos presos.

GL- Eu sou contra a descriminalização e a liberação. Não daria certo, nosso país precisa aprender muito ainda. Não há educação na família e nem na sociedade capaz de dar credibilidade a qualquer projeto na área de drogas.

#### Ações da escola e dos professores

M- Vocês tiveram notícias que traficantes de drogas estiveram dentro da escola ou ao redor tentando aliciar algum aluno?

MA- Não

JU- Que eu saiba não.

GL- Não.

MA- Sabemos que existem usuários de drogas aqui ao redor, mas que frequentam a escola não. Eu nunca vi parado por aqui.

M- Indagação..Bom, seria o cúmulo porque existem seguranças da policia no colégio.

GL- É verdade. Fica mais difícil a aproximação deles.

M- A política institucional é cumprida fielmente dentro da escola?

JU- Não sei...

GL- Isso as vezes sai do controle da escola. Se o menor não está dormindo direito à noite e chega com sono a escola e isso começa a interferir no rendimento dele, você não vai chamar o pai dele e tentar interferir, porque isso tem a ver com o cuidado da família. Eu posso chamar a atenção dele na sala por não estar prestando atenção na aula, mas só isso. Se a gente for ficar se metendo do lado de fora, nós podemos ter problemas com os pais.

M- Ok. Mas vocês precisam passar isso a diante, ou seja, a psicopedagogia ou mesmo a direção. Providências precisam ser tomadas. A tendência é virar uma bola de neve e ficar insuportável de se trabalhar.

Ma- A escola tem o direito e o dever sim, de chamar o familiar e avisar o que está se passando e mais ainda, caso não sejam tomadas nenhuma providência na família, encaminhar ao conselho tutelar. É uma questão de responsabilidade de todos, levando em consideração que determinadas medidas estão descritas no ECA.

M- Os professores poderiam discutir mais o assunto das drogas dentro de sala?

JU- Sim, poderíamos discutir mais. O problema está aí e só se nós formos desconsiderá-lo.

MG- Eu consigo conversar mais com eles sobre drogas em função das minhas aulas que estão ligadas ao corpo. Costumo usar o fato de não beber para tentar buscar uma reflexão em cada um. Digo para eles que o que eu economizo não bebendo e não fumando eu consigo juntar e ter meu carro, meu celular e meu apartamento.

#### Papel da família

M- A escola poderia abrir um espaço maior para todos, comunidade, professores, alunos para discutir questões do interesse de todos?

GL- Sim, deveria. O problema é que os familiares são os primeiros a não aparecer. Muitos deles estão envolvidos com álcool e drogas às vezes.

MG- Os filhos acabam bebendo muitas vezes porque os pais não dão a mínima atenção para eles. Eles ficam jogados na rua durante o dia e esse espaço poderia ajudar a salvar muita gente que se encontra perdida.

#### Ações da escola e dos professores

M- O professor está preparado para lidar com as drogas?

JU- Professor não tem mais tempo pra nada. Ele precisa trabalhar em vários lugares ao mesmo tempo para prover sua família. Então como se atualizar? Como arrumar mais tempo para adquirir novos conhecimentos? Os salários estão muito baixos....

Professora franziu a testa e ficou com raiva.

MA- Quando você tem um tempo você está tão esgotado que quer dormir.

GL- É engraçado eu também me sinto assim. O aluno tem muitas avaliações, muitos trabalhos, provas. O professor parece às vezes que só corrige provas, trabalhos e prepara avaliações. Nossa já estou cansado de tanto falar e estamos numa entrevista.

M- A escola está preparada para lidar com o aluno dependente de drogas?

Silêncio..

JU- Seria difícil. É dever chamar a família, alertar a direção. Isso é o que aconteceria, nada além disso. Não existe nenhum

programa de reabilitação ou coisa parecida.

GL- Quando a gente escuta dizer fulano é usuário de drogas, a primeira coisa que a gente pensa é iii ele vai roubar, ele vai matar alguém. Mas já pensaram que pode não ser assim. Nem todo mundo que usa drogas será violento ou coisas desse gênero.

MG- Alguns professores podem até estar preparados para lidar com usuários, mas a escola não. Ela deixa de tomar uma série de providências.

M- Como por exemplo?

MG- Seria mais uma matrícula que a escola deixaria de receber. No caso da instituição privada. Quando também não quer causar alarde, evitando assim que não se percam novos alunos na região.

M- Como podemos trabalhar a prevenção de drogas na escola de uma forma eficiente?

MG- Ter essas reuniões constantemente com a família, os filhos, a comunidade que poderá ser um elo de ligação e proteção nas ruas.

JU- Trazer uma linguagem acessível a todos para uma melhor compreensão.

GL- Pessoas que tiveram problemas com drogas ajudariam muito também. Porém, usuário jovem.

JU- Sim, jovem. Porque se trouxer o mais velho, a aceitação pode não ser a mesma.

MG- A pessoa da área de saúde vai buscar uma linguagem mais técnica, aí então, não poderá chamar tanta atenção porque não conheceu o outro lado como o ex-usuário. A criança está interessada em ouvir relatos de quem tenha passado pela situação, porque ela fatalmente não vai querer sofrer como aquele que um dia perdeu tudo. O grande lance é tirar a curiosidade das drogas de dentro da cabeça do adolescente.

Por que usar drogas?

M- Vou falar o nome das drogas e vocês vão tentar detectar os danos no organismo? Crack, cocaína, álcool, maconha e êxtase.

JU- Danos físicos e psíquicos. Cada um com o seu poder de fogo maior.

MG- Com o uso contínuo o usuário poderá se tornar um dependente precisando de muita ajuda. Todos os tecidos ficam comprometidos. Vários órgãos, como: fígado, rins, cérebro, coração. A comunicação fica afetada, lapsos de memória e um comportamento inadequado.

Ações da escola e dos professores

M- Pude perceber durante a entrevista que quase todos tiveram problemas na família com drogas e isso serviu para mudar radicalmente a visão e o comportamento de vocês. Isso sem dúvida facilitará a relação dentro de sala e contribuirá no processo de formação de seus alunos.

Sorrisos...alívio de todos...

## 2ª ENTREVISTA EM GRUPO – MA CR LU

M- Todo usuário de drogas é dependente?

CR- Não acho. Entendo que existem drogas lícitas e ilícitas. O álcool e o cigarro podem se tornar um vício.

MA- Não acho não. Já passei isso na minha família e hoje em dia está tudo normal.

LU- Depende o quanto está bebendo.

CR- Tem pessoas que só bebem final de semana. Ai tudo bem.

LU- Se passar por um tratamento, aí pode acabar com o vício. Mas senão, ele vai usar hoje, porque é maneiro, vai usar amanhã porque é maneiro e assim vai. Daqui a pouco não consegue mais parar. Ai só uma ajuda de fora.

MA- tem muita coisa envolvida nisso. Não é não? Idade. Eu conheço casos que a pessoa não fez tratamento e parou.

LU- Mas esse não é dependente. Tem gente que usa droga até ficar velho e não é dependente.

M- vocês não acham complicado quando a família usa algum tipo drogas?

CR- Sim. É super complicado.

MA- Fica difícil.

LU- Os meninos dizem que tomam o restinho de bebida que sobra no copo dos pais.

M- O que caracteriza a dependência?

CR- A pessoa não tem controle sobre ela mesma.

LU- Por mais que a pessoa tente se controlar, ela não consegue.

CR- A dependência tem a ver com a cabeça da pessoa naquele momento.

MA- Continuo dizendo que a idade influencia a pessoa.

LU- Não acho não. Acho que a cultura da pessoa pode influenciar.

M- Influencia ou é fator determinante?

LU- Influencia claro.

MA- Mas o fator determinante não poderia ser a família.

M- Calma, calma... Não estaria ligado as questões biopsicosociais e principalmente o meio em que o sujeito vive? Ficaram agitadas.....

CR- Como assim?

LU- Isso mesmo. O meio em que ele vive. As outras pessoas.

CR- Existem famílias que um dos filhos nasce totalmente diferente do outro e pode ir por um caminho errado.

LU- Pera aí. Mas não é só isso não Cristina. Dependendo do lugar em que ela vive poderá experimentar todo tipo de droga. Tem dependente de todo o tipo pobre e rico. Se for num lugar pobre ele irá experimentar drogas mais baratas que são mais nocivas. Ai na verdade tem todo um contexto. Num lugar rico ele poderá usar drogas mais caras.

M- Mas Luiza fica muito confuso. Por que se pararmos para analisar as drogas mais nocivas acabam mais rapidamente com o sujeito.

LU- Sim..Tudo bem. Mas se ele não pode comprar outras drogas é o que ele tem. Ele não pensa nisso. Ele usa e pronto. Na outra escola em que eu trabalho, eles estão usando o crack direto. Uns tem um poder aquisitivo melhor e outros nem tanto, mas optaram por usar crack direto pela facilidade de arrumar a droga. E é horrível, porque o aluno começa a usar e seis

meses ou um ano depois está horrível, cadavérico. Já a cocaína é totalmente diferente. Não é no físico e sim nas atitudes dela. Conheço muita, mas muita gente que usa.

M- você quer dizer que a cocaína não deixa sequelas físicas?

LU- Não não deixa. O problema está ligado a moral.

CR- Eu acho que deixa sim.

MA- Os dois deixam prejuízo.

LU- Presenciei uma mãe vendendo o corpo para cheirar cocaína. Eu vi.

M- Mas vocês não acham que qualquer droga costuma deixar prejuízo nas pessoas?

MA- Sim. Qualquer droga vai acabar deixando.

CR- Todas vão deixar.

LU- Ok. Mas existem aquelas que as pessoas vão se deteriorar mais rápido.

MA- E se não deixar prejuízo para ele. Vai deixar para os outros.

M- Não entendi. Quem são os outros?

MA- Família, amigos.

CR- Quando é jovem. A família esperava outra coisa dele. Tive problemas com meu irmão. Bebia descontroladamente. Todo o dia. Ficava agressivo. Nossa, fico nervosa só de pensar....Ele fumava muito também. E agora descobriu que está com problemas no coração. Tá difícil..

M- Se não fosse às experiências que vocês passaram principalmente na família ou com amigos como vocês acham que conseguiriam adquirir essas experiências com drogas?

CR- Iria buscar informações com um médico.

MA- Como isso está dentro da minha disciplina (Biologia), eu iria estudar mais sobre o assunto. Mas minha primeira experiência eu fui buscar numa Ong.

LU- Não tenho ideia. O fato de trabalhar em área de risco me deu uma experiência bem grande. Lá quem usa droga é bandido.

M- O colégio acabou sendo uma referência?

LU- Sim, claro. Mais cedo ou mais tarde como professora eu iria passar por isso. Hoje eu consigo saber qual é a droga que um determinado aluno usou pelo jeito dele.

M- Vocês conseguiriam identificar um usuário de droga em sala?

CR- Sei lá. Meus alunos estão entre 11 e 14 anos.

MA- Acho que sim, pela experiência com a minha filha.

M- Mas se acabamos de nas festas que a garotada acaba fumando o cigarro dos pais, bem como bebem o último gole do copo de uma cerveja. Como é isso então?

MA- Ah Ah, de álcool eu sei. Tem muitos casos.

CR- É álcool deve ter mesmo.

LU- Já dei aula para aluno drogado dentro de sala de aula.

M- Que tipo de drogas? O que você fez?

LU- Cocaína. Ele ficava pra lá e pra cá em sala. Não parava um minuto.

CR- A cocaína agita mesmo.

M- Ela é um estimulante do sistema nervoso central. Por isso é que ele fica agitado.

LU- Os alunos se aproximaram de mim e disseram: Professora ele usou e tem que ficar rodando a sala, porque se não dá um negócio no coração. Eu perguntei fulano você está bem? Ele não respondeu. Ai eu disse, então você vai para a sua casa. Vamos descer e levei a presença da diretora.

M- mas isso só aconteceu, porque os alunos falaram né?

LU- Não, não. Eu já tinha desconfiado que tivesse algo de errado com ele. Esse aluno sempre foi estranho. Queria demonstrar conhecimento !!!!

CR- Achar estranho eu posso achar. Mas ter certeza, não.

M- Os alunos comentam dentro de sala com colegas que costumam beber em festas. O que ocorre é que o professor de tão próximo dos alunos acaba escutando alguma coisa e depois juntando os fatos. É assim com vocês também?

MA- Já escutei em sala a frase: Tia hoje é sexta-feira e uma cervejinha cai bem, você não acha?

M- o que você respondeu?

MA- Nada, fiquei olhando pra ele.

LU- Você deveria ter dito pra ele: você é criança e não pode beber. E se a sua mãe descobrisse que você anda bebendo?

CR- Tive um caso que os pais ofereciam em festas cerveja para os filhos. O aluno contava tudo em sala. Um absurdo.

MA- Na verdade, acho difícil identificar. Mesmo porque de manhã dificilmente se usa drogas ou se bebe qualquer coisa.

LU- Acho difícil de identificar quando o aluno começou a usar. Porque ele começa usando aos poucos, ou seja, no início dá para controlar e por isso difícil de perceber. Agora lá na frente. Fica mais fácil, porque ele vai usar sempre quando tiver.

M- Agora em relação aos diversos tipos de drogas, vocês conseguiriam identificar os objetos que são utilizados no uso de drogas?

MA- Garrafinhas de plástico, cachimbo para fumar crack. Esses eu conheço.

CR- Capsulas para guardar cocaína. Já vi numa festa de criança certa vez.

LU- Aqui dentro já vi uns meninos com uma latinha. Achei estranho. Avisei a diretora que deveria ficar atenta aqueles meninos. Mas no final era para fazer de bola e jogar na quadra. Outra coisa, garrafa de plástico serve também para cheirar cola.

M- Esse material poderia passar de forma despercebida por vocês?

MA- Não tenho a menor dúvida.

CR- Passa sim.

LU- Olha só essa história. Eu estava dando aula e passaram uma garrafa de refrigerante. Ai a gente sente que eles mudam, começam a rir. Tudo em segredo. Resolvi parti para saber o que tinha lá dentro e descobri que tinha álcool.

M- Qual seriam as providências a serem tomadas se caso vocês pegassem um objeto para consumo de álcool e drogas com o aluno?

MA- Pediria que o aluno me entregasse e depois iria conversar com ele. Não faria mais nada.

CR- Eu falaria direto com a direção para que fossem tomadas as providências e sairia.

LU- Já tenho problemas de mais. Eu entregaria o caso direto à direção.

M- Vocês chamariam os pais para conversar?

LU- De jeito nenhum. Não é responsabilidade minha e sim da direção da escola. Mesmo porque, existe uma hierarquia. Eu

não posso passar por cima de quem é superior na escola.

MA- Conversaria com o aluno. Com os pais não...

M- Mas Márcia você tem cargo de coordenação? Você poderia chamar os pais direto?

MA- Não poderia fazer isso sem avisar a direção. Mas eu mesmo não chamaria os pais.

CR- Não chamaria os pais. Isso é tarefa da direção....Imagina...

M- Isso significa que independente do aluno? E se vocês tivessem uma afinidade maior com o aluno ou com o familiar dele? Vocês chamariam?

MA- Não..O que é pra um tem que ser pra todos.

LU Não poderia chamar não. Precisamos respeitar a hierarquia, se não vira bagunça. Quando a direção chamar o responsável e comunicar, aí é claro eu vou estar presente.

CR- Concordo chamar os pais é tarefa da direção. Eu estarei presente na reunião com os pais responsáveis pelo aluno.

M- Poderia dizer então que os pais de uma forma ou de outra precisariam tomar ciência de que os filhos estão bebendo ou usando drogas. É isso?

LU- Isso. Sem dúvida.

CR- Claro.

MA- Dúvidas. Acho que só em último caso. Eu tentaria sempre conversar com o aluno.

LU- Em tudo que faço, aviso a coordenação e as vezes, quando a direção me dá abertura, vou direto a diretora e relato o que está acontecendo.

M- Gostaria de saber de vocês pelo que está sendo dito é se vocês estão olhando pelo lado da hierarquia ou seria menos um problema para lidar na escola?

LU- Problema relacionado às drogas é muito complicado de se tratar. Então penso que a hierarquia deva ser mantida. É muito mais fácil pra gente chamar os pais e comunicar.

MA- A instituição precisa saber como abordar o problema. Não é só comunicar.

CR- A preocupação seria com o depois. Quais seriamas providências que a família iria tomar. Mesmo porque cada um age de uma forma diferente. É necessário uma ação em conjunto.

M- Vocês percebem que as questões relacionadasàs drogas estão crescendo cada vez mais?

MA- O problema é que os pais não dão exemplo, eles usam na frente dos filhos.

LU- Isso é uma coisa normal dentro de muitas famílias.

CR- Teve um caso aqui na escola que o pai vinha trazer o filho fumando um cigarro de maconha pela rua normalmente. O menino já estava acostumado com isso.

LU- Os alunos estão crescendo tendo como referência o que acontece dentro de casa. Ele aprende que beber e fumar é uma coisa normal. Quando chega na escola e recebe uma outra orientação, Ele fica sem saber o que fazer.

MA- Aqui na escola eu já percebi que quando o aluno tem um irmão bem mais velho, ele procura se espelhar muito no irmão. Então tudo que o mais velho disser ele acaba aceitando. Um deles chegava para a aula sempre com o cabelo e o uniforme fedendo a cigarro. Aquilo me incomodava muito. Conversei com a diretora e pedi para chamar os pais na escola. Mas não mudou muita coisa, pois os pais pareciam serem coniventes com a situação.

LU- Tive um aluno que o irmão era do movimento do tráfico de drogas, antes de levar o irmão para a escola ele passava na boca de fumo. Isso dito pelo aluno em sala. Falei com a diretora da escola e morria de medo.

M- Ele ainda é seu aluno?

LU- Não. Foi para outro colégio. Por incrível que pareça, senti um alívio muito grande.

CR- Nossa ...Eu também ficaria. tensão

MA- O problema das drogas é que experimentou pela primeira vez e gostou, aí acabou. Vai querer repetir outras vezes.

M- Mas todo mundo que usa vai virar um dependente?

LU- Não. Tem muita gente que faz uma vez só e para.

CR- AH AH. Eu acho difícil. A maioria fica viciada mesmo. Tensão...

MA- A maioria acho que não fica não. Minha filha ficou..Eu particularmente acredito que se as pessoas se tratarem elas ficam curadas..... Tristeza...

M- O que seria necessário fazer para diminuir o consumo de drogas entre os alunos?

CR- Cada vez mais informação de qualidade. Palestras com profissionais da área de saúde.

M- Não seria pouco? Não existiria um conjunto de medidas a serem tomadas?

MA- Pessoas que já foram usuários acredito que seria muito bom em função da experiência.

M- Você quer dizer que daria mais credibilidade aos alunos?

MA- Isso. Por isso que falei.

LU- Políticas públicas eficientes. Envolver também toda a comunidade nesse processo.

CR- O único problema aí seria os familiares usuários de drogas lícitas e ilícitas. Será que eles viriam compartilhar. O que não falta aqui na escola são familiares que já estiveram presos seja por furto ou tráfico de drogas, pelo menos é o que escutamos muitas vezes de seguranças e do próprio aluno.

MA- O que ocorre também é que se começa um trabalho e daqui a pouco está tudo esquecido. Assim fica realmente difícil. Duas vezes por ano no mínimo esses trabalhos deveriam acontecer, convidando todo mundo.

LU- O que muita gente não entende é que o traficante só existe porque tem alguém pra comprar a droga. Eu acho que seria importante fazer um trabalho de conscientização principalmente com aqueles usuários que mais precisam. O usuário deveria ser obrigado a fazer um tratamento numa clínica, se não, da próxima vez que fosse preso deveria passar mais tempo na cadeia. Tem que haver um rigor maior nas leis, se não, não vai funcionar.

## APÊNDICE 2. ANÁLISE DE IMPLÍCITOS

### CATEGORIA 1 – CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS

#### ENTREVISTA COM J

##### DIÁLOGO 1

**C- O que você pensa sobre as drogas?**

**J- Na realidade eu vivenciei isso na minha casa, então eu posso dizer com uma certa propriedade. É uma destruidora de famílias e quando você tem uma pessoa que tem uma dependência não só física, mas também uma dependência psicológica.**

Pressuposto

**Vivi isso em casa, logo posso dizer que as drogas são destruidoras de famílias  
Existe dependência tanto física como psíquica**

Subentendido

**Vivi isso, sofri com isso, conheço o problema e sei que a dependência tanto física como psíquica faz o sujeito destruir a família.**

##### DIÁLOGO 2

**C- Você quer dizer que teve um problema na família com drogas ilícitas?**

**J- Álcool e outras drogas. Eu fui às reuniões no AA e no NA e foi um grande aprendizado, porque eu tive duas pessoas na família com problemas e que para sair foi bem complicado. A própria família vivenciava tudo. De um certo lado foi positivo, o que não era bom eu não quis pra mim. Eu era jovem, tinha entre 14 e 16 anos. Meu irmão e minha irmã se envolveram com drogas. Acompanhei tudo, vi meus pais envelhecerem cada vez mais.**

Pressuposto

**Tive problemas com familiares que usavam drogas lícitas, como o álcool e com outras drogas ilícitas.**

**Tive duas pessoas na família que usaram drogas e aprendi sobre drogas no AA e no NA.**

**Meus parentes tiveram dificuldade para deixar de consumir drogas.**

**A família sofreu muito com essa experiência.**

**Vivi essa experiência jovem, entre 14 e 16 anos, acompanhei meus pais envelhecerem muito com o problema e teve um lado positivo porque vi que não era bom e eu não quis consumir drogas.**

Subentendido

**Tive uma experiência negativa com os meus familiares que usaram drogas e aprendi no AA e no NA que, não só comigo, mas em geral as drogas são prejudiciais, porque meus irmãos tiveram muita dificuldade para deixar de consumir drogas. Sofri muito no período de adolescência, vivi essa experiência ruim entre 14 e 16 anos, foi prejudicial para a família porque acompanhei tudo, vendo meus pais envelhecerem muito com esse problema, mas teve o lado positivo porque fiquei com horror a qualquer tipo de droga.**

##### DIÁLOGO 3

**C- Você quase colocou como uma causa, os problemas familiares para o uso de drogas?**

**J- Também e problemas com a própria pessoa.**

**C- Então a outra causa ou característica seria a própria pessoa.**

**J- No meu caso, a minha experiência e meus pais com uma certa idade, não tinha diálogo. Era muito difícil, buscava em outras fontes informações.**

**C-Você poderia ter usado também, mas não usou?**

**J- Sim, fiz terapia durante alguns anos. Acho que isso me ajudou, junto com o lado religioso. Muitas vezes em casa, aquilo que se aprendia dentro da igreja, não se configurava dentro de casa.**

Pressuposto

**A causa do uso de drogas por parte dos meus irmãos foram os problemas familiares, mas existem outros fatores relacionados à própria pessoa. A falta de diálogo com os meus pais e a diferença de idade entre mim e eles me fizeram buscar ajuda fora de casa, fiz alguns anos de terapia e a igreja me ajudaram por isso me envolvi com drogas.**

**Aprendi algumas coisas boas na igreja que não era o que se praticava em casa.**

Subentendido

**A causa do uso de drogas por parte dos meus irmãos foi à falta de diálogo com meus pais, e o fato deles não procurarem ajuda como eu.**

**Procurei uma terapia com um profissional e, além disso, a igreja me acolheu, por isso não me envolvi com as drogas.**

##### DIÁLOGO 4

**M- Então a questão genética e ambiental pode ter grande influência?**

**J- Sim. Escutei do meu irmão que é coordenador de grupo de AA falar muito sobre a questão genética e ambiental em suas palestras.**

**(Ficou confusa ao explicar genética. C tentou explicar e foi interrompida por J.)**

**J- Não se sabe se o uso de drogas tem a ver com a genética. Isso é muito discutido.**

**C- A genética esta presente em quase todas as atividades e expressões humanas, só que ela é uma predisposição e**

não uma determinação. Mas a relação do sujeito com o ambiente é que vai deflagrar essas possibilidades. Os dois contribuem muito, mas não determinando.

J- (Não quis continuar no assunto) Voltando ao lado da escola, eu tive um caso aqui.

Pressuposto

A questão genética e ambiental pode ter grande influência. Ouvi do meu irmão, que é coordenador de um grupo de AA, sobre a questão genética e ambiental, mas não se sabe se o envolvimento de drogas tem a ver com a genética. Isso é muito discutido.

Subentendido

Eu não sei se a questão genética e ambiental pode ter grande influência, mas meu irmão, que é conhecedor do assunto, falou que isso ainda é muito discutido.

DIÁLOGO 5

M – Trace um perfil do usuário de drogas?

J – Características? como assim?

M - Maneiras de agir, de se comportar. Identificar um usuário de drogas.

J - Pelo que observei pessoas muito carentes, carência afetiva. Percebi dentro de casa. Aqui dentro da escola, pais totalmente sem tempo, patamar de vida altíssimo. Inclusive tinha uma mãe dona de lojas que tudo o que o filho pedia ela dava. O filho insistia em usar drogas, mas eu resolvi chamar os pais. (pausa) Eu ainda não tinha o trabalho da psicopedagogia, e conclusão, o pai nem olhava para o filho. Mas eles acharam melhor tirar da escola colocar num local onde ele era menos conhecido. Carência é a base, alta estima muito baixa, porque não acreditam no seu potencial ou talvez porque não ouçam os outros.

Pressuposto

Pelo que já observei de um usuário de drogas ele possui muita carência afetiva. Tanto na escola como em casa isso fica muito claro pra mim. Pais sem tempo para os filhos com um patamar de vida bem alta. Conheci uma mãe que tudo que o filho pedia ela dava, mesmo assim o filho insistia em usar drogas, a psicopedagogia não existia nessa época. Chamamos os responsáveis, porém o pai nem queria saber de olhar para o filho. Acharam melhor tirar o filho da escola e colocaram em um lugar pouco conhecido, porque além da carência afetiva possuem auto estima baixa e não acreditam no seu potencial ou porque não querem escutar os outros.

Subentendido

Usuários de drogas possuem grande carência afetiva. Percebi isso em casa e no meu contato com os alunos do colégio. Pais sem tempo para os filhos, porém dedicado aos extremos ao trabalho, visando cada vez mais o alto nível de vida. Tivemos uma mãe que tudo que o filho pedia ela dava, nem por isso ele deixou de usar drogas. Quando chamamos a família, o pai mal olhava para ele. Logo depois decidiram tirá-lo da escola e colocando-o em outra escola. A baixa auto estima, a relação com o outro e a falta de credibilidade no seu potencial atrapalham a vida de um usuário de drogas.

DIÁLOGO 6

M- Quais são as drogas mais consumidas pelos jovens hoje?

J- Maconha, bebida alcoólica e cocaína, principalmente, os casos que ocorreram no colégio. Indagação de C

C- Mas de uma forma geral na sociedade?

J- Maconha. Inclusive, tivemos alunos que participaram de passeata a favor do uso da maconha.

C- Qual é o seu entendimento do efeito das drogas no organismo e no comportamento?

J- Depende das drogas. Pareceu confusa!

Pressuposto

Maconha, álcool e cocaína são as drogas mais consumidas hoje. Porém, se pensarmos de uma forma geral na sociedade, a maconha. Aqui na escola, tivemos alunos que participaram de passeatas a favor da maconha. Em relação ao efeito da droga no organismo e no comportamento vai depender do tipo de droga.

Subentendido

As drogas mais consumidas nos dias atuais são o álcool, a cocaína e a maconha, entretanto, com certa vantagem no consumo para a maconha. Alunos do colégio participaram da passeata pela liberação da maconha. Quanto aos efeitos da droga no organismo ou no comportamento, dependerá da droga que está sendo consumida.

DIÁLOGO 7

C- Gostaria que você fizesse agora um comparativo entre as drogas mais nocivas ao organismo? Vamos lá?

J- Eu sei o básico. Crack, cocaína, bebida e maconha. Mas a bebida no mesmo patamar da cocaína. Mas o crack é realmente a mais prejudicial. A maconha é menos destrutiva, apesar de destruir neurônios.

M- Você elencou no processo de destruição mais rápido do organismo ou não?

J- Sim.

C-E em termos comportamentais, você mantém essa hierarquia?

J- Mantenho. Eu já vi um aluno que era usuário de maconha com muito sono durante as aulas, a lentidão, o olhar perdido. Diferente do crack, que por aqui eu ainda não vi. Hoje eu creio que tudo é possível. Eu tinha a imagem do paraíso e não sabia.

Pressuposto

O crack, a cocaína, o álcool e a maconha são mais ofensivas ao organismo nessa ordem. A bebida e a cocaína no mesmo patamar. O crack é o que mais destrói. Agora a maconha é a droga que prejudica menos, mas destrói neurônios. Tive um aluno que era usuário de maconha com muito sono durante as aulas, a lentidão, o olhar perdido. Diferente do

**crack, que por aqui eu ainda não vi. Hoje eu creio que tudo é possível. Eu tinha a imagem do paraíso e não sabia.**

Subentendido

**Crack, cocaína, álcool e a maconha nesta ordem são as drogas que detonam mais o organismo. O álcool e a cocaína estão no mesmo nível. Mas o crack é o que mais destrói. Já a maconha é a que menos faz mal, porém acaba com os neurônios.**

CATEGORIA 1 – POR QUE USAR DROGAS

ENTREVISTA COM MA

DIÁLOGO 1

**M- Inicialmente, gostaria de perguntar: Qual é a sua opinião sobre as drogas?**

**MA- Silêncio... 3 a 5 segundos... Isso pra mim é difícil e por um lado é muito complicado. A minha filha gaguejou.... passou em terceiro lugar para o fundão para fazer biofísica e o primeiro contato com drogas dela foi lá dentro e eu só fui descobrir depois de nove ou dez meses, quando ela me pediu ajuda. É uma coisa muito complicada entre os adolescentes.**

**No entanto, ela teve contato dentro da universidade no laboratório onde eles tinham acesso fácil a um tipo de substância que só existiam dentro do laboratório e isso aí foi um lado péssimo para minha filha e ela tomou horror a universidade e não quis continuar o estudo. Tive que trancar a matrícula dela. Internei minha filha porque ela pediu para ser internada.**

**M- Você lembra qual era a substância?**

**MA- Não. Eles (alunos) faziam muitos trabalhos com micro-organismos com animais.**

**M- Interrompeu...Então não era as mais conhecidas pela sociedade?**

**MA- Não, não era, maconha, cocaína..Depois de um tempo sim...Passou a usar cocaína, maconha. Tudo dentro desse laboratório que era num subsolo. Eles não tinham fiscalização de ninguém e lá eles usavam entre eles. E pelo que eu conheci na época, a questão da droga era comum. Depois da internação ela chegou a fazer tratamento com um terapeuta durante um bom tempo. Começou três vezes por semana aos poucos diminuindo até ser liberada do tratamento.**

Pressuposto

**É um assunto difícil de se falar, mas penso que é uma coisa muito complicada entre os adolescentes.**

**Porque tenho uma filha que, apesar de muito inteligente, começou a utilizar drogas no laboratório da faculdade, junto com um grupo**

**Eles faziam as drogas e só depois ela passou a usar cocaína, maconha**

**Eles não tinham fiscalização de ninguém**

**Lá eles usavam entre eles e parece que a droga era comum**

**Isso foi péssimo para ela, ela tomou horror da faculdade e não quis mais estudar.**

**Tive que trancar a matrícula e a internei, porque ela pediu para ser internada.**

**Depois da internação ela chegou a fazer tratamento com um terapeuta durante um bom tempo, aos poucos diminuindo as sessões até ser liberada do tratamento**

Subentendido

**É um assunto que tenho dificuldade de expressar, mas penso que é uma coisa muito prejudicial entre os adolescentes. Porque minha filha, que mesmo sendo muito inteligente se envolveu com drogas por causa do grupo da faculdade, para fazer parte do grupo.**

**Ela sofreu tanto por quase um ano e depois pediu ajuda**

**Eu não queria trancar a matrícula, mas internei minha filha porque ela pediu para ser internada.**

**Ela usava drogas que o grupo fazia e só depois ela passou a usar cocaína, maconha**

**A faculdade não tinha fiscalização, lá eles usavam entre eles e parece que a droga era comum**

**Isso foi péssimo para ela, porque impediu os seus estudos**

**Mesmo depois da internação ela ainda fez tratamento durante um bom tempo, até foi lentamente diminuindo as sessões até ser liberada do tratamento**

DIÁLOGO 2

**M- Você vê as drogas como uma coisa negativa ou não?**

**MA- Silêncio. Tem drogas voltadas para o lado da medicina.**

**M- Indagação. Droga lícitas e ilícitas?**

**MA- Sim. Pode ser. A questão toda pode ser a idade que se usa, porque eu conheço pessoas mais velhas que usam o cigarro da maconha e são muito tranquilas. É uma questão da idade mesmo. O adolescente chega numa fase que querem ser aceitos pelos grupos e fazer coisas diferentes.**

Pressuposto

**A questão pode estar relacionada à idade que se usa droga. Eu conheço pessoas mais velhas que usam cigarro de maconha e são tranquilas.**

Subentendido

**Nem todo mundo que usa drogas vai se tornar um dependente. Conheço pessoas mais velhas que usam maconha e são muito tranquilas. Fumam de vez enquanto para relaxar.**

**Nem todo mundo que usa drogas vai se tornar um dependente. Conheço pessoas mais velhas que usam maconha e são muito tranquilas. Fumam de vez enquanto para relaxar.**

CATEGORIA 1 – POR QUE USAR DROGAS

ENTREVISTA COM LU

DIÁLOGO 1

**M- O que você pensa a respeito das drogas como um todo, lícitas e ilícitas?**

LU- Bem como professora e sabendo do mal que é a droga, eu sou contra. É evidente que vai prejudicar o aluno e é obvio que eu não vou concordar com um tipo de substância que prejudique o aluno em relação as drogas ilícitas. A lícita, é bastante complicado, porque drogas ai existem várias, desde comprimidos até os cigarros. De qualquer forma, como é aceito pelo governo eu tento aconselhar o meu aluno a não usar. Na minha família eu tenho o caso do meu pai que fumava muito e morreu por causa do cigarro. As drogas ilícitas são mais devastadoras. Eu trabalho perto de grupos que utilizam drogas ilícitas, então eu vejo o que isso faz para uma criança, mas as lícitas mesmo que possa, eu tento aconselhar a não usar. Mas também eu não posso proibir.

(Mostrou-se confusa, passando a mão no cabelo várias vezes e esfregando o nariz.)

(Continuou) Mas é ilegal para menores, é crime. Mas se lícita, vai pela consciência deles.

M- As lícitas como a bebida alcoólica, para o maior de idade, ele pode, mas para o menor não. A gente sabe que em festas eles utilizam muita vodka, muita cerveja.

LU- Não é só em festas e boate, festas familiares. A família usa ai já viu. Bebe um pouquinho, ai a criança vai lá e bebe. Por isso que eu digo, me posicionar em relação às drogas ilícitas é mais fácil, tá na lei.

#### Pressuposto

Como professora e sabendo o mal que a droga faz, sou contra. Não posso concordar com um tipo de substância que vai fazer mal ao aluno, principalmente, se estivermos falando de drogas ilícitas. Já a lícita, é mais complicado, porque existem vários tipos de drogas, desde comprimidos até os cigarros. Na família tive uma experiência através do meu pai que morreu por causa do cigarro.

As drogas ilícitas são mais devastadoras. Eu trabalho perto de grupos que utilizam drogas ilícitas e vejo o que isso faz para uma criança.

A gente sabe que em festas os jovens usam muita bebida alcoólica. As mais consumidas são: Vodka e Cerveja. E não é só em festas e boates, mas em festas familiares. Se o familiar usa álcool, já viu. Oferece um pouco para a criança e consequentemente ela acaba bebendo.

Posicionar-me em relação às drogas ilícitas é mais fácil, porque está na lei.

#### Subentendido

Profissionalmente devo dizer que sou contra o uso de drogas. Não posso concordar com uma coisa que vais fazer mal ao meu aluno em se tratando de drogas ilícitas que são proibidas por lei. Já a lícita é mais difícil comentar, porque existem vários tipos de drogas que vão dos comprimidos até os cigarros.

Tive uma experiência muito negativa na família com o meu pai que era dependente de cigarro e veio a falecer por conta disso.

As drogas ilícitas são mais devastadoras. Todo o dia quando vou para o trabalho vejo grupos de jovens se drogando com drogas ilícitas e sei o que isso pode representar para uma criança.

Sabemos que os jovens costumam consumir muita bebida alcoólica em festas e boates. Vodka e cerveja são as mais consumidas. Porém, não é só nessas festas que eles consomem bebidas alcoólicas. Nas festas familiares o uso ocorre, porque os pais oferecem sem terem a noção do que isso irá representar depois.

Percebo que é muito mais fácil me posicionar sobre as drogas ilícitas do que as lícitas, tendo em vista a aplicabilidade da lei.

#### CATEGORIA 1 – POR QUE USAR DROGAS

##### ENTREVISTA COM GL

##### DIÁLOGO 1

M- O que são as drogas para você?

GL- É um mal da sociedade atual, principalmente, as drogas lícitas que são vendidas em qualquer lugar e as pessoas não dão muita importância a isso. Os governos poderiam dar uma importância maior. Você vê que é considerado normal numa festa as pessoas ficarem bêbadas e não na verdade, isso não é normal. Já as drogas ilícitas que são as drogas que não são vendidas em qualquer lugar, as pessoas tem um olhar mais diferenciado. Mas para o adolescente é uma coisa normal hoje em dia.

M- Para você o uso de drogas é sempre negativo?

GL- Não. Pode ser usado para o uso medicinal, como por exemplo a utilização da maconha. Eu não tenho conhecimento aprofundado sobre isso. Eu nunca usei, mas tive problemas na família com o alcoolismo. Meu pai bebia muito. Então, eu não bebo, não fumo e nunca utilizei qualquer tipo de droga.

M- Você acha que o problema do seu pai foi determinante para que você nunca tivesse experimentado nada?

GL- Com certeza. Meu irmão também. Agora é que às vezes ele pega uma cerveja ou outra. Eu vi meu pai definhando. Eu não gosto de ficar muito tempo ao lado de pessoas bêbadas. Meu pai morreu com 48 anos, pessoa bem sucedida com bom emprego e não conseguiu sair da cerveja e da cachaça, ficou internado várias vezes e não conseguiu. Ele não teve forças para parar de beber.

#### Pressuposto

As drogas lícitas representam o mal da sociedade atual. Podem ser encontradas livremente em qualquer lugar e ninguém se importa com isso.

Os governos deveriam dar mais importância ao uso de drogas.

Numa festa, as pessoas exageram na bebida alcoólica e isso não é uma coisa normal.

As drogas ilícitas as pessoas costumam ter um olhar diferenciado. Mas, para o adolescente o uso de bebida alcoólica é normal hoje em dia.

O uso de drogas poderá ser utilizado com fins medicinais, como por exemplo: a maconha.

Eu nunca usei drogas, todavia meu pai bebia muito. Acabei nunca me envolvendo com álcool ou qualquer tipo de drogas. Assisti o meu pai definhando.

Meu pai faleceu aos 48 anos, pessoa bem sucedida, mas não conseguiu largar a cerveja e a cachaça. Ele não teve forças o suficiente para se tratar e parar de beber.

Não gosto de ficar ao lado de pessoas alcoolizadas.

#### Subentendido

As drogas lícitas por serem liberadas pelas autoridades representam o mal da sociedade atual. São comercializadas livremente e ninguém está preocupado com quem está comprando e o que poderá acontecer se houver um excesso. Os governos deveriam estar mais atentos aos casos extremados de uso de drogas criando programas que pudessem informar melhor a população.

Em ocasiões festivas as pessoas tem o hábito de usar bebidas alcoólicas de uma forma extremada, e isso não deve ser considerado uma coisa normal.

Quando se trata de drogas ilícitas, as pessoas acabam tratando de forma diferente.

Veem com preconceito, porque a lei não permite o uso. Entretanto, o adolescente encara o uso de álcool como uma coisa normal hoje em dia.

Em minha opinião, a utilização da maconha para fins medicinais poderia ajudar a muitos pacientes na cura de algumas doenças.

Apesar de meu pai ter sido alcoólatra e com o decorrer da doença assistir meu pai definhando, eu nunca cheguei a usar qualquer tipo de droga.

Meu pai tinha um bom emprego e era um profissional bem sucedido, falecendo aos 48 anos de idade, adorava cerveja e cachaça. Não tinha forças o suficiente para se tratar e acabou perdendo a batalha para a doença.

Tenho dificuldade de ficar ao lado de pessoas alcoolizadas até hoje.

#### CATEGORIA 1 – POR QUE USAR DROGAS

##### ENTREVISTA COM JU

##### DIÁLOGO 1

M- Qual é a sua impressão em relação às drogas?

JU- No meu ponto de vista, as drogas visam preencher um vazio ou suprir uma carência, enfim, eu tenho alunos envolvidos com drogas e quando eu converso com os mesmos, percebo que eles buscam as drogas visando suprir um vazio de algo que tenha faltado em suas vidas. Também vejo como consequência de um tempo pessimista, em que as esperanças, o amor, e outros sentimentos esfriaram, a vejo como uma fuga.

M- Você enxerga isso das duas formas? Tanto do que é lícito, como o que é ilícito?

JU- É, o que é lícito eu percebo que começa mais como uma espécie de modismo ou inserção social, e assim acaba se transformando numa dependência. Alguns tendem a usar socialmente, enquanto outros constantemente. A meu ver, a droga lícita é para inserção social.

M- Existem algumas drogas como você citou, a questão como da maconha, por exemplo, o THC que é o princípio ativo da maconha, ele ajuda no tratamento de câncer, que está sendo usado principalmente em dois estados americanos, e vem dando bons resultados, o que você pensa em relação a isso? Você enxerga as drogas somente como ponta de vista negativo, ou você acha que tem alguma possibilidade dela ser benéfica?

JU- Se a gente for avaliar de maneira genérica, os remédios que consumimos são drogas, e assim como nos beneficiam, trazem prejuízos. Se eu tomo antibiótico constantemente, meu estômago vai sentir os efeitos daquele antibiótico, por exemplo. Se elementos, substâncias da maconha são benéficas para o câncer, havendo um monitoramento, um controle, um acompanhamento, tendo melhoras no quadro do câncer, acho válido.

##### Pressuposto

As drogas visam preencher um vazio ou suprir uma carência, enfim, eu tenho alunos envolvidos com drogas e quando eu converso com os mesmos, percebo que eles buscam as drogas visando suprir um vazio de algo que tenha faltado em suas vidas.

Para mim as drogas lícitas funcionam como um modismo ou inserção social e acaba se transformando numa dependência. Os remédios que consumimos são drogas, podem nos beneficiar como também trazer prejuízos.

Substâncias encontradas na maconha poderão ser utilizadas no tratamento do câncer, logo, havendo um controle rigoroso e um monitoramento dos casos, acho válido.

#### Subentendido

As drogas visam preencher um grande vazio, ou mesmo, suprir uma carência nos usuários de drogas. Quando converso com os jovens a respeito de como se envolveram com drogas, os relatos apontam para algo que precisa ser suprido e que faltou em suas vidas.

Em minha opinião as drogas lícitas estão relacionadas a um modismo ou inserção social, principalmente nos jovens e acaba se transformando numa dependência.

Considero o consumo de remédios, drogas que são encontrados em diversas drogarias, porém podendo nos beneficiar como também trazer prejuízos, dependendo de como será administrado.

Substâncias encontradas na maconha já estão sendo testadas em pacientes com câncer em várias regiões. Acho um trabalho de grande importância, desde que os casos sejam controlados e monitorados pelas pessoas competentes.

#### CATEGORIA 1 – POR QUE USAR DROGAS

##### ENTREVISTA COM MG

##### DIÁLOGO 1

M-O que representa as drogas pra você?

MG- Pra começar eu nunca usei qualquer tipo de droga e condeno quem usa. Não importa se lícito ou não lícito, podendo ser qualquer uma maconha, crack, cigarro, álcool, não importa. Não admito e nunca gostei.

M- Essa relação que você tem com as drogas é em função de ter passado por alguma situação que causou tanto pavor? Parente, vizinho, algum conhecido?

MG- A minha experiência com bebidas é que eu comecei a sair com amigos e até então eu nunca tinha colocado qualquer bebida na boca. Tem um episódio que eu lembro, após sair com dois colegas na matine, na saída eu vi um colega passando muito mal de tanto beber e eu olhei a condição dele e olhei a minha. Eu estava com uma menina e ele sozinho

sem ninguém. Essa foi a escolha que eu fiz pra mim. Daquele dia eu prometi nunca mais colocar um gole que seja na boca, não é a minha.

M- Pela experiência as drogas podem ser utilizadas sempre para o mal ou às vezes podem também ser usadas para o bem?

MG- Assim o único benefício de drogas que eu vejo pela minha experiência é o anabolizante ele pode ser usado para o bem que é para o aumento da massa muscular, bem administrado poderia ser usado satisfatoriamente para os outros problemas das pessoas no dia a dia. Mas tem o outro lado que se mal administrado pode até matar uma pessoa.

M- Você não falou sobre a medicação para curar doenças, esses medicamentos que é vendido nas drogarias?

MG- Dependendo do seu objetivo tudo bem. Desde que receitada pelo médico tudo bem.

MG - Tive um exemplo de uma aluna do futsal que era uma promessa no esporte e acabou se perdendo nas drogas, foi horrível, uma experiência que eu tive frustrante. Ela ficou grande parte de seu desenvolvimento só, na rua, pais separados, a mãe precisava trabalhar para sustentar a casa. Ela já estava acostumada a ficar sozinha e segundo ela essa mesma solidão que a levou as drogas.

#### Pressuposto

Nunca usei qualquer tipo de droga e condeno quem usa. Não importando se são drogas lícitas ou ilícitas.

Ainda não havia experimentado bebida alcoólica até sair com amigos e presenciar um colega passando muito mal de tanto beber e ao mesmo tempo olhei para a minha condição que estava sobre controle.

A única experiência com drogas que eu conheço, diz respeito aos anabolizantes. Ele poderá ser utilizado para o bem, para aumento da massa muscular ou mesmo para o mal, podendo chegar a matar uma pessoa.

Em relação aos medicamentos, vendidos em drogarias, acho se forem administrados por médicos, não vejo problemas. Tive uma aluna no futsal que era uma promessa no esporte e acabou se perdendo nas drogas. Foi uma experiência frustrante.

#### Subentendido

Não uso e sou terminantemente contra o uso de drogas por quem quer que seja.

Se a droga é lícita ou ilícita não importa.

Até sair com alguns amigos, não havia experimentado bebida alcoólica. Tive a oportunidade de presenciar um colega passando muito mal, para que eu pudesse fazer uma comparação com meu estado e para chegar à conclusão que jamais voltaria a beber álcool. Naquele momento eu estava acompanhado. Fico imaginando se fosse eu no lugar dele, como me sentiria diante da menina.

Tive uma aluna que se destacava em quase todos os treinos e jogos pelo colégio no futsal. Infelizmente, e com muitos problemas familiares, além de acostumada a ficar sozinha e segundo ela essa mesma, a solidão que a levou as drogas. Foi uma das minhas experiências mais dolorosas.

#### CATEGORIA 1 – POR QUE USAR DROGAS - ENTREVISTA COM JU, MG E GL

##### DIÁLOGO 1

M- O que vocês acham das drogas?

JU- Falar de um tema que faz parte de nossa realidade e que mais que a gente não consiga ver, mas a droga tá logo ali, eu acho que faz com que a gente sempre reflita e tenha um olhar diferenciado, principalmente, na sala de aula, procurando orientar o aluno sobre as drogas existentes em nossa sociedade e o quanto as drogas tem se tornado popular. O uso de bebida alcoólica entre os adolescentes vem crescendo muito.

M- Assustam vocês conversar com alunos que conhecem determinadas drogas e que vocês não tiveram oportunidade de conhecer ainda? Com o passar do tempo novas drogas são criadas e aí, como funciona isso pra vocês?

GL- É assustador. Não só pelo que é novo e desconhecido, mas o que isso pode causar. Os jovens acham a bebida alcoólica o máximo.

JU- Não só a bebida alcoólica é considerada o máximo, mas eles usam para se popularizar. Na verdade, não é só beber é encher a cara.

M- Mas nem todo mundo usa álcool e os que não se aproximam da bebida, o que nós poderíamos dizer a respeito?

MG- Uma das coisas que eu costumo dizer nas minhas aulas é: eu não preciso beber para me divertir. Aí, o aluno me pergunta: mas você não bebe? Eu digo não. Eu nem conheço o gosto da cerveja. Aí, ele diz: como? Ninguém nunca te ofereceu? Eu disse sim, mas eu não quis. Aí eu perguntei: mas você já bebeu. Ele responde: sim, meu pai e minha mãe já me ofereceram várias vezes.

JU- Isso ocorre também por questões de masculinidade. Tem pais que se orgulham dos filhos bebendo cerveja.

MG- Talvez, nem da masculinidade, mas porque o meu filho está crescendo.

M- Lembrei certa vez um colega dizer ao filho em relação masculinidade o seguinte: coloca o piru pra fora aí filho e faz aí mesmo.

JU- É uma postura para acentuar uma opção sexual.

MG- Provavelmente, medo do pai da homossexualidade.

JU- Minha preocupação é saber que os adolescentes cada vez mais cedo estão usando drogas. A gente acaba ouvindo um caso. Alunos comentando.

MG- O jovem bebe muitas vezes para sinalizar um certo status ou mesmo para poder se sentir mais a vontade para chegar numa garota.

GL- As músicas também falam disso, ou seja, de balada, de pegada, de poder, de beleza, de cheirar, fumar e beber. Atraindo sempre mais garotas para a roda dos meninos.

M- E a orientação que é passada para esses jovens sobre medicação. Eles entendem quando o medicamento é para ser tomado na hora certa ou aprendem a tomar de qualquer maneira? Os remédios mal administrado poderão ser uma porta aberta para os jovens consumirem mais drogas?

JU- O excesso é sempre ruim. Foi bom você falar nisso, porque eu preciso ir ao médico. Eu tenho me automedicado muito ultimamente. Estou ficando preocupada.

MG- Não podemos esquecer que a automedicação está relacionada à burocracia que é chegar ao médico nos dias atuais. Levamos muitas vezes meses para sermos atendidos e aí, fica difícil. Na verdade nós não temos no país um sistema de saúde adequado para atender a população.

**GL-** É difícil você encontrar alguém que não se automedique. Acho que isso já faz parte da nossa cultura. Eu mesmo já cheguei num médico com muita dor de cabeça e ele me perguntou: por que você ainda não tomou um analgésico? Fica complicado mesmo.

Pressuposto

É preciso refletir e ter um olhar bem diferenciado em relação às drogas. Em sala de aula, o professor deve orientar o aluno sobre as drogas existentes em nossa sociedade e o quanto as drogas tem se tornado popular.

Percebemos que o uso de bebida alcoólica entre os adolescentes vem crescendo muito.

Para os jovens a bebida alcoólica é o máximo. Eles a utilizam para se popularizar.

Uma de minhas frases dentro de sala é: eu não preciso beber álcool para me divertir.

Perguntei a um aluno se ele já havia experimentado álcool. Segundo ele os próprios pais já haviam oferecido várias vezes. Isso ocorre também por questões de masculinidade. Tem pais que se orgulham dos filhos bebendo cerveja. É uma postura para acentuar uma opção sexual. Em muitos casos o jovem toma bebida alcoólica para sinalizar certo status ou mesmo para poder se sentir mais a vontade para chegar numa garota.

É difícil hoje você encontrar alguém que não se automedique. Acho que isso já faz parte da nossa cultura.

Minha preocupação é saber que os adolescentes cada vez mais cedo estão usando drogas.

Subentendido

Precisamos nos informar e ter um olhar bem diferenciado em relação às drogas e sempre que possível dentro de sala por estarmos mais próximos dos alunos, orientá-los sobre as drogas mais utilizadas em nossa sociedade e o quanto vem crescendo o número de usuários nas diversas classes sociais.

É preocupante a forma como vem crescendo o número de jovens em nossa sociedade, principalmente, quando o assunto são as bebidas alcoólicas.

Uma das coisas mais importante que é reverenciada entre os adolescentes é fazer uso de álcool. Eles se fortalecem, sentem-se poderosos. Muitos se sentem populares por chamarem a atenção dos outros.

Digo que não preciso beber álcool para me divertir e isso os deixa intrigados, me olham como se isso não fosse possível. Cheguei a perguntar a um aluno se ele fazia uso de bebida alcoólica e fiquei espantado ao saber que os próprios pais já ofereceram várias vezes álcool aos seus filhos, seja em ocasiões festivas ou não. Muitos pais se orgulham dos filhos tomando uma cerveja seja por questões de masculinidade ou para acentuar uma opção sexual.

A bebida alcoólica poderá ser utilizada para apontar um certo status ou ainda, para encorajar o jovem a chegar em uma garota.

Outra questão complexa diz respeito à automedicação em nossa sociedade, fazendo parte de nossa cultura agir desta forma.

O que mais preocupa é que em decorrência de uma série de fatores, cada vez mais jovens estão abusando das drogas.

## CATEGORIA 2 – PAPEL DA FAMÍLIA - ENTREVISTA COM J

### DIÁLOGO 1

**M-** Se você não tivesse passado por essa questão familiar, você acha que teria dificuldades de lidar com essas questões?

**J-** Eu não sei, tentaria buscar o bom senso. Tenho a certeza que a experiência me fortaleceu muito. Sou capaz de tentar conversar com o aluno ou o familiar e aconselhá-los. Hoje eu escuto do pai: o meu filho não mente, o professor sempre tem culpa, ou seja, são raras as famílias que assumem o erro dos filhos. Dificilmente te dão um suporte. Chegam e dizem: eu estou com você (se referindo a escola).

Pressuposto

Se não tivesse passado por esta situação de drogas na família, eu não sei, tentaria buscar o bom senso. Tenho a certeza que a experiência me fortaleceu muito. Sou capaz de tentar conversar com o aluno ou o familiar e aconselhá-los. Hoje eu escuto do pai: o meu filho não mente. O professor sempre tem culpa, ou seja, são raras as famílias que assumem o erro dos filhos. Dificilmente te dão um suporte.

Subentendido

Se não fosse a experiência que passei sobre drogas com familiares, eu não sei, acho que iria buscar o bom senso. Acredito que a experiência me fortaleceu bastante. Sou capaz de conversar com alunos e familiares sobre drogas e de uma forma carinhosa buscar um melhor entendimento.

Costumo escutar dos pais que o professor é o principal responsável, pois para ele seu filho nunca mente. Poucas famílias assumem os erros dos filhos. Outro fato a destacar é que sempre que a escola necessita da família para dar um suporte esta dificilmente estará lá pronta para ajudar.

### DIÁLOGO 2

**C-** Existe alguma ação da escola de trazer essas famílias para dentro da escola?

**J-** Nós fizemos agora de dois anos pra cá, palestras orientadoras para os jovens. Agora precisamos abrir para as famílias. Porque se você chama hoje uma família para participar de uma palestra, é raro alguém vir.

Indagação **C-** Mas teria uma forma de você puxar para a escola?

**J-** Estudos feitos na escola por uma professora que já não está mais aqui, que começou a atrair alguns familiares, chamado: educar sem culpa, mas nas séries do fundamental II. No caso do ensino médio não tem funcionado. Faltou um pouco mais de trabalho este ano. Vamos intensificar no próximo ano.

**C-** Você acha que a família sente apoio na escola na questão das drogas?

**J-** Algumas famílias sim.

**C-** Você não acha que existem poucas expectativas de vida para o jovem hoje, já que os pais trabalham fora e ele muitas vezes não tem com quem ficar e aí os jovens perdem a esperança e podem se voltar para as drogas?

**J-** O profissional da educação poderá ser essa figura. Um gesto, uma palavra. O amor foi substituído por coisas. Hoje a criança é mais do ter do que o ser.

**C-** Então a escola poderá substituir o papel da família?

**J-** Não. Ninguém substitui ninguém. Mas, os pais serão os responsáveis e pronto. A escola precisará cumprir da forma mais simples o seu papel.

**C- Então as famílias não estão cumprindo o papel de educar?**

**J- Não estão. Diria que uma grande parte não está cumprindo o seu papel de educar.**

**C- Mas a família participa do PPP?**

**J- Deveria.**

**C- Mas não seria uma das formas de passar uma série de coisas trazer as famílias para a discussão do PPP dentro da escola?**

Pressuposto

Fizemos de dois anos pra cá, palestras orientadoras para os jovens. Agora precisamos abrir para as famílias. Porque se você chama hoje uma família para participar de uma palestra, é raro alguém vir.

Estudos realizados na escola por uma professora que não trabalha mais conosco, chamado: educar sem culpa, começou a atrair alguns familiares. Entretanto, faltou um pouco mais de trabalho este ano. Vamos intensificar no próximo ano.

Algumas famílias sentem apoio da escola na questão das drogas.

O profissional da educação poderá ser essa figura quando o assunto são as expectativas de vida do jovem. Um gesto, uma palavra. O amor foi substituído por coisas. Hoje a criança é mais do ter do que o ser.

Ninguém substitui a família. Mas, os pais serão os responsáveis e pronto. A escola precisará cumprir da forma mais simples o seu papel.

As famílias não estão cumprindo o papel de educar. A família deveria participar do PPP, mas não participa.

Subentendido

Agora de dois anos pra cá, fizemos palestras orientadoras para os jovens. Precisamos abrir para as famílias. Hoje, quando você convida um familiar para vir à escola participar de um evento, é difícil alguém aparecer.

Uma professora que trabalhou na escola criou um projeto que chamamos educar sem culpa e chegou a atrair alguns familiares.

Reconhecemos que faltou um pouco mais de projetos este ano. Vamos procurar intensificar no próximo ano.

Nas questões das drogas, é raro uma família sentir apoio na escola.

O profissional da educação poderá ser essa figura quando o assunto são as expectativas de vida do jovem. Um gesto, uma palavra.

O amor foi substituído por coisas. Hoje a criança é mais do ter do que o ser.

A família é insubstituível. Os pais serão os responsáveis pelos filhos e pronto. As famílias não estão cumprindo o papel de educar. As famílias deveriam participar do PPP, mas não participam.

A escola precisará cumprir da forma mais simples o seu papel que é o desenvolvimento integral da criança.

CATEGORIA 2 – PAPEL DA FAMÍLIA - ENTREVISTA COM MA

DIÁLOGO 1

**M- Por que usar drogas?**

**MA- Pensei no meu cunhado. Ele é alcoólatra e o filho dele de 17 anos já bebia com ele. Se ele fosse chamado aqui para uma palestra, ele até viria, mas ele não tem ciência de que é um alcoólatra. Ele bebe de cair. Ele já acordou e não sabia onde estava. Mas de qualquer forma, alguém da família viria. Vai também depender da palestra que será dada. O que a gente vai colocar como objetivo para a família ali.**

Pressuposto

Pensei no meu cunhado. Ele é alcoólatra e o filho dele de 17 anos já bebia com ele. Se ele fosse chamado aqui para uma palestra, ele até viria, mas ele não tem ciência de que é um alcoólatra. Ele bebe de cair. Ele já acordou e não sabia onde estava. Mas de qualquer forma, alguém da família viria. Vai também depender da palestra que será ofertada, ou seja, o que será abordado como objetivo para a família.

Subentendido

Meu cunhado precisaria vir. Ele é alcoólatra e costuma levar o filho de 17 anos para tomar álcool com ele. Caso fosse convidado a participar de uma palestra aqui no colégio, acho que ele viria. Mas ele nega que é alcoólatra. Perde todo o controle a ponto de cair literalmente no chão. Já acordou e não sabia onde estava. Mas acredito que caso ele não venha, outra pessoa da família viria. Dependerá da palestra que será ministrada. O que será abordado como objetivo principal para a família.

ENTREVISTA COM LU – PAPEL DA FAMÍLIA

DIÁLOGO 1

**M- A família hoje empurra para a escola as questões da educação?**

**LU- Sim. A família quer que você eduque que você faça o papel dela. Mas quando você toma uma atitude para educar, que não está dentro de um padrão da família, eles reclamam. Então o professor não sabe mais o que fazer. A escola não é só para ensinar o conteúdo é um processo de transmissão para a sociedade. É aqui que ele aprende a lidar com os amigos, é aqui que ele aprende a respeitar os amigos, o que ele pode e o que não pode fazer, regras, valores para viver em sociedade. Só que se não tiver ajuda de casa, fica difícil. Ele aprende aqui, mas desaprende em casa. A luta do professor é constante.**

**M- (Indagação) O professor se vê obrigado a se envolver em todo esse processo. Acaba sendo mãe, pai, avó, irmão. Agora, esse usuário que você citou você sabia que tipo de drogas que ele fazia uso?**

**LU- Ele não usava um tipo de droga não, tinha dias que ele vinha com a maconha e outros com a cocaína. Tem dias que ele estava menos agitado e dias mais agitado. Quando usava o pó, ele ficava dando voltas sem parar na sala.**

Pressuposto

A família quer que você eduque que você faça o papel dela. Mas quando você toma uma atitude para educar, que não está dentro de um padrão da família, eles reclamam. Então o professor não sabe mais o que fazer. A escola não é só para ensinar o conteúdo, é um processo de transmissão para a sociedade. É aqui que ele aprende a lidar com os amigos, é aqui

que ele aprende a respeitar os amigos, o que ele pode e o que não pode fazer as regras, os valores para viver em sociedade. Só que se não tiver ajuda da família, fica difícil. Ele aprende aqui, mas desaprende em casa. A luta do professor é constante.

Subentendido

A família transfere para a escola o papel de educar. Porém, assim que o colégio toma determinadas medidas sócio educativo, que está fora do padrão da família, eles reclamam. O professor não sabe que atitude tomar. O papel da escola não é só ensinar o conteúdo, é um processo de informação para a sociedade.

É aqui que ele aprende a lidar e a respeitar os amigos, o que ele deve ou não fazer, regras, valores para viverem em sociedade. Porém, se não for obtido ajuda da família, fica complicado. Apesar de aprender na escola, acaba desaprendendo em casa. A luta do professor é eterna.

Pressuposto

Conheço um usuário de drogas que não usava um tipo de droga não, tem dias que ele usa a maconha e outros a cocaína. Tem dias que ele estava menos agitado e dias mais agitado. Quando usava o pó, ele ficava dando voltas sem parar na sala.

Subentendido

Conheço um usuário de drogas que utilizam diversos tipos de drogas, como por exemplo a cocaína e a maconha. Tem dias que percebo que ele está menos agitado e em outros dias mais agitado. Quando usava o pó, ficava dando várias voltas dentro de sala sem parar.

## ENTREVISTA COM GL – PAPEL DA FAMÍLIA

### DIÁLOGO 1

M- Chamaria a família?

GL- Sim. Claro. Iria expor a situação. Agora se ele está passando a droga para os amigos, aí a coisa muda de figura. Ele estaria traficando. Encaminhar para os órgãos competentes para tomar providências acho que seria a melhor solução. (...)

M- O que a família pode fazer para ajudar no processo de prevenção as drogas?

GL- Esse é o mau do século. A família tem aquela preocupação de não falar, porque pode achar que poderá desencadear no adolescente a vontade de querer saber mais. Isso é uma bobagem. É que nem a questão do sexo. É conversar abertamente com o aluno sobre todos esses tabus é importante. No fundo vão acabar aprendendo com os amigos na rua e devem achar que é bom, porque se ninguém falou nada comigo, deve ser bom. Logo a droga pode ser maneira, mas se for uma conversa aberta aí poderá ser diferente, tipo uma conversa de Domingo.

Pressuposto

Esse é o mau do século. A família tem aquela preocupação de não falar, porque pode achar que poderá desencadear no adolescente a vontade de querer saber mais. Isso é uma bobagem. É que nem a questão do sexo. É conversar abertamente com o aluno sobre todos esses tabus é importante. No fundo vão acabar aprendendo com os amigos na rua e devem achar que é bom, porque se ninguém falou nada comigo, deve ser bom. Logo, a droga pode ser maneira, mas se houver a possibilidade de uma conversa aberta, aí poderá ser diferente.

Subentendido

A droga é o mau do século. A família fica receosa de não falar no assunto das drogas, porque acredita que poderá desencadear no adolescente a vontade de querer saber mais. Isso é uma tremenda besteira. É que nem a questão do sexo. Conversar abertamente com o aluno sobre todos esses tabus existentes é importante. Poderá estar aprendendo com pessoas estranhas e poderá achar que é bom, porque se ninguém conversou comigo, deve ser bom. Logo, a droga pode ser maneira, mas havendo a possibilidade de uma conversa aberta, verdadeira as coisas poderão ser diferentes.

### DIÁLOGO 2

M- Você acha que as famílias vêm delegando responsabilidades demais à escola? Coisas que deveriam ser feitas por ela e ela repassa para a escola? Seria por que a família se modificou ao longo de décadas, tendo em vista a necessidade da mulher compor a renda familiar ou mesmo porque as mulheres chegaram ao mercado de trabalho?

GL- Olha, na teoria a escola não deveria ensinar como o indivíduo deveria falar, se comportar, ter certas atitudes e sim conteúdo, visão de mundo, essas coisas. As coisas foram se modificando tanto que acabou sendo responsável por tudo. Mas não é justificável o fato dos pais não terem tempo. Claro que todo mundo precisa trabalhar muito, viver essa vida louca que a gente vive. Mas ter momentos de conversar, jantar, almoçar. Não vejo porque não se ter uma conversa como por exemplo: o que você fez hoje?

Pressuposto

Na teoria a escola não deveria ensinar como o indivíduo deveria falar, se comportar, ter certas atitudes e sim conteúdo, visão de mundo, essas coisas. As coisas foram se modificando tanto que a escola acabou sendo responsável por tudo. Mas não é justificável o fato dos pais não terem tempo. Claro que todo mundo precisa trabalhar muito, viver essa vida louca que a gente vive. Mas ter momentos para conversar, jantar, almoçar juntos. Não vejo porque não se ter uma conversa como, por exemplo: o que você fez hoje?

Subentendido

Não é papel da escola ensinar como o aluno deveria falar, se comportar, ter certas atitudes. O papel da escola é ensinar conteúdos, visão de mundo.

Os conceitos foram se modificando tanto que a escola passou a ser responsável por tudo que envolve o aluno. O que não justifica é os pais não terem tempo para seus filhos. Todos precisamos trabalhar para sustentar nossos lares, vivendo esta vida louca de hoje. Momentos em que a família possa se reunir para conversar, trocar ideias, jantar, almoçar juntos. Não vejo como se não ter uma conversa do tipo: o que você fez hoje?

M- Muitos pais alegam que chegam do trabalho e estão cansados. E aí?

GL- Vou citar o meu exemplo novamente. Com o alcoolismo minha mãe se separou do meu pai e eu tinha 1 ano de idade. Meu pai ia esporadicamente ver meu irmão e eu, mas não deixava ele sair com a gente com medo que acontecesse alguma

coisa. Minha mãe sempre conversou pouco com a gente, mas os valores sobre as coisas eram grandes. Ela nunca trancou a gente em casa. Mas sempre mostrou o que é certo e o que é errado. Sempre cobrando muito. Ela criou eu e meu irmão com muita dificuldade e no entanto, estudamos e nos formamos. Acho que tudo isso vai da pessoa e da família. Temos exemplos na escola de alunos filhos de doutores, advogados e empresários que não querem nada. A questão não é de ter conhecimento, a questão é de ter valores, culturais. Acho que a gente sempre precisa ter um tempo a quem a gente ama.

Pressuposto

Vou citar o meu exemplo novamente. Com o alcoolismo minha mãe se separou do meu pai, eu tinha um ano de idade. Meu pai ia esporadicamente ver meu irmão e eu, mas não deixava de sair com a gente com medo que acontecesse alguma coisa. Minha mãe sempre conversou pouco com a gente, mas os valores sobre as coisas eram grandes. Ela nunca trancou a gente em casa. Mas sempre mostrou o que é certo e o que é errado. Sempre cobrando muito. Ela criou a mim e ao meu irmão com muita dificuldade e, no entanto, estudamos e nos formamos. Acho que tudo isso vai da pessoa e da família. Temos exemplos na escola de alunos filhos de doutores, advogados e empresários que não querem nada. A questão não é de ter conhecimento, a questão é de ter valores culturais. Acho que a gente sempre precisa dispor de um tempo para quem a gente ama.

Subentendido

Citarei o meu exemplo. Com o alcoolismo minha mãe se separou do meu pai, eu tinha um ano de idade. Meu pai dificilmente nos visitava, éramos eu e meu irmão, mas ele não deixava de sair com a gente com medo que acontecesse alguma coisa.

Minha mãe quase não conversava com a gente em casa, mas os valores sobre as coisas eram passados. Ela nunca trancou a gente em casa. Mas sempre mostrou o que é certo e o que é errado. Sempre cobrando muito. Ela nos criou com muita dificuldade e, no entanto, conseguimos estudar e nos graduarmos. Acho que tudo isso vai muito de cada um. Temos exemplos na escola de alunos filhos de doutores, advogados e empresários que não querem nada com o estudo. A questão não é de ter conhecimento, a questão é de ter valores culturais. Entendo que as pessoas precisam dispor de um tempo mínimo que seja para estar ao lado de quem a gente ama.

ENTREVISTA COM JU – PAPEL DA FAMÍLIA

DIÁLOGO 1

M- Você percebe que com o passar dos tempos a família vem transferindo para a escola a tarefa de educar os filhos?

JU- Sim. Inclusive eu escutei o seguinte: eu não sei o que fazer com ele, eu estou desistindo. Ai, eu fico pensando, como eu posso desisti dele se a própria mãe está largando.

M- Entendo ser muito complicada essa situação, mas o que fazer?

(...)

M- Educação é o papel da família, a escola cabe dar continuidade o processo dessa educação. A família repassa para a escola uma responsabilidade que é dela. Hoje o que está acontecendo são um afastamento e um afetamento dos sentimentos. Pessoas mal se relacionam mal se abraçam mal se beijam, os valores estão invertidos.

JU- É engraçado que eu vejo nos alunos e me assusta é a falta de comunicação. Vou explicar melhor, uma coisa que eu não gostei eu parto para a agressão, os alunos estão intolerantes. Provavelmente esta falta de afeto e proximidade, seja o responsável.

Pressuposto

Sim, acho que a família está transferindo o papel de educar para a escola. Inclusive eu escutei o seguinte: eu não sei o que fazer com ele, eu estou desistindo. Ai, eu fico pensando, como eu posso desisti dele se a própria mãe está largando. É engraçado que eu vejo nos alunos e me assusta é a falta de comunicação. Vou explicar melhor, uma coisa que eu não gostei eu parto para a agressão, os alunos estão intolerantes. Provavelmente esta falta de afeto e proximidade, seja o responsável. Fico pensando como é possível a própria mãe largar de o seu próprio filho?

Subentendido

Sim, acho que a família está transferindo o papel de educar para a escola. Inclusive escutei de uma mãe o seguinte: eu não sei mais o que fazer com ele, estou desistindo, vou largar de mão. Pensando melhor, como então eu irei deixa-lo, já que a mãe nem quer saber dele.

O engraçado é que eu vejo nos alunos e acaba por me assustar muito é a falta de comunicação. Caso eles não gostam de uma determinada situação, eles partem para a violência. Estão intolerantes. Provavelmente, a falta de afeto e proximidade sejam os responsáveis. Não consigo conceber que a própria mãe é capaz de largar o seu próprio filho?

ENTREVISTA COM MG – PAPEL DA FAMÍLIA

DIÁLOGO 1

M- Palestras e orientações de profissionais de saúde ou ex-usuários para alunos e familiares ou mesmo aberto a comunidade, poderia ser interessante?

MG- Eu tenho consciência de que não se consegue chegar ao aluno sem uma base sólida da família em casa. A estrutura familiar é fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo. Não consigo enxergar a família distante do seu filho, bem como, da escola. É como se um completasse o outro. É uma parceria.

Pressuposto

Eu tenho consciência de que não se consegue chegar ao aluno sem uma base sólida da família em casa. A estrutura familiar é fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo. Não consigo enxergar a família distante do seu filho, bem como, da escola. É como se um completasse o outro. É uma parceria.

Subentendido

**Estou convicto de que não se consegue chegar ao aluno sem uma base sólida da família em casa. A estrutura familiar é fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo para que ele cresça e se desenvolva na sua plenitude. Não consigo enxergar a família distante do seu filho, bem como, da escola. É como se um completasse o outro. É uma parceria. Isso só irá fortalecer o indivíduo.**

#### ENTREVISTA COM JU, MG E GL – PAPEL DA FAMÍLIA

##### DIÁLOGO 1

**M- A escola poderia abrir um espaço maior para todos, comunidade, professores, alunos para discutir questões do interesse de todos?**

**GL- Sim, deveria. O problema é que os familiares são os primeiros a não aparecer. Muitos deles estão envolvidos com álcool e drogas às vezes.**

**MG- Os filhos acabam bebendo muitas vezes porque os pais não dão a mínima atenção para eles. Eles ficam jogados na rua durante o dia e esse espaço poderia ajudar a salvar muita gente que se encontra perdido.**

##### Pressuposto

**Sim, a escola deveria abrir espaços para a comunidade, professores e alunos para discutir o problema de todos. A questão é que os familiares são os primeiros a não aparecer nos eventos na escola. Muitos deles estão envolvidos com álcool e drogas às vezes.**

**Os filhos acabam bebendo muitas vezes porque os pais não dão a mínima atenção para eles. Eles ficam jogados na rua durante o dia e esse espaço poderia ajudar a salvar muita gente que se encontra perdido.**

##### Subentendido

**A escola deveria abrir espaços para a comunidade, professores e alunos, afim de que pudesse ser discutidas questões de interesses de todos. O problema maior é que os familiares não aparecem nos eventos preparados pela escola. Alguns deles estão envolvidos com álcool e outras drogas às vezes.**

**Como fuga, os filhos para chamarem a atenção, acabam bebendo álcool em função dos pais não darem a mínima atenção a eles. Muitos jovens ficam jogados na rua sem a preocupação dos pais e esse espaço poderia ajudar a salvar muita gente que se encontra perdido por aí.**

#### CATEGORIA 3 – AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - ENTREVISTA COM J

##### DIÁLOGO 1

**M - Você na escola já se deparou com usuários e chegou a tomar que tipo de providências?**

**J- Chamamos a família e foi muito difícil. O grupo todo foi chamado e o engraçado que o pai olhava para o próprio filho e dizia: É claro que ele está andando com fulano. Meu filho nunca fez isso.**

##### Pressuposto

**Quando nos deparamos com usuários de drogas na escola, chamamos a família e percebemos que é muito difícil. O grupo todo foi chamado e o engraçado é que o pai olhava para o filho e dizia: É claro que ele está andando com fulano. Meu filho nunca fez isso.**

##### Subentendido

**Quando nos deparamos com usuários de drogas na escola, costumamos chamar a família e sentimos que é uma situação muito difícil. Todos pertencentes ao grupo são chamados e o engraçado é que o pai olha para o filho e diz: Ele só pode estar andando com fulano. Meu filho nunca fez isso.**

##### DIÁLOGO 2

**M- interrompeu. Chegou a ter algum caso de venda de drogas no colégio?**

**J - Certa vez, houve uma possibilidade de um aluno estar vendendo drogas para os colegas. Foi pressionado, teve a mochila revistada e ele dizia que não tinha nada. C interrompeu?**

##### Pressuposto

**Certa vez, houve uma possibilidade de um aluno estar vendendo drogas para os colegas. Foi pressionado, teve a mochila revistada e ele dizia que não tinha nada.**

##### Subentendido

**Durante uma época, ocorreu um caso em que o aluno poderia estar vendendo drogas para os próprios colegas. Pressionamos o aluno de todo o jeito, inclusive teve a mochila revirada, porém ele afirmava que não tinha nada.**

##### DIÁLOGO 3

**C - Dentro da escola?**

**J - Não. Dentro do ônibus. Um segurança da escola que é policial pediu a um outro colega para fazer a abordagem. Nada foi encontrado. C interrompeu.**

##### Pressuposto

**Isso ocorreu dentro do ônibus. Um segurança da escola que é policial pediu a um outro colega para fazer a abordagem. Nada foi encontrado.**

##### Subentendido

**O aluno foi abordado por um policial dentro do ônibus a pedido de um outro policial que fazia a segurança da escola. Não encontraram nada.**

#### DIÁLOGO 4

**C - Pediu um favor?**

**J- Sim. Ele estava naquele momento na escola e não de plantão, foi feito um favor. A atitude foi para dar um susto. Após a abertura da bolsa realmente ele não tinha nada.**

Pressuposto

**A atitude foi para dar um susto. Após a abertura da bolsa realmente ele não tinha nada.**

Subentendido

**A atitude foi para assustar o aluno. Logo que a bolsa foi aberta, constatou-se que não havia nada.**

#### DIÁLOGO 5

**C - O percentual de usuários aumentou significativamente desde quando você entrou aqui?**

**J - Existe um número maior de casos de usuários de drogas, mas fora da escola. Nas festas.**

Pressuposto

**Existe um número maior de casos de usuários de drogas, mas fora da escola. Nas festas.**

Subentendido

**Hoje existe um número elevado de usuários de drogas, porém fora da escola. Nas festas.**

#### DIÁLOGO 6

**C - Algum caso de professor usuário de drogas?**

**J - Sim, tive um caso de um professor de artes que soubemos e demitimos o professor. Teve um dia que ele veio e até mesmo uma reunião pedagógica todo alterado.**

Pressuposto

**Tivemos um caso de um professor de artes que soubemos e demitimos o professor. Teve um dia que ele veio e até mesmo uma reunião pedagógica todo alterado.**

Subentendido

**Tivemos um caso de professor de artes que quando soubemos que era usuários de drogas, demitimos. Chegou a vir a uma reunião pedagógica todo alterado.**

#### DIÁLOGO 7

**C – (interrompeu) Esse foi o único caso?**

**J - Sim. Até agora sim.**

**M - Algum caso de alunos que já foram convidados a se retirarem da escola pelo uso de drogas?**

**J- A mãe tirou antes, mas ele seria convidado a ser retirar. O próprio rapaz disse que não deixaria de usar. Inicialmente tentou-se negociar um tratamento, mas não deu certo.**

Pressuposto

**Até agora esse foi o único caso. Em relação a alunos, a mãe tirou antes que ele recebesse o convite para se retirar. O próprio usuário disse que não iria parar de usar. Tentamos propor um tratamento, mas não deu certo.**

Subentendido

**Que eu saiba, foi o único caso que tivemos. Com relação a alunos, a mãe o retirou antes que a escola o convidasse a sair. Literalmente, o aluno disse que não tinha vontade de parar de consumir drogas. Propomos um tratamento, mas não funcionou.**

#### DIÁLOGO 8

**C- O aluno será convidado a se retirar da escola se for pego com drogas ou a escola da uma oportunidade. Como funciona isso?**

**J- Trabalhar com essa criança, chamar os responsáveis, procurar intervir no sentido de ajudá-la.**

Pressuposto

**Dar uma oportunidade, trabalhando com essa criança, chamar os responsáveis, procurar intervir no sentido de ajudá-la.**

Subentendido

**A escola procura dar oportunidade do aluno de diversas formas, seja trabalhando com ela chamando os responsáveis, sempre com o intuito de ajudá-la.**

#### DIÁLOGO 9

**C- Mas não é uma diretriz da escola fazer isso? Você é que faria?**

**J- Segundo o PPP ele poderá ser convidado a se retirar da escola. Eu como educadora preciso acreditar na transformação das pessoas. Eu vi a transformação do meu irmão. Acredito que é possível.**

Pressuposto

**Segundo o PPP ele poderá ser convidado a se retirar da escola. Eu como educadora preciso acreditar na transformação das pessoas. Eu vi a transformação do meu irmão. Acredito que é possível.**

Subentendido

**No PPP consta que o aluno que for pego usando ou transportando drogas, poderá vir a ser convidado a se retirar da escola. Como educadora preciso acreditar na transformação do sujeito. Presenciei a mudança do meu irmão. Acredito que é possível.**

(...)

DIÁLOGO 10

**C- Hoje quando ocorre alguma suspeita de usuário de drogas, como você faz? Você é quem decide o que vai ser feito?**

**J- Não tínhamos um psicopedagogo ativo. Agora eu divido com ele e traçamos juntos estratégias de acordo com cada caso. Mas se o professor observa, ele passa o caso para nós.**

Pressuposto

**Não tínhamos um psicopedagogo ativo. Agora eu divido com ele e traçamos juntos as estratégias de acordo com cada caso. Mas se o professor observa, ele passa o caso para nós.**

Subentendido

**Antes não tínhamos um psicopedagogo atuando. Agora dividimos e traçamos juntos as melhores estratégias, levando-se em consideração cada caso.**

DIÁLOGO 11

**C- Mas sempre no âmbito da direção e psicopedagogia?**

**J-Sim. Vamos procurar orienta-los sempre, alunos e professores, mas as medidas serão realizadas a partir do psicopedagogo e da direção acadêmica. O professor não costuma participar tanto.**

Pressuposto

**Vamos procurar orienta-los sempre, alunos e professores, mas as medidas serão realizadas a partir do psicopedagogo e da direção acadêmica. O professor não costuma participar tanto.**

Subentendido

**Procuramos orientá-los sempre, alunos e professores, mas as tomadas de decisão sempre deverão ser tomadas pela psicopedagogia ou pela direção da escola. O professor não costuma participar tanto.**

DIÁLOGO 12

**Indagação C- Mas por quê? Por vontade sua ou dele?**

**J- Vontade dele. O professor não quer se envolver tanto. O professor observa o aluno, capta toda a informação a respeito de seus alunos e depois repassa para mim ou ao psicopedagogo.**

Pressuposto

**Por vontade dele. O professor não quer se envolver tanto. O professor observa o aluno, capta toda a informação a respeito de seus alunos e depois repassa para mim ou ao psicopedagogo.**

Subentendido

**Por vontade do próprio professor. Ele não quer se envolver. Portanto, ele observa o aluno, analisa toda informação relacionada ao aluno e após, repassa para mim ou para a psicopedagogia.**

DIÁLOGO 13

**C- O que você acha que a escola poderia fazer para ajudar as pessoas usuárias de drogas?**

**J- A postura as vezes de um professor mais acolhedor, o pacto, a orientação, pessoas jovens que passaram por isso dando seus depoimentos é uma coisa mais viva.**

Pressuposto

**A escola poderá ajudar através da postura de um professor mais acolhedor, o pacto, a orientação, pessoas jovens que passaram por isso dando seus depoimentos é uma coisa mais viva.**

Subentendido

**A escola poderá ajudar, através da postura ou afeto de um professor, o pacto, a orientação, pessoas mais jovens que tiveram a experiência de passar pelas drogas com seus depoimentos, isso é uma coisa mais real.**

DIÁLOGO 14

**C- Espera-se que a escola faça isso realmente.**

**J- A escola deve lapidar a educação. Só que está chegando a um ponto que não tem mais o que lapidar, você tem que inserir. O aluno chega extremamente egoísta, sem limites. Um percentual.**

Pressuposto

**A escola deve lapidar a educação. Só que está chegando a um ponto que não tem mais o que lapidar, você tem que inserir.**

**O aluno chega extremamente egoísta, sem limites.**

Subentendido

**A escola deve refinar a educação. Porém, estamos chegando a um ponto que não tem mais o que refinar, torna-se necessário inserir. O aluno chega de casa exageradamente egoísta, sem limites.**

DIÁLOGO 15

**C- Existe uma inversão de valores muito grande. A própria escola está procurando rever sua própria função.**

**J- Quando existe uma falha, não é só da escola é de todos. Temos que reavaliar todos os procedimentos até aqui. O profissional da educação tem isso implícito, a vontade de educar.**

Pressuposto

**Quando existe uma falha, não é só da escola é de todos. Temos que reavaliar todos os procedimentos até aqui. O profissional da educação tem isso implícito, a vontade de educar.**

Subentendido

**Quando ocorrem falhas, não seria só da escola, e sim de todos. Precisamos reavaliar todos os procedimentos até aqui. O profissional de educação possui isso intrinsecamente, aquela vontade de educar.**

DIÁLOGO 16

**M- E quanto ao PPP ?**

**J- Projeto político pedagógico do colégio foi atualizado em 2007. Então a gente precisa reformular. Na questão das drogas, se o aluno for pego com drogas, deveria ser expulso? As famílias não aceitam que seu filho seja considerado a laranja podre da escola.**

Pressuposto

**Projeto político pedagógico do colégio foi atualizado em 2007. Então a gente precisa reformular. Na questão das drogas, se o aluno for pego com drogas, deveria ser expulso? As famílias não aceitam que seu filho seja considerado a laranja podre da escola.**

Subentendido

**O PPP do colégio foi atualizado em 2007. Precisamos reformular. Na questão das drogas, se o aluno for pego com drogas, deveria ser expulso? As famílias não aceitam pacificamente que o seu filho seja a laranja podre do colégio.**

DIÁLOGO 17

**J- Quantas coisas a gente quer fazer em parceria? quantas pessoas querem participar? Chamam um profissional e pergunte a ele: o que você acha que poderíamos melhorar na instituição?**

Pressuposto

**Quantas coisas a gente quer fazer em parceria? Quantas pessoas querem participar? Chamam um profissional e pergunte a ele: o que você acha que poderíamos melhorar na instituição?**

Subentendido

**Quantas coisas nós gostaríamos de fazer em parceria? Quem gostaria de participar?**

**Quando chamamos um professor e perguntamos: o que poderíamos melhorar na instituição?**

DIÁLOGO 18

**C- Você fez isso?**

**J- Fiz isso no ano retrasado. Sentei como cada profissional de três em três e ninguém chegou a sugerir nada.**

Pressuposto

**Fiz isso no ano retrasado. Sentei como cada profissional de três em três e ninguém chegou a sugerir nada.**

Subentendido

**No ano retrasado fizemos isso. Convidei os professores de três em três esperando que eles sugerissem alguma coisa, lamentavelmente ninguém sugeriu nada.**

DIÁLOGO 19

**C- Todos os professores conhecem o PPP?**

**J- Os antigos conhecem. Ele está à disposição para quem quiser ler. Se bobear o professor mal lê o e-mail que você manda. Já perguntei a professores: você quer trazer alguns projetos para implementarmos? Ninguém trouxe nada.**

Pressuposto

**Os professores antigos conhecem o PPP. Ele está à disposição para quem quiser ler. Se bobear o professor mal lê o e-mail que você manda. Já perguntei a professores: você quer trazer alguns projetos para implementarmos? Ninguém trouxe nada.**

Subentendido

**Os professores mais antigos conhecem o PPP. Estará sempre à disposição para quem quiser ler. Na verdade o professor mal lê o e-mail que você encaminhou. Costumo perguntar a professores: você gostaria de trazer algum projeto para**

implementarmos? Ninguém se dispõe.

DIÁLOGO 20

J- O que eu percebo é que os mais antigos que tem um amor ainda maior pela escola ele vai dizer: o que poderia melhorar na escola? Em primeiro lugar, melhoria salarial. Depois ele diz: uma aula assim, uma aula assado.

C- Mas você acha errado ele dizer isso?

J- Não. Eu também como profissional gostaria de ganhar mais.

C- Sabe que eu vejo aí, eu vou de encontro a sua ideia. Em minha opinião o professor é um sujeito que esta muito sobrecarregado e nele está depositado toda a carga do resultado da escola e além do mais ele tem um dos menores salários do mercado e de uma certa forma ele não é valorizado como profissional de uma maneira geral. É obvio que cada um é cada um. Um professor geralmente trabalha em três turnos um só não dá pra ele sobreviver, então de uma maneira geral ele não tem tempo de refletir sobre a sua prática.

J- Pode até ser.

C- Qual é o espaço que se dá na escola para que o professor possa refletir sobre diversos assuntos, inclusive sala de aula?

Silêncio. Demorou um pouco para responder.

J- Nós temos reuniões. Não são periódicas, mas nós temos. Até pela questão do tempo dele. Mas você diz professor vamos marcar uma reunião, mesmo aos sábados. O professor diz: eu não largo a minha família para vir a escola nos finais de semana. Eu acho que ele tem um lado correto ali.

Pressuposto

Nós temos reuniões. Não são periódicas, mas nós temos. Até pela questão do tempo dele. Mas você diz ao professor vamos marcar uma reunião, mesmo aos sábados. O professor diz: eu não largo a minha família para vir a escola nos finais de semana. Eu acho que ele tem um lado correto ali.

Subentendido

Periodicamente nos reunimos, mas nos reunimos. A questão é o tempo disponível, que o professor nem sempre tem. Quando você diz ao professor que vamos marcar uma reunião, mesmo aos sábados, acabo escutando dele: não vou deixar a minha família para vir a escola nos fins de semana. Naquele instante acho que ele não está de todo errado.

DIÁLOGO 21

C- Mas isso não poderia ser feito no horário de trabalho? Horário que ele estaria sendo pago. Não estou querendo te derrubar, não se sinta pressionada. .

J- Não estou. Acho que existe uma falha aí do colégio. Deveriam ser dadas condições de criarmos mais reuniões.

Pressuposto

Acho que existe uma falha aí do colégio. Deveriam ser dadas condições de criarmos mais reuniões.

Subentendido

Há uma falha do colégio nesse ponto. A instituição deveria criar a possibilidade de programarmos mais reuniões.

C- A motivação do professor vem com a reflexão. Agora se eu estou trabalhando, trabalhando e ainda tem mais alguma coisa pra eu fazer, fica difícil.

J- Eu consigo muito mais com os professores das séries menores (maternal e fundamental I), fundamental II alguns professores, já no ensino médio quase ninguém.

C- Interessante, porque se trata dos menores salários.

J- É verdade. Quanto maiores são os alunos, menores a falta de comprometimento. Quando vejo que um professor está querendo contribuir com alguma ideia, procuro escutar tudo que ele tem pra dizer. Não quero centralizar, pelo contrário, descentralizar. É muito trabalho. Tem as coordenações, a psicopedagogia, enfim, sempre digo pra eles: vai lá faz você.

C- Como você vê as gestões (Os administradores) que passaram por aqui até hoje?

J- Deixaram o trabalho pedagógico fluir. Não tenho nenhum problema. Separavam bem as questões administrativas da pedagógica.

Pressuposto

Os administradores costumam deixar o trabalho fluir. Separam bem as questões administrativas da pedagógica. Não tenho problemas.

Subentendido

Os administradores têm o hábito de deixarem as coisas fluírem. Separam bem o lado administrativo do pedagógico.

DIÁLOGO 22

C- Em termos de cobranças de resultados?

J- Não, as questões pedagógicas eu quase não era indagada. Confiavam no meu trabalho. Eles não se envolviam muito no pedagógico. Voltavam-se mais para o administrativo.

Pressuposto

As questões pedagógicas eu quase não era indagada. Confiavam no meu trabalho. Eles não se envolviam muito no pedagógico. Voltavam-se mais para o administrativo.

Subentendido

Eu quase não era questionada em relação ao lado pedagógico. Confiavam no meu trabalho. Difícilmente eles nos questionavam sobre o pedagógico. Se preocupavam com o administrativo.

DIÁLOGO 23

C- Algum problema de drogas chegou a ser levado para a administração geral no tempo que você esteve a frente da direção do colégio?

**J- Não. Não chegaram, a saber, porque não queriam se envolver. Achavam que eu poderia resolver da melhor maneira possível.**

Pressuposto

**Problemas com drogas nunca chegou à administração geral, porque eles não queriam se envolver. Achavam que eu poderia resolver da melhor maneira possível.**

Subentendido

**Problemas com drogas nunca chegou a administração geral, porque eles queriam manter-se a distância. Achavam que eu poderia resolver da melhor maneira possível.**

#### AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - ENTREVISTA COM MA

##### DIÁLOGO 1

**M- Como professora e pela sua experiência você já se deparou com alguma situação de aluno que estivesse drogado ou portando algum tipo de droga?**

**MA- Não, nem alcoólica, nada. Assim, já tive alunos que contaram dentro de sala a história de pais usuários de drogas e álcool. Aqui na escola já ocorreram casos de tios irmãos que já ficaram presos, já ficaram internados por conta de drogas.**

Pressuposto

**Assim, já tive alunos que contaram dentro de sala a história de pais usuários de drogas e álcool. Aqui na escola já ocorreram casos de tios irmãos que já ficaram presos, já ficaram internados por conta de drogas.**

Subentendido

##### DIÁLOGO 2

**Tive alunos que contaram dentro de sala a história de pais que usavam drogas e álcool. No colégio soube de casos em que tios, irmãos que foram presos e ficaram internados por questões que envolviam drogadição.**

**M- Temos notícias que alguns alunos do 9º ano do ensino fundamental II estão bebendo muito. Você leciona para eles. Comente a respeito.**

**MA- Não que eu tivesse percebido na escola. Agora por exemplo: eu fui numa festa em que um aluno bebeu até cair na festa. A gente teve que ligar para o responsável vir buscar. Festa de adolescente mesmo. Vi muita vodka, muita coisa. A dona da casa sabia e nada fazia. Quando ela viu que o menino estava passando muito mal, resolveu ligar para alguém ir buscar. Isso incomodou muito os professores que lá estavam.**

Pressuposto

**Não percebi na escola alunos do 9º ano bebendo muito. Agora por exemplo: eu fui numa festa em que um aluno bebeu até cair. A gente teve que ligar para o responsável vir buscar. Festa de adolescente mesmo. Vi muita vodka, muita coisa. A dona da casa sabia e nada fazia. Quando ela viu que o menino estava passando muito mal, resolveu ligar para alguém ir buscar. Isso incomodou muito os professores que lá estavam.**

Subentendido

**Eu não tenho percebido que alunos do 9º ano estejam bebendo além da conta. Recentemente fui a uma festa em que o aluno bebeu tanto que acabou caindo. Ligamos para o responsável vir buscar. A festa era de adolescente mesmo. Chequei a ver muita vodka, muita mesmo. A dona da casa tinha consciência de tudo e nada fazia. Quando ela percebeu que o menino estava muito mal, ligou para alguém ir buscar e isso incomodou muito os professores que lá estavam.**

##### DIÁLOGO 3

**M- Quanto a política institucional do colégio, você sabe como funciona em relação as drogas?**

**MA- Acho que deveria ser encaminhado para o psicopedagogo.**

Pressuposto

**Em relação a política institucional da escola sobre drogas, acho que deveria ser encaminhado a psicopedagogia.**

Subentendido

**Em relação à política institucional da escola sobre drogas, acho que deveria ser encaminhado a psicopedagogia para uma melhor análise.**

**M- Para serem tomadas as devidas providências. É isso? O professor não está preparado para lidar com as questões das drogas?**

**MA- Não. Os professores não estão preparados.**

**M- Indagação. Ou eles não querem?**

**MA- Não sabem qual é a real situação. Apesar que dentro da nossa profissão a gente tem vontade de ajudar, mas acho que eles não sabem, não tem uma atitude. Se acontecer alguma coisa, vai levar para direção ou para a psicopedagogia.**

Pressuposto

**Os professores não sabem qual é a real situação. Apesar de que dentro da nossa profissão a gente tem vontade de ajudar, mas acho que eles não sabem, não tem uma atitude. Se acontecer alguma coisa, vai levar para direção ou para a psicopedagogia.**

Subentendido

**Os professores não sabem qual é a real situação. Tentamos ajudar dentro de nossa profissão, não é que eles não queiram ajudar e sim esta faltando atitude. Acontecendo qualquer problema, fica mais fácil levar para a direção ou para a psicopedagogia.**

#### DIÁLOGO 4

**M- Indagação.** Os professores poderiam se envolver mais nessas questões para tentar ajudar mais. O que estaria faltando? Pesquisas da OMS apontam para a utilização cada vez mais cedo do jovem nas drogas.

**MA-** Não sei, porque isso não acontece.

(Silêncio.)

**M-** E quanto às palestras conscientizando o professor para atuar mais?

**MA-** Palestras, cursos, seminários, participação de ex-usuários. A vinda do pessoal do AA e do NA também. Acho isso muito válido. No 8º e 9º ano nas minhas disciplinas, a gente tenta discutir sobre esses assuntos e pra eles percebe-se que existe uma banalização muito grande, eles acham que tudo é normal, já convivem com irmãos mais velhos, com pais que usam até em fazer cigarros de maconha. Logo se o aluno participa, ele poderá vir a usar mais cedo ou mais tarde e eles comentam.

Pressuposto

Palestras, cursos, seminários, participação de ex-usuários poderiam ajudar o professor. A vinda do pessoal do AA e do NA também. Acho isso muito válido. No 8º e 9º ano nas minhas disciplinas, a gente tenta discutir sobre esses assuntos e pra eles percebe-se que existe uma banalização muito grande, eles acham que tudo é normal, já convivem com irmãos mais velhos, com pais que usam até em fazer cigarros de maconha. Logo se o aluno participa desse processo, ele poderá vir a usar mais cedo ou mais tarde e eles são capazes de comentar.

Subentendido

Muita coisa poderia ser feita para ajudar o professor a atuar mais como por exemplo: Palestras, cursos, seminários, participação de ex-usuários. A vinda do pessoal do AA e do NA também. Acho isso muito importante. No 8º e 9º ano nas minhas disciplinas, a gente tenta discutir sobre esses assuntos. Percebe-se que existe uma banalização muito grande, eles acham que tudo é normal, já convivem com irmãos mais velhos, com pais que usam e até em fazer cigarros de maconha. Se o aluno está próximo a tudo isso, a tendência é que ele venha a usar mais cedo ou mais tarde e eles não deixam de comentar sobre o assunto.

#### DIÁLOGO 5

**M-** Que tipo de situação poderia ser criada em sala para ele obter mais informações sobre drogas?

**MA-** O que falta é trazer gente de fora com mais experiência. Só o aprendizado com a disciplina parece não ser o suficiente. Seria uma coisa nova pra eles.

**M- (Indagação).** O professor com conhecimento sobre drogas poderia se aproximar mais do aluno antes de encaminhá-lo a direção ou a psicopedagogia. O que você acha?

**MA-** Acho ótimo. Concordo. Ele precisaria querer.

Pressuposto

O que falta é trazer gente de fora com mais experiência. Só o aprendizado com a disciplina parece não ser o suficiente. Seria uma coisa nova pra eles. Acho ótimo. Concordo. Ele precisaria querer.

Subentendido

Convidar pessoas de fora com mais experiência. Aprender só com a disciplina, parece não ser o suficiente. Eles precisam perceber que será uma novidade. Concordo plenamente. Para aprender, ele precisa querer.

(...)

#### DIÁLOGO 6

**M-** Segundo o PPP caso o professor ou o aluno for pego portando ou utilizando algum tipo de drogas ele poderá ser convidado a se retirar da escola.

**MA-** Mas deverá ser provado. Ninguém é obrigado a fazer o teste na escola. No caso do álcool, como podemos pedir para o professor fazer o teste, ele pode se negar.

Pressuposto

Mas deverá ser provado. Ninguém é obrigado a fazer o teste na escola. No caso do álcool, como podemos pedir para o professor fazer o teste, ele pode se negar.

Subentendido

Deverá haver uma comprovação para o teste. Ninguém é obrigado a fazer o teste na escola. No que se refere ao álcool, como podemos pedir ao professor para fazer o teste, ele tem o direito de se negar.

#### DIÁLOGO 7

**M- (Indagação).** Mas, isso parece omissão. O que os professores podem fazer para demonstrar a sua indignação ao professor usuário?

**MA-** Falar diretamente. Que todos já perceberam. Na verdade ele deveria pedir ajuda.

**M- (Indagação).** A quem? A um colega próximo?

**MA-** A você (psicopedagogo). Ninguém hoje na escola tem habilidade pra isso. Caso alguém tenha bastante intimidade com ele..Dúvidas..Ah sei lá. Até pode ser, mas acho difícil ele querer escutar alguém.

Pressuposto

Falar diretamente. Que todos já perceberam. Na verdade ele deveria pedir ajuda ao psicopedagogo. Ninguém hoje na escola tem habilidade pra isso. Caso alguém tenha bastante intimidade com ele. Até pode ser, mas acho difícil ele querer escutar alguém.

Subentendido

Falar claramente. Conversar que todos perceberam que ele estava usando e que ele deveria pedir ajuda na psicopedagogia. Hoje na escola ninguém tem habilidade para lidar com as questões das drogas. Agora caso alguém tenha intimidade com ele é outra coisa. Pode até ser, porém acho difícil ele querer escutar alguém.

#### **DIÁLOGO 8**

**M-** Em relação à prevenção as drogas. Quais seriam as medidas mais eficientes?

**MA-** Seriam as palestras. Eu acho que a gente consegue as coisas com o adolescente pelo cansaço. A gente insiste, daqui a pouco fala de novo. As palestras poderiam ser feitas no mínimo uma vez por semestre, mas não repetitiva, ou seja, pessoas diferentes deveriam participar; ex-usuários, pessoal de saúde.

#### **Pressuposto**

Eu acho que a gente consegue as coisas com o adolescente pelo cansaço. A gente insiste, daqui a pouco fala de novo. As palestras poderiam ser feitas no mínimo uma vez por semestre, mas não repetitiva, ou seja, pessoas diferentes deveriam participar; ex-usuários, pessoal de saúde.

#### **Subentendido**

Eu acho que a gente consegue as coisas com o adolescente ao poucos, pelo cansaço. A gente insiste, daqui a pouco fala de novo. A cada semestre pelo menos, ocorrerem palestras, mas com assuntos diversificados, com pessoas diferentes, ex-usuários, pessoas da área de saúde.

#### **DIÁLOGO 9**

**M-** Mas você não acha que a presença da família poderia ser de grande valia?

**MA-** Isso, isso. Inicialmente só com os pais, depois, só com os filhos, depois só com os professores e uma aberta a toda a comunidade.

**M-** E os pais que bebem, fumam ou usam algum tipo de droga, iriam vir?

**MA-** Ficou pensativa. Seria difícil.

#### **Pressuposto**

Inicialmente só com os pais, depois, só com os filhos, depois só com os professores e uma aberta a toda a comunidade. Porém, os pais que tomam bebida alcoólica ou usam drogas, seria difícil virem.

#### **Subentendido**

No começo, reunir pais, depois os filhos, logo após os professores e, além disso, abrindo também as portas a toda a comunidade. Para os pais que tem o hábito de usar bebida alcoólica ou usam drogas, seria difícil contar com a presença deles.

#### **DIÁLOGO 10**

**M-** e se pensasse no filho? Silêncio. Abaixou a cabeça... 10 segundos mais ou menos.

(...)

**M-** Ao jovem de hoje cabe o esclarecimento a orientação necessária para que ele possa decidir pelo uso ou não de drogas. Entretanto, ele também precisa saber que enquanto ele for menor, a bebida é uma transgressão, apesar de ser lícita. O maior ao oferecer bebida a um adolescente poderá ser responsabilizado e sofrer as penas da lei. O dono de um bar poderá ter o seu estabelecimento fechado ao oferecer álcool para menores de 18 anos.

**MA-** (Indagação forte). Mas isso não se aplica aqui. Os 9º anos faz apostas quando vão comprar bebidas e acabam comprando sem muitas dificuldades.

#### **Pressuposto**

Os 9º anos faz apostas quando vão comprar bebidas e acabam comprando sem muitas dificuldades.

#### **Subentendido**

Os alunos do 9º ano costumam fazer apostas quando vão comprar bebidas no bar e acabam conseguindo facilmente.

#### **AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - ENTREVISTA COM LU**

#### **DIÁLOGO 1**

**M-** Você já se deparou com algum aluno usuário de drogas? E quais foram as providências tomadas?

**LU-** Sim. E a família dele também. Chegou dentro da minha sala, já chegou. Colegas dele disseram: professora, fulaninho não está bem. Ele não tá bem? Por que? Ah sim, ele hoje exagerou.

**M-** Mas o que você fez?

**LU-** Eu mandei pra casa. Fui até a direção e disse que ele estava indo embora porque tinha usado muita droga e não estava bem, pode ter alguma coisa na minha sala e aí, o que eu faço?

#### **Pressuposto**

Deparei-me com alunos e seus familiares usuários de drogas. Chegou dentro de sala. Colegas disseram: professora, fulaninho não está bem. Ele não tá bem? Por quê? Ah sim, ele hoje exagerou.

Eu mandei pra casa. Fui até a direção e disse que ele estava indo embora porque tinha usado muita droga e não estava bem, pode ter alguma coisa na minha sala e aí, o que eu faço?

#### **Subentendido**

Já me deparei com alunos e familiares usuários de drogas. Chegou ao ponto de ocorrer em sala de aula. Os colegas vieram

na minha direção e disseram: professora, fulaninho não está bem hoje. Indaguei, não está bem? Por quê? Ah entendi, hoje ele exagerou.

Naquele instante, tive que manda-lo pra casa. Procurei a diretora e disse que ele tinha ido embora, porque usou muita droga e não estava bem, poderia ter escondido alguma coisa na minha sala, e aí, o que eu faria?

#### DIÁLOGO 2

M- A direção fez alguma coisa para ajudar?

LU- Não, não. Ele não quer ser ajudado. Esse já é um caso perdido, não é um garoto, maior de 18 anos, já conversei com ele e infelizmente não tem solução. Ele não quer ir para um local ser ajuda. Não pode ser encaminhado para o conselho tutelar, porque não é menor, vive numa família que pensa da mesma forma. Então, a quem a gente recorre numa situação dessas?

M- No PPP do colégio poderá existir um encaminhamento para este indivíduo.

LU- (Interrompeu) Não adianta, mesmo que exista alguma coisa escrita, a palavra de ordem é eu quero. Você não pode obrigar.

M- Mas a escola poderia convidá-lo a se retirar?

LU- Não. Acho difícil. Nem todas as instituições fazem o que está escrito. A privada pode até ser, mas as ligada ao poder público, duvido.

#### Pressuposto

Ele não quer ser ajudado. Esse já é um caso perdido, não é um garoto, maior de 18 anos, já conversei com ele e infelizmente não tem solução. Ele não quer ir para um local ser ajuda. Não pode ser encaminhado para o conselho tutelar, porque não é menor, vive numa família que pensa da mesma forma. Então, a quem a gente recorre numa situação dessas? Acho difícil ele ser convidado a se retirar. Nem todas as instituições fazem o que está escrito. A privada pode até ser, mas as ligada ao poder público, duvido.

#### Subentendido

Ele não quer saber de ajuda. Entendo que é um caso perdido, não é menor, tem 18 anos, conversamos muito, mas não tem mais jeito. Não está preparado para realizar um tratamento e nem pode ser encaminhado ao conselho tutelar, porque é maior de idade. Vive numa família que tem o mesmo pensamento, ou seja, são usuários de drogas. Portanto, a quem recorrer nessas horas?

Não acredito que ele seja convidado a se retirar da escola. Nem todas as instituições fazem o que está escrito. Um colégio da rede privada de ensino, poderia até ser, mas da rede pública, duvido muito.

#### DIÁLOGO 3

M- (Indagação) O problema é que se ele continuar na escola, poderá se tornar um mini traficante.

LU- É. Mas logo depois ele concluiu o 9º ano e foi embora.

(...)

M- Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas?

LU- Não existe uma medida de bolo. Só quando as coisas acontecem é que a gente vai ver como fica. Ninguém está preparado para lidar com isso. Isso pode acontecer na sua família, que a gente não está preparada, então como é que você estará preparado para lidar com aluno dentro de sala.

M- Mas alguma coisa poderia ser feita no sentido de preparar o professor nessas horas do tipo: palestras, orientações...

LU- (Interrompeu) Claro. A palestra de conscientização poderá ser o ideal.

M- Você acha que existe um espaço na escola para trabalhar isso?

LU- Tem. Mas depende se a pessoa quer ouvir...

#### Pressuposto

Não existe uma medida de bolo. Só quando as coisas acontecem é que a gente vai ver como fica. Ninguém está preparado para lidar com isso. Isso pode acontecer na sua família, que a gente não está preparada, então como é que você estará preparado para lidar com aluno dentro de sala.

Claro que a palestra de conscientização poderá ser o ideal. Mas depende se a pessoa quer ouvir.

#### Subentendido

Cada caso é um caso. Só mesmo quando as coisas acontecem é que pensamos como devemos agir. As pessoas têm dificuldades em lidar com essas questões. Podendo acontecer na sua família que a gente não se sente preparada. Então, como é que o professor vai lidar com aluno usuário dentro de sala.

#### DIÁLOGO 4

M- (Interrompeu) Existe um planejamento?

LU- Tem. Mas olha só, se estiverem querendo uma clínica na escola, esquece, não vai ter. Vamos evitar que ele se drogue, então vamos ter uma clínica dentro da escola para desintoxicar, fica difícil.

M- Quem mais poderia ajudar no processo de prevenção as drogas?

LU- De preferência alguém que já tivesse passado por isso, mas jovem...

M- (Indagação) Sim, é verdade. Um jovem poderia ajudá-lo, porque além de utilizar a mesmo tipo de linguagem, o grau de identificação pela idade, costuma ser forte também. E, além disso, o jovem reage de uma forma diferente, quando são mais velhos.

LU- Exatamente. É como ele se visse ali naquele instante. O jovem se iguala, né?.

#### Pressuposto

Existe um planejamento. Mas olha só, se estiverem querendo uma clínica na escola, esquece, não vai ter. Vamos evitar que ele se drogue, então vamos ter uma clínica dentro da escola para desintoxicar, fica difícil. De preferência alguém que já tivesse passado por isso, mas jovem... Exatamente. É como ele se visse ali naquele instante. O jovem se iguala né?

#### Subentendido

Há um planejamento. Porém, se estiverem querendo uma clíca na escola, esquece, vai ser difícil de acontecer. Devemos evitar que ele se drogue, então a solução seria ter uma clínica na escola para desintoxicar, difícil. A experiência de alguém que tivesse passado por isso, mais jovem. Poderia ser o espelho dele naquele instante. O jovem se iguala a outro jovem né?

#### DIÁLOGO 5

M- Existe algum tipo de apoio por parte da escola para os professores e alunos nas questões das drogas?

(Mostrou-se com dúvidas e repetiu)

LU- É como eu disse, não existe receita de bolo. As escolas sabem que existe este tipo de coisa, ela não é cega. É o nosso cotidiano, nós vivenciamos isso. Na rede pública de ensino eu vejo isso muito mais forte. Todas as escolas tentam resolver essas questões, mas não conseguem. Todos precisam de ajuda, inclusive a família e não tem apoio.

(...)

M- Qual seria a melhor prevenção a ser realizada no colégio no memento, ou seja, não deixar chegar aqui?

LU- Primeiro, a conscientização do adolescente. Você sempre está explicando. Sempre falando a mesma coisa e palestras. Mas a forma de apresentação também é importante. A segunda forma é o limite, porque a família precisa estar junto. Quem são seus amigos, que tipo de festas frequenta, conversar com seu filho. Hoje é só dar presente, sair com meu filho no final de semana e tá tudo certo. É preciso saber com quem ele anda.

#### Pressuposto

As escolas sabem que existe este tipo de coisa, ela não é cega. É o nosso cotidiano, nós vivenciamos isso. Na rede pública de ensino eu vejo isso muito mais forte. Todas as escolas tentam resolver essas questões, mas não conseguem. Todos precisam de ajuda, inclusive a família, mas eles não têm.

Primeiro, a conscientização do adolescente. Você sempre está explicando. Sempre falando a mesma coisa nas palestras. Mas a forma de apresentação também é importante. A segunda forma é o limite, porque a família precisa estar junta. Quem são seus amigos? Que tipo de festas frequenta? Conversar com seu filho. Hoje é só dar presente, sair com meu filho no final de semana e tá tudo certo. É preciso saber com quem ele anda.

#### Subentendido

Toda a escola sabe o que acontece lá dentro. Ela não é cega. É o nosso dia a dia, passamos por isso sempre. Fica mais evidente na rede pública de ensino. Por mais que as escolas tentem resolver esses problemas, elas não conseguem. Todos precisam de apoio, inclusive a família, mas eles não têm.

Em primeiro lugar acho que o jovem deveria ser conscientizado dos problemas das drogas. A gente sempre explica as mesmas coisas nas palestras. Todavia, a forma da apresentação é que vai impactar o adolescente. A segunda forma é o limite que é dado ao jovem, ela precisa estar junta. Saber quem são seus amigos? Que tipos de festas estão frequentando? Procurar sempre conversar com seu filho. Hoje é só presentear o filho, sair nos finais de semana com ele e está tudo certo. É importante saber com quem ele está andando.

#### DIÁLOGO 6

M- Indagação. Pois é. Mas o fato dos pais hoje não estarem em casa, trabalhando ou em outras atividades não é um impeditivo, porque sempre terá um familiar tomando conta. Coisa que não acontecia no passado. A mulher tomou um rumo profissional diferenciado até por questões ligadas a o aumento de renda na família.

LU- É isso. Mas nós podemos trabalhar fora e estar atenta ao seu filho. O problema que algumas pessoas não priorizam a sua família. E ainda, quando os pais chegam em casa, não tem tempo de brincar com seus filhos porque estão cansados de tanto trabalhar. Mas é na fase da adolescência é que ele mais precisa estar junto com os pais brincando, se divertindo, fazendo programas com os colegas e com os pais também.

M- O adolescente então testa os limites do adulto o tempo todo?

LU- Sim. Na escola experimenta colocar trinta adolescentes juntos, porque alguns professores conseguem controlar e outros não. Ele aprende até que limite ele pode ir e outros ele vê que tem limites nenhum.

#### Pressuposto

Podemos trabalhar fora e estarmos atentos ao nosso filho. O problema que algumas pessoas não priorizam a sua família. E ainda, quando os pais chegam em casa, não tem tempo de brincar com seus filhos porque estão cansados de tanto trabalhar. Mas é na fase da adolescência é que ele mais precisa estar junto com os pais brincando, se divertindo, fazendo programas com os colegas e com os pais também.

Experimenta colocar trinta adolescentes juntos, porque alguns professores conseguem controlar e outros não. Ele aprende até que limite ele pode ir e outros ele vê que tem limites nenhum.

#### Subentendido

O fato de trabalharmos fora, não significa que devemos deixar de lado nossos filhos. Nem todo mundo prioriza a sua família. E ainda, quando os pais chegam em casa, não tem tempo de brincar com seus filhos porque estão cansados de tanto trabalhar. Porém, na fase da adolescência é que ele mais precisa estar junto com os pais brincando, se divertindo, fazendo programas com os colegas.

Quando colocamos trinta adolescentes juntos, notamos que alguns professores consegue facilmente controlar a sala de aula, enquanto outros não. O jovem aprende até que limite ele pode chegar, já com outros não existem tais limites.

#### DIÁLOGO 7

M- O PPP diz que se o individuo professor ou aluno se for pego usando drogas deverá se retirar da escola. Como você enxerça isso?

LU- A ideia é tentar ajudar, você como educador precisa tentar resgatar quem está com dificuldades. Você precisa tentar incluir. Mas se você percebe que isso vai se tornar uma ameaça para os outros, aí é complicado. No caso de aluno é preciso chamar o familiar.

**M- Indagação.** Temos percebido na escola através de relatos que as meninas do fundamental II tem ingerido muito álcool. LU- Sim, e se você for apurar os pais sabem. Isso tem a ver com a liberdade que é dada dentro de casa, liberdade essa que ele não tem condições de levar. Repito o adolescente precisa de limites. Até mesmo o adulto precisa às vezes.

Pressuposto

A ideia é tentar ajudar. Você como educador precisa tentar resgatar quem está com dificuldades. Você precisa tentar incluir. Mas se você percebe que isso vai se tornar uma ameaça para os outros, aí é complicado. No caso do aluno é preciso chamar o familiar.

Isso tem a ver com a liberdade que é dada dentro de casa, liberdade essa que ele não tem condições de levar. Repito o adolescente precisa de limites. Até mesmo o adulto precisa às vezes.

Subentendido

A ideia é procurar ajudar. Como educador precisamos tentar resgatar quem está com mais dificuldades. Faz parte do processo de inclusão educacional. Agora, se percebemos que isso irá se tornar uma ameaça para os outros, aí fica complicado. No caso do aluno é preciso chamar o familiar e conversar com ele.

#### AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - ENTREVISTA COM GL

##### DIÁLOGO 1

**M- Você já se deparou com algum usuário de drogas na escola? E o que você fez?**

**GL- Na questão de bebidas alcoólicas sim.** Eu quase sempre estou bem próximo e escuto eles dizerem que foram pra determinada festa e beberam cerveja, vodka e uísque. Depende muito do lugar.

**M- e drogas ilícitas?**

**GL- Eles falam que usaram mais num tom de brincadeira.** Agora vai saber se é verdade ou não. Mas são degraus, bebendo álcool daqui a pouco eles vão experimentar as outras drogas também.

Pressuposto

Na questão de bebidas alcoólicas me deparo com alunos sim. Eu quase sempre estou bem próximo e escuto eles dizerem que foram pra determinada festa e beberam cerveja, vodka e uísque. Depende muito do lugar.

Já drogas ilícitas eles falam que usaram mais num tom de brincadeira. Agora vai saber se é verdade ou não. Mas são degraus, bebendo álcool daqui a pouco eles vão experimentar as outras drogas também.

Subentendido

Frequentemente, me deparo com alunos usuários de álcool. Estou quase sempre bem próximo deles e escuta as conversas, onde eles dizem que foram para determinada festa e beberam cerveja, vodka e uísque. Depende do ambiente. As ilícitas eles dizem num tom de brincadeira que usaram. Mas, vai saber se é brincadeira ou não. Todavia, são degraus, bebendo álcool daqui a pouco eles poderão vir a experimentar as outras drogas mais fortes.

##### DIÁLOGO 2

**M- Você acha que os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas?**

**GL- Depende.**

**M- Professores como um todo?**

**GL- Não.** Não estão. A visão do professor é mais punitiva. Sente aversão. O aluno tem direito há formação, a socialização, de participar do ambiente e tudo mais. Mas o professor já vê com mais olhos mesmo, com a ideia de colocar o aluno para fora de sala, mesmo quando ocorre alguma coisa desse tipo.

(...)

**M- O PPP diz que se um aluno ou mesmo professor for pego com drogas ele poderá ser convidado a se retirar da escola. Você sabia disso? Concorde com isso ou acha que ambos seriam merecedores de outra oportunidade?**

**GL- Se for o professor ele não deverá trazer drogas para o ambiente de trabalho, principalmente, por ser uma pessoa esclarecida, estudada. Mas se ele trouxer, deverá ser convidado a se retirar. Não pela droga, mas pela falta de respeito ao ambiente de trabalho. O aluno é mais complicado, porque subentende que ele ainda está em formação. Deveria haver uma conversa séria, uma punição mais branda.**

Pressuposto

O professor não está preparado para lidar com a questão das drogas. A visão dele é punitiva. Sente aversão. O aluno tem direito há formação, a socialização, de participar do ambiente e tudo mais. Mas o professor já vê com mais olhos mesmo, com a ideia de colocar o aluno para fora de sala, mesmo quando ocorre alguma coisa desse tipo.

Se o professor trouxer drogas para o ambiente de trabalho, principalmente, por ser uma pessoa esclarecida, estudada, deverá ser convidado a se retirar da escola. Não pela droga, mas pela falta de respeito ao ambiente de trabalho. O aluno é mais complicado, porque subentende que ele ainda está em formação. Deveria haver uma conversa séria, uma punição mais branda.

Subentendido

Acredito que o professor não esteja preparado para lidar com a questão das drogas. Pela visão dele mostra que deve punir o aluno. Sente aversão à droga. O aluno tem direito há formação, a socialização, de participar do ambiente e tudo mais. Mas o professor já vê com mais olhos mesmo, com a ideia de colocar o aluno para fora de sala com medo de contaminação entre os colegas, mesmo quando ocorre alguma coisa similar.

##### DIÁLOGO 3

**M- O assunto das drogas poderia ser mais bem discutido em sala de aula? Profissionais poderiam ser convidados para discutir isso aqui dentro?**

**GL- Quando se fala em drogas, os mais descolados levam na brincadeira ou se travam e não falam. Fica difícil abordar o**

tema.

M- Não seria porque muitos deles se veem naquela situação?

GL- Tudo eles acham que sabem. Basta pesquisar. Trazer ex-usuários seria o ideal, para que eles pudessem mostrar o outro lado de uma vida sem drogas. Porque se vier um médico, ele vai dizer que não pode porque estudou aquilo, mas não necessariamente tem a vivência. Já o cara que perdeu tudo, perdeu família, perdeu dinheiro, todo mundo sabe que perde, para se ter alguma coisa mais efetiva na cabeça das crianças. O adolescente quando fala para um adolescente, funciona de uma forma diferente. Eles mesmos falam isso depois. A pessoa mais velha pode até contribuir, mas os adolescentes podem ficar mais receosos de perguntar, enquanto o jovem não, pergunta mesmo. A gíria entre eles faz com que eles se sintam mais a vontade.

Pressuposto

Quando se fala em drogas, os mais descolados levam na brincadeira ou se travam e não falam. Fica difícil abordar o tema. Tudo eles acham que sabem. Basta pesquisar. Trazer ex-usuários seria o ideal, para que eles pudessem mostrar o outro lado de uma vida sem drogas. Porque se vier um médico, ele vai dizer que não pode porque estudou aquilo, mas não necessariamente tem a vivência. Já o cara que perdeu tudo, perdeu família, perdeu dinheiro, todo mundo sabe que perde para se ter alguma coisa mais efetiva na cabeça das crianças. O adolescente quando fala para um adolescente, funciona de uma forma diferente. Eles mesmos falam isso depois. A pessoa mais velha pode até contribuir, mas os adolescentes podem ficar mais receosos de perguntar, enquanto o jovem não, pergunta mesmo. A gíria entre eles faz com que eles se sintam mais a vontade.

Subentendido

Quando em sala falamos sobre as drogas, os mais descolados levam na brincadeira ou se calam e não comentam nada sobre o assunto. Fica difícil conversar a respeito.

O jovem acha que sabe tudo. Basta fazer um levantamento. Trazer ex-usuários poderia ajudar, para que eles pudessem mostrar o outro lado de uma vida sem drogas.

Se o palestrante for um médico, ele dirá que não se deve usar porque estudou isso ou aquilo, mas falta a vivência. Agora, o cara que perdeu tudo, família, dinheiro, todo mundo sabe que perde para se ter alguma coisa mais efetiva na cabeça das crianças. O adolescente quando fala para um adolescente, funciona de uma forma diferente. Eles mesmos comentam isso depois. A pessoa mais velha pode até contribuir, mas os adolescentes podem ficar mais receosos de perguntar, enquanto o mais jovem não, pergunta mesmo. A forma de se comunicar faz com que eles se sintam mais a vontade.

DIÁLOGO 4

M- Existe apoio aos usuários de drogas na escola de imediato?

GL- Em primeiro lugar não chamar a atenção dos outros para que ele não fique tão exposto. Em segundo, depende do momento, como ele está mais agitado ou menos agitado e observar como ele se comporta. Em seguida chamar a coordenação, ou mesmo, encaminhar a psicopedagogia para as providências.

M- Você conversaria com ele sobre alguma coisa naquele estado?

GL- Sim. Tentaria, não sei se conseguiria.

M- Que tipos de ações preventivas podem ser realizadas na escola para que as drogas não se aproximem da escola?

GL- É um conjunto de fatores. Eu já ouvi que os alunos perguntam aos pais: pai você bebe. Por quê? Eu acho que é porque é a única diversão de pobre. Na verdade, o governo é quem deveria programar ações junto ao ministério da saúde, além da ajuda da família, e que muitas vezes estão envolvidas nas drogas. Não vai ser nada fácil trabalhar essas questões com os alunos. Se todos pensassem como eu que fui pelo caminho contrário ao do meu pai, seria ótimo.

M- Indagação..Mas é nessa hora que a escola entra com as orientações, os valores, as informações, os espaços não só para os alunos, bem como, para a família.

GL- Mas eu vejo que as escolas cada vez estão mais se fechando. Era para ser o contrário. Primeiro que é muito difícil a escola trazer alguém de fora. Quando traz é uma dificuldade demais para chegar, para reservar material de apoio. Isso da trabalho. A escola está preocupada só com o conteúdo e não com os bate papos.

Pressuposto

É um conjunto de fatores. Eu já ouvi que os alunos perguntam aos pais: pai você bebe. Por quê? Eu acho que é porque é a única diversão de pobre. Na verdade, o governo é quem deveria programar ações junto ao ministério da saúde, além da ajuda da família, e que muitas vezes estão envolvidas nas drogas. Não vai ser nada fácil trabalhar essas questões com os alunos. Se todos pensassem como eu que fui pelo caminho contrário ao do meu pai, seria ótimo.

Mas eu vejo que as escolas cada vez estão mais se fechando. Era para ser o contrário. Primeiro que é muito difícil a escola trazer alguém de fora. Quando traz é uma dificuldade demais para chegar, para reservar material de apoio. Isso da trabalho. A escola está preocupada só com o conteúdo e não com os bate papos.

Subentendido

São vários fatores que podem influenciar na bebida alcoólica. Mas os alunos perguntam aos pais: você bebe? Por quê? Eu acho que é porque é a única diversão de pobre. O governo é quem deveria programar ações junto ao ministério da saúde, além de prestar ajuda a família, e que em muitos casos estão envolvidas nas drogas. Não vai ser nada fácil trabalhar essas questões com os alunos. Se todos pensassem como eu, poderia ser diferente, fui pelo caminho contrário ao do meu pai, seria ótimo.

Mas eu vejo que as escolas cada vez mais estão se fechando. Era para ser o contrário. Primeiro que é muito difícil a escola trazer alguém de fora. Quando traz é uma dificuldade demais para chegar, para reservar material de apoio. Isso, da trabalho. A escola está preocupada só com o conteúdo e não com os bate papos.

DIÁLOGO 5

Chega um momento em que o professor não quer falar só de sua matéria, ele quer falar de outras coisas também, até para relaxar um pouco. Eu me sinto jovem, mas daqui a um tempo eu acho que vou me sentir cansado, porque é sempre a mesma coisa. Eu procuro me atualizar para não ficar pra traz.

M- O professor já está cansado de muita coisa, é a questão da desvalorização do professor, a questão salarial, a falta de

perspectiva de desenvolvimento, enfim...Pode vir a sofrer represálias do tráfico em determinadas comunidades, mesmo porque existem várias escolas no entorno das comunidades ou mesmo dentro. (Abaixou a cabeça e ficou triste.)

M- Como funciona a política institucional na escola?

GL- Se a gente for levar a risca tudo, vai ser difícil. Confesso que as vezes a gente vê um aluno xingando, mas você vai chamar a atenção dele até um certo ponto. Se não, toda vez que isso acontecer você vai acabar levando um aluno para direção e aí fica difícil, daqui a pouco a sala vai estar repleta de alunos.

M- Indagação ... E outra é que vivemos numa instituição privada que sobrevive sob o ponto de vista financeiro. Como vai ser está relação? Poderá acarretar sérios problemas.

GL- Exatamente. Ainda tem isso. Então, o professor deve procurar na sala pedir ao aluno para dar uma maneirada, do tipo: sussega aí, segura aí um pouco. É difícil, no dia a dia a gente acaba pulando algumas partes da rotina mesmo. O que a gente não tolera é agressão física, porque não tem como, mas certas coisas ligadas ao comportamento a gente tem que passar por cima.

Pressuposto

Se a gente for levar a risca tudo, vai ser difícil. Confesso que às vezes a gente vê um aluno xingando, mas você vai chamar a atenção dele até certo ponto. Se não, toda vez que isso acontecer você vai acabar levando um aluno para direção e aí fica difícil, daqui a pouco a sala vai estar repleta de alunos.

Exatamente. Ainda tem isso. Então, o professor deve procurar na sala pedir ao aluno para dar uma maneirada, do tipo: sussega aí, segura aí um pouco. É difícil, no dia a dia a gente acaba pulando algumas partes da rotina mesmo. O que a gente não tolera é agressão física, porque não tem como, mas certas coisas ligadas ao comportamento a gente tem que passar por cima.

Subentendido

Se formos levar tudo ao pé da letra, será difícil. Confesso que às vezes vejo um aluno xingando, mas chamamos a atenção dele até certo ponto. Se não, souber negociar com o aluno, daqui a pouco a sala da direção ficará repleta de alunos.

Ainda tem isso. Então, o professor deve procurar na sala pedir ao aluno para dar uma maneirada, do tipo: sussega aí, segura aí um pouco. É difícil, no dia a dia a gente acaba pulando algumas partes da rotina mesmo. O que não dá para ficar calado é a agressão física, porque não tem como, mas certas coisas ligadas ao comportamento a gente tem que passar por cima.

#### AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - ENTREVISTA COM JU

##### DIÁLOGO 1

M- Você falou há pouco tempo sobre a questão dos alunos que você tem que são usuários, eles são daqui da escola?

JU – Também.

M- Eles são do Ensino Médio ou do Ensino Fundamental?

JU- Ensino Médio. No Ensino Fundamental a gente ouve falar, mas não tenho certeza alguma.

M- Agora com relação à Instituição, no sentido de providências? Com relação aos usuários, alguns casos que podem ocorrer ou já tenham ocorrido. Você tem ideia de como a Instituição se coloca? Ela pune ou não pune?

JU- Vejo que a iniciativa aqui na escola, é uma iniciativa séria, voltada para prevenção e também para acompanhamento, mas acho que ainda faltam algumas questões, podíamos fazer um pouco mais de palestras, e o acompanhamento podia ser mais incisivo. Percebo que é sim uma política séria, voltada para essas questões, mas acho que falta mais um incentivo, um investimento nesse tipo de ação.

Pressuposto

Tenho alunos usuários de drogas do ensino médio, do fundamental, não tenho certeza.

Vejo que a iniciativa aqui na escola é uma iniciativa séria, voltada para prevenção e também para acompanhamento, mas acho que ainda faltam algumas questões, podíamos fazer um pouco mais de palestras, e o acompanhamento podia ser mais incisivo. Percebo que é sim uma política séria, voltada para essas questões, mas acho que falta mais um incentivo, um investimento nesse tipo de ação.

Subentendido

Tenho vários alunos usuários de drogas no ensino médio, no ensino fundamental, não tenho certeza.

Percebo que a iniciativa da escola é séria, focada na prevenção e no acompanhamento, mas ainda estão faltando algumas questões, deveríamos realizar mais palestras, e o acompanhamento mais incisivo. Entendo que parece ser uma política séria, voltada para a questão das drogas, porém falta mais incentivos, um bom investimento nesse tipo de ação,

##### DIÁLOGO 2

M- O projeto político pedagógico da escola diz que se o aluno for pego portando ou usando, principalmente no ambiente escolar, ele pode vir a ser convidado a se retirar da escola. Você acha que inicialmente, o que poderia ser feito? Ele deveria ser colocado a disposição, sair de uma vez ou deveria ser dado algum tipo de ajuda da escola?

JU- Acho que ele deveria ter uma ajuda sim, uma orientação mais associada a mostrar aquele aluno o caminho que ele vem percorrendo, e o quanto esse caminho pode ser prejudicial. (Gaguejou) Claro, que eu acho que deveria ter uma certa medida pra não deixar as coisas correrem soltas, acho que tinha que ter uma orientação, acho que convidá-lo a se retirar acho que estaria tentando hipocritamente, lavar as mãos, e entregar aquele jovem para outras instituições, ou para outros vícios, enfim. Não estaria ajudando, porque se o papel da escola é orientar...

Pressuposto

Os usuários deveriam ter uma ajuda sim, uma orientação mais associada a mostrar aquele aluno o caminho que ele vem percorrendo, e o quanto esse caminho pode ser prejudicial. Claro, que eu acho que deveria ter uma certa medida pra não deixar as coisas correrem soltas, acho que tinha que ter uma orientação, acho que convidá-lo a se retirar acho que estaria tentando hipocritamente, lavar as mãos, e entregar aquele jovem para outras instituições, ou para outros vícios, enfim. Não

estaria ajudando, porque se o papel da escola é orientar...

Subentendido

Acredito que a escola poderia ajudar os usuários. Uma orientação no sentido de mostrar aquele aluno o caminho que ele vem trilhando e o quanto esse caminho poderá ser prejudicial. Algumas medidas deveriam ser tomadas para não deixar as coisas correrem livremente. A orientação é fundamental, porém convidá-lo a se retirar, estaríamos hipocritamente, lavando as mãos, e entregando aquele jovem a outras instituições, ou mesmo, para outro tipo de dependência. Não estaria ajudando em nada, porque se um dos papéis da escola é orientar, não faria sentido.

DIÁLOGO 3

M- Não seria correto excluir.

JU- Exatamente. Enfim...

M- Discutir sobre drogas com eles, trabalhar essa questão da prevenção de drogas. Como trabalhar a prevenção as drogas no colégio? De que forma? qual seria as melhores ações a serem tomadas? Será que visitas de ex-usuários, principalmente jovens, poderiam ajudar a diminuir a curiosidade do jovem?

JU- Eu acho muito bacana. Eu não vou poder trabalhar mais, mas eu trabalhava um livro chamado "A vida por um fio", trabalhei ainda esse ano. E, esse livro fala de um rapaz, que se envolve com as drogas. A literatura infanto-juvenil nos dá também, um meio da gente atingir o jovem dessa forma. Os problemas que ele passa, a literatura que eu usei foi benéfica nesse sentido. A gente tratou, discutiu, comentamos e promovemos um debate em sala, sobre como o rapaz teria chegado ao mundo das drogas, e em um desses trabalhos que a gente promoveu, houve a apresentação dos tipos das drogas, os efeitos, as consequências e um dos grupos trouxe um convidado, pedimos autorização da escola, e um usuário em tratamento, deu seu depoimento e foi muito gratificante. Os alunos se emocionaram bastante, tiraram dúvidas, dúvidas que geralmente não perguntam a um professor, ou a um pai ou mãe, então achei muito bacana essa interação e acho que é muito válido

Pressuposto

A vida por um fio, trabalhei ainda esse ano. E, esse livro fala de um rapaz, que se envolve com as drogas. A literatura infanto-juvenil nos dá também, um meio da gente atingir o jovem dessa forma. Os problemas que ele passa, a literatura que eu usei foi benéfica nesse sentido. A gente tratou, discutiu, comentamos e promovemos um debate em sala, sobre como o rapaz teria chegado ao mundo das drogas, e em um desses trabalhos que a gente promoveu, houve a apresentação dos tipos das drogas, os efeitos, as consequências e um dos grupos trouxe um convidado, pedimos autorização da escola, e um usuário em tratamento, deu seu depoimento e foi muito gratificante. Os alunos se emocionaram bastante, tiraram dúvidas, dúvidas que geralmente não perguntam a um professor, ou a um pai ou mãe, então achei muito bacana essa interação e acho que é muito válido.

Subentendido

Nesse ano, trabalhei num livro chamado: A vida por um fio. É a história de um rapaz, que acaba se envolvendo com as drogas. A literatura infanto-juvenil nos dá também, um meio da gente atingir o jovem dessa forma. Os problemas que ele passa, a literatura que eu usei foi benéfica nesse sentido. Uma forma de atingir o jovem. A gente discutiu, comentou e chegamos a promover um debate em sala, sobre como o rapaz teria chegado ao mundo das drogas, e em um desses trabalhos que a gente promoveu, houve a apresentação dos diversos tipos de drogas, os efeitos, as consequências e um dos grupos trouxe um convidado, pedimos autorização da escola. Um usuário em tratamento, deu seu depoimento e foi muito gratificante. Os alunos ficaram emocionados, tiraram dúvidas, dúvidas que geralmente não perguntam a um professor, ou aos pais, então, achei muito importante a integração ocorrida e achei válido.

DIÁLOGO 4

M- Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas dentro de sala de aula?

JU- Não. Eu não tenho essa prepotência de dizer que eu estou preparada, porque não estou e acho que a maioria não está. Procuro fazer o melhor possível, mas acho que nós poderíamos fazer mais se estivéssemos instruídos de como proceder em determinados momentos.

M- Que tipo de conhecimento poderia ser repassado ao professor?

JU- Investir no profissional. Pouco se faz por ele, como por exemplo: a ida de professores a congressos, a debates.

Pressuposto

Eu não tenho a prepotência de dizer que eu estou preparada para lidar com as questões das drogas, porque não estou e acho que a maioria não está. Procuro fazer o melhor possível, mas acho que nós poderíamos fazer mais se estivéssemos instruídos de como proceder em determinados momentos.

Investir no profissional. Pouco se faz por ele, como por exemplo: a ida de professores a congressos, a debates.

Subentendido

Não sou prepotente em dizer que estou preparada para lidar com as questões das drogas, porque não estou e a maioria dos professores não está mesmo. Procuro desenvolver um trabalho de grande qualidade, todavia, se estivéssemos instruídos de como proceder em determinadas circunstâncias seria muito bom para todos envolvidos.

Investir no profissional é importante. Pouco se faz pelo professor, como por exemplo: a ida de professores a congressos, a debates.

DIÁLOGO 5

M- Indagação...Mas essa correria do professor de um lado pra outro, buscando novos vínculos para sobreviver também atrapalha.

J- Então, porque não promover os eventos na escola? Sim, dentro da escola. Basta haver um planejamento de qualidade.

M- Qual a primeira providência a ser tomada caso um aluno esteja portando drogas em sala?

JU- Procuro me aproximar de alguma forma. Se esse entendimento me fugir eu ouço e tento encaminhá-lo para alguém que

possa ajudar. Tento não expor esse aluno e não elevar o meu tom de voz. Preciso depois, chamar os pais e tentar colocar da forma mais clara possível. É um trabalho de integração em que todos os envolvidos precisam participar. Em momento algum passa pela minha cabeça agir sozinha.

M- Precisamos respeitar a hierarquia na instituição e evitar que amanhã ou depois a família diga que a escola tomou toda a providência sozinha, mesmo que esse familiar não irá participar tanto, mas ele é o responsável direto pelo menor.

JU- Concorro plenamente, porque se tratando de familiar tudo podemos esperar.

Pressuposto

Então, porque não promover os eventos na escola? Sim, dentro da escola. Basta haver um planejamento de qualidade. Procuro me aproximar do aluno de alguma forma se ele estiver portando drogas. Se esse entendimento me fugir eu ouço e tento encaminhá-lo para alguém que possa ajudar. Tento não expor esse aluno e não elevar o meu tom de voz. Preciso depois, chamar os pais e tentar colocar da forma mais clara possível. É um trabalho de integração em que todos os envolvidos precisam participar. Em momento algum passa pela minha cabeça agir sozinha. Mesmo porque o responsável é a família e da família tudo podemos esperar.

Subentendido

Então, porque não promover os eventos na escola? Sim, dentro da escola. Basta haver um planejamento de qualidade onde todos possam participar.

Se perceber que o aluno está portando algum tipo de drogas, procuro me aproximar o máximo dele. Ultrapassando o meu conhecimento, eu procuro ouvi-lo e o encaminho a alguém que possa ajudá-lo. Tento não expor esse aluno e não elevar o meu tom de voz para não perder o controle. Peço para conversar com os pais e tentar colocar da forma mais clara possível. É um trabalho de integração em que todos os envolvidos precisam participar. Em momento algum passa pela minha cabeça agir sozinha. Mesmo porque o responsável é a família do adolescente e da família tudo podemos esperar.

## AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - ENTREVISTA COM MG

### DIÁLOGO 1

M- Quais são as prevenções que a escola poderia tomar para erradicar o consumo de drogas?

MG- A palavra do professor é extremamente importante em sala. Falar dos males que as drogas fazem, mas o que é necessário seria o relato de quem já passou pela dor e conseguiu dar a volta por cima, isso sim, pode mexer com os adolescentes. Essas duas coisas são muito mais impactantes do que o resto. É assim que eu vejo. A curiosidade do adolescente pode se esvaír, caso ele escute isso de uma pessoa que já passou pelas drogas. Ele vai sentir medo e refletir muito mais do que se for dito por um médico por exemplo.

M-O que você acha da escola abrir espaços para esses tipos de discussões aqui dentro? Para todos?

MG- Não existe. O colégio não pode ser fechado. Ele precisa ser a extensão da casa do aluno, da comunidade. Alguém precisa ter um olhar próximo a isso. O colégio privado ou não precisa elaborar projetos que envolvam toda a comunidade. Essa coisa de quem tem condições é que irá frequentar a escola, esta errada. A comunidade traz muita informação de qualidade para dentro da escola.

Pressuposto

A palavra do professor é extremamente importante em sala. Falar dos males que as drogas fazem, mas o que é necessário seria o relato de quem já passou pela dor e conseguiu dar a volta por cima, isso sim, pode mexer com os adolescentes. Essas duas coisas são muito mais impactantes do que o resto. É assim que eu vejo. A curiosidade do adolescente pode se esvaír, caso ele escute isso de uma pessoa que já passou pelas drogas. Ele vai sentir medo e refletir muito mais do que se for dito por um médico por exemplo.

O colégio não pode ser fechado. Ele precisa ser a extensão da casa do aluno, da comunidade. Alguém precisa ter um olhar próximo a isso. O colégio privado ou não precisa elaborar projetos que envolvam toda a comunidade. Essa coisa de quem tem condições é que irá frequentar a escola, esta errada. A comunidade traz muita informação de qualidade para dentro da escola.

Subentendido

O professor através das suas palavras pode fazer a diferença. Falar dos males que as drogas fazem, mas o que é necessário seria o relato de quem já passou pelo sofrimento e conseguiu virar o jogo, isso poderá mexer com os jovens. Essas duas situações são muito mais impactantes do que o resto. É assim que entendo. A curiosidade do adolescente pode se esvaír, caso ele escute isso de uma pessoa que já passou pelas drogas. Ele vai ficar com medo e pensar duas vezes do que se ele escutar de um médico por exemplo.

O colégio deverá estar sempre aberto. Ele precisa ser a extensão da casa do aluno, da comunidade. Alguém precisa acreditar e ir de encontro a isso. privado ou público o colégio precisa elaborar projetos que envolvam toda a comunidade. Essa coisa de quem tem condições é que irá frequentar a escola, esta incorreta. A comunidade tem como trazer muita informação de qualidade para dentro da escola.

### DIÁLOGO 2

M- Você acredita que não só profissionais da educação, bem como, a comunidade aceitariam o convite facilmente ou haveria rejeição?

MG- Bem, é uma tarefa difícil. Mas com um planejamento eficiente daria resultado. Ao longo prazo funcionaria muito bem.

M- Trabalho de formiguinha?

MG- É isso. Não basta fazer uma palestra aqui. Se pelo menos duas ou três vezes ao mês for oferecido palestras ou encontros sobre drogas, sexualidade, diabetes, artrose, osteoporose e quantas outras. A comunidade passa a acreditar no trabalho. Uma política de conscientização capaz de trazer um conhecimento maior as pessoas.

Pressuposto

Não basta fazer uma palestra aqui. Se pelo menos duas ou três vezes ao mês for oferecido palestras ou encontros sobre

**drogas, sexualidade, diabetes, artrose, osteoporose e quantas outras. A comunidade passa a acreditar no trabalho. Uma política de conscientização capaz de trazer um conhecimento maior as pessoas.**

Subentendido

**Uma só palestra não será o suficiente. É necessário duas ou três ao mês, ou mesmo, encontros sobre drogas, sexualidade, diabetes, artrose, osteoporose e quantas forem necessárias. Uma política de conscientização capaz de trazer um conhecimento maior as pessoas.**

DIÁLOGO 3

**M- Você acha que a escola oferece algum tipo de ajuda para quem está usando algum tipo de drogas, professores e alunos?**

**MG- Não. Nada.**

**M- Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas em sala?**

**MG- Não. A maioria é preconceituosa. Tratam aquele dependente ou usuário como um marginal. O fato das drogas ilícitas estarem vinculadas ao crime, fazem com que eles pensem assim.**

Pressuposto

**A escola não oferece nenhum tipo de ajuda a usuários de drogas. A maioria é preconceituosa. Tratam aquele dependente ou usuário como um marginal. O fato das drogas ilícitas estarem vinculadas ao crime faz com que eles pensem assim.**

Subentendido

**A escola não oferece nenhum tipo de auxílio a usuários de drogas. Tratam todos que usam como verdadeiros marginais. O fato das drogas ilícitas estarem vinculadas ao crime faz com que eles pensem assim. Acabam vinculando as drogas ilícitas com o crime organizado e mantêm esta linha de pensamento.**

DIÁLOGO 4

**M- Você já se deparou com algum aluno usuário de drogas?**

**MG- Só uma vez, a vários anos que eu peguei dois alunos fumando escondido no pátio da escola. Eles foram chamados a atenção e encaminhados a direção.**

**M- Chegaram a serem convidados a sair da escola?**

**MG- Não. Receberam advertência, mesmo porque era uma droga normal, ou seja, um cigarro. Uma conversa foi o bastante.**

**M- Em relação a política institucional do colégio. Você está por dentro?**

**MG- Se o aluno for pego com drogas ele poderá ser encaminhado a família e ao conselho tutelar.**

Pressuposto

**Há vários anos peguei dois alunos fumando escondido no pátio da escola. Eles foram chamados a atenção e encaminhados a direção. Receberam advertência, mesmo porque era uma droga normal, ou seja, um cigarro. Uma conversa foi o bastante. Se o aluno for pego com drogas ele poderá ser encaminhado a família e ao conselho tutelar.**

Subentendido

**Há muitos anos peguei dois alunos fumando escondido no pátio da escola. Os alunos foram chamados a atenção e foram direto a presença da diretora. Receberam advertência, mesmo porque se tratava de uma droga legal, um cigarro. Naquele momento uma simples conversa foi o suficiente. No caso de drogas ilícitas, se o jovem for pego por alguém da escola, ele será encaminhado de imediato a família e ao conselho tutelar.**

DIÁLOGO 5

**M- Houve algum problema ligado ao tráfico dentro da escola? Alguém vendendo ou comprando ao redor da escola?**

**MG- Alguns anos atrás nós tivemos um problema na escola em relação a isso. O aluno era considerado um suspeito de estar traficando dentro da escola. Ele vendia e fazia uso de maconha, só que não conseguiram provar nada, chegaram até a revistar ele na rua, mas não deu em nada. O problema é que os próprios alunos confirmavam, mas não foram reunidas provas.**

**M- Você acha que o assunto drogas deveria ser mais discutido dentro de sala de aula?**

**MG- Com certeza. Muitos deles alegam a curiosidade que é a sensação única que é experimentar drogas. E o que é que eu entendo, se você tem uma política de esclarecimento, do que é a droga, do mal que ela pode causar, e até mesmo relato de experiência de quem já usou, você poderá diminuir essa curiosidade do adolescente.**

Pressuposto

**Alguns anos atrás nós tivemos um problema na escola em relação as drogas. O aluno era considerado um suspeito de estar traficando dentro da escola. Ele vendia e fazia uso de maconha, só que não conseguiram provar nada, chegaram até a revistar ele na rua, mas não deu em nada. O problema é que os próprios alunos confirmavam, mas não foram reunidas provas.**

**Muitos deles alegam a curiosidade que é a sensação única que é experimentar drogas. E o que é que eu entendo, se você tem uma política de esclarecimento, do que é a droga, do mal que ela pode causar, e até mesmo relato de experiência de quem já usou você poderá diminuir essa curiosidade do adolescente.**

Subentendido

**Há anos atrás tivemos um problema na escola com um aluno em relação as drogas. Esse jovem era suspeito de estar traficando drogas dentro da escola. Segundo informações ele vendia e fazia também uso de maconha. Porém, não conseguiram provar nada, chegaram a revistá-lo na rua, mas não foi encontrado nada com ele. Apesar dos colegas confirmarem, não foram reunidas provas necessárias para o flagrante.**

**Muitos jovens alegam que a curiosidade de experimentar drogas é única. E o que eu entendo, se existe uma política de esclarecimento, do que representa a droga, dos malefícios causados por ela, além de relatos de quem já usou você poderá**

diminuir a curiosidade desse adolescente.

AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - ENTREVISTA COM JU, MG E GL

DIÁLOGO 1

**M-** Vocês tiveram notícias que traficantes de drogas estiveram dentro da escola ou ao redor tentando aliciar algum aluno?

**MG-** Não

**JU-** Que eu saiba não.

**GL-** Não.

**MG-** Sabemos que existem usuários de drogas aqui ao redor, mas que frequentam a escola não. Eu nunca vi parado por aqui.

**M-** Indagação..Bom, seria o cúmulo porque existem seguranças da polícia no colégio.

**GL-** É verdade. Fica mais difícil a aproximação deles em função dos seguranças.

Pressuposto

Sabemos que existem usuários de drogas aqui ao redor da escola, mas que frequentam a escola não. Eu nunca vi parado por aqui. É verdade. Fica mais difícil a aproximação deles em função dos seguranças.

Subentendido

Percebemos que existem usuários de drogas nas imediações da escola, mas que costumam frequentar a escola não tenho conhecimento. Ainda não vi nenhum parado por aqui. Verdade. Acredito que em função dos seguranças que são policiais torna-se mais difícil a aproximação deles.

DIÁLOGO 2

**M-** A política institucional é cumprida fielmente dentro da escola?

**JU-** Não sei...

**GL-** Isso às vezes sai do controle da escola. Se o menor não está dormindo direito à noite e chega com sono a escola e isso começa a interferir no rendimento dele, você não vai chamar o pai dele e tentar interferir, porque isso tem a ver com o cuidado da família. Eu posso chamar a atenção dele na sala por não estar prestando atenção na aula, mas só isso. Se a gente for ficar se metendo do lado de fora, nós podemos ter problemas com os pais.

Pressuposto

Não sei se a política institucional é cumprida fielmente na escola.

Isso às vezes sai do controle da escola. Se o menor não está dormindo direito à noite e chega com sono a escola e isso começa a interferir no rendimento dele, você não vai chamar o pai dele e tentar interferir, porque isso tem a ver com o cuidado da família.

Subentendido

Tenho dúvidas se a política institucional é cumprida dentro da escola.

Ocorre que às vezes sai do controle da escola. Se o menor não está dormindo direito à noite e chega com sono à escola e isso começa a interferir no rendimento dele, vai chamar o pai dele e tentar interferir, porque isso é responsabilidade de quem cuida, portanto a família.

DIÁLOGO 3

**M-** Ok. Mas vocês precisam passar isso à diante, ou seja, a psicopedagogia ou mesmo a direção. Providências precisam ser tomadas. A tendência é virar uma bola de neve e ficar insuportável de se trabalhar.

**MG-** A escola tem o direito e o dever sim, de chamar o familiar e avisar o que está se passando e mais ainda, caso não sejam tomadas nenhuma providência na família, encaminhar ao conselho tutelar. É uma questão de responsabilidade de todos, levando em consideração que determinadas medidas estão descritas no ECA.

**M-** Os professores poderiam discutir mais o assunto das drogas dentro de sala?

**JU-** Sim, poderíamos discutir mais. O problema está aí e só se nós formos desconsiderá-lo.

**MG-** Eu consigo conversar mais com eles sobre drogas em função das minhas aulas que estão ligadas ao corpo. Costumo usar o fato de não beber para tentar buscar uma reflexão em cada um. Digo para eles que o que eu economizo não bebendo e não fumando eu consigo juntar e ter meu carro, meu celular e meu apartamento.

Pressuposto

A escola tem o direito e o dever sim, de chamar o familiar e avisar o que está se passando e mais ainda, caso não sejam tomadas nenhuma providência na família, encaminhar ao conselho tutelar. É uma questão de responsabilidade de todos, levando em consideração que determinadas medidas estão descritas no ECA.

Sim, poderíamos discutir mais as questões das drogas. O problema está aí e só se nós formos desconsiderá-lo.

Conseguo conversar mais com eles sobre drogas em função das minhas aulas que estão ligadas ao corpo. Costumo usar o fato de não beber para tentar buscar uma reflexão em cada um. Digo para eles que o que eu economizo não bebendo e não fumando eu consigo juntar e ter meu carro, meu celular e meu apartamento.

Subentendido

O colégio tem como dever e o direito de chamar a família e avisar o que está se passando com o aluno. Caso não seja tomada nenhuma providência por parte da família, encaminhar ao conselho tutelar. É uma questão de responsabilidade de todos, levando em consideração que medidas específicas constam no Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

O assunto drogas deveria ser discutido sempre. Problemas existem, só se nós não quisermos enxergá-los.

Como minhas aulas estão ligadas mais ao corpo, consigo conversar mais sobre a questão das drogas. Utilizo o meu próprio exemplo que não faço uso de bebida alcoólica, para buscar uma reflexão em cada um. Faço um paralelo, dizendo que consegui comprar meu carro, meu apartamento e meu celular economizando no dinheiro que poderia gastar com o

álcool e o cigarro.

#### DÍÁLOGO 4

M- O professor está preparado para lidar com as drogas?

JU- Professor não tem mais tempo pra nada. Ele precisa trabalhar em vários lugares ao mesmo tempo para prover sua família. Então como se atualizar? Como arrumar mais tempo para adquirir novos conhecimentos? Os salários estão muito baixos....

Professora franziu a testa e ficou com raiva.

MG- Quando você tem um tempo você está tão esgotado que quer dormir.

GL- É engraçado eu também me sinto assim. O aluno tem muitas avaliações, muitos trabalhos, provas. O professor parece às vezes que só corrige provas, trabalhos e prepara avaliações. Nossa já estou cansado de tanto falar e estamos numa entrevista.

#### Pressuposto

O Professor não tem mais tempo pra nada. Ele precisa trabalhar em vários lugares ao mesmo tempo para prover sua família. Então como se atualizar? Como arrumar mais tempo para adquirir novos conhecimentos? Os salários estão muito baixos.

Professora franziu a testa e ficou com raiva.

Quando você tem um tempo você está tão esgotado que quer dormir.

É engraçado eu também me sinto assim. O aluno tem muitas avaliações, muitos trabalhos, provas. O professor parece às vezes que só corrige provas, trabalhos e prepara avaliações. Nossa já estou cansado de tanto falar e estamos numa entrevista.

#### Subentendido

Parece que o tempo vai ficando cada vez mais curto para o professor. Precisa estar em vários lugares ao mesmo tempo para sustentar a sua família. Logo, como se desenvolver? Como internalizar mais informações? E em relação aos salários que estão muito a quem do esperado?

A professora acabou ficando com muita raiva só de lembrar.

Quando sobra um tempo, o cansaço é tanto, que dá vontade de dormir.

Também sinto assim. Os alunos fazem provas, avaliações e trabalhos. O professor dá a impressão que só corrige provas, prepara trabalhos e prepara avaliações. Nossa fiquei até cansado de tanto falar e estamos numa entrevista.

#### DÍÁLOGO 5

M- A escola está preparada para lidar com o aluno dependente de drogas?

Silêncio..

JU- Seria difícil. É dever chamar a família, alertar a direção. Isso é o que aconteceria, nada além disso. Não existe nenhum programa de reabilitação ou coisa parecida.

GL- Quando a gente escuta dizer fulano é usuário de drogas, a primeira coisa que a gente pensa é iii ele vai roubar, ele vai matar alguém. Mas já pensaram que pode não ser assim. Nem todo mundo que usa drogas será violento ou coisas desse gênero.

MG- Alguns professores podem até estar preparados para lidar com usuários, mas a escola não. Ela deixa de tomar uma série de providências.

#### Pressuposto

Quando a gente escuta dizer fulano é usuário de drogas, a primeira coisa que a gente pensa é iii ele vai roubar, ele vai matar alguém. Mas já pensaram que pode não ser assim. Nem todo mundo que usa drogas será violento ou coisas desse gênero.

Alguns professores podem até estar preparados para lidar com usuários, mas a escola não. Ela deixa de tomar uma série de providências.

#### Subentendido

Quando escutamos alguém comentar que um determinado aluno esta usando drogas, a primeira coisa que vem a cabeça é ele vai roubar ou vai matar alguém. Quando paramos para refletir, verificamos que pode não ser bem desse jeito. Nem todo mundo que é usuário de drogas reage da mesma forma. Alguns professores podem até saber lidar com um usuário, mas a escola, não. Inclusive deixa de tomar as providências necessárias para ajudar u usuário.

#### DÍÁLOGO 6

M- Como por exemplo...?

MG- Seria mais uma matrícula que a escola deixaria de receber. No caso da instituição privada. Quando também não quer causar alarde, evitando assim que não se percam novos alunos na região.

M- Como podemos trabalhar a prevenção de drogas na escola de uma forma eficiente?

MG- Ter essas reuniões constantemente com a família, os filhos, a comunidade que poderá ser um elo de ligação e proteção nas ruas.

JU- Trazer uma linguagem acessível a todos para uma melhor compreensão.

GL- Pessoas que tiveram problemas com drogas ajudariam muito também. Porém, usuário jovem.

JU- Sim, jovem. Porque se trouxer o mais velho, a aceitação pode não ser a mesma.

MG- A pessoa da área de saúde vai buscar uma linguagem mais técnica, aí então, não poderá chamar tanta à atenção porque não conheceu o outro lado como o ex-usuário. A criança está interessada em ouvir relatos de quem tenha passado pela situação, porque ela fatalmente não vai querer sofrer como aquele que um dia perdeu tudo. O grande lance é tirar a curiosidade das drogas de dentro da cabeça do adolescente.

M- Pude perceber durante a entrevista que quase todos tiveram problemas na família com drogas e isso serviu para mudar radicalmente a visão e o comportamento de vocês. Isso sem dúvida facilitará a relação dentro de sala e contribuirá no processo de formação de seus alunos. (Sorrisos, alívio de todos)

#### Pressuposto

Seria mais uma matrícula que a escola deixaria de receber. No caso da instituição privada. Quando também não quer causar alarde, evitando assim que não se percam novos alunos na região.

Ter essas reuniões constantemente com a família, os filhos, a comunidade que poderá ser um elo de ligação e proteção nas ruas.

Trazar uma linguagem acessível a todos para uma melhor compreensão.

Pessoas que tiveram problemas com drogas ajudariam muito também. Porém, trazer o usuário mais jovem. Sim, jovem. Porque se trouxer o mais velho, a aceitação pode não ser a mesma.

A criança está interessada em ouvir relatos de quem tenha passado pela situação, porque ela fatalmente não vai querer sofrer como aquele que um dia perdeu tudo. O grande lance é tirar a curiosidade das drogas de dentro da cabeça do adolescente.

#### Subentendido

Pensando financeiramente, mais uma matrícula que a escola deixaria de receber. No caso da instituição privada é claro e ao mesmo tempo não quer chamar atenção demais, evitando assim que não se percam novos alunos na região.

Procurar criar reuniões constantes com a família, os filhos, a comunidade que também poderá ser um elo de ligação e proteção nas ruas.

Trazar uma linguagem acessível a todos para uma melhor compreensão.

Pessoas que tiveram problemas com drogas ajudariam muito também. Porém, o usuário mais jovem. Porque se trouxer o mais velho, a aceitação poderá não ser a mesma.

A criança está interessada em ouvir relatos de quem tenha passado pela situação, porque ela fatalmente não vai querer sofrer como aquele que um dia chegou a perder tudo ou quase tudo na vida. A grande sacada é tirar a curiosidade das drogas de dentro da cabeça do adolescente.

#### SEGUNDA ENTREVISTA SOBRE A DEPENDÊNCIA DE DROGAS

##### DIÁLOGO 1

M- Todo usuário de drogas é dependente?

CR- Não acho. Entendo que existem drogas lícitas e ilícitas. O álcool e o cigarro podem se tornar um vício.

MA- Não acho não. Já passei isso na minha família e hoje em dia esta tudo normal.

LU- Depende o quanto está bebendo.

CR- Tem pessoas que só bebem final de semana. Ai tudo bem.

LU- Se passar por um tratamento, ai pode acabar com o vício. Mas senão, ele vai usar hoje, porque é maneiro, vai usar amanhã porque é maneiro e assim vai. Daqui a pouco não consegue mais parar. Ai só uma ajuda de fora.

MA- tem muita coisa envolvida nisso. Não é não? Idade. Eu conheço casos em que as pessoas não fizeram tratamento e pararam.

LU- Mas esse não é dependente. Tem gente que usa droga até ficar velho e não é dependente.

#### Pressuposto

CR – (Não acho) – C não considera que todo usuário de drogas é dependente

(Entendo que existem drogas lícitas e ilícitas/ O álcool e o cigarro podem se tornar um vício) - ela acha que existem drogas lícitas que causam dependência.

MA – (Não acho não/Já passei isso na minha família e hoje em dia esta tudo normal) – Ma acredita que a dependência tem cura

LU – (Depende quanto está se bebendo/Se passar por um tratamento, ai pode acabar com o vício.) – L acredita que a dependência depende da quantidade que o sujeito ingere e se tem ajuda externa.

#### Subentendido

CR- não considera que todo usuário de drogas é dependente, ela acha que existem drogas lícitas que causam dependência. Ela acha que o álcool e o cigarro fazem tanto mal como as drogas ilícitas.

MA- acredita que a dependência tem cura.

LU- acredita que a dependência depende da quantidade que o sujeito ingere e se tem ajuda externa. A dependência vai acontecendo porque o efeito é bom e o sujeito acaba ingerindo grande quantidade, perde o controle em função da quantidade ingerida e a droga vicia.

M- Vocês não acham complicado quando a família usa algum tipo drogas?

CR- Sim. É super complicado.

MA- Fica difícil.

LU- Os meninos dizem que tomam o restinho de bebida que sobra no copo dos pais.

M- o que caracteriza a dependência?

CR- Na dependência a pessoa não tem controle sobre ela mesma.

LU- Por mais que a pessoa tente se controlar, ela não consegue.

CR- A dependência tem a ver com a cabeça da pessoa naquele momento.

MA- Continuo dizendo que a idade influencia a pessoa.

LU- Não acho não. Acho que a cultura da pessoa pode influenciar.

#### Pressuposto

CR- Na dependência a pessoa não tem o controle sobre ela mesma.

MA- Ressalta mais firmemente que a idade é que influencia a pessoa.

LU- Não concorda dizendo que acredita que a cultura da pessoa é que pode influenciar.

#### Subentendido

CR- A dependência se caracteriza pela perda do controle de suas ações.

MA- Diz que a pessoa mais jovem se descontrola mais facilmente do que o sujeito de mais idade.

LU- Não acredita no que foi colocado dizendo que a cultura do indivíduo é que fará a diferença.

M- Influencia ou é fator determinante?

LU- Influencia claro.

MA- Mas o fator determinante não poderia ser a família?

M- Calma, calma... Não estaria ligado as questões biopsicossociais e principalmente o meio em que o sujeito vive?

Ficaram agitadas.....

CR- Como assim?

LU- Acredito ser no meio em que ele vive. As outras pessoas.

CR- Existem famílias que um dos filhos nasce totalmente diferente do outro e pode ir por um caminho errado.

LU- Pera aí. Mas não é só isso não Cristina. Dependendo do lugar em que ele vive poderá experimentar todo tipo de droga. Tem dependente de todo o tipo pobre e rico. Se for num lugar pobre ele irá experimentar drogas mais baratas que são mais nocivas. Aí na verdade tem todo um contexto. Num lugar rico ele poderá usar drogas mais caras.

Pressuposto

MA- Acha que o fator determinante poderia ser a família.

M – Ventila a possibilidade de serem os fatores biopsicossociais ou o meio em que o sujeito vive.

CR- não entende.

M- O entrevistador explica o significado dos fatores biopsicossociais...

CR- Comparou algumas famílias dizendo que quando se tem mais de um filho, um deles as vezes tende ir para o lado errado.

LU- Interrompe C dizendo que depende do lugar em que eles estão inseridos, vindo a experimentar qualquer tipo de droga, sendo rico ou pobre. Lugar mais pobre ele experimentará drogas mais baratas que são mais nocivas, enquanto lugares de pessoas ricas, experimentará drogas mais caras , porém menos nocivas.

Subentendido

MA- Acredita na família como fator determinante para que o sujeito não se torne um dependente.

M- Sugeriu que eles pensassem nos fatores biopsicossociais ou o meio em que o sujeito vive para se tornar um dependente.

CR- Não entendeu e pediu para explicar melhor.

M- Explicou detalhadamente o significado dos fatores biopsicossociais.

CR- Acabou comparando algumas famílias dizendo que em vários casos um filho ou outro busca o caminho mais difícil trazendo problemas para as famílias.

LU- Interrompe C e diz que dependendo do lugar que está frequentando, poderá experimentar qualquer droga. Caso venha optar por um lugar com pessoas de renda mais baixa, irá usar drogas mais baratas, porém mais nocivas. Num lugar em que a frequência é de pessoas com poder aquisitivo mais elevado, poderá utilizar drogas mais caras e menos destrutivas.

SEGUNDA ENTREVISTA SOBRE AS DROGAS MAIS NOCIVAS

DIÁLOGO 2

M- Mas luiza fica muito confuso. Por que se pararmos para analisar as drogas mais nocivas acabam mais rapidamente com o sujeito.

LU- Sim..Tudo bem. Mas se ele não pode comprar outras drogas é o que ele tem. Ele não pensa nisso. Ele usa e pronto. Na outra escola em que eu trabalho, eles estão usando o crack direto. Uns tem um poder aquisitivo melhor e outros nem tanto, mas optaram por usar crack direto pela facilidade de arrumar a droga. E é horrível, porque o aluno começa a usar e seis meses ou um ano depois está horroroso, cadavérico. Já a cocaína é totalmente diferente. Não é no físico e sim nas atitudes dele. Conheço muita, mas muita gente que usa.

Pressuposto

LU- Diz que quando o sujeito quer usar drogas para ele não importa se a droga é mais ou menos nociva. Ele não pensa nisso. Ele usa e ponto final. Na outra escola em que trabalha, usam o crack sem parar. Uns tem um poder aquisitivo melhor e outros nem tanto, mas optaram por usar crack direto pela facilidade de arrumar a droga. E é horrível, porque o aluno começa a usar e seis meses ou um ano depois está horroroso, cadavérico. Já a cocaína é totalmente diferente. Não é no físico e sim nas atitudes dele.

Subentendido

LU- O indivíduo nem pensa nisso. Ele simplesmente usa a droga. A vontade de usar é muito grande. Na outra instituição que trabalha, informa que os usuários usam crack de uma forma exagerada e sem limites. Mesmo tendo um poder aquisitivo melhor, optaram por usar crack, principalmente pela facilidade de arranjar a droga em qualquer horário. Tratando-se de uma situação deplorável, porque o aluno começa a fazer uso e entre seis meses e um ano está com uma aparência horrível, acabada. Já a cocaína funciona de forma bem diferente. Esta ligada ao lado comportamental e não na questão física do sujeito.

M- Você quer dizer que a cocaína não deixa sequelas físicas?

LU- Não, não deixa. O problema está ligado a moral.

CR- Não penso assim. Eu acho que deixa sim.

MA- Os dois deixam prejuízo.

LU- Presenciei uma mãe vendendo o corpo para cheirar cocaína. Eu vi.

Pressuposto

LU- Para professora a cocaína está ligada a moral do sujeito.

CR- Não concorda com L. Acredita que haverá sequelas no uso de cocaína.

MA- Diz que tanto o crack como a cocaína deixam sequelas.

**LU- Presenciou uma mãe vendendo o próprio corpo para cheirar cocaína.**

Subentendido

**LU- Na opinião da professora a moral do usuário de cocaína é que está em questão. Não havendo sequelas com o uso da substância.**

**CR- Discorda de L. Acredita que ocorrerão sequelas na utilização de cocaína.**

**LU- Esteve próxima e escutou uma mãe vendendo o corpo para usar cocaína.**

**M- Mas vocês não acham que qualquer droga costuma deixar prejuízo nas pessoas?**

**MA- Sim. Qualquer droga vai acabar deixando prejuízo.**

**CR- Todas vão deixar.**

**LU- Ok. Mas existem aquelas que as pessoas vão se deteriorar mais rápido.**

**MA- E se não deixar prejuízo para ele. Vai deixar para os outros.**

Pressuposto

**MA- Acredita que qualquer droga vai acabar deixando um prejuízo ao indivíduo.**

**CR- Concorde com Ma dizendo que todas as drogas trarão prejuízo ao sujeito.**

**LU- Faz uma comparação com as drogas que irão deteriorar o sujeito mais rapidamente.**

**MA- Explica que se não deixar prejuízo para a pessoa, deixará para alguém.**

Subentendido

**MA- Informa que qualquer droga mais cedo ou mais tarde irá deixar algum prejuízo ao sujeito.**

**CR- Pensa como Ma, confirmando que as drogas vão trazer prejuízos irreparáveis ao sujeito.**

**LU- Estabelece uma relação entre as drogas, dizendo que determinadas drogas irão acabar com o sujeito de uma maneira avassaladora.**

**MA- Esclarece que alguém terá prejuízo, se não for o indivíduo, alguém ao seu redor, familiares, amigos ou conhecidos.**

## SEGUNDA ENTREVISTA AS FONTES DE CONHECIMENTO SOBRE AS DROGAS

### DIÁLOGO 3

**M- Se não fosse às experiências que vocês passaram principalmente na família ou com amigos como vocês acham que conseguiriam adquirir essas experiências com drogas?**

**CR- Iria buscar informações com um médico.**

**MA- Como isso está dentro da minha disciplina (Biologia), eu iria estudar mais sobre o assunto. Mas minha primeira experiência com drogas busquei numa Ong.**

**LU- Não tenho ideia. O fato de trabalhar em área de risco me deu uma experiência bem grande. Lá quem usa droga é bandido.**

Pressuposto

**CR- Informa que se não fosse à experiência que teve com familiares, buscaria informações com um médico sobre drogas.**

**MA- Como professora de ciências procurou estudar o assunto relacionado às drogas através de livros e foi atrás de uma Ong para aumentar esse conhecimento.**

**LU- Não sabe informar de que maneira poderia ter obtido mais informações sobre drogas. O fato é que por trabalhar em área de risco acabou ganhando experiência devido à vivência do dia a dia. Na visão da comunidade quem usa droga é bandido.**

Subentendido

**CR- Acredita que buscaria informações com um profissional da área de saúde, caso não tivesse passado essa experiência com um familiar próximo.**

**MA- Como está em sala de aula estudando constantemente, procurou nos livros as informações necessárias para lidar com as informações sobre drogas. Mas ao encontrar uma Ong, procurou esclarecer suas dúvidas, ampliando o seu conhecimento sobre as drogas.**

**LU- Não consegue imaginar de que outra forma poderia adquirir um conhecimento sobre drogas, já que como professora, fatalmente passaria por essa situação mais cedo ou mais tarde. O trabalho em uma área de situação de risco, trouxe uma grande experiência no meu dia a dia. Aprendeu na localidade que quem usa droga é bandido.**

## SEGUNDA ENTREVISTA COMO IDENTIFICAR UM USUÁRIO

### DIÁLOGO 4

**M- vocês conseguiriam identificar um usuário de droga em sala?**

**CR- Sei lá. Meus alunos estão entre 11 e 14 anos, acho difícil saber se está usando droga ou não.**

**MA- Acredito que saiba se alguém usa ou não droga pela experiência com a minha filha.**

**LU- Claro que sei. Estou acostumada. Tive um usuário em sala.**

Pressuposto

**CR- Acha difícil saber se um aluno usou drogas ou não em função da idade que eles têm. Alunos com idades entre 11 e 14 anos.**

**MA- Acredita que sabe se o aluno usou ou não drogas pela experiência com a filha.**

**LU- Consegue identificar um usuário de drogas pela experiência. Já ministrou uma aula com um aluno que estava drogado.**

Subentendido

**CR-** Tem dificuldades em perceber os alunos usuários de drogas, talvez por serem jovens demais, idades que variam entre 11 e 14 anos, onde a frequência do uso é menor.

**Ma-** Acredita reconhecer facilmente um usuário de drogas pela experiência que teve com sua filha.

**LU-** A experiência que teve na instituição e por ser em áreas ligadas ao tráfico de drogas, forneceu uma experiência capaz de identificar facilmente um usuário de drogas. Já dei aula para aluno drogado dentro de sala de aula.

**M-** que tipo de drogas? O que você fez?

**LU-** Cocaína. Ele ficava pra lá e pra cá em sala. Não parava um minuto.

**CR-** A cocaína agita mesmo.

Pressuposto

**LU-** Relata que foi cocaína. O aluno ficava pra lá e pra cá em sala. Não parava um minuto.

**CR-** complementou dizendo que a cocaína deixa as pessoas agitadas.

Subentendido

**LU-** Descobriu que era cocaína. Ele ficava andando de um lado para o outro. Nada o fazia parar.

**CR-** Ratificou L, comentando que a cocaína costuma deixar as pessoas aceleradas.

Os alunos se aproximaram de mim e disseram: Professora ele usou e tem que ficar rodando a sala, porque se não dá um negócio no coração. Eu perguntei fulano você está bem? Ele não respondeu. Eu disse, então você vai para a sua casa.

**LU-** Disse que os alunos se aproximaram e fizeram um comentário sobre o aluno usuário. Relataram que ele tinha usado cocaína e por isso ficava andando de um lado para o outro, porque senão dava um negócio no coração. A professora se aproximou do aluno usuário e perguntou se ele estava bem, como ele não respondeu ela o encaminhou para casa, mas antes passaram na sala da diretora e comunicou o fato.

Pressuposto

**LU-** Disse que os alunos se aproximaram e fizeram um comentário sobre o aluno usuário. Relataram que ele tinha usado cocaína e por isso ficava andando de um lado para o outro, porque senão dava um negócio no coração. A professora se aproximou do aluno usuário e perguntou se ele estava bem, como ele não respondeu ela o encaminhou para casa, mas antes passaram na sala da diretora e comunicou o fato.

Subentendido

**LU-** Relata que alguns alunos chegaram próximo a ela e passaram a informação sobre o aluno usuário de drogas. Disseram que o colega usuário acabara de usar cocaína e por isso não parava em sala, andando de um lado para o outro, senão sentia uma pressão no coração. Quando se aproximou do aluno percebeu que algo estava errado, então perguntou como ele estava como não teve resposta, informou que ele iria pra casa, todavia antes precisariam passar na sala da direção para informar o acontecido.

**M-** mas isso só aconteceu, porque os alunos falaram né?

**LU-** Não, não. Eu já tinha desconfiado que tivesse algo de errado com ele. Esse aluno sempre foi estranho. Achar estranho eu posso achar. Mas ter certeza, não.

Pressuposto

**LU-** Disse que desconfiava antes que existia alguma coisa errada com o aluno, mas ele sempre foi estranho mesmo. Percebia algo de estranho com o aluno, porém certeza absoluta não tinha.

Subentendido

**LU-** Achava que tinha algo de errado com ele. Considerava-o esquisito. Na verdade ela não tinha a certeza do que se passava com o aluno.

## SEGUNDA ENTREVISTA USO E ABUSO DE ÁLCOOL EM FESTAS

### DIÁLOGO 5

**M-** os alunos comentam dentro de sala com colegas que costumam beber em festas. O que ocorre é que o professor de tão próximo dos alunos acaba escutando alguma coisa e depois juntando os fatos. É assim com vocês também?

**MA-** Já escutei em sala a frase: Tia hoje é sexta-feira e uma cervejinha cai bem, você não acha?

Pressuposto

**MA-** Escutou a seguinte frase em sala: Tia hoje é sexta-feira e uma cervejinha cai bem, você não acha?

Subentendido

**MA-** Certa vez ouviu em sala de um aluno: Tia hoje é sexta-feira e um chopinho cai muito bem, você não acha?

**M-** o que você respondeu?

**MA-** Nada, fiquei olhando pra ele.

**LU-** Você deveria ter dito pra ele: você é criança e não pode beber. E se a sua mãe descobrisse que você anda bebendo?

**CR-** Tive um caso que os pais ofereciam em festas cerveja para os filhos. O aluno contava tudo em sala. Um absurdo.

**MA-** Na verdade, acho difícil identificar. Mesmo porque de manhã dificilmente se usa drogas ou se bebe qualquer coisa.

**LU-** Acho difícil de identificar quando o aluno começou a usar. Porque ele começa usando aos poucos, ou seja, no início dá para controlar e por isso difícil de perceber. Agora lá na frente. Fica mais fácil, porque ele vai usar sempre quando tiver.

Pressuposto

**MA-** Disse que não deu uma palavra e que ficou olhando para o aluno.

**LU- Retrucou Ma dizendo que ela deveria ter dito que o menor não tinha idade pra beber e qual seria a reação dele se a mãe descobrisse.**

**CR- Revelou que teve um caso em sala que soube pelo próprio aluno que os pais ofereciam cerveja aos filhos em festas. Achou um absurdo.**

**MA- Teria dificuldade para identificar alguém após o uso de bebida alcoólica ou de drogas, principalmente pela manhã.**

**LU- Acredita que quem consome drogas começa usando aos poucos, ou seja, no início dá para controlar e por isso difícil de perceber. Agora lá na frente. Fica mais fácil, porque ele vai usar sempre quando tiver.**

Subentendido

**Ma- Disse que não fez um comentário e olhando firme para cara do aluno.**

**LU- Interpelou Ma dizendo você deveria ter chegado pra ele e dito o seguinte meu filho. criança não pode beber e se sua mãe descobrisse o que você vai fazer?**

**CR- Soube pelo próprio aluno que em época de festas costumam tomar cerveja com os pais tranquilamente. Ficou estarecida com a atitude dos pais.**

**MA- Acha difícil identificar um sujeito que tenha feito uso de álcool ou drogas pela manhã.**

**LU- Em sua opinião quem consome drogas começa usando aos poucos e no início consegue manter um certo controle, mas a medida que o tempo vai passando não percebe como esta envolvido e portanto, sempre que tiver oportunidade, vai usar sempre quando tiver.**

## SEGUNDA ENTREVISTA OBJETOS UTILIZADOS NO USO DE DROGAS

### DIÁLOGO 6

**M- Agora em relação aos diversos tipos de drogas, vocês conseguiriam identificar os objetos que são utilizados no uso de drogas?**

**MA- Consigo identificar garrafinhas de plástico, cachimbo para fumar crack. Esses eu conheço.**

**CR- Capsulas para guardar cocaína. Já vi numa festa de criança certa vez.**

**LU- Aqui dentro já vi uns meninos com uma latinha. Achei estranho. Avisei a diretora que deveria ficar atenta aqueles meninos. Mas no final era para fazer de bola e jogar na quadra. Outra coisa, garrafa de plástico serve também para cheirar cola.**

Pressuposto

**MA- Acredita que não teria dificuldade em identificar objetos para utilização de drogas. Como por exemplo: cachimbo, para o uso do crack e as garrafinhas plásticas, para cheirar cola.**

**CR- Reconheceria capsulas para guardar cocaína. Chegou a ver numa festinha de crianças uma vez.**

**LU- Disse que presenciou meninos brincando com uma latinha. Alguma coisa chamou a sua atenção e resolveu falar com a direção da escola, porém descobrir que estava sendo usado pelos meninos para jogar bola.**

Subentendido

**MA- Aprendeu a identificar objetos como garrafinhas de plástico que servem para cheirar cola, beberem álcool ou mesmo um cachimbo para fumar crack.**

**CR- Identificaria facilmente as capsulas que são os locais que os traficantes costumam guardar cocaína. Certa vez se deparou com algumas numa festa de crianças.**

**LU- Relatou que certa vez na escola viu uns meninos brincando com uma latinha, passando de um para o outro, ficou desconfiada. Em seguida foi conversar com a diretora e comentou que aquela situação era esquisita, entretanto após investigarem notaram que era para fazer de bola e jogar futebol.**

**M- Esse objeto poderia passar de forma despercebida por vocês?**

**MA- Não tenho a menor dúvida.**

**CR- Passa sim.**

**LU- Olha só essa história. Eu estava dando aula e passaram uma garrafa de refrigerante. Ai a gente sente que eles mudam, começam a rir. Tudo em segredo. Resolvi parti para saber o que tinha lá dentro e descobri que tinha álcool.**

Pressuposto

**MA- Informa que não tem dúvidas que esse objeto poderia passar despercebido por ela.**

**CR- Ratifica Ma: Claro que passa.**

**LU- Resolve contar uma história, dizendo que estava dando aula e os alunos começaram a passar uma garrafa de refrigerante por toda a sala. Ficou desconfiada porque sentiu que eles mudaram, ficaram rindo. Tudo em segredo. Logo, resolveu verificar o que estava acontecendo. Descobriu que dentro da garrafa havia bebida alcoólica.**

Subentendido

**LU- Disse que certa vez, estava em sala de aula e se deparou com os alunos passando uma garrafa de refrigerante de um lado para o outro. Quando olhou derrepente, ficou desconfiada, pois eles começaram a rir e faziam tudo em segredo. Ninguém falava nada. Procurou investigar, pedindo para ver a garrafa e o que tinha lá dentro era bebida alcoólica.**

**M- Qual seriam as providências a serem tomadas se caso vocês pegassem um objeto para consumo de álcool e drogas com o aluno?**

**MA- Pediria que o aluno me entregasse o objeto seja ele qual for e depois iria conversar com ele. Não faria mais nada.**

**CR- Eu falaria direto com a direção para que fossem tomadas as providências e sairia.**

**LU- Já tenho problemas de mais. Eu entregaria o caso direto à direção.**

Pressuposto

**MA- Informou que seja o objeto que for ela irá pedir para analisar do que se trata. Conversaria com o aluno e não levava o caso adiante.**

**CR- Encontrando qualquer objeto que se relacione as drogas com os alunos encaminharia direto a direção para serem**

tomadas as providências pela escola.

LU- Diz ter problemas demais e também encaminharia o objeto e o caso à direção.

Subentendido

MA- Disse que independente do objeto que encontrasse e se fosse tendencioso as drogas, tentaria conversar com o aluno, mas deixava por isso mesmo.

CR- Caso se deparasse com qualquer indicio que representasse perigo aos alunos, avisaria a direção para que esta tomasse as providências devidas.

LU- Diz ter problemas demais e também encaminharia o objeto e o caso à direção.

LU- Informa que são tantos os problemas para serem administrados por ela que não se envolveria, passando direto para a direção da escola.

M- Mas ma você tem cargo de coordenação? Você poderia chamar os pais direto?

MA- Não poderia fazer isso sem avisar a direção. Mas eu mesmo não chamaria os pais.

Pressuposto

MA- Diz que apesar do cargo de coordenadora e existir uma hierarquia, ela não chamaria os pais.

Subentendido

MA - Apesar de ter um cargo de gestão passaria o problema para a direção em função da hierarquia, porém não chamaria os pais.

## SEGUNDA ENTREVISTA DAR CIÊNCIA A FAMÍLIA EM CASO DO USO DE DROGAS

### DIÁLOGO 7

M- Isso significa que independente do aluno? E se vocês tivessem uma afinidade maior com o aluno ou com o familiar dele? Vocês chamariam?

MA- Não..O que é pra um tem que ser pra todos.

LU- Não poderia chamar não. Precisamos respeitar a hierarquia, se não vira bagunça. Quando a direção chamar o responsável e comunicar, aí é claro eu vou estar presente.

CR- Concordo chamar os pais é tarefa da direção. Eu estarei presente na reunião com os pais responsáveis pelo aluno.

Pressuposto

MA- Diz que o que é para um tem que ser para todos e mesmo conhecendo o familiar não chamaria.

LU- Ressalta que a hierarquia deve prevalecer se não, poderá virar bagunça. Prefere estar presente quando a direção chamar o familiar e fizer o comunicado.

CR- Reforça o que L falou. Diz que depois da comunicação feita aos pais pela direção, ela estará presente.

Subentendido

MA- Acha que tem condições de resolver com o aluno sem falar com os pais, mesmo se tratando de alguém conhecido.

LU- Diz que numa empresa a hierarquia deverá ser respeitada, caso contrario poderá virar uma bagunça generalizada. Colocar-se-á a disposição, caso seja chamada para participar da reunião com os pais.

CR- exalta o que L disse e após a comunicação feita aos pais pela direção, se colocará a disposição para dirimir qualquer duvida dentro de sala.

M- Poderia dizer então que os pais de uma forma ou de outra precisariam tomar ciência de que os filhos estão bebendo ou usando drogas. É isso?

LU- Isso. Sem dúvida.

CR- Claro.

MA- Dúvidas. Acho que só em último caso chamaria os pais. Eu tentaria sempre conversar com o aluno.

LU- Em tudo que faço, aviso a coordenação e as vezes, quando a direção me dá abertura, vou direto a diretora e relato o que está acontecendo.

Pressuposto

LU- Informa que sem dúvida alguma os pais deveriam saber se os filhos estão usando drogas ou não.

CR- Concorda com LU.

MA- Ficou na dúvida agora. Acha que só em último caso deveria chamar os pais. Acredita que conversar com o aluno seria a melhor solução.

LU- Disse que em tudo que faz na escola, avisa a gestora imediata e caso a direção dê liberdade, comunica diretamente para a tomada de providências.

Subentendido

LU- Declara que os pais devem saber se os filhos usam drogas.

CR- Confirma o que LU disse.

MA- Disse que tem dúvidas. Acredita que em último caso os pais deveriam saber se o filho usa drogas. Procuraria se aproximar do aluno para tentar ajudar.

LU- Procura conversar com a sua coordenadora, mas se a direção desse oportunidade iria relatar o ocorrido com vistas a solução de problemas.

## SEGUNDA ENTREVISTA O CRESCIMENTO DO USO DE DROGAS

### DIÁLOGO 8

M- Vocês percebem que as questões relacionadas às drogas estão crescendo cada vez mais?

MA- O problema é que os pais não dão exemplo, eles usam na frente dos filhos.

LU- Isso é uma coisa normal dentro de muitas famílias.

CR- Teve um caso aqui na escola que o pai vinha trazer o filho fumando um cigarro de maconha pela rua normalmente. O menino já estava acostumado com isso.

LU- Os alunos estão crescendo tendo como referência o que acontece dentro de casa. Ele aprende que beber e fumar é uma coisa normal. Quando chega na escola e recebe uma outra orientação, Ele fica sem saber o que fazer.

MA- Aqui na escola eu já percebi que quando o aluno tem um irmão bem mais velho, ele procura se espelhar muito no irmão. Então tudo que o mais velho disser ele acaba aceitando. Um deles chegava para a aula sempre com o cabelo e o uniforme fedendo a cigarro. Aquilo me incomodava muito. Conversei com a diretora e pedi para chamar os pais na escola. Mas não mudou muita coisa, pois os pais pareciam serem coniventes com a situação.

LU- Tive um aluno que o irmão era do movimento do tráfico de drogas, antes de levar o irmão para a escola ele passava na boca de fumo. Isso dito pelo aluno em sala. Falei com a diretora da escola e morria de medo.

Pressuposto

MA- Os pais são os primeiros a dar mau exemplo dentro de casa, usam drogas na frente dos filhos.

LU- Diz que o uso de drogas está dentro de uma normalidade dentro de muitas famílias.

CR- Conta que teve um caso aqui na escola que o pai vinha trazer o filho fumando um cigarro de maconha pela rua normalmente. Dizia que o menino já estava acostumado com isso.

LU- Explica que os alunos estão crescendo tendo como referência o que acontece dentro de casa. Ele aprende que álcool e tabaco é uma coisa normal. Quando chega na escola e recebe uma outra orientação, Ele fica sem saber o que fazer. Teve um aluno que o irmão era do movimento do tráfico de drogas, antes de levar o irmão para a escola ele passava na boca de fumo. Chegou a falar com a diretora da escola e morria de medo.

Subentendido

MA- Informa que o exemplo deveria partir dos pais em casa. Alguns pais usam drogas na frente dos filhos.

LU- Alerta que hoje em dia é normal os pais usarem álcool e drogas na frente dos filhos.

CR- Disse que teve um caso na escola que o pai saía de casa a pé com o filho fumando um cigarro de maconha como se nada tivesse acontecido pela rua. Inclusive que o menino já estava acostumado com tal fato.

LU- Chama a atenção dizendo que a referência do filho costuma ser os pais dentro de casa. Se for lá que ele aprende que usar tabaco e álcool é uma coisa normal fica sem saber o que fazer, porque quando chega na escola recebe outra informação. Acaba ficando perdido.

Relata que um determinado aluno que vinha na companhia do irmão para a escola que era traficante de drogas, antes sempre passava na boca de fumo para ver o movimento. Chegou a conversar com a direção da escola sobre o assunto, mas morria de medo de acontecer alguma coisa.

SEGUNDA ENTREVISTA COMO DIMINUIR O CONSUMO DE DROGAS

DIÁLOGO 9

M - O que seria necessário fazer para diminuir o consumo de drogas entre os alunos?

CR- Oferecer aos alunos informação de qualidade com profissionais da área de saúde poderiam ajudar.

MA- Convidar ex usuários para dar depoimentos aos alunos na escola, acredito ser muito importante para um aprendizado.

LU- Políticas públicas eficientes. Envolver também toda a comunidade nesse processo.

CR- O único problema aí seria os familiares usuários de drogas. Será que eles viriam compartilhar? O que não falta aqui na escola é familiar que já estivera preso seja por furto ou tráfico de drogas, pelo menos é o que escutamos muitas vezes de seguranças e do próprio aluno.

MA- O que ocorre também é que se começa um trabalho e daqui a pouco está tudo esquecido. Assim fica realmente difícil. Duas vezes por ano no mínimo esses trabalhos deveriam acontecer, convidando todo mundo.

LU- O que muita gente não entende é que o traficante só existe porque tem alguém pra comprar a droga. Eu acho que seria importante fazer um trabalho de conscientização principalmente com aqueles usuários que mais precisam. O usuário deveria ser obrigado a fazer um tratamento numa clínica, se não, da próxima vez que fosse preso deveria passar mais tempo na cadeia. Tem que haver um rigor maior nas leis, se não, não vai funcionar.

Pressuposto

CR- Disse que oferecer informações de qualidade através de profissionais da área de saúde ajudaria a diminuir o consumo de drogas.

MA- Convidar dependentes em recuperação para dar depoimentos na escola, acredita que poderá ajudar os alunos a refletirem sobre o uso de drogas.

LU- Enfatiza que deveria haver políticas públicas de qualidade e a participação de toda a comunidade.

CR- Diz que no processo de envolvimento de toda a comunidade o problema maior seria os familiares usuários de drogas. Será que eles viriam? Revela que alguns familiares da escola já estiveram presos seja por furto ou tráfico de drogas. Revelado por seguranças e pelo próprio aluno.

MA- Conta que começa um trabalho e daqui a pouco ninguém se lembra mais.

LU- Falou que muita gente não entende é que o traficante só existe porque tem alguém para consumir droga. Para a professora o usuário deveria ser obrigado a fazer um tratamento numa clínica, se recusasse da próxima vez que fosse pego deveria passar mais tempo na cadeia. É necessário haver um rigor maior nas leis, se não, não vai funcionar.

Subentendido

CR- Disse que fornecer informações de qualidade por meio de profissionais da área de saúde poderia causar um impacto no sujeito, levando-o a uma análise.

MA- Acredita que se houver um planejamento no sentido de estar convidando dependentes em recuperação para ministrarem palestras e depoimentos na escola, causaria uma reflexão nos alunos sobre o uso e abuso de drogas.

**LU-** Afirma que a adoção de políticas públicas bem planejadas e a participação de toda a comunidade seria um aliado no processo de drogadicção dos alunos.

**CR-** Diz que no processo de envolvimento da comunidade o grande problema seria os familiares comprometidos com drogas. Questionou se eles viriam? Diz que familiares da escola já estiveram presos por vários motivos, dentre eles o tráfico de drogas. Ressalta que foi informada pelos seguranças e pelos próprios alunos.

**MA-** Conta que ninguém mais leva a sério projetos na área de uso e abuso de drogas, pois não costumam durar muito.

**LU-** Disse que muita gente não entende é que enquanto existir usuários de drogas vai existir a figura do traficante.

Informa ainda que o usuário de drogas deveria ser obrigado a realizar um tratamento numa clínica especializada, caso fosse pego com drogas ficaria mais tempo preso. Acredita que havendo um rigor maior em nossas leis, provavelmente os usuários pensariam um pouco mais na hora de usar drogas.

## APÊNDICE 3. ARGUMENTOS E ACORDOS

### CATEGORIA 1 – CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS - J

#### Diálogo 1

C- O que você pensa sobre as drogas?

J- Na realidade eu vivenciei isso na minha casa, então eu posso dizer com certa propriedade. É uma destruidora de famílias e quando você tem uma pessoa que tem uma dependência não só física, mas também uma dependência psicológica. Interrupção.

C - Você quer dizer que teve um problema na família com drogas ilícitas?

J- Álcool e outras drogas. Eu fui às reuniões no AA e no NA e foi um grande aprendizado, porque eu tive duas pessoas na família com problemas e que para sair foi bem complicado. A própria família vivenciava tudo. De um certo lado foi positivo, o que não era bom eu não quis pra mim. Eu era jovem, tinha entre 14 e 16 anos. Meu irmão e minha irmã se envolveram com drogas. Acompanhei tudo, vi meus pais envelhecerem cada vez mais.

C- Você quase colocou como uma causa, os problemas familiares para o uso de drogas?

J- Também e problemas com a própria pessoa.

C- Então a outra causa ou característica seria a própria pessoa?

J- No meu caso, a minha experiência e meus pais com uma certa idade, não tínhamos diálogo. Era muito difícil, buscava em outras fontes informações.

C- Você poderia ter usado também, mas não usou?

J- Sim, fiz terapia durante alguns anos. Acho que isso me ajudou, junto com o lado religioso. Muitas vezes em casa, aquilo que se aprendia dentro da igreja, não se configurava dentro de casa.

M- Então a questão genética e ambiental pode ter grande influência?

J- Sim. Escutei do meu irmão que é coordenador de grupo de AA falar muito sobre a questão genética e ambiental em suas palestras.

(Ficou confusa ao explicar genética. C tentou explicar e foi interrompida por J.)

J- Não se sabe se o uso de drogas tem a ver com a genética. Isso é muito discutido.

C- A genética esta presente em quase todas as atividades e expressões humanas, só que ela é uma predisposição e não uma determinação. Mas a relação do sujeito com o ambiente é que vai deflagrar essas possibilidades. Os dois contribuem muito, mas não determinando.

J- (Não quis continuar no assunto) Voltando ao lado da escola, eu tive um caso aqui.

C - (interrompeu) Eu queria pedir para você traçar um perfil do sujeito que é dependente de drogas.

M - (Interrompe) Dependente não, usuário de drogas.

J - Características?

M - Maneiras de agir, de se comportar. Identificar um usuário de drogas.

J - Pelo que observei pessoas muito carentes, carência afetiva. Percebi dentro de casa. Aqui dentro da escola, pais totalmente sem tempo, patamar de vida altíssimo. Inclusive tinha uma mãe dona de lojas que tudo o que o filho pedia ela dava. O filho insistia em usar drogas, mas eu resolvi chamar os pais. (pausa) Eu ainda não tinha o trabalho da psicopedagogia, e conclusão, o pai nem olhava para o filho. Mas eles acharam melhor tirar da escola colocar num local onde ele era menos conhecido. Carência é a base, alta estima muito baixa, porque não acreditam no seu potencial ou talvez porque não ouçam os outros.

M- Quais são as drogas mais consumidas pelos jovens hoje?

J- Maconha, bebida alcoólica e cocaína, principalmente, os casos que ocorreram no colégio. Indagação de C

C- Mas de uma forma geral na sociedade?

J- Maconha. Inclusive, tivemos alunos que participaram de passeata a favor do uso da maconha.

#### ARGUMENTO DE J - FUNDA O REAL COM EXEMPLOS

TESE: A droga é uma destruidora de família..

A família não dá atenção e nem limites (fato).

O jovem fica carente e com baixa autoestima pela falta de atenção da família (presunção).

Problemas familiares e pessoais poderão levar o sujeito a usar drogas (presunção).

Vi meus pais envelhecerem cada vez mais (fato).

#### CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS - MA

#### DIÁLOGO 2

M- Inicialmente, gostaria de perguntar: Qual é a sua opinião sobre as drogas?

MA- Silêncio... 3 a 5 segundos... Isso pra mim é difícil e por um lado é muito complicado. A minha filha, gaguejou.... passou em terceiro lugar para o fundão para fazer biofísica e o primeiro contato com drogas dela foi lá dentro e eu só fui descobrir depois de nove ou dez meses, quando ela me pediu ajuda. É uma coisa muito complicada entre os adolescentes.

No entanto, ela teve contato dentro da universidade no laboratório onde eles tinham acesso fácil a um tipo de substância que só existiam dentro do laboratório e isso aí foi um lado péssimo para minha filha e ela tomou horror a universidade e não quis continuar o estudo. Tive que trancar a matrícula dela. Internei minha filha porque ela pediu para ser internada.

M- Você lembra qual era a substância?

MA- Não. Eles (alunos) faziam muitos trabalhos com micro-organismos com animais.

M- Interrompeu...Então não era as mais conhecidas pela sociedade?

MA- Não, não era, maconha, cocaína..Depois de um tempo sim...Passou a usar cocaína, maconha. Tudo dentro desse laboratório que era num subsolo. Eles não tinham fiscalização de ninguém e lá eles usavam entre eles. E pelo que eu conheci na época, a questão da droga era comum. Depois da internação ela chegou a fazer tratamento com um terapeuta durante um bom tempo. Começou três vezes por semana aos poucos diminuindo até ser liberada do tratamento.

M- Você seria capaz de dizer qual é o perfil de um usuário de drogas hoje?

**MA- Ah Ah Ah....Bufou....Acho que teria um pouco de dificuldade. É para ocupar algum lugar vazio na pessoa ou devido a muita ansiedade. Para cada um depende de um tipo de droga. Porque tem uma que te dá agitação muito grande, tem outras que é mais calma. Por exemplo: o cigarro de maconha, a pessoa usa e fica tranqüilo.**

**M- Então a maconha pode ou não viciar. É isso?**

**MA- Vicia. Pode dar um grau de dependência, mas é diferente. A bebida alcoólica, dá um estímulo diferente do que é a maconha. A cocaína dá para identificar. A minha filha na época ..pausa.. respirou forte..ficava num estado de excitação muito grande, era insegura e o que eu percebi foi isso, ela chorava demais e não sossegava em lugar algum.**

**(...)**

**M- Quais são os tipos de drogas mais utilizados pelos jovens?**

**MA- Êxtase e o álcool, muito usado em grandes festas.**

**M- (Colocação). Usado com a bebida para potencializar os efeitos.**

**MA- O crack também está sendo muito usado pelos jovens, a maconha, cocaína.**

ARGUMENTOS DE MA - FUNDADO NO REAL COM RELAÇÃO DE SUCESSÃO

TESE: O USO DE DROGAS PELOS ADOLESCENTES NO LABORATÓRIO DA UNIVERSIDADE.

**A insegurança leva o sujeito a consumir droga (presunção)**

**O sujeito usa drogas devido a muita ansiedade (presunção)**

**Tranquei a matrícula da faculdade da minha filha porque ela pediu para ser internada (Fato).**

**O cigarro de maconha a pessoa usa e fica tranqüila (valor).**

CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS - LU

DIÁLOGO 3

**M- Em sua opinião existem drogas que fazem bem ao individuo ou as drogas quando utilizadas sempre fazem mal? Nos EUA o principio ativo da maconha é utilizado no combate a alguns tipos de câncer, você sabia disso?**

**LU- A maconha pode ser utilizada para fazer o bem, mas eu não conheço essas pesquisas e eu nem sou médica. Mas o que eu posso dizer é o seguinte, os índios já usavam ha séculos atrás para a cura de doenças. Se a pessoa usa durante muito tempo é complicado. Existiam drogas que eram utilizadas para acalmar as pessoas quando elas ficavam doentes. Uma coisa é você utilizar para se equilibrar a outra é uma criança usar sem controle. Quem pode dizer isso melhor é o médico, porque ele vai dosar. Mas aqueles que sentam num barzinho e vão usar, não vão saber a hora de parar, fica difícil. O adolescente já não tem limites.**

ARGUMENTOS DE LU - FUNDADO NO REAL COM EXEMPLOS

TESE: A DROGA ACALMA O SUJEITO.

**Drogas deverão ser administradas por médicos (presunção)**

**Os índios já usavam ha séculos atrás para a cura de doenças (valor)**

**A maconha poderá ser administrada no tratamento de uma doença (verdade)**

**É prejudicial para os jovens porque eles não tem limites (presunção)**

CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS - GL

DIÁLOGO 4

**M- O que são as drogas para você?**

**GL- É um mal da sociedade atual, principalmente, as drogas lícitas que são vendidas em qualquer lugar e as pessoas não dão muita importância a isso. Os governos poderiam dar uma importância maior. Você vê que é considerado normal numa festa às pessoas ficarem bêbadas e não... na verdade, isso não é normal. Já as drogas ilícitas que são as drogas que não são vendidas em qualquer lugar, as pessoas tem um olhar mais diferenciado. Mas para o adolescente é uma coisa normal hoje em dia.**

**M- Para você o uso de drogas é sempre negativo?**

**GL- Não. Pode ser usado para o uso medicinal, como por exemplo: a utilização da maconha. Eu não tenho conhecimento aprofundado sobre isso. Eu nunca usei, mas tive problemas na família com o alcoolismo. Meu pai bebia muito. Então, eu não bebo, não fumo e nunca utilizei qualquer tipo de droga.**

**M- Você acha que o problema do seu pai foi determinante para que você nunca tivesse experimentado nada?**

**GL- Com certeza. Meu irmão também. Agora é que às vezes ele pega uma cerveja ou outra. Eu vi meu pai definhando. Eu não gosto de ficar muito tempo ao lado de pessoas bêbadas. Meu pai morreu com 48 anos, pessoa bem sucedida com bom emprego e não conseguiu sair da cerveja e da cachaça, ficou internado várias vezes e não conseguiu. Ele não teve forças para parar de beber.**

ARGUMENTOS DE GL - FUNDADO NO REAL COM RELAÇÃO DE SUCESSÃO

TESE: AS DROGAS SÃO CONSIDERADAS UM MAL DA SOCIEDADE ATUAL

**É vendida em qualquer lugar e as pessoas não se importam (presunção)**

**Ficar bêbado não é normal (valor negativo)**

**Eu não gosto de ficar muito tempo ao lado de pessoas bêbadas (valor negativo)**

**Para o adolescente usar drogas é normal (presunção)**

CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS - JU

DIÁLOGO 5

**M- Qual é a sua impressão em relação às drogas?**

**JU- No meu ponto de vista, as drogas visam preencher um vazio ou suprir uma carência, enfim, eu tenho alunos envolvidos com drogas e quando eu converso com os mesmos, percebo que eles buscam as drogas visando suprir um vazio de algo**

que tenha faltado em suas vidas. Também vejo como consequência de um tempo pessimista, em que as esperanças, o amor, e outros sentimentos esfriaram, vejo como uma fuga.

M- Você enxerga isso das duas formas? Tanto do que é lícito, como o que é ilícito?

JU- E, o que é lícito eu percebo que começa mais como uma espécie de modismo ou inserção social, e assim acaba se transformando numa dependência. Alguns tendem a usar socialmente, enquanto outros constantemente. A meu ver, a droga lícita é para inserção social.

M- Existem algumas drogas como você citou, a questão como da maconha, por exemplo, o THC que é o princípio ativo da maconha, ele ajuda no tratamento de câncer, que está sendo usado principalmente em dois estados americanos, e vem dando bons resultados, o que você pensa em relação a isso? Você enxerga as drogas somente como ponta de vista negativo, ou você acha que tem alguma possibilidade dela ser benéfica?

JU- Se a gente for avaliar de maneira genérica, os remédios que consumimos são drogas, e assim como nos beneficiam, trazem prejuízos. Se eu tomo antibiótico constantemente, meu estômago vai sentir os efeitos daquele antibiótico, por exemplo. Se elementos, substâncias da maconha são benéficas para o câncer, havendo um monitoramento, um controle, um acompanhamento, tendo melhoras no quadro do câncer, acho válido.

M- No colégio ouvimos falar que sempre tem alunos com histórico com o uso de bebidas. O que você acha disso?

JU- A bebida tem muito, principalmente no 9º ano do Ensino Fundamental, a gente vê que nas festas que eles extrapolam, excedem muito na questão da bebida, e do cigarro também, mais na bebida, onde vejo que funciona como status, forma para atingir popularidade, ou denotar uma forma de crescimento, para se sentirem mais adultos, não mais velhos, associam na bebida algo mais popular, aquele que é mais desenvolvido.. Aham que ao consumirem bebida alcoólica, vão se tornar populares e mais a frente daqueles que não consomem. Além de popularidade, eu vejo como espécie de promoção. Já no Ensino Médio, com relação às drogas que é consumida percebo como uma válvula de escape.

#### CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS - JU

##### ARGUMENTO 1 - QUASE-LÓGICO COM COMPARAÇÃO

###### TESE 1: A DROGA SÓ É VÁLIDA COM O CONTROLE MÉDICO

O sujeito consome droga para ocupar um vazio dentro dele ou para fugir da realidade (presunção).

O que é lícito eu percebo que começa mais como uma espécie de modismo ou inserção social (fato).

Os remédios que consumimos são drogas, e assim como nos beneficiam, trazem prejuízos (presunção).

Se a maconha é benéfica para o câncer, havendo um monitoramento, um controle, um acompanhamento, acho válido. (hierarquia de valor).

##### ARGUMENTO 2 - FUNDADO NO REAL COM RELAÇÃO DE SUCESSÃO

###### TESE 2: AS DROGAS VISAM PREENCHER UM VAZIO OU SUPRIR UMA CARÊNCIA

O uso é consequência de um tempo pessimista, em que as esperanças, o amor, e outros sentimentos esfriaram (valor)

O jovem usa como fuga. (presunção)

O álcool é usado para inserção social e assim acaba se transformando numa dependência (presunção)

No Fundamental o uso dá status, querem popularidade entre os amigos (presunção).

Consumem drogas para demonstrar amadurecimento (presunção).

Já no Ensino Médio como uma válvula de escape (presunção).

#### CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS - MG

##### DIÁLOGO 6

M-O que representa as drogas pra você?

MG- Pra começar eu nunca usei qualquer tipo de droga e condeno quem usa. Não importa se lícito ou não lícito, podendo ser qualquer uma maconha, crack, cigarro, álcool, não importa. Não admito e nunca gostei.

M- Essa relação que você tem com as drogas é em função de ter passado por alguma situação que causou tanto pavor? Parente, vizinho, algum conhecido?

MG- A minha experiência com bebidas é que eu comecei a sair com amigos e até então eu nunca tinha colocado qualquer bebida na boca. Tem um episódio que eu lembro, após sair com dois colegas na matine, na saída eu vi um colega passando muito mal de tanto beber e eu olhei a condição dele e olhei a minha. Eu estava com uma menina e ele sozinho sem ninguém. Essa foi a escolha que eu fiz pra mim. Daquele dia eu prometi nunca mais colocar um gole que seja na boca, não é a minha.

M- Pela experiência as drogas podem ser utilizadas sempre para o mal ou às vezes podem também ser usadas para o bem?

MG- Assim o único benefício de drogas que eu vejo pela minha experiência é o anabolizante ele pode ser usado para um bem que é para o aumento da massa muscular, bem administrado poderia ser usado satisfatoriamente para os outros problemas das pessoas no dia a dia. Mas tem o outro lado que se mal administrado pode até matar uma pessoa.

M- Você não falou sobre a medicação para curar doenças, esses medicamentos que é vendido nas drogarias?

MG- Dependendo do seu objetivo tudo bem. Desde que receitada pelo médico tudo bem.

MG - Tive um exemplo de uma aluna do futsal que era uma promessa no esporte e acabou se perdendo nas drogas, foi horrível, uma experiência que eu tive frustrante. Ela ficou grande parte de seu desenvolvimento só, na rua, pais separados, a mãe precisava trabalhar para sustentar a casa. Ela já estava acostumada a ficar sozinha e segundo ela essa mesma solidão que a levou as drogas.

##### ARGUMENTO 1 - FUNDA O REAL COM EXEMPLO

###### TESE - A solidão leva as drogas.

Nunca usei qualquer tipo de droga, condeno quem usa (valor).

O único benefício de uso de drogas que eu conheço é o anabolizante (fato).

Tive uma experiência frustrante com uma aluna do futsal que usava drogas (fato).

**ARGUMENTO 2 - A DROGA PODE SER BENÉFICA - FUNDADO NO REAL COM RELAÇÃO DE SUCESSÃO**

**A droga só é positiva para a saúde quando é controlada pelo médico** (hierarquia de valor)

**O único uso positivo de drogas é o de anabolizante para desenvolver a musculatura do indivíduo** (presunção)

**Mas tem o outro lado que se mal administrado pode até matar uma pessoa** (valor negativo)

**CATEGORIA 2 - O PAPEL DA FAMÍLIA - J**

**DIÁLOGO 7**

**C- Você acha que a família sente apoio na escola na questão das drogas?**

**J- Algumas famílias sim.**

**C- Você não acha que existem poucas expectativas de vida para o jovem hoje, já que os pais trabalham fora e ele muitas vezes não tem com quem ficar e aí os jovens perdem a esperança e podem se voltar para as drogas?**

**J- O profissional da educação poderá ser essa figura. Um gesto, uma palavra. O amor foi substituído por coisas. Hoje a criança é mais do ter do que o ser.**

**C- Então a escola poderá substituir o papel da família?**

**J- Não. Ninguém substitui ninguém. Mas, os pais serão os responsáveis e pronto. A escola precisará cumprir da forma mais simples o seu papel.**

**C- Então as famílias não estão cumprindo o papel de educar?**

**J- Não estão. Diria que uma grande parte não está cumprindo o seu papel de educar.**

**C- Mas a família participa do PPP?**

**J- Deveria.**

**ARGUMENTOS DE J SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA - FUNDA O REAL COM MODELO**

**TESE: A FAMÍLIA NÃO ESTÁ CUMPRINDO COM O SEU PAPEL DE EDUCAR**

**O profissional da educação poderia substituir a família, quando o assunto são as expectativas de vida do jovem** (valor)

**A escola não pode substituir a família** (valor).

**O amor foi substituído por coisas.** (hierarquia de valor)

**Hoje a criança é mais do ter do que o ser** (lugar do preferível).

**PAPEL DA FAMÍLIA - LU**

**DIÁLOGO 8**

**M- A família hoje empurra para a escola as questões da educação?**

**LU- Sim. A família quer que você eduque que você faça o papel dela. Mas quando você toma uma atitude para educar, que não está dentro de um padrão da família, eles reclamam. Então o professor não sabe mais o que fazer. A escola não é só para ensinar o conteúdo é um processo de transmissão para a sociedade. É aqui que ele aprende a lidar com os amigos, é aqui que ele aprende a respeitar os amigos, o que ele pode e o que não pode fazer, regras, valores para viver em sociedade. Só que se não tiver ajuda de casa, fica difícil. Ele aprende aqui, mas desaprende em casa. A luta do professor é constante.**

**M- (Indagação) O professor se vê obrigado a se envolver em todo esse processo. Acaba sendo mãe, pai, avó, irmão. Agora, esse usuário que você citou você sabia que tipo de drogas que ele fazia uso?**

**LU- Ele não usava um tipo de droga não, tinha dias que ele vinha com a maconha e outros com a cocaína. Tem dias que ele estava menos agitado e dias mais agitado. Quando usava o pó, ele ficava dando voltas sem parar na sala. A família nem queria saber dele. Acabou sumindo.**

**ARGUMENTOS DE LU SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA - FUNDA O REAL COM EXEMPLOS E MODELO**

**TESE: A FAMÍLIA NÃO AJUDA NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS**

**A luta do professor é constante** (valor)

**A família quer que você eduque, que você faça o papel dela.** (presunção)

**A escola não pode educar sozinha** (presunção)

**A escola além de ensinar o conteúdo, transmite valores que servirão para toda a vida do aluno e para sociedade** (valor)..

**A professora conviveu com um aluno usuário de drogas dentro de sala que um dia chegava sob efeito da maconha e no outro cocaína** (fato).

**A família nem queria saber do aluno que era usuário de drogas** (fato).

**Quando o colégio toma medidas sócio-educativas em relação ao aluno, a família reclama** (fato).

**Muitas vezes o aluno aprende na escola e desaprende em casa** (hierarquia de valor).

**PAPEL DA FAMÍLIA - GL**

**Diálogo 9**

**M- O que a família pode fazer para ajudar no processo de prevenção as drogas?**

**GL- Esse é o mau do século. A família tem aquela preocupação de não falar, porque pode achar que poderá desencadear no adolescente a vontade de querer saber mais. Isso é uma bobagem. É que nem a questão do sexo. É conversar abertamente com o aluno sobre todos esses tabus é importante. No fundo vão acabar aprendendo com os amigos na rua e devem achar que é bom, porque se ninguém falou nada comigo, deve ser bom. Logo a droga pode ser maneira, mas se for uma conversa aberta aí poderá ser diferente, tipo uma conversa de Domingo.**

**M- Você acha que as famílias vêm delegando responsabilidades demais à escola? Coisas que deveriam ser feitas por ela e ela repassa para a escola? Seria por que a família se modificou ao longo de décadas, tendo em vista a necessidade da mulher compor a renda familiar ou mesmo porque as mulheres chegaram ao mercado de trabalho?**

**GL- Olha, na teoria a escola não deveria ensinar como o indivíduo deveria falar, se comportar, ter certas atitudes e sim conteúdo, visão de mundo, essas coisas. As coisas foram se modificando tanto que acabou sendo responsável por tudo. Mas não é justificável o fato dos pais não terem tempo. Claro que todo mundo precisa trabalhar muito, viver essa vida**

louca que a gente vive. Mas ter momentos de conversar, jantar, almoçar. Não vejo porque não se ter uma conversa como por exemplo: o que você fez hoje?

M- Muitos pais alegam que chegam do trabalho e estão cansados. E aí ?

GL- Vou citar o meu exemplo novamente. Com o alcoolismo minha mãe se separou do meu pai, eu tinha 1 ano de idade. Meu pai ia esporadicamente ver meu irmão e eu, mas não deixava ele sair com a gente com medo que acontecesse alguma coisa. Minha mãe sempre conversou pouco com a gente, mas os valores sobre as coisas eram grandes. Ela nunca trancou a gente em casa. Mas sempre mostrou o que é certo e o que é errado. Sempre cobrando muito. Ela me criou e meu irmão com muita dificuldade e, no entanto, estudamos e nos formamos. Acho que tudo isso vai da pessoa e da família. Temos exemplos na escola de alunos filhos de doutores, advogados e empresários que não querem nada. A questão não é de ter conhecimento, a questão é de ter valores, culturais. Acho que a gente sempre precisa ter um tempo a quem a gente ama.

ARGUMENTOS DE GL SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA - FUNDA O REAL COM MODELO E EXEMPLO

TESE: A ESCOLA PASSOU A SER RESPONSÁVEL PELO ALUNO.

A família não mostra mais ao filho o que é certo e errado (valor)

O que não justifica são os pais não terem tempo para os filhos (valor).

As pessoas precisam dispor de um tempo mínimo que seja para estar ao lado de quem ama (valor).

A questão não é de ter conhecimento, a questão é de ter valores culturais. (hierarquia de valores)

A família evita falar sobre drogas para não aquçar a curiosidade dos filhos (valor negativo)

Minha mãe quase não conversava com a gente em casa, mas os valores sobre as coisas eram passados (valor).

PAPEL DA FAMÍLIA - JU

Diálogo 10

M- Você percebe que com o passar dos tempos a família vem transferindo para a escola a tarefa de educar os filhos?

JU- Sim. Inclusive eu escutei o seguinte: eu não sei o que fazer com ele, eu estou desistindo. Ai, eu fico pensando, como eu posso desistir dele se a própria mãe está largando.

M- Entendo ser muito complicada essa situação, mas o que fazer?

M- Educação é o papel da família, a escola cabe dar continuidade o processo dessa educação Hoje o que está acontecendo são um afastamento e um afetamento dos sentimentos. Pessoas mal se relacionam mal se abraçam mal se beijam, os valores estão invertidos.

JU- É engraçado que eu vejo nos alunos e me assusta é a falta de comunicação. Vou explicar melhor, uma coisa que eu não gostei eu parto para a agressão, os alunos estão intolerantes. Provavelmente esta falta de afeto e proximidade, seja o responsável.

ARGUMENTOS DE JU SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA - FUNDADO NO REAL COM EXEMPLOS

TESE: A FAMÍLIA PERDEU O CONTROLE NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS.

A falta de afeto e a proximidade dos pais é o responsável pela agressividade de hoje (presunção)

Uma mãe falou que não sabe mais o que fazer (fato)

Como poderá desistir do aluno se a própria mãe está largando (valor).

PAPEL DA FAMÍLIA- MG

Diálogo 11

M- Palestras e orientações de profissionais de saúde ou ex-usuários para alunos e familiares ou mesmo aberto a comunidade, poderia ser interessante?

MG- Eu tenho consciência de que não se consegue chegar ao aluno sem uma base sólida da família em casa. A estrutura familiar é fundamental no processo de desenvolvimento do indivíduo. Não consigo enxergar a família distante do seu filho, bem como, da escola. É como se um completasse o outro. É uma parceria.

ARGUMENTOS DE MG SOBRE O PAPEL DA FAMÍLIA - FUNDADO NO REAL COM RELAÇÃO DE SUCESSÃO

TESE: A ESTRUTURA FAMILIAR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO.

Tenho consciência de que não se consegue chegar ao aluno sem uma base sólida da família. (presunção).

Difícil de enxergar a família distante do seu filho, bem como, da escola (valor).

É como se uma completasse a outra. É uma parceria (valor).

CATEGORIA 3 – AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - J

Diálogo 12

M - (Interrompeu) Você na escola já se deparou com usuários e chegou a tomar que tipo de providências?

J - Chamamos a família e foi muito difícil. O grupo todo foi chamado e o engraçado que o pai olhava para o próprio filho e dizia: É claro que ele está andando com fulano. Meu filho nunca fez isso.

M - Interrompeu. Chegou a ter algum caso de venda de drogas no colégio?

J - Certa vez, houve uma possibilidade de um aluno estar vendendo drogas para os colegas. Foi pressionado, teve a mochila revistada e ele dizia que não tinha nada. C interrompeu?

C - Dentro da escola?

J - Não. Dentro do ônibus. Um segurança da escola que é policial pediu a um outro colega para fazer a abordagem. Nada foi encontrado. C interrompeu.

C - Pediu um favor?

J - Sim. Ele estava naquele momento na escola e não de plantão, foi feito um favor. A atitude foi para dar um susto. Após a abertura da bolsa realmente ele não tinha nada.

C - O percentual de usuários aumentou significativamente desde quando você entrou aqui?

J - Existe um número maior de casos de usuários de drogas, mas fora da escola. Nas festas.

C - Alguém caso de professor usuário de drogas?

J - Sim, tive um caso de um professor de artes que soubemos e demitimos o professor. Teve um dia que ele veio e até mesmo uma reunião pedagógica todo alterado.

C - (interrompeu) Esse foi o único caso?

J - Sim. Até agora sim.

M - Alguém caso de alunos que já foram convidados a se retirarem da escola pelo uso de drogas?

J - A mãe tirou antes, mas ele seria convidado a se retirar. O próprio rapaz disse que não deixaria de usar. Inicialmente tentou-se negociar um tratamento, mas não deu certo.

C - O aluno será convidado a se retirar da escola se for pego com drogas ou a escola dá uma oportunidade. Como funciona isso?

J - Trabalhar com essa criança, chamar os responsáveis, procurar intervir no sentido de ajudá-la.

C - Mas não é uma diretoria da escola fazer isso? Você é que faria?

J - Segundo o PPP ele poderá ser convidado a se retirar da escola. Eu como educadora preciso acreditar na transformação das pessoas. Eu vi a transformação do meu irmão. Acredito que é possível.

C - Hoje quando ocorre alguma suspeita de usuário de drogas, como você faz? Você é quem decide o que vai ser feito?

J - Não tínhamos um psicopedagogo ativo. Agora eu divido com ele e traçamos juntos estratégias de acordo com cada caso. Mas se o professor observa, ele passa o caso para nós.

C - Mas sempre no âmbito da direção e psicopedagogia?

J - Sim. Vamos procurar orientá-los sempre, alunos e professores, mas as medidas serão realizadas a partir do psicopedagogo e da direção acadêmica. O professor não costuma participar tanto.

Indagação C - Mas por quê? Por vontade sua ou dele?

J - Vontade dele. O professor não quer se envolver tanto. O professor observa o aluno, capta toda a informação a respeito de seus alunos e depois repassa para mim ou ao psicopedagogo.

C - O que você acha que a escola poderia fazer para ajudar as pessoas usuárias de drogas?

J - A postura às vezes de um professor mais acolhedor, o pacto, a orientação, pessoas jovens que passaram por isso dando seus depoimentos é uma coisa mais viva.

C - Espera-se que a escola faça isso realmente.

J - A escola deve lapidar a educação. Só que está chegando a um ponto que não tem mais o que lapidar, você tem que inserir. O aluno chega extremamente egoísta, sem limites. Um percentual.

C - Existe uma inversão de valores muito grande. A própria escola está procurando rever sua própria função.

J - Quando existe uma falha, não é só da escola é de todos. Temos que reavaliar todos os procedimentos até aqui. O profissional da educação tem isso implícito, a vontade de educar.

M - E quanto ao PPP?

J - Projeto político pedagógico do colégio foi atualizado em 2007. Então a gente precisa reformular. Na questão das drogas, se o aluno for pego com drogas, deveria ser expulso? As famílias não aceitam que seu filho seja considerado a laranja podre da escola.

J - Quantas coisas a gente quer fazer em parceria? quantas pessoas querem participar? Chamam um profissional e pergunte a ele: o que você acha que poderíamos melhorar na instituição?

C - Você fez isso?

J - Fiz isso no ano retrasado. Sentei como cada profissional de três em três e ninguém chegou a sugerir nada.

C - Todos os professores conhecem o PPP?

J - Os antigos conhecem. Ele está à disposição para quem quiser ler. Se bobear o professor mal lê o e-mail que você manda. Já perguntei a professores: você quer trazer alguns projetos para implementarmos? Ninguém trouxe nada.

Discussão C e J falando ao mesmo tempo.

J - O que eu percebo é que os mais antigos que tem um amor ainda maior pela escola ele vai dizer: o que poderia melhorar na escola? Em primeiro lugar, melhoria salarial. Depois ele diz: uma aula assim, uma aula assado.

C - Mas você acha errado ele dizer isso?

J - Não. Eu também como profissional gostaria de ganhar mais.

C - Sabe que eu vejo aí, eu vou de encontro a sua ideia. Em minha opinião o professor é um sujeito que está muito sobrecarregado e nele está depositado toda a carga do resultado da escola e além do mais ele tem um dos menores salários do mercado e de uma certa forma ele não é valorizado como profissional de uma maneira geral. É óbvio que cada um é cada um. Um professor geralmente trabalha em três turnos um só não dá pra ele sobreviver, então de uma maneira geral ele não tem tempo de refletir sobre a sua prática.

J - Pode até ser.

C - Qual é o espaço que se dá na escola para que o professor possa refletir sobre diversos assuntos, inclusive sala de aula?

Silêncio. Demorou um pouco para responder.

J - Nós temos reuniões. Não são periódicas, mas nós temos. Até pela questão do tempo dele. Mas você diz professor vamos marcar uma reunião, mesmo aos sábados. O professor diz: eu não largo a minha família para vir a escola nos finais de semana. Eu acho que ele tem um lado correto ali.

C - Mas isso não poderia ser feito no horário de trabalho? Horário que ele estaria sendo pago. Não estou querendo te derrubar, não se sinta pressionada.

J - Não estou. Acho que existe uma falha aí do colégio. Deveriam ser dadas condições de criarmos mais reuniões.

C - A motivação do professor vem com a reflexão. Agora se eu estou trabalhando, trabalhando e ainda tem mais alguma coisa pra eu fazer, fica difícil.

J - Eu consigo muito mais com os professores das séries menores (maternal e fundamental I), fundamental II alguns professores. Já no ensino médio quase ninguém.

C - Interessante, porque se trata dos menores salários.

J - É verdade. Quanto maiores são os alunos, menores a falta de comprometimento. Quando vejo que um professor está querendo contribuir com alguma ideia, procuro escutar tudo que ele tem pra dizer. Não quero centralizar, pelo contrário, descentralizar. É muito trabalho. Tem as coordenações, a psicopedagogia, enfim, sempre digo pra eles: vai lá faz você.

C - Como você vê as gestões (Os administradores) que passaram por aqui até hoje?

J - Deixaram o trabalho pedagógico fluir. Não tenho nenhum problema. Separavam bem as questões administrativas da pedagógica.

C- Em termos de cobranças de resultados?

J- Não, as questões pedagógicas eu quase não era indagada. Confiavam no meu trabalho. Eles não se envolviam muito no pedagógico. Voltavam-se mais para o administrativo.

C- Algum problema de drogas chegou a ser levado para a administração geral no tempo que você esteve a frente da direção do colégio?

J- Não. Não chegaram, a saber, porque não queriam se envolver. Achavam que eu poderia resolver da melhor maneira possível.

C- Você se sentia oprimida para resolver este tipo de questões?

J- Não. Sempre me disseram que acreditavam no meu trabalho. Resolve ai. (expressão utilizada pela administração central).

ARGUMENTOS DE J SOBRE AS AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - FUNDADO NO REAL COM EXEMPLOS.

TESE: A REFORMULAÇÃO DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO COLÉGIO.

O comprometimento do professor é maior nas séries iniciais (valor).

Tivemos um caso de um professor usuário de drogas na escola, mas ele foi demitido (fato).

O próprio rapaz disse que não deixaria de consumir drogas (fato).

O aluno terá uma oportunidade se for pego com drogas (fato).

No PPP consta que é uma falta grave portar ou consumir drogas, portanto ele poderá ser convidado a se retirar da escola (fato).

Como educadora preciso acreditar na transformação das pessoas (presunção).

O professor não costuma participar tanto das reuniões pedagógicas (fato)

Quando existe uma falha, não é só da escola é de todos (presunção).

Os professores alegam que o tempo é curto, pois precisam correr para outra escola (presunção).

AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - MA

Diálogo 14

M- Como professora e pela sua experiência você já se deparou com alguma situação de aluno que estivesse drogado ou portando algum tipo de droga?

MA- Não, nem alcoólica, nada. Assim, já tive alunos que contaram dentro de sala a história de pais usuários de drogas e álcool. Aqui na escola já ocorreram casos de tios irmãos que já ficaram presos, já ficaram internados por conta de drogas.

M- Temos notícias que alguns alunos do 9º ano do ensino fundamental II estão bebendo muito. Você leciona para eles. Comente a respeito.

MA- Não que eu tivesse percebido na escola. Agora por exemplo: eu fui numa festa em que um aluno bebeu até cair na festa. A gente teve que ligar para o responsável vir buscar. Festa de adolescente mesmo. Vi muita vodka, muita coisa. A dona da casa sabia e nada fazia. Quando ela viu que o menino estava passando muito mal, resolveu ligar para alguém ir buscar. Isso incomodou muito os professores que lá estavam.

M- Quanto a política institucional do colégio, você sabe como funciona em relação as drogas?

MA- Acho que deveria ser encaminhado para o psicopedagogo.

M- Para serem tomadas as devidas providências. É isso? O professor não está preparado para lidar com as questões das drogas?

MA- Não. Os professores não estão preparados.

M- Indagação. Ou eles não querem?

MA- Não sabem qual é a real situação. Apesar de que dentro da nossa profissão a gente tem vontade de ajudar, mas acho que eles não sabem, não tem uma atitude. Se acontecer alguma coisa, vai levar para direção ou para a psicopedagogia.

M- Indagação. Os professores poderiam se envolver mais nessas questões para tentar ajudar mais. O que estaria faltando? Pesquisas da OMS apontam para a utilização cada vez mais cedo do jovem nas drogas.

MA- Não sei, porque isso não acontece.

(Silêncio.)

M- E quanto às palestras conscientizando o professor para atuar mais?

MA- Palestras, cursos, seminários, participação de ex-usuários. A vinda do pessoal do AA e do NA também. Acho isso muito válido. No 8º e 9º ano nas minhas disciplinas, a gente tenta discutir sobre esses assuntos e pra eles percebe-se que existe uma banalização muito grande, eles acham que tudo é normal, já convivem com irmãos mais velhos, com pais que usam até em fazer cigarros de maconha. Logo se o aluno participa, ele poderá vir a usar mais cedo ou mais tarde e eles comentam.

M- Que tipo de situação poderia ser criada em sala para ele obter mais informações sobre drogas?

MA- O que falta é trazer gente de fora com mais experiência. Só o aprendizado com a disciplina parece não ser o suficiente. Seria uma coisa nova pra eles.

M- (Indagação). O professor com conhecimento sobre drogas poderia se aproximar mais do aluno antes de encaminhá-lo a direção ou a psicopedagogia. O que você acha?

MA- Acho ótimo. Concordo. Ele precisaria querer.

M- Segundo o PPP caso o professor ou o aluno for pego portando ou utilizando algum tipo de drogas ele poderá ser convidado a se retirar da escola.

MA- Mas deverá ser provado. Ninguém é obrigado a fazer o teste na escola. No caso do álcool, como podemos pedir para o professor fazer o teste, ele pode se negar.

M- (Indagação). Mas, isso parece omissão. O que os professores podem fazer para demonstrar a sua indignação ao professor usuário?

MA- Falar diretamente. Que todos já perceberam. Na verdade ele deveria pedir ajuda.

M- (Indagação). A quem? A um colega próximo?

MA- A você (psicopedagogo). Ninguém hoje na escola tem habilidade pra isso. Caso alguém tenha bastante intimidade com ele. Dúvidas..Ah sei lá. Até pode ser, mas acho difícil ele querer escutar alguém.

M- Em relação à prevenção as drogas. Quais seriam as medidas mais eficientes?

MA- Seriam as palestras. Eu acho que a gente consegue as coisas com o adolescente pelo cansaço. A gente insiste, daqui a pouco fala de novo. As palestras poderiam ser feitas no mínimo uma vez por semestre, mas não repetitiva, ou seja,

pessoas diferentes deveriam participar; ex-usuários, pessoal de saúde.

M- Mas você não acha que a presença da família poderia ser de grande valia?

MA- Isso, isso. Inicialmente só com os pais, depois, só com os filhos, depois só com os professores e uma aberta a toda a comunidade.

M- E os pais que bebem, fumam ou usam algum tipo de droga, iriam vir?

MA- Ficou pensativa. Seria difícil.

M- e se pensasse no filho? Silêncio. Abaixou a cabeça... 10 segundos mais ou menos.

M- Ao jovem de hoje cabe o esclarecimento a orientação necessária para que ele possa decidir pelo uso ou não de drogas. Entretanto, ele também precisa saber que enquanto ele for menor, a bebida é uma transgressão, apesar de ser lícita. O maior ao oferecer bebida a um adolescente poderá ser responsabilizado e sofrer as penas da lei. O dono de um bar poderá ter o seu estabelecimento fechado ao oferecer álcool para menores de 18 anos.

MA- (Indagação forte). Mas isso não se aplica aqui. Os 9º anos fazem apostas quando vão comprar bebidas e acabam comprando sem muitas dificuldades.

ARGUMENTOS DE MA SOBRE AS AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - FUNDADO NO REAL COM EXEMPLOS.

TESE: A FALTA DE ATITUDE DOS PROFESSORES PARA LIDAR COM OS ALUNOS DENTRO DE SALA.

Teve alunos que contaram dentro de sala a história de pais que usavam drogas e álcool (Fato).

Recentemente foi a uma festa em que o aluno bebeu tanto que acabou caindo (Fato).

Os alunos do 9º ano costumam fazer apostas quando vão comprar bebidas no bar e acabam conseguindo facilmente (presunção).

Os professores não estão preparados para lidar com as drogas dentro de sala com os alunos (presunção).

Acredita que se conseguem as coisas com o adolescente ao poucos, pelo cansaço (presunção).

No caso do professor usuário de drogas, tentar convencê-lo a pedir ajuda (Fato).

Ninguém é obrigado a fazer o teste na escola (Fato).

Convidar membros do AA e do NA para dar depoimentos, poderia surpreender os alunos (presunção).

AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - LU

Diálogo 15

M- Você já se deparou com algum aluno usuário de drogas? E quais foram as providências tomadas?

LU- Sim. E a família dele também. Chegou dentro da minha sala, já chegou. Colegas dele disseram: professora, fulaninho não está bem. Ele não tá bem? Por que? Ah sim, ele hoje exagerou.

M- Mas o que você fez?

LU- Eu mandei pra casa. Fui até a direção e disse que ele estava indo embora porque tinha usado muita droga e não estava bem, pode ter alguma coisa na minha sala e aí, o que eu faço?

M- A direção fez alguma coisa para ajudar?

LU- Não, não. Ele não quer ser ajudado. Esse já é um caso perdido, não é um garoto, maior de 18 anos, já conversei com ele e infelizmente não tem solução. Ele não quer ir para um local ser ajudado. Não pode ser encaminhado para o conselho tutelar, porque não é menor, vive numa família que pensa da mesma forma. Então, a quem a gente recorre numa situação dessas?

M- No PPP do colégio poderá existir um encaminhamento para este indivíduo.

LU- (Interrompeu) Não adianta, mesmo que exista alguma coisa escrita, a palavra de ordem é eu quero. Você não pode obrigar.

M- Mas a escola poderia convidá-lo a se retirar?

LU- Não. Acho difícil. Nem todas as instituições fazem o que está escrito. A privada pode até ser, mas as ligada ao poder público, duvido.

M- (Indagação) O problema é que se ele continuar na escola, poderá se tornar um mini- traficante.

LU- É. Mas logo depois ele concluiu o 9º ano e foi embora.

M- Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas?

LU- Não existe uma medida de bolo. Só quando as coisas acontecem é que a gente vai ver como fica. Ninguém está preparado para lidar com isso. Isso pode acontecer na sua família, que a gente não está preparada, então como é que você estará preparado para lidar com aluno dentro de sala.

M- Mas alguma coisa poderia ser feita no sentido de preparar o professor nessas horas do tipo: palestras, orientações...

LU- (Interrompeu) Claro. A palestra de conscientização poderá ser o ideal.

M- Você acha que existe um espaço na escola para trabalhar isso?

LU- Tem. Mas depende se a pessoa quer ouvir...

M- (Interrompeu) Existe um planejamento?

LU- Tem. Mas olha só, se estiverem querendo uma clínica na escola, esquece, não vai ter. Vamos evitar que ele se drogue, então vamos ter uma clínica dentro da escola para desintoxicar, fica difícil.

M- Quem mais poderia ajudar no processo de prevenção as drogas?

LU- De preferência alguém que já tivesse passado por isso, mas jovem...

M- (Indagação) Sim, é verdade. Um jovem poderia ajudá-lo, porque além de utilizar a mesmo tipo de linguagem, o grau de identificação pela idade, costuma ser forte também. E, além disso, o jovem reage de uma forma diferente, quando são mais velhos.

LU- Exatamente. É como ele se visse ali naquele instante. O jovem se iguala, né?.

M- Existe algum tipo de apoio por parte da escola para os professores e alunos nas questões das drogas?

(Mostrou-se com dúvidas e repetiu)

LU- É como eu disse, não existe receita de bolo. As escolas sabem que existe este tipo de coisa, ela não é cega. É o nosso cotidiano, nós vivenciamos isso. Na rede pública de ensino eu vejo isso muito mais forte. Todas as escolas tentam resolver essas questões, mas não conseguem. Todos precisam de ajuda, inclusive a família e não tem apoio.

M- Qual seria a melhor prevenção a ser realizada no colégio no momento, ou seja, não deixar chegar aqui?

LU- Primeiro, a conscientização do adolescente. Você sempre está explicando. Sempre falando a mesma coisa e palestras. Mas a forma de apresentação também é importante. A segunda forma é o limite, porque a família precisa estar junto. Quem são seus amigos, que tipo de festas frequenta, conversar com seu filho. Hoje é só dar presente, sair com meu filho no final

de semana e tá tudo certo. É preciso saber com quem ele anda.

M- Indagação. Pois é. Mas o fato dos pais hoje não estarem em casa, trabalhando ou em outras atividades não é um impeditivo, porque sempre terá um familiar tomando conta. Coisa que não acontecia no passado. A mulher tomou um rumo profissional diferenciado até por questões ligadas a o aumento de renda na família.

LU- É isso. Mas nós podemos trabalhar fora e estar atenta ao seu filho. O problema que algumas pessoas não priorizam a sua família. E ainda, quando os pais chegam em casa, não tem tempo de brincar com seus filhos porque estão cansados de tanto trabalhar. Mas é na fase da adolescência é que ele mais precisa estar junto com os pais brincando, se divertindo, fazendo programas com os colegas e com os pais também.

M- O adolescente então testa os limites do adulto o tempo todo?

LU- Sim. Na escola experimenta colocar trinta adolescentes juntos, porque alguns professores conseguem controlar e outros não. Ele aprende até que limite pode ir.

M- O PPP diz que se o indivíduo professor ou aluno se for pego usando drogas deverá se retirar da escola. Como você enxerga isso?

LU- A ideia é tentar ajudar, você como educador precisa tentar resgatar quem está com dificuldades. Você precisa tentar incluir. Mas se você percebe que isso vai se tornar uma ameaça para os outros, aí é complicado. No caso de aluno é preciso chamar o familiar.

M- Indagação. Temos percebido na escola através de relatos que as meninas do fundamental II têm ingerido muito álcool.

LU- Sim, e se você for apurar os pais sabem. Isso tem a ver com a liberdade que é dada dentro de casa, liberdade essa que ele não tem condições de ter. O adolescente precisa ter limites. Até mesmo o adulto precisa às vezes.

ARGUMENTOS DE LU SOBRE AS AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - FUNDADO NO REAL COM EXEMPLOS.

TESE: ALUNOS E FAMILIARES USUÁRIOS DE DROGAS.

O aluno foi encaminhado a direção por ter consumido muita droga (Fato).

O aluno não quer saber de ajuda (Fato).

Entendo que é um caso perdido (Valor).

Vive numa família que todos usam drogas. Portanto, a quem recorrer nessas horas?(Fato).

Nem todas as instituições fazem o que está escrito (Presunção).

Só mesmo quando as coisas acontecem é que pensamos como devemos agir (Presunção).

Devemos evitar que o aluno se drogue (Fato).

Toda a escola sabe o que acontece lá dentro (Presunção).

Todos precisam de apoio, inclusive a família, mas eles não os têm (Valor).

Em primeiro lugar acho que o jovem deveria ser conscientizado dos problemas das drogas (Presunção).

A segunda forma é o limite que é dado ao jovem pela família (Valor).

O fato de trabalharmos fora, não significa que devemos deixar de lado nossos filhos (Valor).

AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - GL

Diálogo 16

M- Você já se deparou com algum usuário de drogas na escola? E o que você fez?

GL- Na questão de bebidas alcoólicas sim. Eu quase sempre estou bem próximo e escuto eles dizerem que foram pra determinada festa e beberam cerveja, vodka e uísque. Depende muito do lugar.

M- E drogas ilícitas?

GL- Eles falam que usaram mais num tom de brincadeira. Agora vai saber se é verdade ou não. Mas são de graus, bebendo álcool daqui a pouco eles vão experimentar as outras drogas também.

M- Você acha que os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas?

GL- Depende.

M- Professores como um todo?

GL- Não. Não estão. A visão do professor é mais punitiva. Sente aversão. O aluno tem direito há formação, a socialização, de participar do ambiente e tudo mais. Mas o professor já vê com maus olhos mesmo, com a ideia de colocar o aluno para fora de sala, mesmo quando ocorre alguma coisa desse tipo.

M- O PPP diz que se um aluno ou mesmo professor for pego com drogas ele poderá ser convidado a se retirar da escola. Você sabia disso? Concorde com isso ou acha que ambos seriam merecedores de outra oportunidade?

GL- Se for o professor ele não deverá trazer drogas para o ambiente de trabalho, principalmente, por ser uma pessoa esclarecida, estudada. Mas se ele trouxer, deverá ser convidado a se retirar. Não pela droga, mas pela falta de respeito ao ambiente de trabalho. O aluno é mais complicado, porque subentende que ele ainda está em formação. Deveria haver uma conversa séria, uma punição mais branda.

M- O assunto das drogas poderia ser mais bem discutido em sala de aula? Profissionais poderiam ser convidados para discutir isso aqui dentro?

GL- Quando se fala em drogas, os mais descolados levam na brincadeira ou se travam e não falam. Fica difícil abordar o tema.

M- Não seria porque muitos deles se veem naquela situação?

GL- Tudo eles acham que sabem. Basta pesquisar. Trazer ex-usuários seria o ideal, para que eles pudessem mostrar o outro lado de uma vida sem drogas. Porque se vier um médico, ele vai dizer que não pode porque estudou aquilo, mas não necessariamente tem a vivência. Já o cara que perdeu tudo, perdeu família, perdeu dinheiro, todo mundo sabe que perde, para se ter alguma coisa mais efetiva na cabeça das crianças. O adolescente quando fala para um adolescente, funciona de uma forma diferente. Eles mesmos falam isso depois. A pessoa mais velha pode até contribuir, mas os adolescentes podem ficar mais receosos de perguntar, enquanto o jovem não, pergunta mesmo. A gíria entre eles fazem com que eles se sintam mais a vontade.

M- Existe apoio aos usuários de drogas na escola de imediato?

GL- Em primeiro lugar não chamar a atenção dos outros para que ele não fique tão exposto. Em segundo, depende do momento, como ele está mais agitado ou menos agitado e observar como ele se comporta. Em seguida chamar a coordenação, ou mesmo, encaminhar a psicopedagogia para as providências.

M- Você conversaria com ele sobre alguma coisa naquele estado?

GL- Sim. Tentaria, não sei se conseguiria.

M- Que tipos de ações preventivas podem ser realizadas na escola para que as drogas não se aproximem da escola?

GL- É um conjunto de fatores. Eu já ouvi que os alunos perguntam aos pais: pai você bebe. Por quê? Eu acho que é porque é a única diversão de pobre. Na verdade, o governo é quem deveria programar ações junto ao ministério da saúde, além da ajuda da família, e que muitas vezes estão envolvidas nas drogas. Não vai ser nada fácil trabalhar essas questões com os alunos. Se todos pensassem como eu que fui pelo caminho contrário ao do meu pai, seria ótimo.

M- Indagação..Mas é nessa hora que a escola entra com as orientações, os valores, as informações, os espaços não só para os alunos, bem como, para a família.

GL- Mas eu vejo que as escolas cada vez estão mais se fechando. Era para ser o contrário. Primeiro que é muito difícil a escola trazer alguém de fora. Quando traz é uma dificuldade demais para chegar, para reservar material de apoio. Isso da trabalho. A escola está preocupada só com o conteúdo e não com os bate papos.

M- O professor já está cansado de muita coisa, é a questão da desvalorização do professor, a questão salarial, a falta de perspectiva de desenvolvimento, enfim...Pode vir a sofrer represálias do tráfico em determinadas comunidades, mesmo porque existem várias escolas no entorno das comunidades ou mesmo dentro. (Abaixou a cabeça e ficou triste.)

M- Como funciona a política institucional na escola?

GL- Se a gente for levar a risca tudo, vai ser difícil. Confesso que as vezes a gente vê um aluno xingando, mas você vai chamar a atenção dele até um certo ponto. Se não, toda vez que isso acontecer você vai acabar levando um aluno para direção e aí fica difícil, daqui a pouco a sala vai estar repleta de alunos.

M- Indagação ... E outra é que vivemos numa instituição privada que sobrevive sob o ponto de vista financeiro. Como vai ser está relação? Poderá acarretar sérios problemas.

GL- Exatamente. Ainda tem isso. Então, o professor deve procurar na sala pedir ao aluno para dar uma maneira, do tipo: sossega aí, segura aí um pouco. É difícil, no dia a dia a gente acaba pulando algumas partes da rotina mesmo. O que a gente não tolera é agressão física, porque não tem como, mas certas coisas ligadas ao comportamento a gente tem que passar por cima.

ARGUMENTOS DE GL SOBRE AS AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - FUNDADO NO REAL COM EXEMPLOS.

TESE: A VISÃO PUNITIVA DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AO ALUNO USUÁRIO DE DROGAS.

Frequentemente, se depara com alunos que consomem álcool (Fato).

Bebendo álcool daqui a pouco eles poderão vir a experimentar as outras drogas mais fortes (Presunção).

Fica difícil conversar a respeito de drogas dentro de sala (presunção).

Trazem usuários em recuperação poderia ajudar o aluno a refletir, mostrando o outro lado de uma vida sem drogas (Valor).

São vários fatores que podem influenciar na bebida alcoólica (Presunção).

O professor se sente desvalorizado (valor).

A escola está preocupada só com o conteúdo e não com os bate papos (Valor).

A escola está cada vez mais se fechando para a comunidade (presunção).

O professor procura se atualizar para não ficar pra trás (Valor).

Se formos levar tudo ao pé da letra, será difícil ajudar o aluno (Valor).

AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - JU

Diálogo 17

M- Você falou há pouco tempo sobre a questão dos alunos que você tem que são usuários, eles são daqui da escola?

JU- Também.

M- Eles são do Ensino Médio ou do Ensino Fundamental?

JU- Ensino Médio. No Ensino Fundamental a gente ouve falar, mas não tenho certeza alguma.

M- Agora com relação à Instituição, no sentido de providências? Com relação aos usuários, alguns casos que podem ocorrer ou já tenham ocorrido. Você tem ideia de como a Instituição se coloca? Ela pune ou não pune?

JU- Vejo que a iniciativa aqui na escola, é uma iniciativa séria, voltada para prevenção e também para acompanhamento, mas acho que ainda faltam algumas questões, podíamos fazer um pouco mais de palestras, e o acompanhamento podia ser mais incisivo. Percebo que é sim uma política séria, voltada para essas questões, mas acho que falta mais um incentivo, um investimento nesse tipo de ação.

M- O projeto político pedagógico da escola diz que se o aluno for pego portando ou usando, principalmente no ambiente escolar, ele pode vir a ser convidado a se retirar da escola. Você acha que inicialmente, o que poderia ser feito? Ele deveria ser colocado a disposição, sair de uma vez ou deveria ser dado algum tipo de ajuda da escola?

JU- Acho que ele deveria ter uma ajuda sim, uma orientação mais associada a mostrar aquele aluno o caminho que ele vem percorrendo, e o quanto esse caminho pode ser prejudicial. (Gaguejou) Claro, que eu acho que deveria ter uma certa medida pra não deixar as coisas correrem soltas, acho que tinha que ter uma orientação, acho que convidá-lo a se retirar acho que estaria tentando hipocritamente, lavar as mãos, e entregar aquele jovem para outras instituições, ou para outros vícios, enfim. Não estaria ajudando, porque se o papel da escola é orientar...

M- Não seria correto excluir.

JU- Exatamente. Enfim...

M- Discutir sobre drogas com eles, trabalhar essa questão da prevenção de drogas. Como trabalhar a prevenção as drogas no colégio?De que forma? qual seria as melhores ações a serem tomadas? Será que visitas de ex-usuários, principalmente jovens, poderiam ajudar a diminuir a curiosidade do jovem?

JU- Eu acho muito bacana. Eu não vou poder trabalhar mais, mas eu trabalhava um livro chamado "A vida por um fio", trabalhei ainda esse ano. E, esse livro fala de um rapaz, que se envolve com as drogas. A literatura infanto-juvenil nos dá também, um meio da gente atingir o jovem dessa forma. Os problemas que ele passa, a literatura que eu usei foi benéfica nesse sentido. A gente tratou, discuti, comentamos e promovemos um debate em sala, sobre como o rapaz teria chegado ao mundo das drogas, e em um desses trabalhos que a gente promoveu, houve a apresentação dos tipos das drogas, os efeitos, as consequências e um dos grupos trouxe um convidado, pedimos autorização da escola, e um usuário em tratamento, deu seu depoimento e foi muito gratificante. Os alunos se emocionaram bastante, tiraram dúvidas, dúvidas que geralmente não perguntam a um professor, ou a um pai ou mãe. então achei muito bacana essa interação e acho que é muito válido.

M- Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas dentro de sala de aula?

JU- Não. Eu não tenho essa prepotência de dizer que eu estou preparada, porque não estou e acho que a maioria não está.

Procuo fazer o melhor possível, mas acho que nós poderíamos fazer mais se estivéssemos instruídos de como proceder em determinados momentos.

M- Que tipo de conhecimento poderia ser repassado ao professor?

JU- Investir no profissional. Pouco se faz por ele, como por exemplo: a ida de professores a congressos, a debates.

M- Indagação...Mas essa correria do professor de um lado pra outro, buscando novos vínculos para sobreviver também atrapalha.

JU- Então, porque não promover os eventos na escola? Sim, dentro da escola. Basta haver um planejamento de qualidade.

M- Qual a primeira providência a ser tomada caso um aluno esteja portando drogas em sala?

JU- Procuo me aproximar de alguma forma. Se esse entendimento me fugir eu ouço e tento encaminhá-lo para alguém que possa ajudar. Tento não expor esse aluno e não elevar o meu tom de voz. Preciso depois, chamar os pais e tentar colocar da forma mais clara possível. É um trabalho de integração em que todos os envolvidos precisam participar. Em momento algum passa pela minha cabeça agir sozinha.

M- Precisamos respeitar a hierarquia na instituição e evitar que amanhã ou depois a família diga que a escola tomou toda a providência sozinha, mesmo que esse familiar não irá participar tanto, mas ele é o responsável direto pelo menor.

JU- Concordo plenamente, porque se tratando de familiar tudo podemos esperar.

ARGUMENTOS DE JU SOBRE AS AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - FUNDADO NO REAL COM EXEMPLOS.

TESE: O INVESTIMENTO NO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO.

Tenho vários alunos usuários de drogas no ensino médio e fundamental (Fato).

Algumas medidas deveriam ser tomadas para não deixar as coisas correrem livremente (Presunção).

Um dos papéis da escola é orientar o indivíduo (Valor).

A literatura infanto-juvenil possibilita atingir o jovem objetivamente (presunção).

Discutimos o livro e chegamos a promover um debate em sala sobre como o rapaz teria chegado ao mundo das drogas (Fato).

Pouco se faz pelo professor (Valor).

AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - MG

Diálogo 18

M- Quais são as prevenções que a escola poderia tomar para erradicar o consumo de drogas?

MG- A palavra do professor é extremamente importante em sala. Falar dos males que as drogas fazem, mas o que é necessário seria o relato de quem já passou pela dor e conseguiu dar a volta por cima, isso sim, pode mexer com os adolescentes. Essas duas coisas são muito mais impactante do que o resto. É assim que eu vejo. A curiosidade do adolescente pode se esvaír, caso ele escute isso de uma pessoa que já passou pelas drogas. Ele vai sentir medo e refletir muito mais do que se for dito por um médico por exemplo.

M-O que você acha da escola abrir espaços para esses tipos de discussões aqui dentro? Para todos?

MG- Não existe. O colégio não pode ser fechado. Ele precisa ser a extensão da casa do aluno, da comunidade. Alguém precisa ter um olhar próximo a isso. O colégio privado ou não precisa elaborar projetos que envolvam toda a comunidade. Essa coisa de quem tem condições é que irá frequentar a escola, esta errada. A comunidade traz muita informação de qualidade para dentro da escola.

M- Você acredita que não só profissionais da educação, bem como, a comunidade aceitariam o convite facilmente ou haveria rejeição?

MG- Bem, é uma tarefa difícil. Mas com um planejamento eficiente daria resultado. Ao longo prazo funcionaria muito bem.

M- Trabalho de formiguinha?

MG- É isso. Não basta fazer uma palestra aqui. Se pelo menos duas ou três vezes ao mês for oferecido palestras ou encontros sobre drogas, sexualidade, diabetes, artrose, osteoporose e quantas outras. A comunidade passa a acreditar no trabalho. Uma política de conscientização capaz de trazer um conhecimento maior as pessoas.

(...)

M- Você acha que a escola oferece algum tipo de ajuda para quem está usando algum tipo de drogas, professores e alunos?

MG- Não. Nada.

(...)

M- Os professores estão preparados para lidar com as questões das drogas em sala?

MG- Não. A maioria é preconceituosa. Tratam aquele dependente ou usuário como um marginal. O fato das drogas ilícitas estarem vinculadas ao crime, fazem com que eles pensem assim.

(...)

M- Você já se deparou com algum aluno usuário de drogas?

MG- Só uma vez, a vários anos que eu peguei dois alunos fumando escondido no pátio da escola. Eles foram chamados a atenção e encaminhados a direção.

M- Chegaram a serem convidados a sair da escola?

MG- Não. Receberam advertência, mesmo porque era uma droga normal, ou seja, um cigarro. Uma conversa foi o bastante.

M- Em relação a política institucional do colégio. Você está por dentro?

MG- Se o aluno for pego com drogas ele poderá ser encaminhado a família e ao conselho tutelar.

M- Houve algum problema ligado ao tráfico dentro da escola? Alguém vendendo ou comprando ao redor da escola?

MG- Alguns anos atrás nós tivemos um problema na escola em relação a isso. O aluno era considerado um suspeito de estar traficando dentro da escola. Ele vendia e fazia uso de maconha, só que não conseguiram provar nada, chegaram até a revistar ele na rua, mas não deu em nada. O problema é que os próprios alunos confirmavam, mas não foram reunidas provas.

M- Você acha que o assunto drogas deveria ser mais discutido dentro de sala de aula?

MG- Com certeza. Muitos deles alegam a curiosidade que é a sensação única que é experimentar drogas. E o que é que eu entendo, se você tem uma política de esclarecimento, do que é a droga, do mal que ela pode causar, e até mesmo relato de experiência de quem já usou, você poderá diminuir essa curiosidade do adolescente.

ARGUMENTOS DE MG SOBRE AS AÇÕES DA ESCOLA E DOS PROFESSORES - FUNDADO NO REAL COM EXEMPLOS.

TESE: O COLÉGIO É A EXTENSÃO DA CASA DO ALUNO E DA COMUNIDADE.

**Traçar uma política de conscientização capaz de trazer um conhecimento maior as pessoas** (Valor).

**A escola não oferece nenhum tipo de auxílio a usuários de drogas** (Fato).

**Muitos jovens alegam que a curiosidade de experimentar drogas é única** (Valor).

**A escola trata todos que usam drogas como verdadeiros marginais** (Presunção).

**Há muitos anos pegou dois alunos fumando escondido no pátio da escola** (Fato).

**Jovem era suspeito de estar traficando drogas dentro da escola** (Presunção).

**A curiosidade do adolescente cessará caso ele escute de uma pessoa que já passou pelas drogas o que poderá ocorrer com ele** (presunção).

## SEGUNDA ENTREVISTA EM GRUPO

### SOBRE A DEPENDÊNCIA DE DROGAS

#### DIÁLOGO 1

**M- Todo usuário de drogas é dependente?**

**CR- Não acho. Entendo que existem drogas lícitas e ilícitas. O álcool e o cigarro podem se tornar um vício.**

**MA- Não acho não. Já passei isso na minha família e hoje em dia está tudo normal.**

**LU- Depende o quanto está bebendo.**

**CR- Tem pessoas que só bebem final de semana. Ai tudo bem.**

**LU- Se passar por um tratamento, ai pode acabar com o vício. Mas senão, ele vai usar hoje, porque é maneiro, vai usar amanhã porque é maneiro e assim vai. Daqui a pouco não consegue mais parar. Ai só uma ajuda de fora.**

**MA- tem muita coisa envolvida nisso. Não é não? Idade. Eu conheço casos em que as pessoas não fizeram tratamento e pararam. A dependência tem cura.**

**LU- Mas esse não é dependente. Tem gente que usa droga até ficar velho e não é dependente.**

**M- Vocês não acham complicado quando a família usa algum tipo drogas?**

**CR- Sim. É super complicado.**

**MA- Fica difícil.**

**LU- Os meninos dizem que tomam o restinho de bebida que sobra no copo dos pais.**

**M- o que caracteriza a dependência?**

**CR- Na dependência a pessoa não tem controle sobre ela mesma.**

**LU- Por mais que a pessoa tente se controlar, ela não consegue.**

**CR- A dependência tem a ver com a cabeça da pessoa naquele momento.**

**MA- Continuo dizendo que a idade influencia a pessoa.**

**LU- Não acho não. Acho que a cultura da pessoa pode influenciar.**

**M- Influencia ou é fator determinante?**

**LU- Influencia claro.**

**MA- Mas o fator determinante não poderia ser a família?**

**M- Calma, calma... Não estaria ligado as questões biopsicosociais e principalmente o meio em que o sujeito vive? Ficaram agitadas.....**

**CR - Como assim?**

**LU- Acredito ser no meio em que ele vive. As outras pessoas.**

**CR- Existem famílias que um dos filhos nasce totalmente diferente do outro e pode ir por um caminho errado.**

**LU- Pera ai. Mas não é só isso não Cristina. Dependendo do lugar em que ele vive poderá experimentar todo tipo de droga. Tem dependente de todo o tipo pobre e rico. Se for num lugar pobre ele irá experimentar drogas mais baratas que são mais nocivas. Ai na verdade tem todo um contexto. Num lugar rico ele poderá usar drogas mais caras.**

ARGUMENTO DE CR: FUNDADO NO REAL = EXEMPLOS

TESE: A DROGA VICIA.

**Na dependência a pessoa não tem controle sobre ela mesma.** (presunção)

**Tem pessoas que só bebem final de semana.** (presunção)

**O álcool e o cigarro viciam tanto como as drogas ilícitas.** (hierarquia de valores)

ARGUMENTO DE MA: FUNDADO NO REAL = EXEMPLOS

TESE: A DEPENDÊNCIA TEM CURA.

**A idade influencia na opção pelo uso de drogas** (valor)

**Passei por isso na família e hoje está tudo normal** (fato)

**Conheço casos em que as pessoas não fizeram tratamento de drogas e pararam de usar** (fato)

ARGUMENTO DE LU: FUNDADO NO REAL = EXEMPLOS

TESE: Drogas lícitas e ilícitas.

**Se passar por um tratamento, ai pode acabar com o vício** (presunção)

**A dependência só acaba com ajuda externa.** (presunção)

**O meio ambiente poderá ter influencia no consumo de drogas** (lugar do preferível)

## DROGAS MAIS NOCIVAS

### DIÁLOGO 2

**M- Mas L fica muito confuso. Por que se pararmos para analisar as drogas mais nocivas acabam mais rapidamente com o sujeito.**

**LU- Sim..Tudo bem. Mas se ele não pode comprar outras drogas é o que ele tem. Ele não pensa nisso. Ele usa e pronto. Na outra escola em que eu trabalho, eles estão usando o crack direto. Uns tem um poder aquisitivo melhor e outros nem tanto, mas optaram por usar crack direto pela facilidade de arrumar a droga. E é horrível, porque o aluno começa a usar e seis meses ou um ano depois está horroroso, cadavérico. Já a cocaína é totalmente diferente. Não é no físico e sim nas atitudes dele. Conheço muita, mas muita gente que usa.**

**M- você quer dizer que a cocaína não deixa seqüelas físicas?**

**LU- Não, não deixa. O problema está ligado a moral.**

**CR- Não penso assim. Eu acho que deixa sim.**

**MA- Os dois deixam prejuízo.**

**LU- Presenciei uma mãe vendendo o corpo para cheirar cocaína. Eu vi.**

**M- mas vocês não acham que qualquer droga costuma deixar prejuízo nas pessoas?**

**MA- Sim. Qualquer droga vai acabar deixando prejuízo.**

**CR- Todas vão deixar.**

**LU- Ok. Mas existem aquelas que as pessoas vão se deteriorar mais rápido.**

**MA- E se não deixar prejuízo para ele. Vai deixar para os outros.**

ARGUMENTO DE LU: FUNDADO NO REAL = EXEMPLOS

TESE: O *CRACK DESTRÓI O SUJEITO FISICAMENTE*.

**Presenciei uma mãe vendendo o corpo para usar cocaína (fato)**

**Tem drogas que destroem mais rápido (presunção)**

**O problema da cocaína está ligado a moral (valor)**

CRESCIMENTO DO USO DE DROGAS

DIÁLOGO 3

**M- vocês percebem que as questões relacionadas às drogas estão crescendo cada vez mais?**

**MA- O problema é que os pais não dão exemplo, eles usam na frente dos filhos**

**LU- Isso é uma coisa normal dentro de muitas famílias.**

**CR- Teve um caso aqui na escola que o pai vinha trazer o filho fumando um cigarro de maconha pela rua normalmente. O menino já estava acostumado com isso.**

**LU- Os alunos estão crescendo tendo como referência o que acontece dentro de casa. Ele aprende que beber e fumar é uma coisa normal. Quando chega à escola e recebe uma outra orientação. Ele fica sem saber o que fazer.**

**MA- Aqui na escola eu já percebi que quando o aluno tem um irmão bem mais velho, ele procura se espelhar muito no irmão. Então tudo que o mais velho disser ele acaba aceitando. Um deles chegava para a aula sempre com o cabelo e o uniforme fedendo a cigarro. Aquilo me incomodava muito. Conversei com a diretora e pedi para chamar os pais na escola. Mas não mudou muita coisa, pois os pais pareciam serem coniventes com a situação.**

**LU- Tive um aluno que o irmão era do movimento do tráfico de drogas, antes de levar o irmão para a escola ele passava na boca de fumo. Isso dito pelo aluno em sala. Falei com a diretora da escola e morria de medo.**

ARGUMENTO DE MA: FUNDADO NO REAL = EXEMPLOS

TESE: OS PAIS USAM DROGAS NA FRENTE DOS FILHOS.

**MA- Ficava incomodada porque o aluno chegava com o cabelo e o uniforme fedendo a cigarro (fato)**

**MA- Irmão cacula costuma se espelhar no irmão mais velho (presunção).**

ARGUMENTO DE LU: FUNDADO NO REAL = EXEMPLOS

**LU- Isso é uma coisa normal dentro de muitas famílias (presunção)**

**LU- Os alunos estão crescendo tendo como referência o que acontece dentro de casa (valor)**

**LU- O aluno aprende em casa que fumar e beber é normal (valor)**

ARGUMENTO DE CR: FUNDADO NO REAL = EXEMPLOS

**CR- O pai vinha trazer o filho para a escola fumando um cigarro de maconha (fato)**

**CR- O menino já estava acostumado com isso (fato)**

COMO DIMINUIR O CONSUMO DE DROGAS

DIÁLOGO 4

**M- O que seria necessário fazer para diminuir o consumo de drogas entre os alunos?**

**CR- Oferecer aos alunos informação de qualidade com profissionais da área de saúde poderiam ajudar.**

**MA- Convidar ex usuários para dar depoimentos aos alunos na escola, acredito ser muito importante para um aprendizado.**

**LU- Políticas públicas eficientes. Envolver também toda a comunidade nesse processo.**

**CR- O único problema aí seria os familiares usuários de drogas. Será que eles viriam compartilhar? O que não falta aqui na escola é familiar que já estivera preso seja por furto ou tráfico de drogas, pelo menos é o que escutamos muitas vezes de seguranças e do próprio aluno.**

**MA- O que ocorre também é que se começa um trabalho e daqui a pouco está tudo esquecido. Assim fica realmente difícil. Duas vezes por ano no mínimo esses trabalhos deveriam acontecer, convidando todo mundo.**

**LU- O que muita gente não entende é que o traficante só existe porque tem alguém pra comprar a droga. Eu acho que seria importante fazer um trabalho de conscientização principalmente com aqueles usuários que mais precisam. O usuário deveria ser obrigado a fazer um tratamento numa clínica, se não, da próxima vez que fosse preso deveria passar mais**

**tempo na cadeia. Tem que haver um rigor maior nas leis, se não, não vai funcionar.**

ARGUMENTO DE CR (FUNDA O REAL) = EXEMPLOS

TESE: FAMILIARES COM PROBLEMAS DE CONSUMO DE DROGAS.

**Levar o indivíduo a uma reflexão pelos profissionais de saúde sobre o uso de drogas** (valor).

**O que não falta aqui na escola é familiar que já estivera preso seja por furto ou tráfico de drogas, pelo menos é o que escutamos muitas vezes de seguranças e do próprio aluno** (presunção).

ARGUMENTO DE MA (FUNDA O REAL) = EXEMPLOS

**Convidar usuários em recuperação para dar depoimentos aos alunos na escola acredito ser muito importante para um aprendizado** (valor).

**O que ocorre também é que se começa um trabalho e daqui a pouco está tudo esquecido** (valor)

ARGUMENTO DE LU (FUNDA O REAL) = EXEMPLOS

TESE: UM TRATAMENTO DE QUALIDADE NUMA CLINICA ESPECIALIZADA PARA USUÁRIOS DE DROGAS.

**Políticas públicas eficientes e o envolvimento de toda a comunidade no processo de prevenção as drogas** (Valor).

**Compreender que enquanto houver usuário de drogas existirá o traficante** (fato).

**Maior rigor nas leis para usuários e traficantes de drogas** (valor).

## APÊNDICE 4. ANÁLISE DOS DIÁLOGOS UTILIZADOS NO TEXTO

### CATEGORIA 1 - CONCEPÇÕES SOBRE AS DROGAS

#### ARGUMENTOS DE J

##### TESE 1 - A CULPA DO CONSUMO DE DROGAS É DA FAMÍLIA

**Argumento 1 - funda o real. Modelo da família atual: falta de atenção e de limites da família > carência afetiva, baixa auto-estima, descrença no seu potencial, necessidades de afirmação > reconhecimento > autovalorização > consumo.**

- A família não dá atenção (fato)
- A família não dá limites (fato)
- O jovem fica carente e com baixa autoestima (valores)
- Não acreditam no seu potencial (presunção)

##### TESE 2 - OS JOVENS USAM PORQUE NÃO ACEITAM CONSELHOS

**Argumento 2 - fundado na estrutura do real, por uma relação de coexistência**

- É próprio do jovem não aceitar conselhos (fato).
- O jovem bebe muito nas festas e publica nas redes sociais para se destacar diante dos amigos (fato).

#### ARGUMENTOS DE MA

##### TESE 1 - O PREJUÍZO QUE AS DROGAS CAUSAM DEPENDE DA IDADE DO USUÁRIO

**Argumento 1 - funda o real - com exemplos do consumo de pessoas mais velhas e da filha**

- As drogas lícitas também fazem mal (verdade)
- A maconha é mais branda (verdade)
- Tenho exemplo de pessoas mais velhas que usam o cigarro da maconha e são muito tranquilas (fato)
- Tenho um exemplo da minha filha que para ser aceita no grupo se envolveu com drogas (fato)
- Ela teve que parar para estudar (fato)

##### TESE 2 - A INSEGURANÇA E A ANSIEDADE DE JOVENS LEVAM AO DESCONTROLE NO CONSUMO

**Argumento 2 - relação de coexistência: jovens = insegurança, ansiedade...; afirmação no grupo; não vê o perigo do vício**

- Os jovens passam por insegurança, ansiedade, frustrações, inquietudes e sentimentos de impotência (presunção)
- O adolescente quer ser aceito pelos grupos e fazer coisas diferentes. (presunção)
- Os jovens não percebem o perigo, eles acham que é fácil parar quando quiserem (presunção)
- Recentemente fui a uma festa em que o aluno bebeu tanto que acabou caindo (fato).
- Os alunos do 9º ano costumam fazer apostas quando vão comprar bebidas no bar e acabam conseguindo facilmente (presunção).

##### TESE 3 - O EXEMPLO EM CASA PODE LEVAR AO CONSUMO

**Argumento 3 - fundada na estrutura do real, por uma relação de sucessão / causa: irmão e pais consomem > consideram normal > consequência: consumo**

- Os alunos tratam do assunto drogas como coisa normal (valor)
- Convivem com irmãos mais velhos e com pais que usam maconha. (fato)

##### TESE 4 - A FAMÍLIA PODE ATUAR NA PREVENÇÃO E REABILITAÇÃO

**Argumento 4 - relação de sucessão - controle e apoio da família > prevenção e reabilitação**

- A mãe é responsável por evitar as más companhias (presunção)

#### ARGUMENTOS DE LU

##### TESE - SOU CONTRA TODAS AS DROGAS

**Argumento - funda o real através dos exemplos do pai e dos grupos com quem trabalha**

- Porque fazem mal (valor)
- Eu trabalho perto de grupos que utilizam drogas ilícitas, então eu vejo o que isso faz para uma criança (presunção)
- A pessoa fica feia, sem alma (valor)
- As drogas ilícitas são mais devastadoras (hierarquia valor)
- As lícitas eu não posso proibir porque o governo permite (VERDADE)
- É ilegal para menores, é crime (verdade)
- Meu pai morreu de tanto fumar (fato)
- O adolescente não tem limites (presunção)

- Os jovens bebem nas festas muita vodka e muita cerveja (fato)
- Os adultos bebem no bar e não conseguem parar (fato)
- Existem drogas que são usadas para acalmar os doentes (fato)
- Drogas deveriam ser administradas por médicos (verdade)

## **ARGUMENTOS DE GL**

### **TESE - A DROGA É O MAL DA SOCIEDADE ATUAL**

#### **Argumento - funda o real com o modelo da sociedade atual**

- É vendida em qualquer lugar e as pessoas não se importam (presunção)
- Usar droga é normal e está na moda hoje em dia (valor negativo)
- O jovem que não consome álcool é estranho (valor negativo)
- O adolescente adora consumir álcool (presunção)

## **ARGUMENTOS DE JU**

### **TESE 1 - OS JOVENS USAM PORQUE QUEREM SER ADULTOS E SE PROMOVEREM**

#### **Argumento 1 - funda o real (com relação de coexistência - o jovem não tem controle e extrapola e com exemplo do consumo em festas)**

- O jovem costuma extrapolar nas festas consumindo álcool e tabaco (fato)
- O jovem gosta de usar drogas para se promover e se sentir adulto (presunção).

### **TESE 2 - A DROGA VAI PREENCHER UM VAZIO QUE FICOU NO SUJEITO**

#### **Argumento 2 - funda o real (com modelo da sociedade que leva ao consumo: tempo pessimista e sentimentos que esfriaram > fuga da realidade através do consumo)**

- O uso de drogas é consequência de um tempo pessimista e dos sentimentos que esfriaram (valor)
- O jovem usa droga para fugir da realidade (presunção)
- No fundamental o uso dá status, querem popularidade entre os amigos (presunção).

### **TESE 3 - O MEDO DA DIREÇÃO DE SE EXPOR PERMITE ABUSOS DOS PROFESSORES**

#### **Argumento 3 - funda o real (com exemplo de professores que ministram aulas drogados)**

- Professores usam drogas e depois ministrarem as aulas (fato)
- A direção demorou a desligar o professor (fato)

### **TESE 4 - É VÁLIDO O USO DE DROGAS HAVENDO UM MONITORAMENTO, UM CONTROLE, UM ACOMPANHAMENTO**

#### **Argumento 4 - funda o real (com exemplo da maconha)**

- A maconha é benéfica para o câncer (valor).

## **ARGUMENTOS DE MG**

### **TESE 1 - CONDENO QUEM USA DROGAS**

#### **Argumento 1 - funda o real - (com exemplo de amigo)**

- O único uso positivo de drogas é o de anabolizante para desenvolver a musculatura do indivíduo (presunção)
- O anabolizante se mal administrado poderá até matar uma pessoa (verdade)

### **TESE 2 - A DROGA BLOQUEIA O DESENVOLVIMENTO DO JOVEM**

#### **Argumento 2 - funda o real (com exemplo da aluna)**

- Tive uma experiência frustrante com uma aluna do futsal que se envolveu com drogas (fato).
- Ela era uma promessa no esporte se não tivesse se envolvido com drogas (presunção)
- Ficava sempre sozinha (valor)
- Não tinha atenção da família (valor).
- Vivía o tempo todo na rua (valor)

## **CATEGORIA 2 - O PAPEL DA FAMÍLIA NA PREVENÇÃO**

### **ARGUMENTOS DE J**

#### **TESE - A FAMÍLIA NÃO ESTÁ CUMPRINDO COM O SEU PAPEL DE EDUCAR**

##### **Argumento - funda o real com modelo**

- O profissional da educação poderia substituir a família, quando o assunto são as expectativas de vida do jovem (valor)
- A escola não pode substituir a família (valor).
- O amor foi substituído por coisas. (hierarquia de valor)
- Hoje a criança é mais do ter do que o ser (lugar do preferível)

### **ARGUMENTOS DE MA**

#### **TESE - A FAMÍLIA É CULPADA PELO CONSUMO DOS JOVENS**

##### **Argumento - Fundado no real (com relação de sucessão - causa: abandono dos filhos - não dá limite, não conscientiza sobre os prejuízos > efeito: consumo)**

- O jovem deveria ser conscientizado dos problemas das drogas (presunção).
- A família tem que dar limite ao jovem (valor).
- Trabalharmos fora não justifica o abandono dos filhos (presunção)

### **ARGUMENTOS DE LU**

#### **TESE - A FAMÍLIA NÃO AJUDA NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS**

##### **Argumento - funda o real com exemplo e modelo**

- A luta do professor é constante (valor)
- A família quer que você eduque, que você faça o papel dela. (presunção)
- A escola não pode educar sozinha (presunção)
- A escola além de ensinar o conteúdo, transmite valores que servirão para toda a vida do aluno e para sociedade (valor)..
- A professora conviveu com um aluno usuário de drogas dentro de sala que um dia chegava sob efeito da maconha e no outro cocaína (fato).
- A família nem queria saber do aluno que era usuário de drogas (fato).
- Quando o colégio toma medidas sócio-educativas em relação ao aluno, a família reclama (fato).
- Muitas vezes o aluno aprende na escola e desaprende em casa (presunção)

### **ARGUMENTOS DE GL**

#### **TESE - A ESCOLA PASSOU A SER RESPONSÁVEL PELO ALUNO.**

##### **Argumento - funda o real com modelo e exemplo**

- A família não mostra mais ao filho o que é certo e errado (valor)
- O que não justifica são os pais não terem tempo para os filhos (valor).
- As pessoas precisam dispor de um tempo mínimo que seja para estar ao lado de quem ama (valor).
- A questão não é de ter conhecimento, a questão é de ter valores culturais. (hierarquia de valores)
- A família evita falar sobre drogas para não aguçar a curiosidade dos filhos (valor negativo)
- Minha mãe quase não conversava com a gente em casa, mas os valores sobre as coisas que eram passados (valor).

### **ARGUMENTOS DE JU**

#### **TESE: A FAMÍLIA PERDEU O CONTROLE NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS.**

##### **Argumento - fundado no real, com exemplos.**

- A falta de afeto e a proximidade dos pais é o responsável pela agressividade de hoje (presunção)
- Uma mãe falou que não sabe mais o que fazer (fato)
- Como poderá desistir do aluno se a própria mãe está largando (valor)

### **ARGUMENTOS DE MG**

#### **TESE - A EDUCAÇÃO NÃO FUNCIONA SEM A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA.**

##### **Argumento - fundado no real com relação de sucessão**

- Tenho consciência de que não se consegue chegar ao aluno sem uma base sólida da família. (presunção).
- Difícil de enxergar a família distante do seu filho, bem como, da escola (valor).
- É como se uma completasse a outra. é uma parceria (valor).

## **CATEGORIA 3 - O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA**

### **ARGUMENTOS DE J**

#### **TESE 1 - SE EXISTE FALHA NÃO É SÓ DA ESCOLA**

**Argumento 1 - fundado no real (relação de sucessão - causa: ação de todos > consequência: prevenção do consumo)**

- É difícil a participação de todos para a reformulação do projeto político pedagógico (fato)
- O professor não costuma participar tanto das reuniões pedagógicas (fato)
- Os professores alegam que o tempo é curto, pois precisam correr para outra escola (presunção)

#### **TESE 2 - AS AÇÕES DEVEM SER DIRECIONADAS AO PROFESSOR E AO ALUNO**

**Argumento 2 - diferente - funda o real (com exemplo do professor)**

- No PPP consta que é uma falta grave portar ou consumir drogas, portanto ele poderá ser convidado a se retirar da escola (verdade). tivemos um caso de um professor usuário de drogas na escola, mas ele foi demitido (fato)
- Porque o próprio rapaz disse que não deixaria de consumir drogas (fato)
- Mas o aluno terá uma oportunidade se for pego com drogas (presunção)
- Como educadora preciso acreditar na transformação das pessoas (valor)

### **ARGUMENTO DE MA**

#### **TESE - INSISTIR EM CONVERSAR E ESCLARECER PODE AJUDAR PROFESSORES E ALUNOS**

**Argumento 1 - fundado no real (relação de sucessão - causa: conversas insistentes, esclarecimentos > efeito: prevenção do consumo)**

- Ninguém é obrigado a fazer o teste na escola (verdade).
- No caso do professor usuário de drogas, tentar convencê-lo a pedir ajuda (fato)
- Com o adolescente se consegue aos poucos, pela insistência (lugar do preferível).
- Convidar membros do aa e do na para dar depoimentos, poderia fazer os alunos refletirem sobre os prejuízos que a droga causa (presunção).
- Criar seminários ou feiras capazes de levar os alunos a um maior conhecimento e uma reflexão sobre drogas (presunção)
- Repassa para a psicopedagogia todos os casos que ocorrem (fato)

### **ARGUMENTOS DE LU**

#### **TESE: HÁ CASOS EM QUE É PRECISO DESLIGAR O ALUNO**

**Argumento - sobre as ações da escola e dos professores - funda o real com exemplos**

- Devemos evitar que o aluno se drogue (verdade).
- Toda a escola sabe o que acontece lá dentro, mas nem todas as instituições fazem o que está escrito (presunção).
- Só mesmo quando as coisas acontecem é que pensamos como devemos agir (presunção).
- O aluno foi encaminhado a direção por ter consumido muita droga (fato).
- O aluno não quer saber de ajuda (fato).
- Vive numa família que todos usam drogas. (fato)
- Não se sabe a quem recorrer nessas horas (presunção)
- Entendo que é um caso perdido (presunção)

### **ARGUMENTOS DE GL**

#### **TESE: O PROFESSOR NÃO TEM APOIO DA ESCOLA PARA LIDAR COM O PROBLEMA DAS DROGAS**

**Argumento - fundado no real, com exemplos.**

- Fica difícil conversar a respeito de drogas dentro de sala (presunção).
- A escola está preocupada só com o conteúdo e não com os bate papos (valor).
- A escola está cada vez mais se fechando para a comunidade (presunção).
- O professor procura se atualizar para não ficar pra traz (valor).
- Se formos levar tudo ao pé da letra, será difícil ajudar o aluno (valor).
- O professor se sente desvalorizado (valor).
- Trazer usuários em recuperação poderia ajudar o aluno a refletir, mostrando o outro lado de uma vida sem drogas (valor)

### **ARGUMENTOS DE JU**

#### **TESE - SE A ESCOLA INVESTISSE NA EDUCAÇÃO EVITARIA O CONSUMO DOS JOVENS**

**Argumento - funda o real (com exemplo do uso do livro em sala)**

- Um dos papéis da escola é orientar o indivíduo (valor).
- Mas a escola pouco investe no profissional de educação (valor)
- Tenho vários alunos usuários de drogas no ensino médio e fundamental (fato).
- A escola deveria tomar medidas para não deixar as coisas correrem livremente (presunção).
- A literatura infanto-juvenil possibilita atingir o jovem objetivamente (presunção).
- Discutimos o livro e chegamos a promover um debate em sala sobre como o rapaz teria chegado ao mundo das drogas

(fato).

## ARGUMENTOS DE MG

### TESE: A ESCOLA TRATA TODOS QUE USAM DROGAS COMO VERDADEIROS MARGINAIS

#### Argumento - funda o real com exemplos.

- Há muitos anos pegou dois alunos fumando escondido no pátio da escola (fato)
- O jovem era suspeito de estar traficando drogas dentro da escola (presunção)
- A escola não oferece nenhum tipo de auxílio a usuários de drogas (fato)
- O colégio deveria ser a extensão da casa do aluno e da comunidade (presunção)
- É papel da escola traçar uma política de conscientização capaz de trazer um conhecimento maior as pessoas (verdade).
- Essa curiosidade do adolescente cessará caso ele escute de uma pessoa que já passou pelas drogas o que poderá ocorrer com ele (presunção)
- Os professores vêem os alunos usuários como marginais (presunção).
- O assunto drogas deveria ser discutido em sala de aula (presunção).
- A importância que tem a palavra do professor dentro de sala (presunção)

## A ANÁLISE DOS DIÁLOGOS UTILIZADOS NO TEXTO

### A DEPENDÊNCIA DE DROGAS

#### Argumento de CR: fundado no real

- A droga não vicia (tese)
- Não é todo usuário de drogas que é dependente. (presunção)
- Existem drogas lícitas que também causam dependência. (presunção)
- O álcool e o cigarro viciam tanto como as drogas ilícitas. (hierarquia de valores)

#### Argumento de MA: fundado no real

- A dependência tem cura. (tese)
- Tive exemplo na família e conhecidos. (fatos)

#### Argumento de LU: fundado no real

- A dependência depende da quantidade que o sujeito ingere. (Tese)
- A dependência acontece porque: o efeito é bom (valor) > o sujeito acaba ingerindo grande quantidade (presunção) > perde o controle (presunção) > a droga vicia (fato).

## AS DROGAS MAIS NOCIVAS

#### Argumento de CR- Fundado no real

- Todas as drogas causam prejuízos. (valor)
- As drogas destroem o sujeito. (presunção)

#### Argumento de LU- Fundado no real

- Presenciei uma mãe vendendo o próprio corpo para usar cocaína (fato)
- O problema da Cocaína está ligada a moral. (valor)
- O crack destrói o sujeito fisicamente. (Tese)

#### Argumento de MA- Fundado no real

- Informa que qualquer droga mais cedo ou mais tarde irá deixar algum prejuízo ao sujeito, senão para outros. (presunção)
- Tem drogas que destroem mais rápido. (presunção)

## COMO DAR CIÊNCIA A FAMÍLIA EM CASO DO USO DE DROGAS

#### Argumento de MA (Fundados na estrutura do real)

- Acha que tem condições de resolver com o aluno sem falar com os pais, mesmo se tratando de alguém conhecido. (presunção).
- O que é pra um tem que ser pra todos. (valor).

#### Argumento de LU (Fundados na estrutura do real)

- Declara que os pais devem saber se os filhos usam drogas (presunção).
- Não poderia chamar não. Precisamos respeitar a hierarquia, se não vira bagunça. Quando a direção chamar o responsável e comunicar, aí é claro, eu vou estar presente (valor).

**Argumento de CR (Fundados na estrutura do real)**

- Concordo chamar os pais é tarefa da direção. Eu estarei presente na reunião com os pais responsáveis pelo aluno (fato).

**CRESCIMENTO DO USO DE DROGAS**

**Argumento de MA- Fundando a estrutura do real.**

- O exemplo deveria partir dos pais em casa (Tese - valor).
- Mas alguns pais usam drogas na frente dos filhos (presunção).

**Argumento de LU- Fundando a estrutura do real.**

- Alerta que hoje em dia é normal os pais usarem álcool e drogas na frente dos filhos (presunção).

**Argumento de CR- Fundando a estrutura do real.**

- Disse que teve um caso na escola que o pai saía de casa a pé com o filho fumando um cigarro de maconha como se nada tivesse acontecido pela rua. Inclusive que o menino já estava acostumado com tal fato. (Fato)

**DIÁLOGO DE COMO DIMINUIR O CONSUMO DE DROGAS**

**Argumento de CR (fundam a estrutura do real)**

- Levar o indivíduo a uma reflexão pelos profissionais de saúde sobre o uso de drogas. (presunção)
- O único problema aí seria os familiares usuários de drogas. Será que eles viriam compartilhar? O que não falta aqui na escola é familiar que já estivera preso seja por furto ou tráfico de drogas, pelo menos é o que escutamos muitas vezes de seguranças e do próprio aluno. (presunção).

**Argumento de MA (fundam a estrutura do real)**

- Convidar ex-usuários para dar depoimentos aos alunos na escola, acredito ser muito importante para um aprendizado. (presunção).
- O que ocorre também é que se começa um trabalho e daqui a pouco está tudo esquecido. Assim fica realmente difícil. Duas vezes por ano no mínimo esses trabalhos deveriam acontecer, convidando todo mundo. (fato).
- Argumento de LU (fundam a estrutura do real)
- Políticas públicas eficientes e o envolvimento de toda a comunidade no processo de prevenção às drogas. (presunção)
- Compreender que enquanto houver usuário de drogas existirá o traficante. (hierarquia de valor).
- A realização de um trabalho de conscientização principalmente com aqueles usuários de drogas que mais precisam. (fato).
- Um tratamento de qualidade numa clínica especializada para usuários de drogas. (valor).
- Maior rigor nas leis para usuários e traficantes de drogas. (valor).

---

## **ANEXOS**

---

## ANEXO 1.

Tabela 1 - Proporção e número de alunos do ensino fundamental e médio, segundo a existência de tráfico de drogas na escola – 2003/2004.

| Existe tráfico de drogas na escola | %     | N         |
|------------------------------------|-------|-----------|
| Sim                                | 8,9   | 147.467   |
| Não                                | 33,1  | 552.012   |
| Não sei                            | 58,0  | 966.185   |
| Total                              | 100,0 | 1.665.663 |

Fonte UNESCO, Pesquisa cotidiano das escolas entre violências, 2003/2004

Nota: Foi perguntado "Há tráfico de drogas na sua escola?".

Tabela 2 – Proporção e número de membros do corpo técnico-pedagógico de escolas do fundamental e médio, segundo a existência de tráfico de drogas na escola – 2003/2004

| Existe tráfico de drogas na escola | %     | N    |
|------------------------------------|-------|------|
| Sim                                | 14,0  | 239  |
| Não                                | 22,1  | 376  |
| Não sei                            | 63,9  | 1090 |
| Total                              | 100,0 | 1705 |

Fonte UNESCO, Pesquisa cotidiano das escolas entre violências, 2003/2004

Nota: Foi perguntado: "Há tráfico de drogas na sua escola?".

Tabela 3 – Proporção e número de membros do corpo técnico-pedagógico de escolas de ensino fundamental e médio por existência de tráfico de drogas na escola, segundo capitais das Unidades da Federação – 2003/2004.

| Capital          | Existe tráfico de drogas na escola | %     | N   |
|------------------|------------------------------------|-------|-----|
| Belém            | Sim                                | 6,5   | 14  |
|                  | Não                                | 33,6  | 72  |
|                  | Não sei                            | 59,8  | 128 |
|                  | Total                              | 100,0 | 214 |
| Distrito Federal | Sim                                | 14,5  | 39  |
|                  | Não                                | 15,6  | 42  |
|                  | Não sei                            | 69,9  | 188 |
|                  | Total                              | 100,0 | 269 |
| Porto Alegre     | Sim                                | 24,6  | 34  |
|                  | Não                                | 12,3  | 17  |
|                  | Não sei                            | 63,0  | 87  |
|                  | Total                              | 100,0 | 138 |
| Salvador         | Sim                                | 6,1   | 19  |
|                  | Não                                | 30,9  | 96  |
|                  | Não sei                            | 63,0  | 196 |
|                  | Total                              | 100,0 | 311 |
| São Paulo        | Sim                                | 17,2  | 133 |
|                  | Não                                | 19,3  | 149 |
|                  | Não sei                            | 63,5  | 491 |
|                  | Total                              | 100,0 | 773 |

Fonte UNESCO, Pesquisa cotidiano das escolas entre violências, 2003/2004

Nota: Foi perguntado: "Há tráfico de drogas na sua escola?".